Olhando para trás
de 2000 a 1887

Edward Bellamy

Incluindo: *prefácio da edição alemã por Clara Zetkin, "O mais recente romance sobre o futuro" de Karl Kautsky, a resenha de William Morris e o obituário de Eugene Debs*

Edward Bellamy

Olhando para trás
2000-1887

Organização
Felipe Vale da Silva e Guilherme Henrique Nahes Alonso

Introduções, notas e tradução
Felipe Vale da Silva

1ª edição de 2021
Londrina | São Paulo
Aetia Editorial

© Aetia Editorial, 2021

edição, tradução e notas Felipe Vale da Silva
Revisão Guilherme Henrique Nahes Alonso
Diagramação Felipe Vale da Silva
capa Guilherme Henrique Nahes Alonso

O livro segue o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
Dados internacionais de Catalogação na Publicação [cip]

B435 Bellamy, Edward, 1850-1898
Olhando para trás: 2000-1887

Título original: Looking Backward: 2000-1887
Tradução: Felipe Vale da Silva
Londrina/São Paulo: Aetia Editorial, 2021
244 pp.
isbn 978-65-87491-07-3 (Aetia)

1. Literatura Americana 821.111(73)

2. Bellamy, Edward, 1850-1898.

I. Título II. Bellamy, Edward (1850-1898). III. Silva, Felipe Vale da, Tradutor. IV. Silva, Felipe Vale da, Organizador. V. Alonso, Guiherme Henrique Nahes, Organizador.
821.111(73) cdd 810

Índices para catálogo sistemático
1. Literatura Americana 821.111(73)
2. Estados Ideais (utopias) 321.07
3. Socialismo e sistemas relacionados (sistemas de origem americana) 335.3

Primeira edição: Maio de 2021
Impresso na República Federativa do Brasil

E-mail editorial@aetia.com.br
Site http://www.aetia.com.br

Em memória de Mark Fisher

(11/07/1968 - 13/01/2017)

Índice

PREFÁCIO DO AUTOR
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Os usos da utopia na ficção socialista
Apêndice 1
Apêndice 2
Apêndice 3
Apêndice 4

PREFÁCIO DO AUTOR

Departamento de História
Shawmut College, Boston, 26 de dezembro de 2000

Por vivermos no ano que dá desfecho ao século XX, gozando das bençãos de uma ordem social que, de imediato, é tão modesta e lógica que parece ser o triunfo do senso comum — é indubitavelmente difícil, sobretudo para aqueles sem estudos amplos de história, perceber que a atual organização da sociedade tem, de forma geral, menos de um século de existência. Nenhum fato histórico, porém, está mais estabelecido do que este: até meados do final do século XIX, acreditava-se que o antigo sistema industrial, com todas as suas terríveis consequências sociais, estava destinado a durar, talvez com certos remendos, até o fim dos tempos. Em face disso, quão estranha — praticamente impossível — parece a transformação moral e material! Quão radicalmente, da forma como ocorreu, parece ter sido efetivada em um intervalo de tempo tão breve! A prontidão com que as pessoas, via de regra, se acostumam com as melhorias de sua condição não poderia ser demonstrada de forma mais contundente. Em retrospecto, notamos que não há nada que elas queriam mais. Que reflexão poderia ser mais acertada do que esta para moderar os ânimos dos reformistas, aqueles que esperam das gerações futuras a intensa gratidão como paga pelos seus esforços?

O objetivo deste volume é servir pessoas que, desejosas de obter uma ideia mais concreta dos contrastes sociais entre os séculos XIX e XX, foram desencorajadas pela formalidade com que livros de história tratam o tema. O autor, atento à experiência professoral de que o ensino deve ter algo de árduo em si, procurou suavizar o tom instrutivo do livro lançando-o em um formato de narrativa romântica, o qual ele julga, por si só, interessante.

O leitor, para quem as instituições sociais modernas e seus princípios são evidentes, pode achar as explicações do Dr. Leete, aqui e ali, algo banais — mas lembre-se de que para o convidado do Dr. Leete elas não eram evidentes, e que este livro foi escrito com o motivo expresso de induzir o leitor a esquecer temporariamente quão naturais elas podem parecer. Mais uma palavra. O futuro, e não o passado, tem sido o assunto quase universal de escritores e oradores que celebraram este segundo milênio — não o avanço que foi feito,

mas o progresso que virá, gradativamente, até que nossa raça atinja seu destino inefável. Isso é algo bom, muito bom, embora me pareça que em parte alguma encontramos uma base mais sólida para antecipações ousadas do desenvolvimento humano nos próximos mil anos do que aquelas feitas em *Olhando para trás* no que diz respeito aos últimos cem.

Que este volume tenha a sorte de encontrar leitores cujo interesse no assunto faça desconsiderar as deficiências de quem o abordou; é isso o que este autor espera ao sair de cena e deixar o Sr. Julian West falar por si próprio.

Capítulo 1

Vi a luz do mundo pela primeira vez na cidade de Boston no ano de 1857. “O quê?!”, vocês dizem, “mil oitocentos e cinquenta e sete? Esse foi um deslize esquisito. Ele quis dizer mil novecentos e cinquenta e sete, é claro.” Desculpem-me, mas não foi um erro. Era por volta de quatro da tarde em 26 de dezembro, um dia após o natal, no ano de 1857 (não 1957), quando respirei o vento leste de Boston que, eu asseguro os leitores, naquele período remoto era marcado pela mesma característica penetrante que o define no ano atual, 2000.

Essas afirmações parecem, de cara, tão absurdas (sobretudo quando adiciono ser um jovem com a aparência de trinta anos de idade) que não culpo ninguém por se negar a querer ler qualquer outra palavra daquilo que promete ser uma mera imposição sobre sua credulidade. Entretanto, eu asseguro o leitor com toda a seriedade de que não tenho intenção de impor nada, e prometo convencê-lo disso por completo caso ele me siga por umas poucas páginas. Assim, supondo que conheço melhor minha data de nascimento que o leitor, e mantendo provisionalmente o compromisso de justificar tal suposição, prosseguirei com minha narrativa. Como qualquer garoto em idade escolar sabe, no final do século XIX a civilização atual, ou qualquer coisa semelhante, não existia, ainda que elementos dela em vias de se desenvolver já estivessem fermentando. Contudo, até então não ocorrera a ninguém modificar a divisão da sociedade, aquela que vinha de tempos imemoriais, em quatro classes. Ou, como seria mais adequado chamá-las, quatro países, já que as diferenças entre elas, as dos ricos e dos pobres, dos educados e dos ignorantes, eram muito maiores do que aquelas entre países de hoje. Eu mesmo era rico e também educado, possuindo, assim, todos os elementos do bem-estar gozado pelos mais afortunados de minha época. Vivendo no luxo e ocupado apenas com a busca de prazeres e refinamentos da vida, eu derivava meu sustento do trabalho dos outros, não prestando qualquer espécie de serviço em troca. Meus pais e avós viveram da mesma forma, e eu esperava que meus descendentes, caso os tivesse, gozassem de uma vida fácil como aquela.

Mas como poderia eu viver sem prestar serviço ao mundo?, você pergunta. Por que o mundo suportaria o completo ócio de alguém capaz de lhe prestar serviços? A resposta é: meu bisavô havia acumulado uma soma de dinheiro da qual seus descendentes viveram

até então. A soma, você naturalmente inferirá, deve ter sido grande o suficiente para não ter se exaurido após três gerações vivendo no ócio. Isso, contudo, não foi o que aconteceu. Originalmente a soma não era de forma alguma extensa. Ela era, de fato, muito maior no momento em que três gerações já haviam sido sustentadas no ócio do que foi originalmente. O mistério desse uso que não exaure, do calor sem combustão, parece obra de feitiçaria, mas era meramente a aplicação engenhosa de uma arte que hoje se perdeu, felizmente, e que foi levada à perfeição por nossos ancestrais: a de transferir o fardo do sustento de um para os ombros dos outros. O homem que alcançava um tal objetivo — e todos buscavam chegar nisso — era aquele que, como se dizia, vivia da renda de seus investimentos. Explicar como os antigos métodos econômicos permitiam uma tal manobra nos atrasaria muito aqui. Permita-me apenas pausar neste momento e dizer: juros de investimentos era uma espécie de imposto perpétuo sobre o produto que uma pessoa que possuía ou herdava certa quantia dinheiro podia arrecadar das pessoas envolvidas no mercado de trabalho. Não se deve supor que tal mecanismo (aparentemente tão antinatural e disparatado de acordo com noções modernas) nunca tenha sido criticado por nossos ancestrais. Abolir o lucro, ou ao menos limitá-lo à menor taxa possível, foi o esforço de legisladores e profetas das eras mais antigas. Todos esses esforços, contudo, foram em vão, como tiveram de ser por todo o tempo em que a antiga organização social vigorou. Na época sobre a qual escrevo, o final do século XIX, governos em geral abriram mão de tentar regular essa área.

Para dar ao leitor uma impressão geral do modo como as pessoas coexistiam naquele tempo, e especialmente das relações entre ricos e pobres, é melhor que façamos uma comparação. A sociedade de então era como uma carruagem prodigiosa apinhada de massas de gente, se arrastando a muito custo por uma estrada extremamente íngreme e empoeirada. O condutor estava faminto e não permitiria qualquer parada, ainda que a marcha necessariamente tivesse de seguir muito lentamente. Apesar da dificuldade que havia até mesmo para puxar a carruagem por uma estrada tão penosa, seu teto estava coberto por passageiros que nunca desembarcavam, por mais acentuados que fossem alguns aclives. Os assentos no telhado eram bem arejados e confortáveis. Lá de cima, livre da poeira, seus ocupantes podiam aproveitar a paisagem como quisessem, ou discutir criticamente os méritos da equipe gerando a força motriz. Naturalmente havia grande demanda para tais lugares, e a competição era intensa; todos buscavam, como objetivo primário de sua vida, assegurar um assento para si no coche, deixando-o mais tarde para seu filho. Como regra da carruagem, um homem podia deixar seu assento para quem bem entendesse, embora, ocasionalmente, houvesse muitos acidentes por

meios dos quais tal assento podia ser perdido por completo. Assim, esses lugares eram tão instáveis quanto eram agradáveis. A cada solavanco repentino da carruagem, pessoas escorregavam e caíam no chão, onde eram compelidas a agarrar a corda para ajudar a arrastar a carruagem sobre a qual, antes, viajavam agradavelmente. É claro que perder o assento era visto como uma desventura terrível para um indivíduo, e o receio de que tal coisa pudesse ocorrer a ele ou a seus amigos era uma nuvem indissipável pairando sobre a felicidade dos viajantes.

Mas eles só pensavam em si mesmos?, você me pergunta. Seu próprio luxo não se tornava, por acaso, insuportável quando eles o comparavam com a sina de seus irmãos e irmãs na labuta? Quando viam que, ainda por cima, seu próprio peso só lhes intensificavam o trabalho? Não teriam compaixão por seus semelhantes, dos quais se distinguiam apenas pela fortuna? Ah, sim; comiseração era frequentemente expressa por aqueles que eram carregados pelos demais, os que empurravam o carro, sobretudo quando o veículo empacava em um trecho ruim da estrada — algo que ocorria constantemente — ou em uma subida particularmente íngreme. Nessa época, o esforço desesperado do grupo, seu sacolejo agonizante sob o açoite impiedoso da fome, os muitos que desmaiavam na corda — tudo isso constituía um espetáculo bastante perturbador, e que geralmente suscitava louváveis demonstrações sentimentais do topo da carruagem. Nessa época, alguns passageiros de cima gritavam em tom encorajador para os que se esforçavam nas cordas abaixo, exortando que fossem pacientes, que haveria compensações possíveis noutro mundo para a dureza de seu fardo. Já outros contribuíam comprando pomadas e linimentos para os aleijados e feridos. Todos concordavam que era uma lástima o fato de a carruagem ser tão dura de carregar, e havia um senso de alívio generalizado sempre que um trecho de estrada particularmente ruim fosse transposto. Na verdade, o alívio não vinha inteiramente do time de carregadores, pois sempre havia certo risco de capotar em trechos ruins, um evento no qual todos os de cima perderiam seus assentos.

Deve-se admitir, verdadeiramente, que o principal efeito da desgraça dos que se esfalfavam na corda era o de intensificar o apego que os passageiros nutriam por seus assentos sobre o coche, levando-os a se agarrar ainda mais desesperadamente do que antes. Se os passageiros pudessem se assegurar de que nem eles, nem seus amigos, cairiam do topo, é provável que, além de contribuir com fundos para as pomadas e linimentos, eles se dariam muito pouco ao trabalho de fazer algo pelos que arrastavam a carruagem.

Tenho consciência de que isso parecerá incrivelmente desumano

para homens e mulheres do século XX, mas há dois fatos, ambos muito curiosos, que explicam a situação parcialmente. Em primeiro lugar, acreditava-se firme e sinceramente que não seria possível à sociedade seguir qualquer outro caminho que não fosse arrastar, com uma corda, a carruagem sobre a qual poucos se sentavam. Não só isso: não se cria que uma melhoria radical fosse possível, seja na cavalgadura, no coche, na rodovia ou na distribuição dos esforços. As coisas sempre foram daquele modo, e sempre seriam assim. Era uma pena, mas não havia nada a se fazer; a filosofia os proibia de esbanjar piedade sobre aquilo para o qual não havia remédio.

O outro fato é ainda mais curioso, e que consiste em uma alucinação singular compartilhada em geral por aquele no topo da carruagem: eles criam não ser semelhantes exatos de seus irmãos e irmãs que puxavam a corda, mas gente feita de um material mais refinado, que de certa forma pertencia a uma ordem superior de seres que, com justiça, tinha o direito de ser carregada. Parece um disparate, mas eu, que já estive no meio dos passageiros dessa mesma carruagem e compartilhei de tal alucinação, peço que acreditem no que digo. A coisa mais estranha acerca de tal alucinação era: aqueles que tinham acabado de escalar do chão para o topo da carruagem, antes que as marcas das cordas sumissem de suas mãos, acabavam caindo sob sua influência. Aqueles cujos pais e avós tiveram a sorte de garantir-lhes assentos no topo tinham convicção absoluta que havia uma diferença essencial entre seu tipo de humanidade e o da gente comum. É evidente o efeito de tal ilusão sobre uma transformação da compaixão pelos sofrimentos das massas humanas em uma compaixão filosófica e distanciada. Refiro-me a tal transformação como a única atenuante que sou capaz de oferecer para explicar a indiferença que, no período sobre o qual escrevo, definiu minha própria atitude perante a desgraça de meus irmãos.

Em 1887, cheguei a meu trigésimo ano. Embora solteiro, tornara-me noivo de Edith Barlett. Ela, como eu, andava no topo da carruagem. Isto quer dizer que — para não nos sobrecarregar mais com a ilustração que, espero, serviu seu propósito de dar ao leitor uma impressão geral de como vivíamos então — a família dela era rica. Naquela época em que só o dinheiro mandava em tudo o que era agradável e refinado na vida, era suficiente que uma mulher fosse rica para ter pretendentes. Edith Barlett, no entanto, era também bela e graciosa.

Minhas leitoras, disso eu tenho consciência, protestarão contra isso. “Bonita ela pode ter sido”, posso ouvi-las dizendo, “mas nunca graciosa nas roupas que eram moda naquela época. Imagine alguém sendo graciosa naquelas fantasias!” O argumento certamente tem sua

razão, e tudo o que posso responder é que enquanto as damas do século XX são mostras amáveis do efeito de roupagens que acentuam a graciosidade feminina, minha lembrança de suas bisavós permite-me insistir que nenhuma deformidade de trajes pode ocultar tal graciosidade por completo.

Nosso casamento esperou apenas pela finalização da casa que eu havia construído para nos servir de moradia, localizada em uma das partes mais desejadas da cidade, é preciso dizer, uma parte habitada, sobretudo, pelos ricos. Deve-se compreender que, naquela época, a atratividade que se tinha por residências nas diferentes regiões de Boston não dependia de suas características naturais, mas do caráter da vizinhança. Cada classe (o que chamei de país) morava isolada em seu próprio bairro. Um homem rico morando entre pobres, um homem educado entre os ignorantes, era como alguém que decidisse morar em isolamento no meio de uma raça ciumenta e estrangeira. Quando a casa começou a ser construída, esperava-se que ela estivesse terminada até o inverno de 1886. Na primavera do ano seguinte, porém, ela ainda estava incompleta, e meu casamento ainda era algo para o futuro. O motivo daquele atraso, orquestrado particularmente para provocar um amante já ansioso, foi uma série de greves; isto é dizer, serventes, pedreiros, carpinteiros, pintores, encanadores e outras profissões ligadas à construção civil combinaram parar de trabalhar. Não me lembro de quais eram as causas específicas dessa greve. Naquele período, greves tornaram-se tão comuns que as pessoas pararam de perguntar por seus motivos particulares. Em um ou outro departamento da indústria, eles foram praticamente incessantes desde a grande crise econômica de 1873. De fato, no final de contas era um fato excepcional que uma classe de trabalhadores fosse atrás de suas demandas só por uns tantos meses de cada vez.

O leitor que observar as datas referidas obviamente reconhecerá nelas algumas comoções da indústria a fase pioneira (e incoerente) do grande movimento que terminou com a fundação do sistema industrial moderno, junto de todas as suas consequências sociais. Isso é tão evidente em retrospecto que uma criança é capaz de entendê-lo, mas nós na época, não sendo profetas, não tínhamos uma ideia clara do que se passava. O que vimos mesmo foi que, em termos de indústria, o país estava seguindo um caminho muito estranho. A relação entre trabalhador e empregador, entre trabalho e capital, parecia ter sido afetada de modo inesperado. As classes trabalhadoras, de repente e de forma generalizada, haviam sido infectadas por um descontentamento profundo acerca de sua condição, e adquirido a ideia de que ela poderia ser melhorada caso descobrissem que medidas tomar. Em toda a parte, em uma só voz, demandava-se salários maiores, menos horas de trabalho, melhores moradias, melhores vantagens educacionais e

uma parcela nos refinamentos e luxos da vida, demandas cuja concessão era impossível de se vislumbrar ao menos que o mundo se tornasse muito mais rico do que era então. Embora as classes trabalhadoras soubessem um bocado sobre o que desejavam, não sabiam nada a respeito de como conquistá-lo. O entusiasmo ávido com que se apinhavam ao redor de qualquer um que parecesse capaz de jogar uma luz sobre o assunto concedeu reputação repentina a muitos supostos líderes, alguns dos quais, no final, tinham pouca luz para dar. Independentemente de quão quiméricas as aspirações das classes trabalhadoras pudessem ser consideradas, a devoção com que se apoiavam em greves (sua principal arma), além dos sacrifícios a que se submetiam para levá-las a cabo, não deixaram dúvidas de que estavam falando sério.

Quanto ao resultado definitivo dos problemas laborais (como o movimento era mais comumente referido), as opiniões das pessoas de minha classe diferiam de acordo com o temperamento individual. Os indivíduos sanguíneos argumentavam com bastante intensidade que, de acordo com a própria natureza das coisas, era impossível que as novas esperanças dos trabalhadores fossem satisfeitas, simplesmente porque o mundo não tinha meios de realizá-las. Era só porque as massas trabalhavam tão arduamente, vivendo na penúria, que a raça não ia à completa extinção. Assim, nenhuma melhoria considerável em sua condição seria possível enquanto o mundo, como um todo, continuasse tão pobre. Não era contra os capitalistas que os trabalhadores estavam lutando – os sanguíneos mantinham – "mas contra a situação árdua em que vivia a humanidade. Era meramente uma questão de quão cabeças-duras os trabalhadores seriam até descobrirem esse fato e se convencerem a suportar o que não podiam remediar."

Os menos sanguíneos aceitavam tudo isso. É claro que era impossível atender às aspirações dos trabalhadores, mas havia razões para temer que eles não descobrissem o fato até terem feito uma bagunça completa na sociedade. Eles tinham os votos e o poder para fazê-lo caso desejassem, e seus líderes diziam que era o que deveria acontecer. Alguns desses observadores desanimados chegavam ao ponto de predizer um cataclismo social iminente. A humanidade, eles argumentavam, tendo subido até o topo da cadeia da civilização, estava prestes a decrescer em direção ao caos; em seguida ela sem dúvida se recomporia, virar-se-ia e começaria a subir mais uma vez. Experiências repetidas do tipo, seja em tempos históricos ou pré-históricos, possivelmente explicavam as misteriosas protuberâncias no crânio humano. A história humana, como todos os grandes movimentos, era cíclica, voltando sempre ao seu ponto de partida. A ideia de progresso indefinido e retilíneo era uma quimera da

imaginação, sem nada análogo na natureza. A parábola de um cometa talvez fosse ainda uma ilustração melhor para os caminhos da humanidade. Com tendência a ir para o alto, rumo ao sol, do Afélio da barbárie, a espécie atingiu o Periélio da civilização para então mergulhar para os alvos inferiores nas regiões de caos.

Essa, é claro, era uma opinião extrema, e me lembro de homens sérios dentre meus conhecidos que, ao discutirem os sinais dos tempos, adotavam um tom bastante semelhante. Sem dúvida, a opinião comum de homens criteriosos era de que a sociedade estava chegando a um período crítico que resultaria em grandes mudanças. Os problemas laborais, com suas causas, desenvolvimentos e curas, sobressaíam-se aos demais tópicos na imprensa pública, e também em conversas sérias.

A tensão nervosa da mentalidade pública não poderia ser ilustrada de forma mais contundente que pelo alarme que resultou da conversa de um pequeno agrupamento de homens auto-intitulados anarquistas, e que propuseram-se a aterrorizar o povo americano por meio de ameaças violentas, como se essa poderosa nação (que acabara de controlar uma rebelião composta da metade de sua população a fim de manter seu sistema político) fosse adotar uma novo sistema social por medo.

Como um dos ricos, devendo muito à ordem existente, eu naturalmente compartilhava as ansiedades de minha classe. Minha queixa particular contra a classe trabalhadora do tempo de que escrevo, decorrente do efeito das greves que adiaram meu deleite nupcial, sem dúvida conferiu uma animosidade especial ao sentimento que eu nutria em sua relação.

Capítulo 2

O dia 13 de maio de 1887 caiu numa segunda. Era um dos feriados nacionais anuais no último terço do século XIX, o Dia da Condecoração, separado para a honra e memória dos soldados do Norte que participaram daquela guerra em prol da preservação da união dos Estados Unidos. Requeriam que os sobreviventes da guerra, escoltados por processões militares, civis, além de bandas musicais, visitassem os cemitérios e pusessem coroas de flores sobre os túmulos de seus companheiros mortos. A cerimônia era bastante solene e emocionante. O irmão mais velho de Edith Barlett sucumbira na guerra, e no Dia da Condecoração a família tinha o hábito de fazer uma visita ao Monte Auburn, onde ele jazia.

Pedi permissão para fazer parte da comitiva, e em nosso retorno à cidade, ao cair da noite, fiquei para jantar com a família de minha noiva. Na sala de estar, após a janta, peguei um jornal noturno e li sobre uma nova greve nos setores da construção civil, a qual provavelmente atrasaria ainda mais os acabamentos de nossa desafortunada casa. Lembro-me com detalhes do quão exasperado fiquei, e das afrontas que despejei (até onde era permitido fazê-las perante as damas) sobre os trabalhadores em geral, e os grevistas em particular. Eu tinha simpatia abundante pelas pessoas ao meu redor, e as observações feitas em conversas avulsas que vieram em seguida – conversas a respeito da conduta sem princípios dos agitadores trabalhistas – foram calculadas para fazer as orelhas daqueles cavalheiros formigar. Concordaram comigo que as coisas estavam indo de mal a pior, rapidamente, e que não se podia dizer o que viria em seguida. “O pior de tudo”, lembro-me da Sra. Barlett dizer, “é que as classes trabalhadoras do mundo todo parecem estar todas ficando loucas, de uma vez. Na Europa está bem pior do que aqui. Tenho certeza de que não ousaria morar lá, definitivamente. Outro dia perguntei ao Sr. Barlett para onde deveríamos emigrar se todas as coisas terríveis com as quais esses socialistas nos ameaçam acontecessem. Ele disse que não conhecia qualquer lugar agora onde a sociedade poderia ser considerada estável, com exceção da Groenlândia, Patagônia e o Império Chinês.” “Aqueles chineses sabiam o que estavam fazendo”, alguém adicionou, “quando recusaram nossa civilização ocidental. Eles sabiam que acabariam em melhores lençóis do que nós. Eles notaram que aquilo tudo não era nada além de

dinamite disfarçado.”

Em seguida, lembrei-me de levar Edith de lado e tentar persuadi-la de que seria melhor nos casarmos logo, sem esperar pelo término da casa, e matarmos o tempo em uma viagem até que nosso lar estivesse pronto. Ela estava notavelmente bela naquela noite; a roupa de luto que vestia, observando o feriado, contrastava com a pureza de seu semblante de modo muito vantajoso. Até agora posso vê-la em minha mente do modo exato como estava naquela noite. Quando me despedi, ela me seguiu até o saguão. Dei-lhe um beijo de adeus, como de costume. Quando demos adeus um ao outro por uma noite ou um dia, não havia circunstância fora do comum que distinguisse aquela despedida das de ocasiões anteriores. Não havia, de modo algum, qualquer premonição em minha mente, ou certamente na dela, de que aquela seria uma separação sem igual.

Pois bem!

Eu tinha deixado minha noiva mais cedo do que um amante costumava deixar, mas este fato não refletia nada de minha devoção. Eu era uma vítima atestada da insônia, e embora me encontrasse perfeitamente bem, estava exausto naquele dia por mal ter dormido nas duas noites anteriores. Edith sabia disso e tinha insistido em me mandar para casa às nove horas, com ordens estritas de ir para a cama imediatamente.

A casa onde vivia fora ocupada por três gerações da família cujo único representante vivo e direto era eu. Tratava-se de uma grande e antiga mansão feita de madeira. De um modo antiquado, era bastante elegante em seu interior. Entretanto, estava situada numa região que há muito tornara-se indesejável para moradia devido à invasão de cortiços e manufaturas. Não era uma casa para a qual eu podia cogitar levar uma noiva, muito menos uma tão delicada quanto Edith Barlett. Eu a tinha posto à venda, e nesse meio tempo a usar unicamente para dormir, passando a jantar em meu clube. Um criado, um homem de cor fiel que atendia pelo nome Sawyer, morava comigo e atendia meus poucos desejos. Havia um recurso da casa que eu esperava sentir bastante falta assim que a deixasse: tratava-se de uma câmara de dormir que eu havia construído abaixo dos alicerces. Caso fosse obrigado a usar o cômodo do andar de cima, eu não conseguiria dormir por causa da cidade e seus barulhos incessantes. Jamais um murmúrio do mundo superior penetrou naquela sala subterrânea. Assim que nela adentrava e cerrava a porta, encontrava-me rodeado pelo silêncio de um túmulo. Para evitar que a umidade do subsolo penetrasse na câmara, as paredes foram revestidas por cimento hidráulico e eram muito grossas. O chão estava protegido da mesma forma. Para que o quarto pudesse servir de um jazigo também à prova

de violência e chamas, como estoque de bens, eu instalei nele um teto de lajes de pedra hermeticamente seladas, e a porta exterior era de ferro, provida de um revestimento grosso de amianto. Um pequeno cano, comunicando com um moinho no topo da casa, assegurava a circulação do ar.

Pode parecer que o morador de uma tal câmara pudesse controlar bem seu sono, mas era raro que eu dormisse bem, mesmo ali, por duas noites seguidas. Eu estava tão acostumado ao estado desperto que não ligava muito para a perda do descanso de uma noite. Uma segunda noite, no entanto, passada em minha poltrona de leitura em vez de em minha cama, deixava-me exausto, e eu nunca me permitia ficar mais do que isso sem sono, temendo uma desordem nervosa. Inferir-se-á, a partir dessa afirmação, que eu tinha em minha posse, como último recurso, alguns meios artificiais para a indução de sono, e de fato os tinha. Após duas noites insones, vi que me aproximava da terceira sem sensações de sonolência, e chamei o Dr. Pillsbury.

Ele era médico apenas por cortesia, o que naqueles tempos era chamado um médico “irregular” ou “charlatão”. Ele se intitulava um “Professor de Magnetismo Animal”. Cheguei a ele no curso de algumas investigações amadoras acerca do fenômeno do magnetismo animal. Não acho que ele sabia qualquer coisa sobre medicina, mas ele de fato era um mesmerista notável. Eu costumava chamá-lo quando via uma terceira noite de insônia se anunciar, visando adormecer por meio de suas manipulações. Por maiores que fossem minha excitação nervosa e preocupação mental, o Dr. Pillsbury nunca falhava, após um breve período, em me deixar dormindo um sono profundo, que persistia até eu ser despertado por uma reversão do processo mesmérico. O processo de despertar aquele que dorme era muito mais simples do que aquele utilizado para entorpecê-lo, e por conveniência eu havia feito o Dr. Pillsbury ensinar a Sawyer como fazê-lo.

Apenas meu fiel criado sabia para quais propósitos o Dr. Pillsbury me visitava, ou mesmo o fato de que ele o fazia. É claro, quando Edith se tornasse minha esposa, eu teria de lhe contar meus segredos. Até então eu não havia contado nada a respeito, pois que, sem dúvida, havia um pequeno risco no sono mesmérico, e eu sabia que ela se voltaria contra minha prática. O risco, é claro, era o de que ele se tornasse profundo demais e se revertesse em um transe mais potente que o poder do mesmerizador, resultando em morte. Experimentos repetidos me haviam convencido de que o risco seria quase nulo caso precauções razoáveis fossem tomadas, e assim eu esperava, ainda que com certa dúvida, convencer Edith. Após deixá-la, fui direto para casa, e de pronto mandei Sawyer buscar o Dr. Pillsbury. Nesse meio tempo fui até minha câmara de sono subterrânea e, trocando minha roupa

por um robe confortável, sentei-me para ler as cartas trazidas pelo correio noturno, as quais Sawyer deixou sobre minha escrivaninha.

Uma delas era da construtora responsável por minha casa, e confirmava aquilo que inferi pelo artigo do jornal. As novas greves, dizia, adiaram por tempo indeterminado a finalização do contrato, já que nem mestre-de-obra, nem os trabalhadores, entregariam os pontos sem uma longa batalha. Calígula desejou que o povo romano não tivesse senão um pescoço para poder cortá-lo de uma vez, e conforme li essa carta, temo que por um instante fui capaz de desejar a mesma coisa no que diz respeito às classes trabalhadoras da América. O regresso de Sawyer, junto do médico, interrompeu minhas meditações sombrias.

Pareceu que ele conseguiu assegurar os serviços deste com certa dificuldade, já que o médico tinha planos de deixar a cidade justamente naquela noite. O doutor explicou que desde que me viu pela última vez, ficou sabendo de uma boa oportunidade profissional em uma cidade distante, decidindo tomar vantagem dela prontamente. Assim que questionei, com certo pânico, como então procederia para me fazer adormecer, ele me deu nomes de vários mesmerizadores em Boston que, conforme declarou, tinham poderes tão grandes quanto os seus.

Naquele momento, aquilo me aliviou de certa forma. Instruí Sawyer para que me despertasse às nove horas na manhã seguinte e, deitando na cama em meu roupão, tomei uma postura confortável, rendendo-me às manipulações do mesmerizador. Talvez devido a meu estado de nervosismo incomum, perdi a consciência mais lentamente do que de costume, mas aos poucos um delicioso torpor tomou conta de mim.

Capítulo 3

“Ele abrirá os olhos. É melhor que ele veja só um de nós inicialmente.”

“Prometa-me, então, não contar nada.”

A primeira voz era de um homem; a segunda, de uma mulher, e os dois falavam aos sussurros.

“Vejamos como vai ser”, o homem respondeu.

“Não, não, prometa-me”, a outra persistiu.

“Faça como ela pediu”, sussurrou uma terceira voz, também de mulher.

“Pois bem, prometo, então”, o homem respondeu. “Rápido, vá! Ele está despertando.”

Houve um ruído de roupas; abri os olhos. Um homem de boa aparência, de talvez sessenta anos, estava inclinado sobre mim, com uma expressão de acentuada benevolência em seus traços, misturada com grande curiosidade. Ele era um completo estranho. Ergui-me com os cotovelos e olhei ao redor. O aposento estava vazio. Certamente nunca estive ali antes, ou em qualquer outro quarto mobiliado como aquele. Voltei os olhos ao meu companheiro. Ele sorriu.

“Como se sente?”, inquiriu.

“Onde estou?”, protestei.

“Você está em minha casa” foi a resposta.

“Como cheguei aqui?”

“Falaremos a respeito quando você se sentir mais forte. Enquanto isso, peço que não se inquiete. O senhor está entre amigos e em boas mãos. Como se sente?”

“Um pouco estranho”, respondi, “mas bem, suponho. O senhor pode me dizer ao que devo sua hospitalidade? O que aconteceu comigo? Como cheguei aqui? Estava em minha própria casa quando fui dormir.”

“Teremos tempo para explicações, mais tarde”, meu anfitrião desconhecido respondeu, com um sorriso reconfortante. “Será melhor evitar assuntos perturbadores até se recuperar melhor. Faria o favor de dar alguns goles desta mistura? Isto lhe fará bem. Sou médico.”

Rejeitei o copo com a mão e sentei-me no sofá, embora com certo esforço, pois minha cabeça estava estranhamente leve.

“Insisto em saber de pronto onde estou e o que fizeram comigo”, eu disse.

“Meu caro senhor”, meu companheiro respondeu, “imploro que não se agite. Eu preferiria que não insistisse em explicações agora, mas caso o faça, tentarei satisfazer sua curiosidade, contanto que você tome um gole primeiro. Isto o fortalecerá um pouco.”

Assim, tomei o que me foi oferecido. Então disse: “contar-lhe como chegou aqui não é um assunto tão simples quanto pelo jeito que supõe. Nesse quesito você pode esclarecer a mim o tanto quanto eu posso a si. O senhor acaba de despertar de um longo sono ou, mais propriamente, de um transe. É tudo o que posso dizer. O senhor diz que estava em sua casa quando pegou no sono. Posso perguntar quando isso aconteceu?”

“Quando?”, respondi, “quando? Mas como; na noite passada, é claro, cerca das dez horas. Deixei ordens a meu criado Sawyer para me despertar às nove. O que aconteceu com Sawyer?”

“Não posso lhe responder com precisão”, meu companheiro retrucou, observando-me com uma curiosa expressão. “Mas tenho certeza de que ele tem uma desculpa para não estar aqui. E agora, o senhor pode me contar com um pouco mais de detalhes quando pegou no sono. A data em que isso ocorreu, quero dizer?”

“Mas como, na noite passada, é claro. Foi o que eu disse, não? Isto é, ao menos que eu tenha dormido um dia inteiro. Pelos céus! Isso não é possível. Ainda assim, tenho um estranho pressentimento de ter dormido por um longo período. Era Dia da Condecoração quando fui dormir.”

“Dia da Condecoração?”

“Sim, segunda, dia 30.”

“Desculpe, dia 30 do quê?”

“Mas como, deste mês, é claro, ao menos que eu tenha dormido junho inteiro, o que não é possível.”

“Este é o mês de setembro.”

“Setembro! Não me diga que eu dormi desde maio! Meu Deus do céu! Mas como, isso é inacreditável.”

“Veremos”, meu companheiro respondeu. “Você disse que era 30 de maio quando você caiu no sono?”

“Sim.”

“Permita-me perguntar de que ano.”

Olhei surpreso para ele, impossibilitado de falar por um instante.

“De que ano?”, reiterei por fim, com a voz fraca.

“Sim, de que ano, por favor. Assim que me disser, serei capaz de contar há quanto tempo dormiu.”

“Era o ano de 1887”, eu disse.

Meu companheiro insistiu que eu deveria tomar outro gole da taça, e tomou meu pulso.

“Meu caro senhor”, ele disse. “Suas maneiras indicam que é um homem de cultura, algo que, eu sei, não era de forma alguma padrão em sua época como é agora. Sem dúvida, então, o senhor mesmo notou que nada neste mundo pode ser considerado, verdadeiramente, mais impressionante do que isso. As causas de todos os fenômenos são adequadas em igual medida, e seus resultados, igualmente, seguem a regra. É de se esperar que o senhor fique assustado com o que lhe contarei, mas tenho certeza que não permitirá que isso afete sua serenidade de forma indevida. Sua aparência é aquela de um jovem que mal fez trinta anos, e sua condição corpórea não muito diferente da de alguém que acaba de despertar de um sonho profundo e bastante longo, e ainda assim hoje é o dia 10 de setembro do ano 2000. O senhor dormiu exatamente cento e treze anos, três meses e onze dias.”

Fiquei parcialmente atordoado, tomei uma taça contendo um tipo de caldo à sugestão de meu companheiro, e logo depois, ficando muito sonolento, caí em um sono profundo.

Ao acordar, o aposento estava plenamente aceso pela luz do dia, ao passo que, da vez anterior, havia sido iluminado artificialmente. Meu misterioso anfitrião estava sentado ali perto. Quando abri os olhos, ele não estava prestando atenção em mim. Assim, tive uma boa oportunidade de estudá-lo e refletir sobre minha situação extraordinária antes de que ele me desse por desperto. A vertigem me deixara, e minha mente tinha se tornado perfeitamente limpa. Aquela história de que eu havia ficado centro e treze anos acordado e que, em um estado anterior de fraqueza e confusão, acreditei sem questionamentos, voltou à minha mente somente então. Rejeitei-a como uma tentativa disparatada de impostura, cuja intenção me era impossível depreender.

Certamente algo extraordinário havia acontecido, já que eu havia acordado naquela casa estranha na companhia de um desconhecido. Mas será que minha imaginação estava tão debilitada para me sugerir algo além das mais selvagens conjeturas a respeito do que um tal ‘algo’ poderia ter sido? Seria possível que eu fosse vítima de algum complô? Era o que, de fato, parecia. Ainda assim, se traços humanos fossem capaz de dar evidência adequada, era certo que o homem ao meu lado, com um rosto tão refinado e ingênuo, não tinha parte em qualquer conluio no crime ou ultraje. Então me ocorreu se aquilo não

era uma brincadeira da parte de meus amigos, os quais haviam descoberto algo em minha câmara subterrânea e feito tudo aquilo para me impressionar com o poder de experimentos mesméricos. Havia muitos problemas com essa teoria; Sawyer jamais teria me traído, tampouco eu tinha qualquer amigo que fosse capaz de levar a cabo um empreendimento assim. No entanto, a suposição de que eu era vítima de um trote parecia ser a única plenamente sustentável. Olhei a sala cuidadosamente, na expectativa de avistar algum rosto familiar rindo de trás de uma cadeira ou cortina. Quando meus olhos se voltaram ao meu companheiro, ele estava me encarando.

"Você tirou uma boa soneca de doze horas", disse com vivacidade, "e posso ver que lhe fez bem. Está muito melhor. Está com uma cor boa e seu olhar está vivo. Como se sente?"

"Nunca me senti melhor", eu disse, endireitando-me.

"Sem dúvida você se lembra da primeira vez em que despertou", ele averiguou, "e de sua surpresa quando lhe disse há quanto tempo estava adormecido?"

"O senhor disse, creio, que eu estava dormindo há cento e treze anos."

"Exatamente."

"Você admitirá", eu disse, com um sorriso irônico, "que a história era bastante improvável."

"Extraordinária, eu admito", ele respondeu, "mas dadas as condições adequadas, não improvável nem inconsistente com o que sabemos a respeito de estados de transe. Quando completo, como foi o seu caso, as funções vitais ficam absolutamente suspensas, e não há qualquer deterioração dos tecidos. Não é possível estabelecer limites para um transe uma vez que condições exteriores protejam o corpo de danos físicos. Esse seu transe, de fato, é o mais longo do qual já se tomou registro. Contudo, não se conhece motivos pelos quais, caso você não tivesse sido descoberto e a câmara em que o encontramos não continuasse intacta, não teria permanecido em um estado de animação suspensa até que, ao fim de eras indefinidas, a refrigeração gradual da terra destruísse seus tecidos corporais e libertasse seu espírito."

Tive que admitir que, fosse eu de fato a vítima de uma piada prática, seus autores teriam escolhido um agente admirável para tomar conta de sua execução. A maneira impressionante e mesmo eloquente desse homem teria doado dignidade a uma discussão sobre a lua ser ou não feita de queijo. O sorriso com o qual o considerei conforme ele avançava sua hipótese do transe não apareceu o confundir no mínimo grau.

“Talvez”, eu disse, “o senhor pode continuar e me prover algumas particularidades sobre as circunstâncias em que descobriram esta câmara da qual fala, além de seus conteúdos. Eu gosto de uma boa ficção.”

“Neste caso”, foi a resposta grave, “ficção nenhuma poderia ser mais estranha do que a realidade.” Saiba que nesses muitos anos eu tenho entretido a ideia de construir um laboratório em um enorme jardim ao lado de casa, com o propósito de fazer experimentos químicos que tanto me agradam. Na última quinta começou a escavação do porão, finalmente. Ela foi finalizada pela noite, e na sexta os pedreiros ficaram de voltar. Na noite de quinta houve uma tremenda chuva, um dilúvio, e na manhã de sexta eu encontrei um charco de sapos no lugar do meu porão. As paredes haviam sido completamente lavadas. Minha filha, saindo para observar aquele desastre comigo, chamou atenção para um canto em que a alvenaria ficou exposta atrás de uma parede que desabara. Limpei a terra dela e, descobrindo que ela parecia parte de uma grande massa, estava determinado a investigar aquilo. Os trabalhadores que chamei desenterraram uma câmara elíptica a cerca de dois metros e meio abaixo da superfície, localizada no que evidentemente tinha sido paredes da base de uma antiga casa. Uma camada de cinzas e carvão no topo da câmara revelava que a casa acima havia sucumbido ao fogo. A câmara em si estava perfeitamente intacta e o cimento, bom como quando aplicado pela primeira vez. Ela tinha uma porta, mas não podíamos abri-la à força, descobrindo uma entrada conforme removemos uma das lajes que cobria o telhado. O ar que subiu de lá estava estagnado, embora fosse puro, seco e nada frio. Descendo ali com uma lanterna, deparei-me com um apartamento arrumado como um quarto no estilo do século XIX. Na cama jazia um jovem deitado. É claro, tomei como pressuposto que estivesse morto e assim deveria estar há um século. Mas o extraordinário estado de preservação do corpo chamou minha atenção e a atenção dos colegas médicos que convoquei. Não teríamos acreditado que uma tal arte de embalsamento pudesse existir; ainda assim, aquilo parecia ser prova conclusiva do fato de que nossos ancestrais imediatos a possuíam. Meus colegas médicos, cuja curiosidade tinha sido muito atiçada, logo quiseram fazer experimentos para testar a natureza do processo empregado. Mas os retive. Meu motivo para tal, ao menos o único motivo que preciso mencionar agora, foi a lembrança de algo que certa vez li sobre o quanto seus contemporâneos desenvolveram a área do magnetismo animal. Ocorreu-me que a única possibilidade era a de você estar em um transe, e que o segredo de sua integridade física após tanto tempo não se devia à habilidade do embalsamador, mas à vida que havia em si. Tal ideia pareceu-me tão extravagante que não

arrisquei passar ridículo em frente a meus colegas médicos mencionando-a. Em contrapartida, dei-lhes outro motivo para adiarem seus experimentos. Assim que me deixaram, empreendi uma tentativa sistemática de ressuscitação, cujo resultado você bem conhece."

Caso esse tema fosse ainda mais inacreditável, a circunstância da tal narrativa, assim como a maneira impressionante e personalidade de seu narrador, conseguiria ter surpreendido algum ouvinte. Mas eu havia começado a me sentir muito estranho quando, conforme ele fechou a porta, consegui dar uma olhada em meu reflexo em um espelho pendurado à parede do quarto. Levantei-me e fui até lá. O rosto que vi era um rosto nem um dia mais velho do que aquele que vi quando dei um nó em minha gravata antes de ter com Edith, naquele mesmo Dia da Condecoração o qual, conforme esse homem queria que eu cresse, celebrou-se cento e treze anos atrás. Nisso, o caráter colossal da fraude que estavam atentando sobre mim voltou mais uma vez. A indignação controlou minha mente quando percebi a liberdade disparatada que eles estavam tomando.

"Você está provavelmente surpreso", meu companheiro disse, "em ver que sua aparência não mudou apesar de ter cem anos a mais do que quando se deitou naquela câmera subterrânea. Isso não deveria surpreendê-lo. É por virtude da completa suspensão das funções vitais que você sobreviveu por esse longo período de tempo. Se seu corpo pudesse ter passado por qualquer mudança durante seu transe, ele teria há muito sofrido decomposição."

"Meu senhor", respondi, virando-me para ele, "qual motivo pode ter ao recitar-me esse emaranhado notável com expressão séria, sou absolutamente incapaz de adivinhar. Mas o senhor é com certeza inteligente demais para supor que qualquer um senão um imbecil seria enganado por isso. Poupe-me desse contrassenso elaborado e, de uma vez por todas, diga-me se recusará a me dar uma descrição inteligível de onde estou e como vim parar aqui. Se sim, começarei a apurar meu paradeiro sozinho, independentemente de quem quiser me impedir."

"Não crê, portanto, que este é o ano 2000?"

"Acha realmente necessário me perguntar isso?", retruquei.

"Muito bem", meu extraordinário anfitrião respondeu. "Já que não posso convencê-lo, o senhor se convencerá. Está forte o bastante para me seguir até o andar de cima?"

"Mais forte do que jamais estive", respondi com raiva, "como devo ter provado ao aguentar essa patuscada por tanto tempo."

"Eu suplico, senhor", foi a resposta de meu companheiro, "que não se permitirá ser completamente persuadido de que é vítima de uma travessura. Tanto melhor; assim, quando for convencido da verdade de

minhas afirmações, sua reação não será intensa demais.”

O tom com que ele o disse, de preocupação misturada com comiseração, além da inteira ausência de qualquer sinal de ressentimento ante minhas palavras acaloradas, estranhamente me desencorajaram. Segui-o para fora da sala com uma extraordinária mescla de emoções. Ele guiou o caminho dois lances de escada acima, e então por mais uma escada mais curta, a qual nos deixou em um belvedere no topo da casa. “Fique à vontade para olhar ao redor”, ele disse conforme chegamos à plataforma, “e diga-me se esta é a Boston do século XIX.”

Uma cidade grandiosa estava aos meus pés. Milhas de amplas ruas cobertas por árvores e com belos prédios alinhados, dispostas não em quarteirões contínuos, mas contidos em pequenos agrupamentos, estendiam-se para todas as direções. Cada distrito continha praças amplas e abertas, repletas de árvores entre as quais estátuas brilhavam e fontes faiscavam contra o sol do fim da tarde. Edifícios públicos de um tamanho colossal e uma grandiosidade arquitetônica sem paralelos em minha época erguiam-se por todos os lados, numerosos e imponentes. Certamente, nunca antes eu havia visto esta cidade, ou qualquer coisa comparável a ela. Erguendo meus olhos para o horizonte, olhei para Oeste. Aquela faixa azul correndo em direção ao pôr do sol, não seria o sinuoso rio Charles? Olhei para Leste; o porto de Boston estendia-se à minha frente para dentro de seus promontórios, sem que uma só de suas ilhotas faltassem.

Eu então soube que me contaram a verdade a respeito da ocorrência maravilhosa que me acometeu.

Capítulo 4

Não desmaiei, mas o esforço para entender minha posição me deixou bastante atordoado. Lembro de meu companheiro dando-me o braço, conduzindo-me do telhado para um cômodo espaçoso localizado no andar superior da casa, onde insistiu que eu tomasse uma ou duas taças de um bom vinho e partilhasse de uma pequena refeição.

"Acho que ficará bem agora", ele disse vivamente. "Eu não devia ter tomado meios tão abruptos para convencê-lo de sua posição caso sua atitude, embora perfeitamente desculpável sob as circunstâncias, não me tivesse obrigado fazer isso. Confesso," ele acrescentou, rindo, "que estava um pouco apreensivo de que em certo momento iria tomar aquilo que, no século XIX, vocês chamavam de nocaute, caso não agisse com rapidez. Lembrando-me de que os bostonianos de sua época eram famosos pugilistas, achei melhor não perder tempo. Assumo que agora está pronto para retirar a acusação de eu ser um embusteiro."

"Se tivesse dito", respondi profundamente impressionado, "que mil anos em vez de cem se passaram desde que olhei a cidade pela última vez, eu acreditaria agora."

"Somente um século se passou", ele respondeu, "mas milênios inteiros na história mundial viram mudanças menos extraordinárias."

"E agora", ele adicionou, estendendo sua mão com um ar de cordialidade irresistível, "deixe-me dar boas-vindas à Boston do século XX e para esta casa. Meu nome é Leete; me chamam de doutor Leete."

"Meu nome", eu disse enquanto apertava sua mão, "é Julian West."

"Muito prazer em conhecê-lo, Sr. West", ele respondeu. "Visto que este lar foi construído sobre seu antigo terreno, espero que você ache fácil sentir-se em casa aqui."

Após o almoço, o Dr. Leete ofereceu-me um banho e uma troca de roupa, dos quais tomei proveito com prazer.

Não me pareceu que qualquer revolução alarmante nos modos de vestir estivesse dentro das grandes mudanças das quais meu anfitrião falou, já que, salvo uns poucos detalhes, minha nova indumentária não me envergonhou de qualquer modo.

Fisicamente, voltei a ser eu mesmo. Mentalmente, porém, o leitor sem dúvida imaginará o que se passava comigo. Pode ser que queira saber quais eram minhas sensações intelectuais ao me descobrir repentinamente atirado em um mundo novo. Em resposta, deixe-me pedir que suponha o seguinte: de repente, em um piscar de olhos, é transportado da Terra, digamos, para o paraíso ou para o Hades. Qual acha que será sua experiência? Será que seus pensamentos se voltariam imediatamente para a Terra que deixou para trás, ou, após o choque inicial, praticamente se esqueceria de sua vida anterior num instante, devido ao interesse excitado por seus novos arredores, ainda que pudesse lembrar dela mais tarde? Tudo o que posso dizer é: se sua experiência fosse como a minha na transição que aqui descrevo, a última hipótese provar-se-ia correta. As impressões de surpresa e curiosidade que meu novo ambiente produzia em mim ocupou minha mente, após o choque inicial, a ponto de excluir todos os meus outros pensamentos. Por certo tempo a lembrança de minha vida anterior esteve, digamos, suspensa.

Assim que me encontrei fisicamente reabilitado pelos gentis serviços de meu anfitrião, fiquei ansioso para voltar ao topo da casa. No momento estávamos confortavelmente instalados ali, com a cidade ao nosso redor. Após o dr. Leete ter respondido uma porção de questões de minha parte – como aquelas relativas a antigos monumentos dos quais me dei falta e de novos que os substituíram –, ele questionou qual aspecto contrastante entre a nova e velha cidade me impactou mais.

“Para começar falando de coisas pequenas”, respondi, “realmente acho que a ausência completa de chaminés e fumaça é o detalhe que me impressionou de imediato.”

“Ah!”, meu companheiro afirmou com um ar bastante interessado, “eu tinha esquecido das chaminés; elas estão há muito fora de uso. Faz cerca de um século que o método rudimentar do qual vocês dependiam para se esquentarem se tornou obsoleto.”

“De forma geral”, eu disse, “o que me impressiona mais acerca da cidade é a prosperidade material por parte da gente que construiu tal magnificência.”

“Eu daria tudo para dar só um olhar de relance na Boston de seu tempo”, o Dr. Leete respondeu. “Sem dúvida, como o senhor insinua, as cidades daquela época estavam mesmo em maus lençóis. Se houvesse gosto para torná-las esplêndidas, algo que eu não seria rude de perguntar, a pobreza generalizada resultante de seu sistema industrial extraordinário não o teria possibilitado. Além do mais, o individualismo excessivo que prevalecia então era inconsistente com o espírito público. A pouca riqueza que vocês possuíam parece ter sido

quase toda esbanjada em luxo privado. Hoje em diante, pelo contrário, não há maior destino para a riqueza superavitária do que a melhoria da cidade, a qual todos gozam no mesmo grau."

O Sol estava se pondo quando retornamos ao topo da casa, e conforme conversávamos, a noite caiu sobre a cidade.

"Está ficando escuro", disse o Dr. Leete. "Desçamos para casa; quero introduzi-lo à minha esposa e à minha filha."

Aquelas palavras remeteram-me às vozes femininas que eu havia escutado ao meu redor enquanto estava voltando à consciência; e, muito curioso para saber como as senhoras do ano 2000 eram, assenti a tal proposta com entusiasmo. O aposento onde encontrei a esposa e a filha de meu anfitrião, assim como todo o interior da casa, estava repleto de uma luz suave que eu sabia ser artificial, embora não conseguisse descobrir de que fonte emanava. A Sra. Leete era uma mulher de aparência excepcionalmente boa e bem preservada, com cerca da idade do marido, enquanto a filha, que estava no florescer da feminilidade, era a garota mais bela que eu já tinha visto. Seu rosto era tão encantador quantos os olhos azuis, a compleição delicadamente corada e os traços perfeitos permitiam; mesmo que lhe faltassem charmes especiais, a exuberância impecável de sua figura teria lhe garantido um lugar em meio às beldades do século XIX. Naquela criatura amável, a suavidade feminina e delicadeza estavam deliciosamente combinadas com uma aparência de saúde e vitalidade física abundante, algo que faltava às donzelas com quem eu era capaz de comparar a ela. Era uma coincidência, uma ninharia em comparação com a estranheza generalizada da situação, mas ainda havia algo de marcante no fato de seu nome ser Edith.

Com certeza a noite que se seguiu foi única para a história das relações sociais, embora seja um grande erro achar que nossa conversa tenha sido particularmente tensa ou dificultosa. Creio, de fato, que ela tenha sido o que podemos chamar de antinatural (no sentido de algo extraordinário); aquelas circunstâncias em que as pessoas agem muito naturalmente pois as circunstâncias em si eliminam toda a artificialidade. Eu sei, de qualquer forma, que minhas relações daquela noite, junto aos representantes de outra era e mundo, foi marcada por uma sinceridade sem reservas, por uma tal franqueza com que raramente se honra amigos de longa data. Sem dúvida o tato primoroso de meus companheiros teve muito a ver com isso. É claro, não havia qualquer outra coisa a se conversar senão a estranha experiência que me trouxera ali. No entanto, eles falaram dela com um interesse tão ingênuo que acabaram amenizando bastante o assunto de seu elemento estranho e excepcional, e que poderia ter me dominado. Poder-se-ia ter imaginado que eles estavam bastante

habituados a entreter órfãos de outro século, tão absoluto era o seu tato.

De minha parte, não me lembro de nenhuma outra noite em que os processos de minha mente estiveram mais alertas e intensos, ou minhas sensibilidades intelectuais mais apuradas. É claro que não quero dizer que a consciência de minha situação fantástica abandonou minha mente por um instante, mas seu efeito principal, até então, esteve prestes a produzir uma euforia febril, um tipo de intoxicação mental.[1]

Edith Leete tomou parte na conversa, mas quando, em diversas ocasiões, o magnetismo de sua beleza afastava meu olhar de seu rosto, deparei-me com seus olhos afixados em mim com grande intensidade, quase como em uma fascinação. Era evidente que eu havia excitado seu interesse em um nível extraordinário, o que não surpreendia, visto que se tratava de uma garota de grande imaginação. Embora eu cresse que a curiosidade fosse o principal motivo por trás daquele interesse, aqui surtiu um efeito sobre mim que não seria menor fosse ela menos bela.

O Dr. Leete, assim como as damas, parecia bastante interessado em relação às circunstâncias sob as quais eu adormecera em minha câmara subterrânea. Todos tinham sugestões para oferecer que explicassem o fato de eu ter sido esquecido ali, e a teoria com que finalmente concordamos oferece, ao menos, uma explicação plausível. Ninguém, contudo, conhecerá a verdade em seus detalhes. A camada de cinzas encontrada acima da câmara indicava que a casa havia pegado fogo. Suponhamos que a conflagração ocorreu na noite em que dormi. Resta assumir que Sawyer perdeu a vida no fogo ou em algum acidente ligado a ele, e o resto segue naturalmente daí. Ninguém além dele e do Dr. Pillsbury sabia da existência da câmara, ou de que eu me encontrava ali. O Dr. Pillsbury, além do mais, que havia ido para Nova Orlèans naquela noite, provavelmente nunca ouviu a respeito do incêndio. A conclusão de meus amigos e do público deve ter sido a de que eu teria perecido nas chamas. Uma escavação das ruínas, ao menos que fosse minuciosa, não teria revelado o entalhe nas paredes da fundação que se conectavam com minha câmara. Certamente, se o lugar tivesse sido reconstruído, pelo menos de pronto, tal escavação teria sido necessária. Mas tanto os tempos turbulentos, quanto o caráter indesejável da vizinhança, devem ter prevenido a reconstrução. O tamanho das árvores do jardim que agora ocupavam o local indicava, segundo o Dr. Leete, que o terreno esteve aberto por, ao menos, mais de meio século.

Capítulo 5

Quando durante a noite as damas se recolheram, deixando o Dr. Leete e eu a sós, ele me inquiriu acerca da minha vontade de dormir, dizendo que se assim desejasse, havia uma cama pronta para mim. Se, contudo, estivesse inclinado a continuar acordado, nada o agradaria mais do que me fazer companhia. “Eu mesmo durmo tarde”, ele disse, “e, sem querer ser lisonjeiro, posso dizer que não se pode imaginar uma companhia mais interessante do que o senhor. Decididamente não é com frequência que se tem a chance de conversar com um homem do século XIX.”

Até então, eu esperara com pavor durante toda a noite pela hora em que estivesse sozinho para me recolher. Circundado por esses estranhos tão amigáveis, estimulado e respaldado por seu simpático interesse, fui capaz de manter meu equilíbrio mental. Mesmo então, contudo, nas pausas entre as conversas, tive lampejos, vivazes como raios, do horror e estranheza que me aguardava uma vez que eu não tivesse mais minha dispersão sob controle. Eu sabia que não conseguiria dormir naquela noite, e mesmo que ficasse deitado, desperto e pensando, que fique claro: confesso que estava com medo. Ao contar isso com franqueza, em resposta ao meu anfitrião, ele respondeu que seria estranho se eu não me sentisse assim. Mas não devia ficar ansioso em relação ao sono. Quando quisesse ir para a cama, ele me daria uma dose que asseguraria uma boa noite de sono, sem falha. Na manhã seguinte, sem dúvida, eu acordaria me sentindo um antigo cidadão.

“Antes disso”, respondi, “preciso saber um pouco mais sobre o tipo de Boston para a qual voltei. Quando estávamos no terraço da casa o senhor me disse que, embora um só século houvesse passado desde que caí no sono, ele foi marcado por mudanças maiores relativas às condições da humanidade do que em muitos milênios anteriores. Com a cidade a meus pés, eu bem poderia ter acreditado nisso. No entanto, estou bastante curioso para saber quais foram algumas de suas mudanças. Já que o assunto é extenso, comecemos por um ponto: que solução vocês encontraram para a questão trabalhista? Esse foi o enigma da Esfinge do século XIX, e quando zarpei dali, a Esfinge ameaçava devorar a sociedade, pois que a resposta não havia sido dada. Ter dormido cem anos terá valido a pena caso eu descubra a resposta certa; isso se de fato vocês a encontraram.”

“Já que hoje não se fala em algo como a questão trabalhista”, o Dr. Leete respondeu, “e não há jeito de que ela possa entrar em pauta, suponho que podemos afirmar tê-la resolvido. A sociedade teria de fato bem merecido ser devorada caso tivesse falhado em responder um enigma tão simples. Na verdade, para sermos rigorosos, não foi necessário à sociedade resolver qualquer enigma. Pode-se dizer que ele se resolveu por si só. A solução veio como consequência de um processo de evolução industrial que não poderia ter acabado de outra forma. Tudo o que a sociedade tinha que fazer era reconhecer e cooperar com aquela evolução, quando sua tendência se tornara inconfundível.”

“Só posso dizer”, respondi, “que no momento em que adormeci, tal evolução não havia sido reconhecida.”

“Foi em 1887 que você pegou no sono, creio tê-lo ouvido dizer.”

“Sim, 30 de maio de 1887.”

Meu companheiro me considerou por alguns instantes, pensativo. Então ele observou, “está me dizendo que, mesmo então, não havia reconhecimento generalizado da natureza da crise para qual a sociedade se aproximava? É claro, dou total crédito a sua afirmação. A cegueira peculiar de seus contemporâneos ante os sinais dos tempos é um fenômeno comentado por muitos de nossos historiadores; poucos fatos históricos são mais difíceis de entender do que aqueles que estão em nossa frente, por mais óbvios e inegáveis que sejam suas indicações ao olharmos para trás quando a transformação já aconteceu. Eu me interessaria, Sr. West, se me desse uma ideia mais exata dos pontos de vista que você e outros homens de seu nível intelectual tinham da situação e perspectivas para a sociedade de 1887. Vocês devem, pelo menos, ter percebido que a expansão dos problemas industriais e sociais, a inerente insatisfação de todas as classes com as desigualdades, além da miséria generalizada da sociedade, eram presságios de grandes mudanças de algum tipo.”

“Com certeza, isso percebíamos, perfeitamente”, respondi. “Sentíamos que a sociedade havia lançado âncora e estava em perigo de ir à deriva. Aonde seria levada, ninguém sabia dizer, mas todos temiam que fosse a rochedos.”

“Contudo”, disse o dr. Leete, “o estado da correnteza era perfeitamente perceptível se vocês tivessem feito algum esforço para percebê-la, para não serem levados a rochedos, mas a um canal mais profundo.”

“Tínhamos um ditado popular”, respondi. “É melhor prevenir do que remediar. Agora, sem dúvida, eu saberei apreciá-lo melhor que nunca. Tudo o que posso dizer é que as expectativas de quando

embarquei em meu longo sono eram tais que não ficaria surpreso se tivesse avistado uma pilha de ruínas cobertas de limo, em vez desta cidade gloriosa, quando olhamos do telhado de sua casa hoje."

O Dr. Leete tinha me escutado com atenção e acenado refletidamente até que terminei minha fala. "O que disse", ele observou, "será considerado como a mais valorosa justificativa de Storiot, cuja descrição de sua época é geralmente considerada exagerada no retrato do pessimismo e confusão na mente dos homens. Que um período de transição como aquele devia ser cheio de excitação e agitação, de fato, merecia ser conjeturado; mas vendo quão simples era o caminho das forças em operação, seria natural crer que a esperança, ao invés do medo, teria sido o temperamento predominante na mente do povo".

"Você ainda não me revelou a resposta encontrada para aquele enigma", eu disse. "Estou impaciente para saber por meio de que contradição da sequência natural vieram, da época como a minha, a paz e prosperidade que vocês parecem gozar agora."

"Perdoe-me", meu anfitrião respondeu, "mas você fuma?" Ele só retomou a palavra quando nossos charutos haviam sido acessos e devidamente tragados. "Já que está disposto a conversar e não dormir, algo que certamente é o meu caso também, talvez eu não possa fazer nada melhor do que dar uma ideia de como é nosso sistema industrial moderno, dissipando assim a impressão de que há qualquer mistério por trás de sua evolução. Os bostonianos de sua época tinham a reputação de serem grande questionadores, e agora darei prova de minha ascendência expondo-lhe a uma pergunta inicial. Qual você diria ser o elemento mais proeminente dos problemas trabalhistas de sua época?"

"Bom, as greves, é claro", respondi.

"Exatamente; mas o que tornava as greves formidáveis?"

"As grandes organizações trabalhistas".

"E qual era o motivo por trás de tais grandes organizações?"

"Os trabalhadores afirmavam ter de se organizar para obter seus direitos da parte das grandes corporações", respondi.

"É só isso", disse o dr. Leete. "A organização trabalhista e as greves eram somente um efeito da concentração de capital em massas maiores, uma concentração nunca vista na história. Antes de tal concentração começar, enquanto tanto o comércio quanto a indústria eram conduzidos por inúmeros interesses privados com capital baixo, em vez de grandes interesses com um capital vasto, o trabalhador individual era importante só relativamente, e independente em suas relações com o empregador. Além do mais, quando um pouco de

capital ou uma nova ideia era suficiente para que um homem iniciasse seu próprio negócio, trabalhadores cada vez mais se tornavam empregadores. No final não havia uma linha clara entre as duas classes. Sindicatos trabalhistas tornaram-se, portanto, desnecessários, e greves gerais deixaram de ser possíveis. Mas quando a era dos pequenos interesses com capital baixo foi sucedida por aquela de grandes acúmulos de capital, tudo mudou. O trabalhador individual, que fora relativamente importante para o pequeno empregador, foi reduzido à insignificância e debilidade em face à grande corporação, enquanto simultaneamente a possibilidade de subir e tornar-se empregador lhe foi vetada. A autodefesa o levou ao sindicato, para junto de seus companheiros.

"Registros do período mostram que o protesto contra a concentração de capital era gritante. As pessoas criam que ela ameaçava a sociedade com o tipo de tirania mais abominável que já se tolerou. Criam que grandes corporações estavam preparando para si um jugo de servidão mais rasteiro do que qualquer jamais imposto à raça humana; tratava-se de uma servidão não de homens, mas de máquinas desalmadas, incapazes de qualquer motivação além da ganância desenfreada. Olhando para trás, não espanta seu desespero, já que com certeza a humanidade nunca foi confrontada com um destino mais sórdido e terrível do que teria sido a era de tirania corporativa que se avizinhava.

Enquanto isso, sem um menor nível de clamor registrado contra o fato, persistia a absorção de negócios por monopólios cada vez maiores. Nos Estados Unidos não havia, após o início do primeiro quarto de século, qualquer oportunidade para empreendimento individual em qualquer área importante da indústria — ao menos que ela fosse apoiada pelo grande capital. Durante a última década do século XIX, esses pequenos negócios persistiam como sobreviventes à beira da falência de uma época passada, ou meros parasitas de grandes corporações. Ou ainda, eles existiam em nichos restritos o bastante para atrair os grandes capitalistas. Pequenos negócios, até onde conseguiam subsistir, foram reduzidos à condição de ratos e camundongos, vivendo em buracos e cantos, sempre contando com uma ordem de despejo para que pudessem gozar de sua existência. As ferrovias convergiram até que um pequeno número de grandes sindicatos passou a controlar cada trilho do país. Na área de manufatura, cada um dos bens de consumo de relevância era controlado por um sindicato. Tais sindicatos, fundos comuns e fiduciários – sejam quais foram seus nomes –, afixaram preços e destruíram toda a competição, exceto quando surgiam conglomeradores tão grandes quanto eles. Então travou-se uma luta resultante de uma consolidação ainda maior. As grandes lojas de

departamentos acabaram com seus rivais por meio de filiais, e, dentro de grandes centros, absorveram seus rivais menores a ponto dos negócios de todo um bairro se concentrarem sob um só teto, com uma centena de antigos proprietários de lojas servindo como funcionários. Não tendo um negócio para investir seu dinheiro, o pequeno capitalista, ao mesmo tempo em que fazia serviço da corporação, não encontrou outro investimento para seu dinheiro que não fosse ações e títulos, tornando-se assim duplamente dependente do sistema.

O fato de que a oposição popular, desesperada para consolidar seus negócios, não teve efeito prova a existência de uma forte motivação econômica por trás de tudo. Os pequenos capitalistas, com seus diversos interesses privados, haviam de fato cedido aos grandes conglomerados do capital, já que pertenciam à época das coisas pequenas, sendo totalmente incompetentes ante as demandas da era do vapor e dos telégrafos, à escala gigantesca das novas transações. Restaurar o antigo estado de coisas, se é que isso fosse possível, teria implicado em uma volta à era das carruagens. Por mais opressivo e intolerante que o regime de grandes consolidações do capital fosse, suas vítimas — ainda que o condenassem — eram obrigadas a admitir que houve um aumento prodigioso da eficiência das indústrias nacionais. Surgiram vastas economias decorrentes da concentração na administração e unificação da organização, e uma vez que o novo sistema tomou o lugar do antigo, a riqueza do mundo foi incrementada em um nível nunca antes imaginado. Para sermos mais exatos, esse amplo incremento cooperou, principalmente, para tornar o rico mais rico, aumentando o abismo entre si e o pobre. De qualquer forma, era um fato que, como meio de produção de riqueza, o capital provou-se eficiente em proporção à sua consolidação. A restauração do antigo sistema com a subdivisão do capital, caso fosse possível, poderia de fato ter trazido uma maior igualdade de condições, com maior dignidade individual e liberdade. Isso, porém, aconteceu a custo do empobrecimento generalizado e atraso do progresso material.

Não havia, então, um modo de gerir os serviços relativos ao princípio de produção de riqueza próprio do capital consolidado sem se render a uma plutocracia ao estilo da cartaginense? Assim que as pessoas passaram a impor tal questionamento a si mesmas, encontraram a resposta pronta. A tendência ao empreendimento por conglomerados cada vez maiores de capital, a tendência à monopolização contra a qual se resistiu tão desesperadamente, embora em vão, foi por fim compreendida em sua totalidade como um processo que só precisava completar sua evolução lógica para levar a um futuro dourado da humanidade.

No início do século passado, a evolução atingiu seu último estágio

por meio da consolidação derradeira de todo o capital nacional. A indústria e o comércio do país deixaram de ser conduzidos por um grupo de corporações irresponsáveis e sindicados privados, em prol do capricho e lucro individual, passando a ser confiadas a um único sindicato que representava o povo, conduzido pelo interesse comum, em prol do lucro comum. A nação, em outras palavras, organizou-se como uma única corporação que absorveu todas as demais; ela se verteu no único capitalista, aquele que tomou o lugar de todos os outros; o único empregador; o monopólio final pelo qual todos os anteriores e menores foram engolidos; um monopólio de lucros e economias compartilhado por todos os cidadãos. A época dos trustes terminou com o Grande Truste. Para resumir, o povo dos Estados Unidos decidiu assumir o controle de seus próprios negócios, assim como cento e poucos anos antes tinham assumido o controle de seu próprio governo, organizando-se agora por propósitos industriais pelos mesmíssimos motivos que antes havia se organizado por propósitos políticos. Por fim, em uma época estranhamente tardia da história mundial, o fato óbvio foi percebido: nenhum negócio é tão essencialmente público quanto a indústria e o comércio; deles depende a subsistência das pessoas, de forma que os confiar à gerência de pessoas privadas é um desvario semelhante, se não maior, ao de entregar as funções de um governo para reis e nobres para sua glorificação pessoal."

"Essa mudança estupenda que o senhor descreve", eu disse, "não ocorreu, é certo, sem um grande massacre e comoções terríveis."

"Pelo contrário", o Dr. Leete respondeu, "não houve qualquer violência. A mudança tinha sido prevista há muito tempo. A opinião pública estava completamente amadurecida para isso, e toda a massa de pessoas estava por trás do movimento. Não havia mais possibilidade de se opor a isso por força de discussão. Por outro lado, o sentimento popular em relação às grandes corporações e àqueles que se identificavam com elas deixou de ser um sentimento de amargura, já que se passou a percebê-lo como um vínculo necessário, transicional, na evolução para o verdadeiro sistema industrial. Os inimigos mais violentos dos monopólios privados foram então forçados a reconhecer quão essencial e indispensável era seu papel de educar as pessoas, até que assumissem o controle de seus próprios negócios. Cinquenta anos antes, a consolidação das indústrias no país sob controle nacional teria sido um experimento muito ousado até para os indivíduos mais sanguíneos. Mas por meio de uma série de lições objetivas, vistas e estudadas por todos os homens, as grandes corporações ensinaram às pessoas uma série de ideias completamente inovadoras nesse quesito. Elas tinham visto, por muitos anos, sindicatos gerando receitas maiores do que a de alguns estados,

dirigindo o trabalho de centenas de milhares de pessoas com uma eficiência e economia inatingível por operações menores. Foi preciso reconhecer, como um axioma, que quanto maior o negócio, mais simples os princípios a serem aplicados; que, da mesma forma que a máquina é mais confiável do que a mão humana, ocorre com o sistema: se serve a um interesse maior, ele acaba cumprindo a função do olho do mestre, tendo resultados mais precisos. Assim ocorreu que a sugestão proposta de que o país devia assumir as funções das corporações não implicou em nada que parecesse impraticável, mesmo para os tímidos. Certamente esse foi um passo à frente jamais dado outrora, uma generalização muito ampla. Porém, o próprio fato de que a nação se tornaria a única corporação da região daria certo alívio, digamos, na empreitada de diversas operações difíceis com que monopólios parciais tinham de arcar."

Capítulo 6

O Dr. Leete parou de falar e eu permaneci em silêncio, esforçando-me para formar alguma concepção geral das mudanças nos arranjos sociais que a tremenda revolução por ele narrada implicavam.

Por fim, eu disse: “A ideia de uma tal extensão das funções do governo é, no mínimo, descomunal.”

“Extensão!”, ele repetiu, “onde está essa extensão?”

“Na minha época”, respondi, “cheguei à conclusão que as funções devidas ao governo, a rigor, estavam limitadas a manter a paz e defender o povo contra o inimigo público, isto é, aos militares e às forças policiais”.

“E, pelos céus, quem são os inimigos públicos?”, questionou o Dr. Leete. “São a França, Inglaterra, Alemanha, ou fome, frio e nudez? Em sua época os governos estavam acostumados, no caso do menor mal-entendido internacional, a usar os corpos de seus cidadãos e enviá-los às centenas de milhares para a morte e mutilação, consumindo seus cofres como se fosse água. E tudo isso, na maioria dos casos, sem qualquer benefício em vista para as vítimas. Agora não temos guerras, e nossos governos não têm poderes bélicos; mas para proteger todos os cidadãos contra a fome, frio e nudez, além de prover todas suas necessidades físicas e mentais, a função que cada governo assume é a de dirigir a indústria por um mandato de x anos. Não, Sr. West, tenho certeza que, se refletir bem, notará que em sua época, e não na nossa, a extensão das funções governamentais era extraordinária. Nem em prol dos mais nobres dos objetivos as pessoas, hoje em dia, dariam a seus governos poderes que antes foram usados para os piores dos fins.”

“Deixando comparações de lado”, eu disse, “a demagogia e a corrupção de nossos homens públicos teriam sido consideradas, em minha época, objeções insuperáveis para qualquer tentativa de o governo assumir o comando das indústrias nacionais. Tínhamos que pensar que nenhum acordo seria pior do que o de confiar aos políticos o controle do maquinário produtor de riqueza nacional. Do jeito que as coisas estavam, seus interesses materiais iriam transformar aquilo em uma bagunça.”

“Sem dúvida tem razão”, o Dr Leete retomou, “mas tudo mudou agora. Não temos partidos ou políticos, e quanto à demagogia e corrupção, tais palavras só têm significado histórico.”

“A natureza humana em si deve ter mudado muito”, eu disse.

“Nem um pouco”, foi a resposta do Dr. Leete, “mas as condições da vida humana mudaram, e com elas os motivos por trás da ação humana. A organização da sociedade para vocês era tal que oficiais estavam sob constante tentação de fazer mau uso de seu poder visando lucros privados, deles ou de outrem. Sob tais circunstâncias, pode parecer estranho o fato de que vocês ousavam confiar seus negócios a eles. Hoje em dia é o contrário; a sociedade está de tal forma constituída que não há qualquer maneira para um oficial, por mais mal intencionado que seja, poder fazer qualquer lucro para si ou qualquer outra pessoa abusando de seu poder. Que seja um mal oficial; corrupto ele não consegue ser. Não há meios de sê-lo. O sistema social não mais premia a desonestidade. Mas essas questões você só poderá entender conforme for nos entendendo melhor, com o tempo.”

“Mas o senhor ainda não me disse como vocês resolveram o problema trabalhista. É o problema do capital que estamos discutindo”, eu disse. “Após a nação ter assumido o controle das fábricas, maquinário, ferrovias, fazendas, minas e, em geral, o capital do país, restava ainda lidar com a questão trabalhista. Ao assumir as responsabilidades do capital, a nação tinha assumido os problemas próprios da posição do capitalista.”

“No momento em que a nação assumiu as responsabilidades do capital, tais dificuldades desapareceram”, o Dr. Leete respondeu. “A organização nacional de trabalho sob uma direção era a solução absoluta para aquilo que, em sua época e sob seu sistema, foi meramente considerado um problema trabalhista insolúvel. Assim que a nação se tornou o único empregador, todos os cidadãos, por virtude de sua cidadania, tornaram-se empregados, a serem distribuídos de acordo com as necessidades da indústria.”

“Isto é”, sugeri”, vocês simplesmente aplicaram o princípio de serviço militar obrigatório, como era entendido em minha época, para a questão trabalhista”.

“Sim”, disse o Dr. Leete. “Isso veio como consequência de a nação se tornar o único capitalista. As pessoas já estavam acostumadas à ideia da obrigação de cada cidadão, contanto que não fosse deficiente físico, ter de contribuir para o serviço militar em prol da defesa da nação. Era evidente, igualmente, um dever de cada cidadão ter de contribuir sua parcela de serviços industriais e intelectuais para a manutenção da nação. Mas não foi até que a nação se tornou a principal empregadora que cidadãos se tornaram capazes de oferecer esse tipo de serviço sob pretextos de universalidade ou equidade. Nenhuma organização trabalhista se fez possível enquanto o poder de

empregar estava dividido entre centenas ou milhares de indivíduos e corporações, para os quais a consonância de qualquer tipo não era nem desejada, nem de fato viável. Ocorria constantemente então que grandes números de pessoas querendo trabalhar não encontravam oportunidades. Por outro lado, aqueles que desejavam evitar parte ou todo seu débito para com a sociedade poderiam fazê-lo facilmente."

"O serviço agora, suponho, é obrigatório a todos", sugeri.

"Via de regra, não em função de uma obrigatoriedade", o Dr. Leete respondeu. "Ele é considerado tão plenamente natural e razoável que a ideia de ser obrigatório deixou de ser considerada. Uma pessoa que o pensa como uma obrigação seria vista como desprezível nesse caso. Contudo, falar de serviço compulsório seria um modo débil de declarar sua absoluta inevitabilidade. Toda nossa ordem social está tão completamente baseada e é tão deduzida desse fato que, caso fosse concebível a um homem escapar disso, não lhe restariam meios para se sustentar. Ele teria se excluído do mundo, cortado os laços com sua espécie, em resumo, cometido suicídio."

"E as condições de serviço nesse exército industrial são vitalícias?"

"Ah não; ela começa mais tarde e termina mais cedo em comparação ao período de contribuição de sua época. Suas oficinas estavam repletas de crianças e velhos, mas consideramos o período da juventude sagrado para a educação, e o período da maturidade, quando as forças físicas começam a dar sinais de decaída, igualmente sagrado para o sossego e descanso aprazível. O período do serviço industrial é de vinte e quatro anos, começando com o final do ciclo de educação aos vinte e um e terminando aos quarenta e cinco. Após os quarenta e cinco; quando dispensado do trabalho, o cidadão ainda parece suscetível a chamados especiais no caso de emergências advindas do rápido aumento em demandas de trabalho, até atingir a idade de cinquenta e cinco, mas tais chamados são raramente, de fato quase nunca, feitos. O dia quinze de outubro de cada ano é o que chamamos de Dia do Alistamento, pois todos que atingiram a idade de vinte e um devem se alistar para o serviço industrial, ao mesmo tempo em que, após vinte e quatro anos de serviço, os que atingiram quarenta e cinco são honrosamente dispensados. Para nós se trata de um grande dia do ano, como a nossa Olimpíada, embora seja comemorado anualmente".

Capítulo 7

"Assim que se põe o exército industrial em atividade", eu disse, "eu esperaria que certa dificuldade surgisse. A analogia com um exército militar deve ter seus limites. Soldados têm a mesma coisa para fazer, e uma coisa muito simples: manusear armas, marchar e ficar em guarda. O exército industrial, por outro lado, tem que aprender e seguir duzentos, trezentos ofícios e atividades distintas. Qual talento administrativo é capaz de fazer jus à determinação do ofício ou negócio que cada indivíduo em um país tão grande deve exercer?"

"A administração não tem nada a ver com essa determinação."

"Quem determina, então?", eu perguntei.

"A cada homem de acordo com sua aptidão natural; a maior dificuldade é fazê-lo descobrir qual de fato é sua aptidão natural. O princípio sobre o qual nosso exército industrial se organiza é o seguinte: os dons naturais de um homem, mentais e físicos, determinam o que ele pode fazer em prol do maior lucro da nação e da maior satisfação pessoal. Embora não se possa fugir à obrigação de alguma forma de serviço, o tipo particular de serviço que cada pessoa deverá prestar depende de uma eleição voluntária, sujeita apenas a regulações necessárias. Como a satisfação do indivíduo durante seu termo de serviço depende de ele ter ocupado um cargo de seu gosto, pais e mestres ficam atentos desde cedo a indicações de aptidões especiais nas crianças. Um estudo detalhado do sistema industrial nacional, contendo história e rudimentos de todas as grandes áreas, é uma parte essencial de nosso sistema educacional. Uma vez que não se permite que o treino manual prejudique a cultura intelectual ao qual nossas escolas se dedicam, ele é executado a fim de dar a nossos jovens certa familiaridade com suas ferramentas e métodos, além de certo conhecimento teórico acerca das indústrias nacionais (mecânico e agrícola). Nossas escolas estão constantemente fazendo visitas a oficinas, além de frequentes e longas excursões a fim de inspecionar empreendimentos industriais específicos. Em sua época, um homem não tinha vergonha de ser toscamente ignorante acerca de qualquer ofício que não fosse o seu. Essa ignorância, no entanto, não seria consistente com a nossa ideia de colocarmos cada pessoa na posição de selecionar, com inteligência, a ocupação mais adequada a seu gosto. Geralmente um jovem, bem antes de ser alistado para o serviço, já sabe o que quer seguir e adquiriu bastante conhecimento a respeito,

da forma que anseia ansiosamente pela hora em que poderá assumir seu cargo.

"Decerto", eu disse, "é difícil que o número de voluntários para um emprego qualquer seja justamente o mesmo requerido pela indústria. Deve haver com frequência problemas de sub ou sobredemanda."

"Espera-se sempre que a oferta de voluntários seja igual à demanda", o Dr. Leete respondeu. "É problema da administração fazer com que esse seja o caso. A taxa de voluntários para cada área é observada de perto. Caso se note um excedente de voluntários muito acentuado para dada área, infere-se que a área oferece atrações maiores do que as outras. Por outro lado, se o número de voluntários para uma área tende a cair abaixo da demanda, infere-se que ela seja mais árdua. É problema da administração buscar constantemente igualar os atrativos de cada área, contanto que as condições trabalhistas sejam levadas em conta. Assim, todas as áreas serão igualmente atrativas para as pessoas que lhes tenham uma inclinação natural. Isso é possibilitado uma vez que a administração diferencia as horas de trabalho necessárias para diferentes áreas de acordo com sua dificuldade. Profissões mais aprazíveis, executadas sob circunstâncias mais satisfatórias, têm assim mais horas de trabalho, enquanto profissões árduas, como mineração, têm pouquíssimas horas. Não há teoria, nem regra apriorística, que determine o atrativo correspondente das indústrias. A administração, ao tomar os fardos de uma classe de trabalhadores e passá-los para as outras, simplesmente está seguindo as flutuações de opinião dos próprios trabalhadores, conforme indicada pela taxa de voluntariado. O princípio é: o trabalho de pessoa alguma deve ser mais árduo para ela do que o de outra; ademais, os próprios trabalhadores devem julgar isso. Não há limites para a aplicação dessa regra. Se qualquer trabalho em particular for em si tão árduo e opressivo que, para induzir voluntários a jornada de trabalho seja preciso reduzi-la a minutos, é o que será feito. Caso, mesmo assim, ninguém queira fazê-lo, ele ficará sem ser executado. Mas é claro, na realidade, uma redução moderada nas horas de trabalho ou adição de outros privilégios são suficientes para assegurar todos os voluntários necessários para qualquer ocupação vital à humanidade. Decerto, se as inevitáveis dificuldades e perigos de uma busca tão necessária fossem grandes a ponto de nenhum incentivo compensatório sobrepusesse a repugnância dos homens ao cargo, bastaria ao governo retirá-lo da lista de ocupações comuns, declarando-o extrainsalubre. Assim, aqueles que o buscassem seriam particularmente dignos da gratidão nacional, e isso faria chover voluntários. Nossos jovens são muito ávidos por honra e não deixam essas oportunidades passarem. É claro que você verá que o fato de

dependermos da escolha puramente voluntária das ocupações envolve a abolição de tudo que se relacione a condições não-higiênicas ou perigos contra a vida ou membros dos cidadãos. Saúde e segurança são pré-requisitos comuns a todas as indústrias. A nação não mutila e massacra seus trabalhadores aos milhares como os capitalistas privados faziam na sua época."

"Quando há mais pessoas que queiram entrar em uma área particular, mais do que ela é capaz de abarcar, como se decide entre os aplicantes?", eu perguntei.

"A preferência é dada àqueles que adquiriram mais conhecimento sobre o campo desejado. Não se nega uma oportunidade a ninguém, porém, que persiste em seu desejo por determinada área por anos sucessivos. Enquanto isso, se uma pessoa não consegue entrar no negócio de sua preferência, ela geralmente tem uma ou mais preferências alternativas para as quais tem algum grau de aptidão, ainda que não seja tão grande. Certamente espera-se de todos que estudem suas aptidões de forma a não terem de escolher só uma opção, mas também uma segunda ou terceira. Assim, mesmo que no início de sua carreira não seja possível seguir a vocação imediata devido ao progresso ou mudanças de demanda, a pessoa possa encontrar um emprego adequado. O princípio de escolhas secundárias relativas a ocupações é bem importante para o nosso sistema. Devo adicionar, no tocante à possibilidade de que haja alguma falha repentina no sistema de voluntariado a algum negócio particular, ou que haja ainda alguma necessidade repentina de aumento na força de trabalho: a administração sempre mantém em reserva o poder de recrutar voluntários especiais ou provisionar certa força de trabalho para qualquer canto que seja. Em geral, contudo, todas as necessidades do tipo podem ser preenchidas pela classe dos trabalhadores não-especializados ou comuns."

"Como é recrutada a classe de trabalhadores comuns" , eu perguntei. "Certamente ninguém quer entrar nela."

"Esse é o nível para o qual todos os novos recrutas pertencem pelos primeiros três anos de serviço. Só depois desse período, durante o qual um jovem é designado a toda sorte de serviços por seus superiores, que ele elege sua função especializada. Ninguém é isento desses três primeiros anos de disciplina rigorosa, e nossos jovens são felizardos por passarem por uma escola tão severa antes de chegarem às demais profissões, comparativamente mais livres. Se alguém é estúpido o suficiente para não optar por uma profissão, ele permanece sendo um trabalhador comum; mas tais casos, como você pode imaginar, não são comuns."

"Tendo optado e adentrado uma profissão ou ocupação", observei,

“suponho que ele tenha que se manter nela pelo resto de sua vida.”

“Não necessariamente”, o Dr. Leete respondeu. “Ainda que uma mudança de ocupação frequente e meramente caprichosa não seja encorajada ou mesmo permitida, todo trabalhador pode, é claro, sob certas regras e de acordo com as exigências do serviço, voluntariar-se para outra área que julgue ser melhor que sua primeira opção. Nesse caso, sua aplicação é recebida como se ele tivesse se voluntariando pela primeira vez, sob os mesmos termos. Não só isso: um trabalhador pode também, sob regras adequadas e não tão frequentemente, obter uma transferência para uma empresa da mesma área em outra parte do país de sua preferência. Sob esse sistema, um homem descontente pode, de fato, deixar seu emprego se quiser, embora isso simultaneamente o deixe sem meios de subsistência, minando as chances de sustento futuro. Descobrimos que o número de pessoas aptas a abandonar uma ocupação habitual por uma nova — e a abandonar velhos amigos por estranhos — é pequeno. Apenas o tipo mais inadequado de trabalhadores deseja fazer mudanças na frequência que nossas regulamentações permitem. E, é claro, transferências e demissões, quando a saúde exige, são sempre conferidas.”

“Na condição de um sistema industrial, imagino que este deva ser extremamente eficiente”, eu disse. “Mas não vejo ele fazer qualquer concessão às classes profissionais, aos homens que servem a nação com seus cérebros, e não com suas mãos. Parece evidente que os trabalhadores intelectuais não se dão bem com vocês. Como, então, eles são separados dos que servem como fazendeiros e mecânicos? Isso deve requerer um processo de triagem muito delicado, eu diria”.

“De fato”, o Dr. Leete respondeu. “O teste mais delicado possível se faz necessário nesse quesito, e assim deixamos a questão de se um homem será um trabalhador do cérebro ou das mãos inteiramente para ele. Ao fim do termo de três anos como trabalhador comum, o qual todos devem servir, cabe a ele escolher, de acordo com suas propensões naturais, se ele se encaixará em uma arte ou profissão, ou se será fazendeiro ou mecânico. Se ele sente poder fazer um trabalho mais adequado com seu cérebro do que faz com os músculos, ele acaba encontrando todas as chances de testar essa inclinação, cultivando-a como algo digno de ser perseguido como uma profissão. As escolas de tecnologia, de medicina, de arte, de música, de dramaturgia e artes liberais superiores estão sempre abertas para aspirantes, incondicionalmente.”

“E as escolas não estão repletas de jovens cuja única motivação é evitar o trabalho?”

O Dr. Leete sorriu com certo ar sombrio.

“Ninguém tem a chance de entrar em uma escola profissional com o propósito de evitar trabalho, isso eu asseguro”, disse. “Elas, antes, foram feitas para aqueles que possuam aptidão especial para as áreas de ensino; qualquer um desprovido dessa aptidão acharia mais fácil duplicar a carga horária em seu ofício a tentar acompanhar as aulas. É claro, muitos se equivocam a respeito de sua vocação e, descobrindo-se inferiores aos requerimentos das escolas, as abandonam e voltam para o serviço industrial. Nenhum descrédito é atribuído a essas pessoas, já que a política pública encoraja a todos o desenvolvimento de supostos talentos que unicamente testes efetivos são capazes de confirmar. As escolas profissionalizantes e científicas de sua época dependiam do subsídio de seus pupilos, e parece ter se tornado uma prática comum conferir diplomas a pessoas inaptas, que posteriormente teriam de encontrar um espaço em suas áreas. Nossas escolas são instituições nacionais, e ter passado em seus testes é uma evidência inquestionável de habilidades especiais.

“Tal oportunidade de treinamento profissional”, o doutor continuou, “permanece aberta a qualquer pessoa até que atinja a idade de trinta anos, após a qual não se recebe mais estudantes, uma vez que sobraria um período muito curto antes da idade de dispensa, antes da qual eles servem à nação em suas profissões. Em sua época, jovens tinham de optar por suas profissões muito cedo. Assim, em grande parte dos casos, estavam completamente enganados acerca de suas vocações. Reconhece-se, hoje, que as aptidões naturais de alguns vêm mais tarde do que as de outros em fase de desenvolvimento. Portanto, ao passo que a escolha da profissão possa ser feita já na idade de vinte e quatro, ela fica em aberto por mais seis anos”.

Uma pergunta que esteve na ponta da língua uma dúzia de vezes agora foi articulada, uma pergunta que abordava qual foi a mais vital dificuldade enfrentada para a resolução final do problema industrial. “É algo extraordinário”, eu disse, “que o senhor ainda não tenha dito nada sobre o método de adaptação de salário. Uma vez que o país é o único empregador, o governo deve estabelecer o índice salarial, determinando quanto cada pessoa ganhará, desde médicos até coveiros. Tudo o que posso dizer é que esse plano nunca teria funcionado conosco. Não vejo como pode agora, ao menos que a natureza humana tenha mudado. Em minha época, ninguém estava satisfeito com seus ganhos ou salários. Mesmo se achasse ganhar o bastante, era certo que seu vizinho ganhava demais, o que era também ruim. Se o descontentamento geral a esse respeito, em vez de dissipar em xingamentos e greves contra inúmeros empregadores, pudesse ter se concentrado em um único órgão — o governo — e este, ainda que fosse o mais forte já visto, não teria durado dois dias de pagamento”.

O Dr. Leete riu vivamente.

“É bem verdade, bem verdade”, ele disse. “Uma greve geral teria decorrido do primeiro dia de pagamento, muito provavelmente, e uma greve voltada contra um governo é uma revolução”.

“'Então, como vocês evitam uma revolução a cada dia de pagamento' é a pergunta aqui. Algum filósofo prodigioso criou um sistema de cálculo tão amplamente satisfatório que determinou o valor exato e comparativo para todos os tipos de serviço, seja braçal ou cerebral, feito pela mão ou pela voz, pelo ouvido ou pelo olho? Ou seria o caso de a própria natureza humana ter mudado, de forma que ninguém olha para as próprias coisas, mas todo homem se mete nos assuntos de seu próximo? Uma ou outra coisa deve ser a explicação”.

“Mas não é nem uma, nem outra”, foi a resposta sorridente de meu anfitrião. “Agora, Sr. West”, ele continuou, “o senhor deve-se lembrar de que é meu paciente assim como é meu convidado, e permita-me que lhe prescreva um pouco de sono antes de continuarmos nossa conversa. Já são três horas da manhã passadas”.

“A prescrição é prudente, sem dúvida”, eu disse. “Só desejo que possa ser cumprida”.

“Verei o que posso fazer”, o médico respondeu. Deu-me uma taça de vinho contendo algo que me fez dormir assim que minha cabeça tocou o travesseiro.

Capítulo 8

Ao acordar, senti-me bastante revigorado e permaneci por um tempo considerável em um estado sonolento, apreciando a sensação de conforto corporal. As experiências do dia anterior, o fato de ter descoberto estar no ano 2000, a visão da nova Boston, meu anfitrião e sua família, além das coisas magníficas que ouvi, formavam uma lacuna em minha mente. Achei estar em meu aposento, em minha própria casa, e meio dormindo, meio desperto, tive a mente povoada por fantasias relacionadas aos incidentes e experiências de minha antiga existência. Em um estado onírico, recordei-me dos incidentes do Dia da Condecoração; minha jornada junto a Edith e seus pais até o Monte Auburn, além de meu jantar com eles ao regressarmos à cidade. Lembrei-me de quão extremamente bela Edith aparentava, e assim terminei pensando em nosso casamento. Mal minha imaginação, porém, começou a elaborar a respeito desse assunto deleitoso, meu sono desperto foi interrompido pela lembrança da carta que recebera na noite anterior — a carta do construtor anunciando que novas greves podiam adiar por tempo indefinido a finalização da casa nova. O desgosto que essa lembrança trouxe foi eficaz para me despertar de vez. Veio-me à mente que tinha um horário marcado com o construtor às 11 horas para discutirmos sobre a greve. Ao abrir os olhos, mirei o relógio ao fim da cama para conferir que horas eram. No entanto, não havia qualquer relógio à vista. Mais do que isso, de pronto notei que não estava em meu aposento. Precipitando-me para fora de meu leito, olhei selvagemente ao redor naquele estranho cômodo.

Creio que fiquei sentado na cama assim por vários segundos, incapaz de retomar o controle de minha identidade pessoal. Não pude mais separar eu mesmo daquele puro ser durante aqueles momentos em que, suponhamos, uma alma rudimentar está prestes a tomar forma dentro de um corpo, o que fará dela uma pessoa. Como é estranho que o senso de impotência desse momento seja uma angústia tão grande! Porém, é assim que somos constituídos. Não há palavras para expressar a tortura mental que suportei durante esse tatear impotente, cego, em busca de mim mesmo, dentro de um vazio sem limites. Provavelmente, nenhuma outra experiência mental provenha tamanho senso de exaustão intelectual, de perda de apoio mental e ponto de partida para o pensamento, do que o obscurecimento momentâneo de seu senso de identidade. Creio que nunca voltarei a

saber o que isso é.

Não sei quanto durou a condição — pareceu um tempo interminável — quando, tal qual um lampejo, a reminiscência de todas as coisas me invadiu. Lembrei de quem era e de onde estava; de como tinha chegado ali, e de que as cenas da antiga vida, passando por meus olhos, diziam respeito a uma geração que há muito, muito tempo foi reduzida a cinzas. Saltando da cama, fiquei no centro do aposento pressionando minhas têmporas com as mãos com toda a força, a fim de evitar que explodissem. Então caí de bruços no leito e, enterrando o rosto no travesseiro, permaneci ali imóvel. A reação inevitável, advinda da exaltação mental; a febre do intelecto, efeito imediato de minha experiência grandiosa, havia chegado. A crise emocional que aguardou até que eu desse conta de minha situação atual, e tudo o que ela implicava, era iminente; permaneci deitado ali, lutando por minha sanidade com dentes cerrados e peito em tumulto, agarrando o estrado da cama com a força dos desvairados. Em minha mente tudo tinha ido abaixo. Hábitos sentimentais, associações de pensamento, ideias acerca de pessoas e coisas — tudo havia dissolvido e perdido coerência, e fervilhava em um caos aparentemente inevitável. Não havia onde se escorar, e não restou nada estável. Só sobrou a vontade; será que alguma vontade humana é forte o bastante para ordenar a um mar revolto como aquele “Paz, fique quieto”? Não ousava pensar nisso. Todo esforço para raciocinar sobre o que me acometera, e perceber suas implicações, era uma torrente intolerável dentro de meu cérebro. A ideia de que eu era duas pessoas, que minha identidade era dupla, começou a me fascinar na medida em que conferia uma solução simples para minha experiência.

Eu sabia que estava à beira de perder o equilíbrio mental. Se eu ficasse ali pensando seria minha perdição. Eu devia ter algum tipo de distração, ao menos a distração daquele empenho físico. Saltei e, vestindo-me às pressas, abri a porta do meu quarto, indo escada abaixo. Era bastante cedo — ainda não estava tão claro — e por isso não encontrei ninguém no andar de baixo da casa. Havia um chapéu no corredor e, ao abrir a porta, fechada com uma leveza sugestiva de que o arrombamento não estava entre os perigos da Boston moderna, vi-me de frente para a rua. Por duas horas caminhei, ou corri, pelas ruas da cidade, visitando a maioria dos locais da parte peninsular da cidade. Ninguém senão um antiquarista que sabe algo a respeito do contraste que a Boston de hoje possui em relação à Boston do século XIX poderia começar a apreciar a série de surpresas desconcertantes com as quais me deparei nesse ínterim. Vista do terraço da casa no dia anterior, a cidade parecia, de fato, estranha para mim, mas apenas em seu aspecto geral. Quão mudada pude percebê-la somente então, quando andava pelas suas ruas! Os poucos marcos antigos que ainda

restavam só serviram para intensificar esse efeito, pois sem eles, eu poderia ter imaginado estar em uma cidade estrangeira. Um homem pode deixar sua cidade natal na infância e regressar cinquenta anos mais tarde, talvez, para encontrá-la mudada em diversos aspectos. Ele fica surpreso, mas não desconcertado. Ele tem consciência do grande lapso de tempo, das mudanças que ocorreram com ele mesmo nesse meio-tempo. Ele se lembra apenas vagamente da cidade que conheceu na infância. Mas lembre que comigo não houve qualquer sentimento de lapso de tempo. No que diz respeito à minha consciência, foi ontem, há algumas poucas horas, que eu estava andando por essas ruas das quais quase nenhum traço escapou de uma completa metamorfose. A imagem mental da antiga cidade estava tão fresca e presente que não foi sobreposta pela impressão da cidade atual; uma só se adaptou à outra, digamos, de forma que ora esta, ora aquela me parecia mais irreal. Não havia nada que eu enxergasse que não parecesse desfocado, tal e qual rostos numa montagem fotográfica.

Por fim, estava à porta da casa de onde eu saíra. Meus pés devem ter-me trazido de volta, como que por instinto, à localização de minha antiga casa, pois eu não tinha uma intenção clara de voltar para lá. Nenhum local me era mais familiar do que aquele, nesta cidade povoada por uma estranha geração. Seus habitantes eram para mim as pessoas mais absolutamente estranhas do que qualquer outra sorte de homens e mulheres seria neste planeta. Caso a porta da casa estivesse trancada, teria me lembrado de que não havia motivo para entrar ali. Então me viraria e iria embora. Mas ela cedeu à minha mão, e conforme avançava a passos incertos pelo saguão, entrei nos aposentos a ele contíguos. Jogando-me em uma cadeira, cobri meus olhos inflamados com as mãos para tapar o horror que aquela estranheza me causava. Minha confusão mental era intensa ao ponto de, literalmente, causar náusea. Como posso descrever a angústia daqueles momentos durante os quais meu cérebro parecia derreter, ou ainda quão miserável era meu senso de desamparo? Gemi alto em meu desespero. Senti que, ao menos que alguma ajuda viesse, eu estava prestes a perder a cabeça. Mas então ela veio. Ouvi o roçar de tecido e olhei para cima. Edith Leete estava de pé, à minha frente. Seu belo rosto estava cheio da mais comovente simpatia.

“O que foi, Sr. West?”, ela disse. “Eu já estava aqui quando você entrou. Vi o quão terrivelmente desesperado parecia e, quando o ouvi gemer, não pude continuar em silêncio. O que aconteceu? Onde esteve? Posso ajudar em algo?”

Talvez, conforme falava, ela tenha oferecido as mãos involuntariamente, em um gesto de compaixão. De qualquer forma, agarrei-as com as minhas e as apertei como que em um impulso tão

instintivo quanto o que leva um afogado a agarrar numa corda que lhe jogam antes de afundar pela última vez. Quando mirei seu rosto compassivo e seus olhos úmidos de piedade, meu cérebro deixou de rodopiar. A tenra simpatia humana que passava pela pressão macia de seus dedos deu-me o auxílio de que eu precisava. Seu efeito acalentador funcionou como um elixir milagroso.

"Deus abençoe", eu disse, após alguns momentos. "Ele deve tê-la enviado justo agora. Acho que eu estava em perigo de enlouquecer caso não tivesse." Nisso, lágrimas vieram a seus olhos.

"Ah, Sr. West!", ela chorou. "Como você deve nos achar cruéis! Como você pode sair sozinho por tanto tempo! Mas acabou agora, não é? Você está melhor, com certeza."

"Sim", eu disse, "graças a você. Se você não for embora, logo voltarei a mim mesmo."

"De fato, não irei embora", ela disse, com um pequeno tremor no rosto, algo mais expressivo de sua simpatia do que qualquer palavra. "Você não deve achar que somos tão insensíveis a ponto de sair por aí sozinho. Eu mal dormi na noite passada pensando em quão estranho deve ter sido para você acordar hoje cedo; mas meu pai disse que você dormiria até tarde. Ele disse que seria melhor não mostrar tanta simpatia de início, mas tentar distrai-lo e fazê-lo se sentir entre amigos."

"Pois foi como me fizeram sentir", respondi. "Mas você nota que saltar cem anos é um abalo dos grandes, e apesar de eu não ter sentido muito na noite passada, nesta tive sensações muito estranhas." Enquanto segurava suas mãos e continuava a olhar para seu rosto, é possível que tenha me aproveitado um pouco de minha situação.

"Ninguém achou que você fosse sair pela cidade sozinho tão cedo da manhã", ela continuou. "Ai, Sr. West, por onde esteve?"

Então eu contei sobre minha experiência matinal, desde o momento em que despertei até o momento em que a avistei à minha frente; da maneira exata como relatei aqui. Ela foi acometida por uma pena angustiada durante meu recital e, embora eu tenha soltado uma de suas mãos, não tentei me livrar da outra, vendo quão bem isso me fazia. "Acho que consigo imaginar como deve ter sido esse sentimento", ela disse. "Deve ter sido terrível. E pensar que estava sozinho lutando contra ele! Será que pode nos perdoar?"

"Agora passou. Até este momento você conseguiu afastá-lo", eu disse.

"Não deixe que ele volte", ela observou, com ansiedade.

"Isso não posso assegurar", respondi. "Deve ser cedo demais para

dizer isso, considerando quão estranho tudo ainda está sendo para mim."

"Mas não tente lidar com isso sozinho novamente", ela persistiu. "Prometa-me que virá conosco, que aceitará nossa simpatia perante sua situação e nosso auxílio. Talvez não possamos fazer muito, mas certamente será melhor do que tentar suportar esses sentimentos sozinho."

"Irei até vocês se assim permitirem", eu disse.

"Ah sim, sim, imploro que venha", ela disse, avidamente. "Eu faria qualquer coisa dentro de minha capacidade para ajudar."

"Tudo o que você precisa é ter a comiseração que no momento parece ter por mim", respondi.

"Dou por entendido, então", ela disse, sorrindo com olhos úmidos, "que você virá e me consultará da próxima vez que quiser percorrer toda Boston no meio de estranhos."

A impressão de que não éramos estranhos me pareceu algo ímpar, por mais que minhas aflições e as lágrimas compassivas dela tenham nos tornado íntimos nos últimos poucos minutos.

"Prometo, quando vier comigo", ela adicionou com uma expressão de charmoso atrevimento, "que fingi sentir o tanto de pena que quiser. Mas não suponha por um instante que seja verdade, caso contrário você sentirá autopiedade por tempo demais. Estou certa, como estou certa agora de que o mundo atual é um paraíso comparado com o de sua época, que o único sentimento que sentirá em breve será o de gratidão por Deus de que sua vida foi tão singularmente arrebatada daquela época, e de que voltou a si nesta."

Capítulo 9

O Dr. e a Sra. Leete evidentemente não se surpreenderam nem um pouco, ao aparecerem, de que eu fora sozinho para a cidade pela manhã. Era evidente também que eles estavam surpresos em me ver um pouco agitado após a experiência.

"Com certeza seu passeio não foi pouco interessante", a Sra. Leete disse, conforme nos sentávamos à mesa. "Deve ter visto muitas coisas novas."

"Vi muito pouco que não era novo", respondi. "Mas acho que o que me surpreendeu mais do que qualquer coisa foi não encontrar qualquer loja na Washington Street ou qualquer banco na State. O que vocês fizeram com os mercadores e banqueiros? Enforcaram todos, talvez, como os anarquistas queriam fazer na minha época?"

"Não foi nada tão grave assim", o Dr. Leete respondeu. "Simplesmente os dispensamos. Suas funções são obsoletas no mundo moderno."

"Quem vende coisas quando vocês querem comprá-las?", eu perguntei.

"Não há venda ou compra de bens hoje em dia; a distribuição de bens é feita de outro modo. Quanto aos banqueiros, não temos uso para essa gente por não usarmos dinheiro."

"Senhorita Leete", eu disse, voltando-me para Edith, "acho que seu pai está tirando sarro de mim. Não o culpo, já que a tentação que minha inocência oferece deve ser extraordinária. Mas, de verdade, há limites para minha credulidade, por maiores que foram as alterações no sistema social."

"Meu pai não tem intenção nenhuma de fazer pirraça, tenho certeza disso", ela respondeu, com um sorriso tranquilizador.

Então a conversa foi para outra direção quando a moda feminina do século XIX foi suscitada (se me lembro bem, pela Sra. Leete). Não foi até depois do café da manhã que o médico me convidou para o terraço, que parecia ser seu reduto favorito, que retomamos o tema inicial.

"O senhor ficou surpreso", ele começou, "quando eu disse que vivemos sem dinheiro ou comércio. Mas uma reflexão rápida mostrará que o comércio existia e o dinheiro era necessário em sua época

simplesmente porque a produção ficava nas mãos de entidades privadas, e por isso eles são supérfluos agora."

"Não vejo de imediato por que este é o caso", respondi.

"Muito simples", disse o Dr. Leete. "Quando inúmeras pessoas, diferentes e independentes umas das outras, produziam os diversos bens necessários para a vida e o conforto, a troca infinita entre indivíduos se faziam necessária para que suprissem suas necessidades como quisessem. Essas trocas constituíam o comércio, e o dinheiro era essencial como seu intermediador. Mas logo que o país se tornou o único produtor de toda a sorte de mercadorias, deixou de haver a necessidade de trocas interpessoais para que as pessoas conseguissem aquilo que precisavam. Tudo passou a ser encontrado em uma só fonte. Um sistema de distribuição direta dos armazéns nacionais substituiu o comércio, e para tal o dinheiro era desnecessário".

"Como essa distribuição é gerida?", perguntei.

"Pelo plano mais simples imaginável", respondeu o Sr. Leete. "A cada cidadão é conferido um crédito correspondente à sua cota da produção anual do país, como consta em documentos públicos no início de cada ano. Um cartão de crédito é emitido para que ele compre nos armazéns públicos, os quais se encontram em qualquer povoado, o que ele quiser e quando quiser. Esse esquema de organização, o senhor verá, oblitera por completo a necessidade de transações comerciais de qualquer tipo entre indivíduos e consumidores. Talvez queira ver como são nossos cartões de crédito.

"O senhor nota", ele prosseguiu enquanto eu examinava, com curiosidade, o pedaço de cartolina que ele me entregou, "que este cartão foi emitido com uma determinada quantia de dólares. Mantivemos a antiga palavra, mas não sua substância. O termo que empregamos não corresponde à coisa real, mas serve meramente como um símbolo algébrico para fins de comparações entre o valor de um produto e de outro. Para tal, eles são precificados em dólares e centavos, assim como em sua época. O valor do que eu compro com este cartão é descontado pelo funcionário, que marca os quadrados com os preços do que eu peço".

"Caso você queira comprar algo de seu vizinho, é possível transferir seu crédito para ele como consideração?", questionei.

"Em primeiro lugar", o Dr. Leete respondeu, "nossos vizinhos não têm nada para nos vender, mas de qualquer forma, nosso crédito é intransferível, estritamente pessoal. Antes de o país poder ao menos pensar em endossar uma transferência como o senhor descreve, ele deveria questionar as circunstâncias da transação, garantindo assim a equidade absoluta. Seria motivo suficiente, se não houvesse outro,

para abolir o dinheiro, que sua posse não indicasse um título legítimo. Nas mãos do homem que havia roubado ou assassinado, uma mercadoria valia tanto quanto nas mãos de quem a havia conquistado por seu esforço. Hoje em dia, as pessoas trocam presentes e favores por amizade. Comprar e vender é considerado algo absolutamente inconsistente com a benevolência mútua e abnegação que deveria imperar entre cidadãos, além do senso de interesse comunal que dá as bases de nosso sistema social. De acordo com nossas ideias, comprar e vender é essencialmente antissocial, em todas as suas variantes. Trata-se de uma doutrina de egoísmo às custas dos outros, e nenhuma sociedade cujos cidadãos são treinados sob tal doutrina poderia se erguer para além de um grau muito baixo de civilização".

"E se vocês gastarem mais do que o previsto em seu cartão em um ano?", eu perguntei.

"A reserva provida é tão ampla que é mais verossímil não gastar tudo", o Dr. Leete respondeu. "Mas se gastos excedentes exaurirem a reserva, podemos obter um adiantamento limitado do crédito do ano seguinte, embora tal prática não seja encorajada, e um desconto considerável seja cobrado para tal. É claro: se alguém der mostras de ser um perdulário, receberá um adiantamento mensal ou semanal, não anual; caso necessário, o empréstimo não será liberado."

"Caso a cota não seja gasta, é possível acumulá-la?"

"Isso, igualmente, é permitido até certa medida, quando uma despesa especial for antecipada. Porém, a menos que seja dado aviso indicando o contrário, presume-se que o cidadão que não gasta totalmente seu crédito não tenha tido ocasião de fazê-lo, de forma que o saldo é transformado em um excedente geral.

"Esse sistema não encoraja hábitos de economia por parte dos cidadãos", eu afirmei.

"Não é sua intenção", foi a resposta. "O país é rico, e não deseja que as pessoas se privem de qualquer coisa boa. Em sua época, as pessoas eram obrigadas a poupar bens e dinheiro pensando em uma insuficiência futura de meios para sustentarem a si e seus filhos. Essa necessidade transformou a parcimônia em uma virtude. Agora, sem esse objeto louvável e tendo perdido sua utilidade, ela deixou de ser considerada uma virtude. Ninguém mais se preocupa com o dia de amanhã, seja para prover para si ou para seus filhos, pois a nação garante a alimentação, a educação e a vida confortável de todos os cidadãos, do berço ao túmulo".

"Que garantia significante!", eu disse. "Que certeza pode haver de que o valor do trabalho de um homem recompensará os gastos que o país terá com ele? De modo geral, a sociedade até pode ser capaz de

sustentar todos seus membros, mas alguns devem ganhar menos do que o suficiente para se sustentar, e outros mais. Isso nos faz voltar mais uma vez à questão dos salários, sobre a qual não falamos nada até então. Foi justo nesse ponto, se o senhor se lembra, que nossa conversa estacou na noite passada. Digo novamente, como fiz então, que nesse ponto um sistema industrial nacional como o seu supostamente encontra sua principal dificuldade. Pergunto mais uma vez: como ajustar satisfatoriamente os salários comparativos ou a remuneração de uma porção de funções, tão diferentes e numerosas, necessárias para o serviço da sociedade? Em nossa época, a taxa de mercado determinava o preço da mão-de-obra de todos os tipos, assim como dos bens. O empregador pagava o mínimo que podia, e o trabalhador aceitava. Eticamente falando, não era um sistema agradável, admito. Mas pelo menos nos ofereciam uma fórmula pronta, direta, para um problema que precisava ser resolvido dez mil vezes por dia caso o mundo quisesse progredir. Para nós, não parecia haver qualquer outra forma de gerir as coisas."

"Sim", o Dr. Leete respondeu. "Era a única forma viável em um sistema que tornou os interesses de cada indivíduo antagonísticos aos de todo o resto. Teria sido uma pena se a humanidade não tivesse arquitetado um plano melhor; o de vocês era simplesmente a aplicação daquela máxima diabólica nas relações entre humanos: 'sua necessidade é minha oportunidade'. A recompensa de qualquer serviço não dependia de sua dificuldade, perigo ou adversidade, pois por todo o planeta, aparentemente os serviços mais perigosos, árduos e repulsivos eram executados pelas classes menos remuneradas. Isso, porém, ocorria unicamente como exploração dos que mais necessitavam de trabalho."

"Concordo com tudo isso", eu disse. "No entanto, com todos seus defeitos, o plano de estabelecer preços com base na taxa de mercado era um plano prático. Eu não acho que algo satisfatório o possa substituir. Com o governo como o único empregador existente, é claro que não há um mercado de trabalho ou uma taxa de mercado. Todos os salários deveriam, assim, ser afixados arbitrariamente pelo governo. Não consigo imaginar uma função mais complexa e mais delicada do que essa, ou uma que, seja lá como for executada, certamente gera insatisfação universal."

"Desculpe-me", o Dr. Leete respondeu, "mas acho que o senhor exagera essa dificuldade. Suponha um painel composto por homens razoavelmente sensatos, encarregados de estabelecer um teto salarial para todos os tipos de ocupações sob um sistema que, como o nosso, garante emprego para todos, ao mesmo tempo em que permite escolha com base na vocação. Não vê como, por mais insatisfatório que o

primeiro arranjo possa ser, os erros logo se corrigem? As áreas privilegiadas teriam voluntários demais, e aquelas discriminadas teriam uma falta deles, até que finalmente os equívocos se corrigiriam. Mas isso não entra em questão; por mais que esse plano, creio eu, seja suficientemente prático, ele não faz parte de nosso sistema."

"Como, então, vocês regulam salários?", questionei mais uma vez.

O Dr. Leete não respondeu até um longo período de silêncio meditativo. "Eu conheço, é claro", ele disse por fim, "bastante da antiga ordem para compreender aonde quer chegar com essa pergunta. Ainda assim a ordem atual é tão inteiramente diversa nesse aspecto que estou incerto de como responder da melhor forma. O senhor me pergunta como regulamos salários: só posso responder que, na economia social moderna, não há uma noção correspondente a qualquer definição de salário em sua época."

"Acho que o senhor quer dizer que vocês não pagam salário com dinheiro", eu disse. "Mas o crédito concedido ao trabalhador das repartições governamentais corresponde a nossos salários. Como a quantia de crédito dada respectivamente aos trabalhadores em diferentes segmentos é determinada? A título de quê um indivíduo requer sua fatia? Qual é a base de distribuição?"

"A reivindicação de alguém", o dr. Leete respondeu, "é sua humanidade. A base de sua exigência é o fato de ele ser humano."

"O fato de ele ser humano!", repeti, incrédulo. "Você quer dizer que todos recebem a mesma quantia?"

"Com certeza."

Não se pode esperar que os leitores deste livro apreciem o estupor e surpresa que a simples afirmação do Dr. Leete me causou, já que eles não conheceram na prática qualquer outra forma de organização, ou mesmo consideraram com muito cuidado relatos históricos de épocas anteriores nas quais um sistema muito diverso triunfou.

"Você nota", ele disse, sorrindo, "que a questão não é só que não temos dinheiro para pagar os salários, mas, como disse, não temos nada que corresponda a sua ideia de salário."

Nesse momento me recompus até poder expressar algumas críticas que logo vieram a minha mente, homem do século XIX que eu era, acerca desse impressionante arranjo. "Alguns executam o dobro do trabalho dos outros!", exclamei. "Os trabalhadores mais capazes estão contentes com um plano que os coloca no mesmo nível dos insignificantes?"

"Não damos brecha para qualquer reclamação acerca de injustiça", o Dr. Leete respondeu. "Requerimos precisamente a mesma medida de

trabalho para todos."

"Como isso é possível, é o que eu gostaria de saber, se as capacidades de duas pessoas são desiguais?"

"Nada poderia ser mais simples", foi a resposta do Dr. Leete. "Requirimos que todos se esforcem da mesma forma. Isto é, demandamos o melhor serviço que eles, dentro de suas capacidades, podem oferecer."

"E supondo que todos façam o melhor que podem", eu respondi, "a quantidade de produtos resultantes de um homem será duas vezes maior do que de outro."

"Isso é bem verdade", o Dr. Leete respondeu, "mas a quantidade de produtos resultantes não tem nada a ver com a questão, que é uma questão de abandono. Abandono é uma questão moral, e a quantidade de produtos, uma quantia material. Só um tipo extraordinário de lógica tentaria resolver uma questão moral a partir de uma base material. Apenas a quantidade de esforço é pertinente à questão do abandono de uns. Todos os homens que fazem o seu melhor estão fazendo a mesma coisa. Os dons de um homem, por mais sobrehumanos que sejam, meramente estabelecem a medida de seu dever. Um homem de grandes talentos que não faz tudo o que pode, embora possa produzir mais do que um homem de pequenos talentos, é um trabalhador menos digno do que o último, e morre devendo aos seus companheiros. O Criador designa tarefas aos homens por meio das faculdades com que lhes provê; tudo o que fazemos é reivindicar que elas sejam realizadas."

"Sem dúvida essa é uma bela filosofia", eu disse; "no entanto, parece difícil que o homem que produza duas vezes mais do que o outro, ainda que ambos façam seu melhor, tenha de receber a mesma partilha."

"É o que parece, mesmo?", o Dr. Leete retrucou. "Agora, sabe o que me parece muito curioso? O jeito como isso soa é que hoje um homem que produz o dobro de outro com o mesmo esforço, em vez de ser recompensado, deva ser punido se não o fizer. No século XIX, quando um cavalo carregava uma carga mais pesada do que um bode, creio que fosse recompensado. Agora, deveríamos açoitá-lo sonoramente caso não fizesse pelo motivo de que, sendo muito mais forte, era esse o seu dever. É singular como padrões éticos mudaram." O doutor disse isso com um brilho nos olhos que me forçou a rir.

"Suponho", eu disse, "que o motivo real pelo qual recompensávamos pessoas por seus talentos, enquanto consideramos os de cavalos e bodes unicamente ao requerer seus serviços, era que animais, por não serem seres racionais, davam seu melhor por

natureza. Em contrapartida, pessoas só podiam ser levadas a tal se fossem recompensadas de acordo com sua produção. Isso me leva a questionar por quê, ao menos que a natureza humana tenha mudado significantemente em cem anos, vocês não estão submetidos à mesma necessidade."

"Nós estamos", o Dr. Leete respondeu. "Não acho que houve qualquer mudança no quesito de natureza humana desde sua época. Ela é ainda constituída de forma que incentivos especiais, em forma de prêmios e vantagens a ser conferidos, são requisitos para fomentar os melhores esforços do homem mediano em qualquer direção".

"Mas que incentivo", questionei, "pode um homem ter para dar continuidade a seus melhores esforços quando, independentemente do quanto execute, seu rendimento continuará o mesmo? Grandes caráteres podem ser movidos pela devoção pelo bem-estar geral sob tal sistema, mas o homem mediano não tende a relaxar seu remo, refletindo que não faz sentido se esforçar (já que o esforço nem aumenta, nem o diminui o salário?)".

"Então lhe parece mesmo", meu companheiro respondeu, "que a natureza humana é insensível a quaisquer motivos que não sejam o medo da necessidade e amor pelo luxo? O senhor acha que segurança e igualdade nos meios de vida deixam as pessoas sem quaisquer incentivos para se esforçarem? Seus contemporâneos não pensavam assim, realmente, embora possam ter achado que sim. Quando era uma questão da maior classe de esforços, de autodevoção mais absoluta, eles dependiam de incentivos muito diferentes. Não salários maiores, mas honra e esperança da gratidão dos homens, patriotismo e inspiração do dever eram os motivos a que eles expunham seus soldados quando se tratava de uma questão de morrer pela nação. Nunca houve uma era no mundo em que esses motivos evocaram o melhor dos homens mais avançados e mais nobres. Não apenas isso: quando se analisa o amor pelo dinheiro (o impulso generalizado de sua época), descobre que o pavor por sua falta e o desejo por luxo eram algumas das motivações que a busca por dinheiro envolvia. Outras eram o desejo por poder, por status social e reputação por habilidade e sucesso — para muitas pessoas, estas eram as motivações mais influentes. Você vê que embora tenhamos abolido a pobreza e o medo de empobrecer, além do luxo desordenado e a esperança por ele, não tocamos na maior parte dos motivos que fundamentavam o amor pelo dinheiro em épocas anteriores, ou quaisquer motivos que geravam os tipos mais elevados de esforço. As motivações mais grosseiras, que já não nos movem mais, foram substituídas por motivações maiores, completamente desconhecidas para os assalariadores de sua época. Agora que a indústria, em qualquer

categoria, não é mais privada, mas se encontra a serviço da nação, do patriotismo, do amor pela humanidade, o trabalhador é impelido da mesma forma que, em sua época, era o soldado. O exército industrial é um exército não só em virtude de sua disciplina perfeita, mas também pelo ardor da devoção que anima seus membros.

Só que, da mesma forma que vocês costumavam suplementar os motivos patrióticos com o amor pela glória, estimulando assim a moral de seus soldados, assim estamos fazemos agora. Levando em conta o princípio de exigência da mesma quantidade de esforço para todos os homens, como ocorre em nosso sistema industrial, o senhor verá que o modo pelo qual estimulamos os trabalhadores a darem o melhor de si é uma parte crucial de nosso plano. Para nós, diligência ao serviço nacional é a maneira certa de se atingir fama pública, distinção social e poder oficial. O valor dos serviços de um homem para a sociedade define sua hierarquia dentro dela. Comparado ao efeito de nossos mecanismos sociais para impelir as pessoas a serem zelosas em seus negócios, consideramos os exemplos práticos de pobreza extrema e luxo irresponsável (dos quais vocês dependiam) dispositivos fracos e inseguros, no mesmo nível em que eram bárbaros. O pendor para a honra, mesmo em sua época sórdida, impelia os homens a esforços mais desesperados do que o amor pelo dinheiro seria capaz."

"Estou extremamente interessado", eu disse, "em saber algo acerca de que mecanismos são esses."

"O plano se revela em seus detalhes", o médico respondeu. "É claro que ele é muito bem elaborado, já que nele reside toda a organização de nosso exército industrial; mas umas poucas palavras darão uma ideia geral dele".

Nesse momento a conversa na plataforma aérea sobre a qual estávamos foi agradavelmente interrompida pela chegada de Edith Leete. Ela estava vestida para sair e tinha vindo para falar com seu pai a respeito de alguma incumbência que ficou de fazer.

"Aliás, Edith", ele exclamou quando ela estava prestes a nos deixar, "fico pensando se o Sr. West não estaria interessado em visitar o armazém com você. Eu disse algo sobre nosso sistema de distribuição para ele, e talvez ele possa gostar de vê-lo funcionando na prática."

"Minha filha", ele acrescentou, voltando-se para mim, "é uma compradora incansável, e pode lhe contar mais sobre lojas do que eu".

A proposta, naturalmente, era de meu interesse, e Edith foi bondosa o bastante para dizer que ficaria contente em ter-me como companhia. Em seguida, saímos juntos da casa.

Capítulo 10

"Se eu explicar nosso modo de fazer compras", disse minha companheira conforme caminhávamos pela rua, "você deve antes explicar o seu para mim. Nunca fui capaz de entendê-lo de acordo com o que li a respeito. Por exemplo, considerando que vocês tinham um vasto número de lojas, cada qual com um acervo diferente, como uma dama podia decidir fazer qualquer compra até ter visitado todas as lojas? Até que o fizesse, ela não saberia o que havia para ser escolhido".

"Era como você supõe; esse era o único modo de ela saber o que comprar", respondi.

"Meu pai me chama de uma compradora insaciável, mas eu me cansaria logo se tivesse de fazer o que elas faziam", Edith comentou, rindo.

"A perda de tempo de ter que ir de loja em loja era, de fato, um desperdício do qual as mais atarefadas reclamavam amargamente", eu disse. "Mas para as damas da classe ociosa, embora também reclamassem, creio que o sistema era na verdade uma dádiva divina por prover um excedente de tempo".

"Mas digamos que houvesse milhares de lojas em uma cidade; centenas, talvez, do mesmo tipo: como encontrar tempo para visitá-las, mesmo no caso dos mais ociosos?"

"Não era possível visitar todas, é claro", respondi. "As pessoas que compravam em grandes quantidades descobriam com o tempo onde podiam esperar encontrar aquilo que desejavam. Essa classe transformou a expertise em lojas em uma ciência, e compravam pensando em vantagens, sempre adquirindo mais e o melhor pela menor quantia de dinheiro. Requeria-se, porém, longa experiência para chegar a esse conhecimento. Os mais ocupados ou compravam muito pouco para serem capaz de adquirir tal conhecimento, ou tentavam a sorte e geralmente eram infelizes em suas escolhas, levando menor e o pior por uma maior quantia de dinheiro. Era uma mera questão de sorte se as pessoas sem experiência em compras receberiam algo equivalente ao valor de seu dinheiro".

"Mas por que vocês aceitavam esse arranjo espantosamente inconveniente se enxergavam suas brechas tão claramente?", Edith perguntou.

"Era como todos nossos outros arranjos sociais", respondi. "Vocês

podem ver suas brechas de forma algo mais clara que nós víamos as nossas, com a diferença que de não sabíamos como remediá-las".

"Aqui estamos: no armazém de nosso departamento", disse Edith conforme chegávamos a um grande portal de um dos prédios públicos magníficos que eu observara durante minha caminhada matinal. Não havia nada no aspecto exterior do edifício que sugerisse uma loja para um representante do século XIX. Não havia qualquer disposição de mercadorias nas grandes vitrines ou qualquer dispositivo de publicidade de produtos, ou ainda para atrair a clientela. Tampouco havia qualquer tipo de placa ou legenda na frente do prédio indicando o caráter dos negócios ali efetuados; pelo contrário, sobre o umbral que se destacava da frente do prédio havia um grupo majestoso de estatuária em tamanho real cuja figura central era um ideal feminino da Abundância, com sua cornucópia. Julgando pela composição da multidão que ia e vinha, havia a mesma proporção de membros de ambos os sexos entre compradores. Ao entrarmos, Edith disse que existe uma daquelas instalações enormes em cada departamento da cidade, de forma que nenhuma casa ficava a mais de cinco ou dez minutos de distância a pé de um deles. Aquele era o primeiro interior de um edifício público do século XX que eu avistara, e o espetáculo naturalmente me impressionou bastante. Eu me encontrava em um vasto saguão repleto de luzes que vinham não só de janelas por todos os lados, como também de um domo, cujo cimo se encontrava a uma centena de pés acima de nós. Abaixo dele, no centro do saguão, uma fonte magnífica estava ligada, refrescando a atmosfera com um frescor delicioso de seus jatos. As paredes e teto traziam afrescos em tons suaves, calculados para suavizar o ambiente sem absorver a luz que invadia os interiores. Em torno da fonte estava um espaço ocupado por cadeiras e sofás, onde muitas pessoas estavam sentadas, conversando. Por todo o saguão, placas sobre as paredes indicavam para qual tipo de mercadorias cada caixa correspondia. Edith se dirigiu em direção de uma área onde amostras de musselina de variedades impressionantes estavam à mostra, e partiu para inspecioná-las.

"Onde está o atendente?", questionei, já que não havia ninguém atrás do caixa, e ninguém parecia vir atender os clientes.

"Não preciso de um funcionário ainda", disse Edith; "ainda não fiz minha seleção".

"Era a função principal de atendentes ajudar as pessoas a fazerem suas escolhas na minha época", respondi.

"Mas o quê? Para dizer às pessoas o que elas queriam?"

"Sim. E, o que ainda era mais comum, para as induzir a comprar o que não queriam."

“Mas as damas não achavam isso impertinente?”, Edith perguntou, pensativa. “Que interesse os funcionários poderiam ter no fato de as pessoas comprarem algo ou não?”

“Esse era seu único interesse”, respondi. “Eles eram contratados com o objetivo de se livrar das mercadorias, e esperava-se que fizesse o máximo, com exceção de usar a força, para chegar a tal fim”.

“Ah, sim! Quão estúpida sou de esquecer”, disse Edith. “O lojista e seus funcionários dependiam da venda de mercadorias para se sustentarem em sua época. É claro que tudo é diferente agora. Os bens são propriedade do país. Eles estão aqui para quem precisar deles, e é a função dos funcionários atender as pessoas e anotar seus pedidos; mas isso não ocorre com o interesse do funcionário ou do país de empurrar algo para alguém que não o queira”. Ela sorriu conforme adicionou: “quão estranho devia ser ter funcionários tentando induzir as pessoas a levarem o que não queriam, ou acerca do qual tinham suas dúvidas!”

“Mas mesmo um funcionário do século XX pode ser útil provendo informações sobre os produtos, embora não a incite a comprá-los”, sugeri.

“Não”, disse Edith. “Esta não é a função desses funcionários. Estes cartões impressos, responsabilidade de autoridades do governo, nos dão toda a informação necessária”.

Vi então que havia, preso a cada amostra, um cartão contendo, de forma sucinta, uma listagem completa dos componentes e materiais dos produtos, assim como de suas qualidades e preço, não deixando qualquer aspecto de fora.

“Então o funcionário não tem nada a dizer sobre os produtos que vende?”, eu disse.

“Nada mesmo. Não é necessário que ele saiba ou finja saber qualquer coisa a respeito deles. Cortesia e rigor na hora de anotar os pedidos é tudo o que se pede dele”.

“De que quantidade imensa de mentiras um arranjo simples como este nos poupa!”, exclamei.

“Você está dizendo que todos os funcionários mentiam sobre seus produtos na sua época?”, Edith questionou.

“Deus me livre de dizer isso!”, Respondi. “Havia muitos que não faziam isso, e mereciam crédito por tal, já que o sustento de uma pessoa de sua esposa e filhos dependiam da quantidade de produtos que vendesse. Assim, a tentação de enganar o cliente — ou deixar que enganasse a si mesmo — era avassaladora. Mas, Srta. Lette, estou distraindo você de sua tarefa com minha conversa”.

“Não mesmo. Já fiz minhas escolhas”. Com isso, ela apertou um botão e, em um instante, um funcionário apareceu. Ele anotou o pedido em uma tábua com um lápis que gerava duas cópias, entregando a ela uma e encaixando a outra parte em um pequeno receptáculo, lançando-a adentro de um tubo de transmissão.

“A cópia do pedido”, disse Edith conforme se afastava do caixa, assim que o funcionário marcou o valor da compra no cartão de crédito que lhe foi entregue, “é dada ao comprador para que quaisquer erros em sua transação possam ser facilmente identificados e retificados”.

“Você foi bastante rápida em sua seleção”, eu disse. “Deixe-me perguntar: como vocês sabem que não poderiam encontrar algo mais adequado em alguma das outras lojas? Provavelmente exige-se que comprem em seu próprio distrito”.

“Ah, não”, ela respondeu. “Compramos onde bem entendermos, embora, é claro, com maior frequência perto de casa. Mas não ganho nada em visitar as outras lojas. O acervo em todas é exatamente o mesmo, representando em cada caso amostras de todas as variedades produzidas ou importadas pelos Estados Unidos. É por isso que se pode decidir rapidamente, e nunca é necessário visitar duas lojas”.

“E esta é meramente uma loja de amostras? Não vejo funcionários retirando produtos ou marcando pacotes”.

“Todas as nossas lojas são de amostras, exceto no caso de umas poucas categorias de artigos. Os produtos, contando as exceções, estão todos em um grande depósito central da cidade, de onde são enviados diretamente aos produtores. Fazemos o pedido a partir da amostra e a declaração impressa da textura, material e qualidade desejados. Os pedidos são enviados ao armazém, e os produtos distribuídos a partir de lá”.

“Deve haver uma tremenda economia no manuseio de produtos”, eu disse. “Em seu sistema, o produtor vendia para o atacadista, o atacadista para o varejo, e o varejo repassava para o consumidor, e os produtos tinham que ser manuseados repetidas vezes. Assim você evita um dos manuseios dos produtos e elimina o varejo por completo, assim como o enorme lucro e o exército de funcionários que vem para sua manutenção. Pois bem, Srta. Lette, esta loja é meramente o departamento de pedidos para um atacado, sem o complemento dos funcionários do atacadista. De acordo com nosso sistema de manuseio de produtos, um funcionário faz aqui o que dez não fariam ao dividir as tarefas de persuadir o cliente para adquirir, separar e empacotá-los. A economia deve ser enorme”.

“Imagino que sim”, disse Edith, “mas é claro que nunca

conhecemos nada diferente disso. Mas, Sr. West, você não deve deixar de pedir ao meu pai que o leve ao armazém central algum dia, onde recebem os pedidos de diferentes casas de amostras de toda a cidade, dividindo e enviando os produtos ao seu destino. Ele me levou lá há não muito tempo, e foi uma experiência magnífica. O sistema é certamente perfeito. Por exemplo, por ali, naquele tipo de gaiola, fica o funcionário de despachos. Os pedidos, conforme são feitos por diferentes departamentos dentro da loja, são enviados por ele para os transmissores. Seus assistentes os organizam e os inserem na categoria adequada dentro de uma caixa. O funcionário de despachos tem uma dúzia de transmissores pneumáticos a sua frente correspondentes às classes gerais de produtos, cada qual se comunicando com o devido departamento dentro do armazém. Ele joga a caixa de pedidos dentro do tubo onde deve ir, e dentro de uns poucos instantes ela cai sobre uma mesa do mesmo tipo de outras lojas de amostragem. Os pedidos são checados, armazenados e enviados para o arquivo como um relâmpago. Achei o processamento a parte mais interessante. Fardos de tecido são postos em um fuso e virados pelo maquinário, e o talhador, igualmente munido de um maquinário, processa um fardo atrás de outro até se cansar, quando outro homem vem para tomar seu lugar. O mesmo ocorre com aqueles que processam os pedidos em qualquer outra área. Os pacotes são então enviados por meio de tubos mais largos para os distritos municipais, e de lá distribuídos para as residências. Para você ter uma ideia de quão rápido tudo isso é feito, meu pedido provavelmente chegará em casa mais rápido do que se eu o retirasse aqui."

"Como vocês lidam com distritos rurais pouco povoados?", eu perguntei.

"O sistema é o mesmo", Edith explicou. "As lojas de amostras dos vilarejos estão conectadas por transmissores com o armazém central da região, que pode estar situado até a vinte milhas de distância. A transmissão é tão rápida, porém, que o tempo gasto entre os dois pontos é insignificante. No entanto, para poupar gastos, em muitas regiões um só conjunto de tubos conecta diversos vilarejos ao armazém, de forma que não há perda de tempo na espera por outro. Às vezes, levam duas ou três horas até que os produtos requeridos sejam recebidos. Foi o que ocorreu onde eu passei o último verão, e achei tudo muito inconveniente."

"Devem haver vários outros aspectos, sem dúvida, em que lojas do interior são inferiores às da cidade", sugeri.

"Não", Edith respondeu. "Elas são exatamente tão boas quanto as daqui. A loja de amostras no menor vilarejo, assim como esta, fornece todas as variedades de produtos que o país tem, pois o armazém de

uma região remota deriva da mesma fonte que o da cidade".

Conforme caminhávamos para casa, fiz um comentário sobre a grande variedade em tamanho e custos das casas. "Como é", perguntei", que esta diferença é consistente com o fato de que todos os cidadãos têm a mesma renda?"

"Isso é porque", Edith explicou, "embora a renda seja a mesma, o gosto pessoal determina como o indivíduo a gastará. Alguns gostam de cavalos de raça; outros, como eu, preferem belas roupas; há ainda aqueles que desejam para si uma mesa mais elaborada. Os aluguéis que o país recebe por essas casas variam de acordo com o tamanho, elegância e localização, de forma que todos são capazes de achar algo que lhes convenha. As casas maiores geralmente são ocupadas por famílias maiores, em que há vários para colaborar no aluguel. Enquanto isso, famílias pequenas como a nossa acham casas menores mais convenientes e mais econômicas. É simplesmente uma questão de gosto e conveniência. Li que antigamente as pessoas em geral mantinham lojas e faziam outras coisas pelas quais não conseguiam pagar por ostentação, para fazer os demais acharem-nas mais ricas do que eram. Era realmente assim, Sr. West?"

"Tenho que admitir que era", respondi.

"Veja bem, hoje em dia isso não é possível, pois a renda de todo mundo é conhecida, e sabe-se que o que é gasto em uma área deve ser economizado em outra".

Capítulo 11

Assim que chegamos em casa, o Dr. Leete ainda não retornara, e não se podia avistar a Sra. Leete. “Você gosta de música, Sr. West?”, Edith perguntou.

Assegurei que música, na minha opinião, era a metade de minha vida.

“Eu deveria pedir desculpas por perguntar”, ela disse. “Não é uma pergunta que fazemos hoje em dia; mas li que em sua época, mesmo entre a classe educada, havia alguns que não se importavam com música”.

“Deve-se lembrar”, eu disse, “que tínhamos alguns tipos absurdos de música”.

“Sim”, ela disse, “disso eu sei; temo que eu mesma não teria gostado. Quer ouvir algo da nossa, de agora, Sr. West?”

“Não há nada que eu queria mais do que ouvir você cantar”, eu disse.

“Me ouvir cantar!”, ela exclamou, rindo. “Acha mesmo que eu ia tocar e cantar para você?”

“É o que esperava, com certeza”, respondi.

Vendo que eu estava um pouco estupefato, ela controlou seu humor e me explicou. “É claro, hoje em dia cantamos para fins de treino da voz, e alguns tocam instrumentos para sua diversão pessoal; mas a música profissional é tão maior e mais aperfeiçoada do que qualquer performance nossa, e tão facilmente acionada quando desejamos ouvi-la, que não consideramos nossa própria cantoria ou execução musical propriamente ditas. Todos os cantores e instrumentalistas estão na indústria musical, e o resto de nós deixamo-os em paz, em geral. Mas, realmente, você quer ouvir um pouco de música?”

Assegurei-a mais uma vez de que queria.

“Então venha para o salão de música”, ela disse. Segui-a para dentro de um cômodo sem guarnições, com acabamentos de madeira e o assoalho em madeira polida. Estava preparado para ver novos modelos de instrumentos musicais, mas não vi nada no cômodo que pudesse, em qualquer recôndito da imaginação, ser taxado como tal.

Era evidente que minha aparência de confusão estava garantindo uma enorme diversão para Edith.

"Por favor, contemple a música de hoje", ela disse, entregando-me um cartão, "e diga-me o que prefere. Agora são cinco horas, lembre-se".

O cartão trazia a data '12 de setembro de 2000' e continha a mais extensa programação musical que eu já havia visto. Era algo tão variado quanto era longo, incluindo as combinações mais extraordinárias de vocal e instrumentos solo, duetos, quartetos e demais combinações orquestrais. Fiquei espantado pela lista prodigiosa até a ponta do dedo rosado de Edith indicar uma sessão particular ali, onde diversas seleções estavam entre chaves, com as palavras "5 da tarde" ao lado. Então, observei como essa programação prodigiosa cobria todo um dia, sendo dividida em vinte e quatro sessões correspondentes às horas. Havia umas poucas músicas na sessão das 5 horas, e indiquei uma peça de órgão de minha preferência.

"Fico contente que você goste de órgão", ela disse. "Acho que há poucos tipos de música que se adequem com mais frequência ao meu humor".

Fazendo-me sentar confortavelmente e cruzando o salão tão longe quanto podia, ela apenas tocou uma ou duas alavancas e, de pronto, todo o salão fora preenchido com a música de um grandioso hino em órgão; não preenchido, inundado, pois o volume da melodia, de alguma forma, foi adaptado perfeitamente ao tamanho do cômodo. Escutei, sem fôlego, até o fim. Aquela música, tão perfeitamente arranjada, era algo que eu nunca esperava escutar.

"Grandiosa!", exclamei conforme a última onda sonora irrompeu e desapareceu no silêncio. "Bach deve estar em frente às teclas daquele órgão; mas onde está o órgão?"

"Aguarde um momento, por favor", disse Edith. "Quero que você ouça esta valsa antes de fazer quaisquer perguntas. Acho ela perfeitamente charmosa". Conforme ela falava, o som de violinos encheram o aposento com a feitiçaria de uma noite de verão. Quando mais esta terminou, ela disse: "Não há nada de minimamente misterioso na música, como você parece imaginar. Ela não é feita por fadas ou djins, mas pelas mãos humanas; por mãos boas, honestas e bem engenhosas. Simplesmente transferimos a ideia de divisão de trabalho por cooperação para o serviço musical, como ocorre em todas as outras coisas. Há vários salões musicais espalhados pela cidade, adaptados acusticamente de forma impecável aos diferentes gêneros musicais. Esses salões estão conectados por telefone a todas as casas da cidade cujos habitantes não se importem em pagar uma pequena

taxa — e não há nenhum, na verdade, que se importe. O grupo de musicistas ligados a cada salão é tão numeroso que, embora nenhum artista ou grupo de artistas tenha mais do que um breve tempo de participação, a programação de cada dia dura por todas as vinte e quatro horas. Por hoje constarão naquele cartão, como verá se observar de perto, programações diferentes de quatro desses concertos. Cada uma está em ordem diferente da outra, embora estejam sendo tocadas simultaneamente; qualquer uma das quatro peças de sua preferência, tocando neste momento, pode ser tocada com um aperto do botão que conectará a fiação de sua casa à sala onde a música está sendo produzida. As programações estão coordenadas de forma que as peças em qualquer momento, em diferentes salões, forneçam uma opção geral não só entre instrumental e vocal, além de diferentes tipos de instrumentos, mas também entre diferentes motivos do grave ao *allegro*, de forma que se agrade todos os gostos e estados de espírito".

"Parece-me, Srta. Leete", eu disse, "que se tivéssemos conseguido imaginar um jeito de prover música para todos em suas casas — perfeita em qualidade, ilimitada em número, adequada para todos os humores e começando e terminando indefinidamente — então teríamos considerado o ápice da fortuna humana atingido, e cessaríamos de nos esforçar por demais melhorias".

"Tenho certeza que nunca poderia imaginar como aqueles entre vocês que dependem de música davam conta de aguentar o sistema antiquado que a provia", Edith respondeu. "Suponho que música de fato digna de ser ouvida estivesse completamente fora do alcance das massas, e fosse consumida somente pelos mais favorecidos, com muito trabalho, à custos exorbitantes e por breves períodos, arbitrariamente afixados por outra pessoa e com ligação a toda sorte de circunstâncias indesejáveis. Seus concertos, por exemplo, e as óperas! Quão perfeitamente irritante devia ser ter de sentar por horas ouvindo algo que você não se importava em função de uma ou duas peças musicais de seu agrado! Agora, na hora do jantar pode-se deixar passar os trechos que não importam. Quem jantaria, mesmo que estivesse faminto, se fosse requerido comer tudo trazido à mesa? Tenho certeza que a sensibilidade que se aplica ao gosto, se aplica também à audição. Suponho que foram tais dificuldades a caminho da condução de boa música que os fizeram suportar, em suas casas, aquilo que era tocado e cantado por gente que só tinha os rudimentos da arte".

"Sim", respondi. "Para muitos de nós, isso ou nada eram as opções musicais.

"Pois bem", Edith suspirou, "quando se considera as coisas de fato, não é estranho que as pessoas naquela época não ligassem para

música. Ouso dizer que eu teria detestado, também".

"Eu entendi bem", perguntei, "ou essa programação musical cobre todas as vinte quatro horas do dia? Parece que sim segundo este cartão, decerto, mas quem é que ouve música entre, digamos, meia-noite e a manhã?"

"Ah, muitos", Edith respondeu. "Nossa gente está acordada em todos os horários; mas se fosse provida música da meia-noite até a manhã para ninguém mais, ela ainda estaria lá para os insones, os enfermos, os moribundos. Todos os nossos quartos de dormir têm um telefone em anexo à cabeceira da cama, pelo qual qualquer pessoa que estiver insone pode escolher sua música como quiser, do tipo que condiga com seu estado de espírito".

"Há um dispositivo assim no quarto que me foi designado?"

"Mas é claro, e quão tonta fui em não me lembrar de lhe dizer isso ontem à noite! Meu pai lhe mostrará o dispositivo antes da hora de dormir de hoje, porém. Com um fone em seu ouvido, tenho certeza que será capaz de se livrar, com um estalar de dedos, de quaisquer sentimentos estranhos caso voltem a atormentá-lo".

Naquela noite, o Dr. Leete nos questionou acerca de nossa visita à loja, e no decorrer da comparação ao ataque à queima-roupa que se seguiu (sobre as maneiras do século XIX e XX), algo acerca da questão da herança veio à tona. "Suponho", eu disse, "que a herança de propriedade não seja permitida".

"Pelo contrário", o Dr. Leete respondeu, "não se interfere nisso. Na verdade, descobrirá, Sr. West, conforme nos conhecer, que há bem menos interferência em qualquer tipo de liberdade individual do que aquelas com as quais vocês estavam acostumados. Requer-se de nós, de fato, por lei, que todos sirvamos ao país por um período estipulado, em vez de nos ser dadas as opções (como a vocês) entre trabalhar, roubar ou passar fome. Isso com exceção de uma lei fundamental, que é, na realidade, meramente uma codificação da lei da natureza que influencia todos os humanos de igual medida — o édito do Éden. Nosso sistema não depende de legislação em qualquer aspecto; antes, é completamente voluntário. A consequência lógica da operação da natureza humana sob condições racionais. Esta questão da herança ilustra justamente este ponto. O fato de que o país é o único capitalista e proprietário de terras, é claro, restringe a posse individual ao crédito anual, e o que pertencentes pessoais ou de uma família que ele possa comprar. Seu crédito, como uma anuidade em sua época, cessa com sua morte, com uma taxa fixa para gastos funerários. Suas outras posses ele distribuirá conforme lhe aprouver".

"O que fazer para evitar, com o passar do tempo, que tais

acumulações de bens e mercadorias nas mãos de indivíduos interferisse seriamente na igualdade em condições dos cidadãos?", eu perguntei.

"Esse problema se resolve de forma muito simples" foi a resposta. "Sob pressão da atual organização social, acumulações de propriedade pessoal são unicamente desgastantes no momento em que vão além do que se assoma ao conforto real das pessoas. Em sua época, se um homem tinha a casa apinhada de ouro e prataria, porcelana chinesa rara, móveis caros e afins, ele era considerado rico, pois essas coisas representavam dinheiro, e podiam, a qualquer momento, se transformar em dinheiro. Hoje em dia, alguém cujos legados de uma centena de parentes, morrendo simultaneamente, estivesse em uma posição similar, seria considerado muito infeliz. Os artigos, caso não fossem vendidos, não teriam valor para ele exceto por seu uso real ou pela apreciação de sua beleza. Por outro lado, com a manutenção de sua renda, ele teria que exaurir seu crédito para contratar estabelecimentos para estocar seus bens, e ainda pagar a mais pelo serviço de tomar conta deles. Pode ter certeza que esse homem não perderia tempo em distribuir entre seus amigos os bens que só lhe tornariam mais pobre, e que nenhum desses amigos aceitariam mais do que aquilo para o qual conseguiriam, facilmente, achar um lugar de estoque, ou tempo para tomar conta. Você vê, então, que proibir herança de propriedade pessoal tendo em vista prevenir grandes acumulações seria uma precaução supérflua para o país. É possível confiar que o cidadão individual tomará conta de não se sobrecarregar. Ele é tão cuidadoso nesse aspecto que seus parentes geralmente abrem mão da maioria das posses de amigos falecidos, reservando para si apenas objetos particulares. O país se encarrega das mercadorias deixadas de lado, transformando as de valor, mais uma vez, em estoque comum".

"O senhor falou sobre pagar pelo serviço de cuidado doméstico", eu disse, "o que sugere uma pergunta que muitas vezes estive prestes a fazer. Como vocês lidam com o problema do serviço doméstico? Quem está disponível para ser empregado doméstico em uma comunidade onde todos estão socialmente igualados? Nossas damas achavam suficientemente difícil encontrar um mesmo quando havia pouco interesse por igualdade social."

"É precisamente por termos nos tornado todos socialmente iguais e tal igualdade não pode ser comprometida, e em função de o serviço ser honroso em uma sociedade cujo princípio fundamental é que cada um deve servir aos demais, que poderíamos facilmente dispor de um exército de criados domésticos – um com que você nunca poderia ter sonhado. Mas isso se precisássemos", respondeu o Sr. Leete. "Mas não

precisamos."

"Quem executa seu trabalho doméstico, então?" , eu perguntei.

"Não há nenhum para ser feito", disse a Sra. Leete, para quem eu dirigira a questão. "Todas nossas roupas são lavadas em lavanderias públicas a preços bastante baixos, e cozinhas públicas fazem nossa comida. A manufatura e reparo de tudo o que vestimos são feitos fora, nas oficinas públicas. A eletricidade, é claro, substituiu todas as lareiras e iluminação. Não escolhemos casas maiores do que precisamos, e as arrumamos de forma a exigir o mínimo de trabalho para mantê-las em ordem. Não há necessidade de criados domésticos."

"O fato", disse o Dr. Leete, "de vocês terem nas classes mais pobres um suprimento incessante de servos, sobre as quais podiam impor todo tipo de tarefas dolorosas e desagradáveis, tornava-os indiferentes aos dispositivos que dispensavam a necessidade deles. Mas agora que todos temos que realizar qualquer trabalho necessário para a sociedade, todos os indivíduos na sociedade têm o mesmo interesse geral, além de pessoal, por dispositivos que aliviem seu fardo. Esse fato proveu um impulso prodigioso no ramo de invenções a fim de poupar trabalho em todos os setores da indústria. A combinação do máximo em conforto e o mínimo em problemas em cuidados com a casa foi um dos resultados iniciais disso.

"Em caso de emergências especiais na casa", continuou o Dr. Leete, "como limpeza profunda e renovação, ou doença na família, sempre podemos requerer assistência da força industrial."

"Mas como vocês recompensam esses assistentes, já que não têm dinheiro?"

"Não os pagamos, é claro; o país paga. Seus serviços podem ser obtidos via requerimento em um escritório específico, e seu valor é marcado no cartão de crédito do requerente."

"Que paraíso para as mulheres o mundo deve ser hoje em dia!", exclamei. Em minha época, mesmo a riqueza e uma criadagem ilimitada não livrava as patroas de cuidados domésticos, ao passo que as mulheres de classes confortáveis e mais pobres viviam e morriam mártires desses cuidados.

"Sim", a Sra. Leete disse. "Li algo a respeito, o bastante para me convencer que, por piores que fossem as condições dos homens de sua época, eles eram mais afortunados do que suas mães e esposas".

"Os ombros largos do país agora sustentam o fardo que quebrava as costas das mulheres de sua época como se fosse uma pluma", disse o Dr. Leete. A miséria delas, com todas as demais, vinham da incapacidade de cooperação derivada do individualismo sobre o qual seu sistema social se fundava; de sua inabilidade de perceber que

podia lucrar dez vezes mais de seus companheiros unindo-se com eles, ao invés de combatê-los. Incrível é não que vocês não viviam em maior conforto, mas que conseguiam viver; vocês que eram confessamente inclinados a fazer um do outro seu criado, assegurando a posse dos bens alheios."

"Ei, ei, meu pai, se for tão veemente o Sr. West achará que está o censurando", interpôs Edith, rindo.

"Quando se deseja um médico", eu perguntei, "simplesmente se faz um requerimento em um escritório indicado, e então algum é enviado?"

"Essa regra não funciona bem no caso de médicos", respondeu o Dr. Leete. "O bem que um médico pode fazer depende bastante do quanto ele sabe das tendências e condições de seu conhecido. O paciente deve estar apto, portanto, a chamar um médico em particular, e ele o faz assim como os pacientes faziam em sua época. A única diferença é que, em vez de coletar sua taxa para si, o médico a coleta do país, marcando a quantidade arrecadada de acordo com uma medida regular de consulta médica, a partir do cartão de crédito do paciente."

"Posso imaginar", disse eu, "que se a taxa é sempre a mesma, e um médico não pode dispensar pacientes, como deve ser, os bons médicos são convocados constantemente e os ruins são deixados ociosos".

"Em primeiro lugar, se você puder fazer vistas grossas para a aparente presunção de um médico aposentado", respondeu o Dr. Leete com um sorriso, "não temos maus médicos. Um qualquer que queira se familiarizar com uns tantos termos médicos não tem a liberdade para praticar medicina nos corpos dos cidadãos, como era em sua época. Ninguém que não seja um estudante admitido nos exames severos de nossas escolas, e que prove claramente sua vocação, pode atuar. Assim, igualmente, você observará que hoje em dia não há tentativa por parte dos médicos de consolidar sua prática às custas de outros médicos. Não haveria motivo para isso. De resto, o médico deve produzir relatórios regulares de seu consultório, e caso não esteja suficientemente ocupado, encontrarão trabalho para ele executar".

Capítulo 12

Sendo infinitas as perguntas que eu precisava perguntar antes de adquirir um conhecimento panorâmico das instituições do século XX, e pelo fato de a natureza afável do Dr. Leete também parecer ser infinita, ficamos sentado por horas conversando após as damas nos deixarem. Lembrando meu anfitrião do ponto em que nossa conversa parou naquela manhã, expressei minha curiosidade em saber como a organização do exército industrial pôde oferecer um estímulo suficiente para a diligência, na falta de qualquer ansiedade por parte dos trabalhadores em relação a seu sustento.

"É preciso entender antes de tudo", respondeu o médico, "que o oferecimento de incentivos para que haja empenho é um dos aspecto visados na organização adotada em nosso exército. O outro, igualmente importante, é assegurar homens de habilidades comprovadas para a condição de dirigentes de arquivos e capitães da força, além de altos funcionários do país – homens que se comprometam, por suas próprias carreiras, a manter seus empregos no nível mais elevado de performance e não aceitar procrastinação. O exército industrial é organizado tendo esses dois objetivos em vista. Primeiramente vem um nível não identificado de trabalhadores comuns, homens de todas as funções, aos quais todos os recrutas pertencem durante seus primeiros três anos. Esse nível é um tipo de escolarização, um bastante rígido, no qual jovens são treinados nos hábitos da obediência, subordinação e devoção aos deveres. Apesar de a natureza híbrida de trabalho desse contingente previnir a alocação sistemática de trabalhadores que, só posteriormente, se tornará possível, registros individuais são mantidos; assim, a excelência no exercício da função é recompensada por distinções correspondentes às penalidades que a negligência acarreta. Porém, não é uma regra entre nós fazer com que descuidos joviais e indiscrição, senão quando forem profundamente culpáveis, prejudiquem as carreiras futuras dos jovens. Todos que passarem pelo nível sem classificação sem escândalos sérios têm uma oportunidade igual de escolher o emprego vitalício que melhor lhes aprouver. Ao escolhê-lo, adentram na carreira como aprendizes. A duração desse estágio naturalmente difere de acordo com diferentes ocupações. Ao fim do estágio, o aprendiz se torna um trabalhador pleno, membro de seu ofício ou guilda. Pois bem, não só os registros individuais dos aprendizes são estritamente mantidos (no

que diz respeito à habilidade e industriosidade) e sua excelência é distinta a partir das distinções cabíveis – também a posição do aprendiz entre os trabalhadores plenos dependerá da média desse registro.

Ao passo que as organizações internas de diferentes indústrias, mecânicas ou agrícolas, diferem de acordo com suas condições peculiares, elas coincidem na divisão geral de seus trabalhadores de acordo com habilidade nos níveis um, dois e três. Esses níveis são, em muitos casos, subdivididos em primeira e segunda classes. De acordo com sua posição durante o aprendizado, um jovem é designado para seu posto tal qual um trabalhador do primeiro, segundo ou terceiro nível. É claro, apenas pessoas de habilidade descomunal passam diretamente do estágio para o primeiro nível dos trabalhadores. A maioria é encaminhada para os níveis mais inferiores, subindo conforme ganham mais experiência, por meio de rerranqueamentos periódicos. Tais rerranqueamentos ocorrem em cada indústria a intervalos correspondentes à duração do estágio para a mesma indústria. Assim, o mérito nunca precisa esperar muito para erguer a pessoa, tampouco qualquer um pode apoiar-se em conquistas passadas ao menos que caia em um nível mais baixo. Uma das vantagens notáveis de um nível superior é o privilégio que ele confere ao trabalhador de eleger quais ramos ou processos diversos de sua área perseguirá, na condição de especialista. É claro que não há intenção de que qualquer um desses processos seja desproporcionalmente árduo. Muitas vezes há muita diferença entre eles, contudo, e o privilégio da escolha vai para quem for melhor avaliado. De fato, até onde for possível, mesmo as preferências dos trabalhadores mais inferiores são consideradas ao serem designados para dado ramo do trabalho, pois não apenas sua felicidade, como também sua utilidade é incrementada dessa forma. Contudo, enquanto o desejo de uma pessoa de nível menor é consultado, até onde as exigências do serviço permitir, ele só será considerado uma vez que as pessoas de níveis maiores foram acomodadas. Geralmente ele tem que se contentar com uma segunda ou terceira opção, e mesmo com uma tarefa arbitrária quando sua ajuda foi necessária. Tal privilégio da escolha está presente em todos os rerranqueamentos; quando uma pessoa perde seu posto, ela estará também arriscando a troca do tipo de ofício que gosta por algum que a agrada menos. Os resultados disso, dado o posto de todos em suas respectivas áreas, são publicados em impressos públicos. Aqueles que conseguiram uma promoção desde o último rerranqueamento recebem o agradecimento do país; é-lhes publicamente conferida uma condecoração de seu novo posto".

"No que consiste essa condecoração?" , eu perguntei.

“Cada área tem seu emblema”, respondeu o Dr. Leete, “e este, no formato de uma condecoração metálica tão pequena que pode passar despercebida ao menos que você saiba onde procurar, é a única insígnia que pessoas do exército trajam, exceto quando a conveniência pública exige um uniforme distinto. Tal condecoração é a mesma em formato para todos os níveis da indústria, mas ao passo que a condecoração do terceiro nível é de ferro, a do segundo é de prata e a do primeiro é dourada.

Além do grande incentivo ao esforço, que se dá pelo fato de que os postos superiores do país estão abertos apenas para a classe mais alta de homens; – já que o posicionamento no exército constitui o único modo de distinção social para a vasta maioridade de pessoas que não sejam aspirantes nas artes, literatura e certas profissões –, várias incitações de um tipo menor, talvez igualmente efetivo, são estipuladas no formato de privilégios especiais e imunidades ligadas à disciplina, gozadas somente pela classe de pessoas superiores. Estes, embora propostos para ser o menos injustos possíveis para os nem tão bem-sucedidos, têm o efeito de manter o grande desejo de atingir um nível acima do seu próximo na mente de todos os homens.

É obviamente importante que não apenas aos bons, mas também aos trabalhadores indiferentes e inferiores esteja disponível a ambição de erguer-se. De fato, sendo o número desses últimos muito maior, é até mesmo essencial que o sistema de hierarquias não opere de forma a desencorajá-los mais do que estimula os outros. Para tal, os níveis estão divididos em classes. Os níveis, assim como as classes, são formulados para serem numericamente iguais a cada rerranqueamento. Assim, não há, em qualquer momento, a eliminação de funcionários ou de gente nos níveis não classificados ou de aprendiz; mais de 90% do exército industrial está na classe mais inferior, e a maioria deste número se encontra entre os aprendizes recentes, todos os quais aguardam uma promoção. Aqueles que permanecem durante todo o período de serviço na classe mais inferior constituem uma fração mínima do exército industrial, e certamente são tão deficitários na sensibilidade em relação a sua posição quanto na habilidade de melhorá-la.

Não é ao menos necessário que um trabalhador conquiste uma promoção para um nível mais alto para que sinta pelo menos um gostinho da glória. Enquanto a promoção requer uma excelência geral no registro do trabalhador, menções honrosas e diversos tipos de prêmios são conferidos na condição de mostras de excelência inferior ao necessário para se alcançar uma promoção – o mesmo ocorre no caso de performances singulares em diversos ramos. Há muitas distinções menores nos postos, não somente nos níveis como também

dentro das classes, cada qual age como forma para incentivar dado grupo. A intenção é de que nenhuma forma de mérito deixe de ser reconhecida.

Quanto à negligência ao trabalho e um trabalho realmente mal feito, ou qualquer omissão óbvia por parte de homens incapazes de apresentarem razões suficientes: a disciplina do exército industrial é suficientemente estrita para permitir qualquer coisa do tipo. Um homem que seja capaz de realizar seu dever mas resista persistentemente é sentenciado à solitária, e viver de pão e água até que consinta.

O nível mais baixo dos funcionários do exército industrial, o dos contramestres-assistentes e tenentes, é designado para homens que permaneceram por dois anos na primeira classe do primeiro nível. Embora isso abra uma gama de opções muito ampla, apenas o primeiro grupo dessa classe é elegível. Assim, ninguém chega à posição de oficial de comando até que tenha cerca de trinta anos de idade. Uma vez que alguém se torna um oficial, sua avaliação não dependerá da eficiência de seu próprio trabalho, mas da de seus homens. O contramestre é designado a partir dos contramestres-assistentes pelo mesmo exercício de discrição, limitado a uma pequena classe de eleitos. Nas designações para níveis ainda maiores, outro princípio é introduzido – levaria muito tempo para explicá-lo agora.

É claro que esse sistema de nivelamento, tal qual o descrevi, seria impraticável se aplicado às pequenas ocupações industriais de sua época. Em algumas delas dificilmente haveria empregados suficientes para se preencher certas classes. O senhor deve se lembrar que, sob a organização nacional de trabalho, todas as áreas da indústria são executadas por grandes contingentes de homens, sendo muitas de suas fazendas ou lojas combinadas como uma só. Igualmente, é devido apenas à vasta escala em que cada ramo é organizado, com estabelecimentos coordenados em todas as partes do país, que somos capazes de encaixar todos os homens ao tipo de trabalho que possam desempenhar melhor, mediante trocas e transferências.

Pois bem, Sr. West, deverei deixar que decida, com este breve esboço que lhe provi, se aqueles que precisam de incentivos especiais para dar o melhor de si seriam escassos sob nosso sistema. Não lhe parece que homens, que antes eram compelidos a trabalhar, quisessem ou não, sob tal sistema são impelidos fortemente a darem o melhor de si?

Respondi que os incentivos oferecidos me pareciam fortes demais, se é que qualquer objeção pudesse ser feita; que o ritmo estabelecido para jovens era veloz demais, de fato, e que eu deveria acrescentar, com consideração, que eu me inteiraria melhor do tema como um

todo, embora aquela permanecesse minha opinião.

O Dr. Leete, porém, queria que eu refletisse, e estou pronto para dizer que talvez fosse uma resposta suficiente para minha objeção o fato de que o sustento do trabalho não ser, de modo algum, dependente em sua hierarquia. A ansiedade perante aquilo nunca amargura suas decepções; as horas de trabalho são poucas, as férias são regulares, e toda a atividade cessa aos 45 anos de idade, quando se chega à meia idade.

"Há outros dois ou três aspectos a que eu gostaria de me referir", ele adicionou, "para evitar que você tenha impressões equivocadas. Em primeiro lugar, deve-se entender que esse sistema de privilégios conferidos aos trabalhadores mais eficientes (em detrimento dos menos) de forma alguma viola a ideia fundamental de nosso sistema social: a de que todos que dão o seu melhor merecem o mesmo, seja esse melhor, muito ou pouco. Demonstrei que o sistema está organizado de forma a encorajar tanto os mais fracos quanto os mais fortes com a esperança da promoção, enquanto o fato de que os mais fortes são selecionados para líderes de modo algum reflete sobre os mais fracos; ele está no interesse do bem-estar comum.

Não imagine, também, que pelo fato de a vontade de exceder ser concedida como um incentivo sob nosso sistema, consideremo-la um motivo que seduz os mais nobres ou mais valorosos dos homens. Estes encontram motivos dentro de si, e não fora, e medem seu dever com base em seus próprios talentos, não os talentos de outros. Até onde suas conquistas forem proporcionais a suas capacidades, eles considerariam absurdo ter de esperar pelo elogio ou censura porque calhou de elas serem elevadas ou inferiores. Para tais naturezas, a disputa parece algo filosoficamente absurdo, desprezível num aspecto moral, já que substitui a inveja por admiração, e a exultação por pesar, na atitude de uma pessoa relativa aos sucessos e fracassos de outrem.

Mas nem todos os homens, mesmo no último ano do século XX, estão nessa ordem elevada, e os incentivos necessários para se esforçarem devem ser de um tipo adaptado às suas naturezas inferiores. Para estes, então, a competição contra o lado mais tênue é fornecida como um estímulo constante. Aqueles que precisam de tal motivação o sentirão. Aqueles que estão acima de sua influência não precisam disso.

"Eu não deveria deixar de mencionar", retomou o médico, "que, para aqueles muito deficientes em força mental ou corporal serem avaliados de forma justa com o grupo principal de trabalhadores, temos um nível separado, sem conexão com os outros, – uma espécie de agrupamento de inválidos, cujos membros são fornecidos com uma

espécie de tarefas leves condizentes com suas forças. Todos os nossos enfermos de mente e corpo, todos os nossos surdos e mudos, e coxos e cegos e aleijados, e até mesmo os nossos loucos, pertencem a este corpo de inválidos e levam sua insígnia. Os mais fortes quase sempre fazem o trabalho de um homem; os mais fracos, é claro, nada; mas ninguém que possa fazer algo está disposto a desistir. Em seus intervalos de lucidez, até mesmo nossos insanos estão ansiosos para fazer o que puderem".

"Esta é uma bela ideia, a do corpo de inválidos", disse eu. "Até um bárbaro do século XIX é capaz de apreciar isso. É uma forma muito graciosa de disfarçar a caridade, e deve ser grato aos sentimentos de seus destinatários."

"Caridade!", repetiu o Dr. Leete. "O senhor supõe que o que consideramos a classe dos incapazes seja alvo de caridade?"

"Pois sim, é claro", eu disse. "Na medida em que eles são incapazes do sustento próprio".

Aqui o médico me enfrentou rapidamente.

"Quem é capaz de se sustentar sozinho?", questionou. "Não existe autossustento em uma sociedade civilizada. Em um estado de sociedade bárbaro a ponto de nem mesmo reconhecer a cooperação familiar, cada indivíduo pode se sustentar – mas, mesmo assim, por uma parte de sua vida apenas. Porém, a partir do momento em que os homens começam a viver juntos e constituem até mesmo o tipo mais rude de sociedade, o autossustento torna-se impossível. À medida que os homens se tornam mais civilizados e a subdivisão de ocupações e serviços é feita, torna-se a regra universal uma complexa dependência mútua. Todo o homem, por mais solitária que pareça sua ocupação, é membro de uma vasta sociedade industrial, tão grande quanto seu país, tão grande quanto a humanidade. A necessidade de dependência mútua deve implicar o dever e a garantia de apoio mútuo. A falta disso constituía a crueldade e a irracionalidade essenciais do sistema de sua época."

"Pode ser que sim", respondi, "mas isso não afeta o caso daqueles que não podem contribuir com nada para o produto da indústria."

"Certamente eu lhe disse esta manhã, ao menos achei ter dito", respondeu o Dr. Leete, "que o direito de um homem de se sentar à mesa da nação depende do fato de ele ser humano, e não da quantidade de saúde e força que ele possa ter. Isso desde que dê o melhor de si."

"O senhor disse isso mesmo", respondi, "mas supus que a regra se aplicasse apenas aos trabalhadores de habilidades diferentes. Isso também vale para aqueles que não podem fazer nada?"

“Eles não são humanos também?”

“Então devo entender que os coxos, os cegos, os enfermos e os impotentes estão tão bem quanto os mais eficientes e têm a mesma renda?”

“Certamente”, foi a resposta.

“A ideia de caridade em tal escala”, respondi, “teria deixado nossos filantropos mais entusiasmados boquiabertos.”

“Se o senhor tivesse um irmão doente em casa”, respondeu o Dr. Leete, “incapaz de trabalhar, alimentá-lo-ia com comida menos delicada, e o alojaria e o vestiria de forma inferior ao de si próprio? É mais provável que lhe desse a preferência; nem por isso cogitaria em chamar esse ato de caridade. A palavra, nesse contexto, não o encheria de indignação?”

“Claro”, respondi; “mas os casos não são paralelos. Em certo sentido, sem dúvida, todos os homens são irmãos; mas esse tipo geral de irmandade não deve ser comparado, exceto para fins retóricos, à irmandade de sangue, seja quanto a seus sentimentos ou obrigações.”

“Eis que fala o século XIX!”, exclamou o Dr. Leete. “Ah, Sr. West, não resta dúvida acerca do tempo que o senhor dormiu. Se eu desse, em uma frase, uma chave para o que pode parecer os mistérios de nossa civilização em comparação com os de sua época, diria: ela consiste no fato de que a solidariedade da raça e a fraternidade humana, que para você eram apenas belas frases, nos liga laços tão reais e tão vitais quanto a fraternidade consanguínea, em nosso pensamento e sentimento.

“Mas mesmo deixando essa consideração de lado, não vejo por que surpreende tanto que aqueles que não podem trabalhar tenham o pleno direito de viver dos produtos de quem pode. Ainda em sua época, o dever do serviço militar para a proteção da nação, a que corresponde o nosso serviço industrial, embora obrigatório para quem o pudesse cumprir. Isso tampouco privava os que não podiam se servir dos privilégios da cidadania. Eles ficariam em casa e seriam protegidos por aqueles que lutavam, e ninguém questionava o seu direito de ser, nem menosprezava tal direito. Assim, ora, a exigência do serviço industrial a quem pode prestá-lo não coopera para privar dos privilégios de cidadania – o que agora implica o sustento do cidadão que não pode trabalhar. O trabalhador não é cidadão pois trabalha, mas trabalha pois é cidadão. Como o senhor reconhece a obrigação do forte de lutar pelos fracos, nós, agora que a luta acabou, reconhecemos seu dever de trabalhar em prol deles.

Uma solução que deixa um resíduo de inexplicabilidade não é solução; e nossa solução para o problema da sociedade humana não

teria sido uma solução caso deixasse os coxos, os enfermos e os cegos do lado de fora, com as feras, para se alimentarem como puderem. Muito melhor seria ter deixado os fortes e saudáveis desprotegidos do que esses oprimidos, pelos quais todo coração deve ansiar, e para os quais se deve proporcionar tranquilidade mental e física, se não para outros. Portanto, é, como eu lhe disse esta manhã: a atribuição dos meios de existência para cada homem, mulher e criança não repousa sobre qualquer base menos evidente, ampla e simples do que o fato de serem companheiros de uma mesma raça, de uma só família humana. A única moeda corrente é a imagem de Deus, e isso é bom para tudo o que temos.

Creio que não haja nenhuma característica da civilização de sua época mais repugnante para as ideias modernas do que a negligência com que tratavam suas classes dependentes. Mesmo quando vocês não tinham piedade, nenhum sentimento de fraternidade, como foi que você não viram que estava roubando da classe dos incapazes seus direitos evidentes ao deixá-los desprotegidos?"

"Não estou entendo bem", eu disse. "Admito a reivindicação de certa pena perante essa classe; mas como poderiam aqueles que nada produzem reivindicar uma parte do produto como se tivessem direito?"

"O que aconteceu", foi a resposta do Dr. Leete, "para que seus trabalhadores fossem capazes de produzir mais do que tantos selvagens teriam produzido outrora? Não foi inteiramente por conta do legado do conhecimento passado e das conquistas da raça que a máquina da sociedade, em planejamento de milhares de anos, foi encontrada por vocês, já pronta para tomarem em suas mãos? Como vocês se tornaram possuidores desse conhecimento e desse maquinário, que representam nove partes para uma em comparação com o que vocês contribuíram no valor do produto? Vocês o herdaram, não é? E não eram esses outros, esses irmãos infelizes e aleijados que vocês expulsaram, seus co-herdeiros? O que fizeram com a parcela deles? Ao dispensá-los com cascas de pãos, não estavam roubando deles? – eles, que tinham o direito de se sentar com os herdeiros? Não era acrescentar ao insulto do roubo chamar as cascas de pão de 'caridade'?

"Ah, Sr. West", continuou o Dr. Leete, enquanto eu não respondia. "O que não entendo é, deixando de lado todas as considerações de justiça ou sentimento fraternal para com os aleijados e deficientes, como os trabalhadores de sua época tinham ânimo para trabalhar, sabendo que seus filhos, ou netos, se desafortunados, seriam privados do conforto e até do necessário para a vida. É um mistério como os homens com filhos poderiam favorecer um sistema em que fossem

recompensados para além dos menos dotados de força física ou mental. Pois, pela mesma discriminação com que o pai lucrou, o filho por quem ele daria a vida, sendo porventura mais fraco do que os outros, poderia ser reduzido a cascas de pão e mendicância. Nunca consegui entender como as pessoas ousavam deixar crianças para trás".

Nota. — Embora em sua conversa na noite anterior o Dr. Leete tivesse enfatizado os esforços dispendidos para que cada homem se capacitasse a determinar e seguir sua inclinação natural na escolha de uma ocupação, não foi até eu saber que a renda do trabalhador é a mesma para todas as ocupações que percebi o quanto se pode esperar que ele o faça e, assim, selecionando o arreio que se ajusta mais levemente sobre si, encontre um peso que ele é capaz de carregar mais eficazmente. O fracasso de minha época em desenvolver, de qualquer maneira sistemática ou eficaz, e de utilizar as aptidões naturais dos homens para as indústrias e ocupações intelectuais, foi um dos grandes desperdícios, bem como uma das causas mais comuns de infelicidade na ocasião. A grande maioria de meus contemporâneos, embora nominalmente livre, nunca realmente escolhia suas ocupações. Antes, eles eram forçados a trabalhar com base em circunstâncias para as quais eram relativamente ineficientes, mesmo não sendo naturalmente adequados para sua função. Os ricos, nesse aspecto, tinham pouca vantagem sobre os pobres. Estes, de fato, sendo geralmente privados de educação, não tinham oportunidade nem mesmo de verificar as aptidões naturais que porventura teriam, e por causa de sua pobreza eram incapazes de desenvolvê-las pela formação, mesmo quando ela lhes fossem asseguradas. As profissões liberais e técnicas, exceto por um acaso favorável, estavam fechadas para eles, para sua grande perda pessoal e da nação. Por outro lado, os bens de vida, embora pudessem perseguir uma educação e oportunidades, eram pouco menos assolados pelo preconceito social, algo que os impedia de exercer atividades manuais, mesmo que fossem adaptadas e destinadas a elas – fossem eles aptos ou inaptos para suas profissões. Assim, perdeu-se muitos artesãos excelentes. Responsáveis por outra vasta perversão de talento eram as ocupações mercenárias, que tentavam os homens a buscarem empregos lucrativos para os quais eram inadequados, em vez de empregos menos remuneradores para os quais eram adequados. Todas essas coisas agora mudaram. Educação e oportunidades iguais devem trazer à luz quaisquer aptidões que um homem tenha, e nem preconceitos sociais nem considerações mercenárias o impedem na escolha de seu trabalho vitalício.

Capítulo 13

Como Edith havia prometido, o Dr. Leete me acompanhou para meu quarto quando fui descansar, instruindo-me acerca do ajuste do telefone musical. Mostrou-me como, ao girar uma alavanca, o volume da música poderia preencher a sala, ou cessar ao nível de um eco tão débil e longínquo que você mal poderia ter certeza se estava ouvindo ou imaginando aquilo. Se de duas pessoas, lado a lado, só uma quisesse escutar música e a outra quisesse dormir, ela poderia ser audível para uma e não para a outra.

"Eu recomendaria fortemente que durma hoje, se puder, Sr. West. De preferência, escutando as melhores melodias do mundo", disse o médico, explicando-me esses detalhes. "Na experiência desafiadora pela qual você está passando, o sono é um tônico dos nervos para o qual não há substituto".

Prometi seguir seu conselho, atento ao que me aconteceu naquela manhã.

"Muito bem", ele disse, "regularei o telefone para as oito horas".

"O que quer dizer?", eu perguntei.

Ele explicou que, mediante combinação do maquinário do relógio, uma pessoa podia providenciar que fosse desperta a qualquer hora por música.

Começou a aparecer, como provou-se ser o caso desde então, que eu havia deixado para trás, no século XIX, minhas tendências insones, junto com demais desconfortos. Embora não tivesse tomado uma solução para adormecer dessa vez, como na noite anterior, antes mesmo de tocar no travesseiro, dormi.

Sonhei estar sentado no trono de Abencerragens,[2] no salão de banquetes de Alhambra, banqueteando com meus vassalos e generais, os quais, no dia seguinte, seguiriam as tropas contra os cães cristãos da Espanha. O ar, resfriado pelo jorrar das fontes, estava denso com o aroma de flores. Um bando de odaliscas, de membros roliços e lábios luxuriantes, dançava com graça voluptuosa à música de instrumentos de corda brônzeos. Olhando para cima, para as galerias de treliça, era possível vislumbrar de vez em quando alguma beleza do harém real, contemplando a joia reunida da cavalaria mourisca. Os címbalos soavam cada vez mais alto, a tensão aumentava cada vez mais

selvagemente, até que o sangue da raça do deserto não pôde mais resistir ao delírio marcial, e os nobres morenos puseram-se de pé, aos saltos; mil cimetares foram expostos e o clamor: "Allah il Allah!" sacudiu o corredor e me acordou. Encontrei-me em plena luz do dia, e a sala vibrando com a música elétrica da "Reveille turca".

À mesa do desjejum, quando contei ao meu anfitrião sobre a minha experiência matinal, aprendi que não foi por acaso que a música que me despertou foi uma *reveille*. Os sons tocados em um dos salões durante as primeiras horas da manhã eram sempre de um tipo inspirador.

"A propósito", disse eu, "não pensei ainda em perguntar nada sobre o estado da Europa. As sociedades do Velho Mundo também foram remodeladas?"

"Sim", respondeu o Dr. Leete. "As grandes nações da Europa, assim como Austrália, México e partes da América do Sul agora estão organizadas industrialmente como os Estados Unidos, que foi o pioneiro da evolução. As relações pacíficas entre esses países estão asseguradas por um modo informal de união federal de extensão global. Um conselho internacional regula o intercâmbio mútuo e comércio dos membros da união, assim como suas políticas conjuntas ante as estirpes mais atrasadas, as quais estão sendo gradualmente educadas no que diz respeito a instituições civilizadas. A autonomia completa dentro de nossos próprios limites é desfrutada por todos os países."

"Como vocês fazem comércio sem dinheiro?" eu disse. "No comércio com outros países, vocês devem usar algum tipo de moeda, embora abram mão dela em assuntos nacionais internos".

"Ah, não; dinheiro é supérfluo em nossas relações exteriores, assim como nas interiores. Quando o comércio estrangeiro era conduzido por empresas privadas, o dinheiro era necessário para ajustá-lo em função da complexidade multifacetada das transações; mas hoje em dia isso é uma função dos países como unidades. Assim, só existe cerca uma dúzia de mercadores no mundo. Sendo seus negócios supervisionados por um conselho internacional, um sistema simples de contabilidade serve perfeitamente bem para regular as negociações. Impostos aduaneiros de qualquer tipo são, é claro, supérfluos. Um país simplesmente não importa o que seu governo não acha necessário para o interesse geral. Cada país tem um escritório de câmbio internacional, o qual administra seu comércio. Por exemplo, o escritório estadunidense, estimando que tais e tais quantidades de bens franceses sejam necessárias para os EUA em dado ano, envia o pedido para o escritório francês, que, por sua vez, despacha o pedido para o nosso escritório. O mesmo é feito por todos os países,

mutuamente".

"Mas como os preços de bens estrangeiros são estabelecidos, já que não há competição?"

"O preço a que cada país supre outro com bens", respondeu o o Dr. Leete, "deve ser o mesmo com que supre seus próprios cidadãos". Portanto, veja: não há perigo de mal-entendido. Claramente nenhum país está teoricamente obrigado a suprir outro com o produto de seu próprio trabalho. Porém, é de interesse de todos trocar algumas mercadorias. Se um país estiver regularmente suprindo outro com certos bens, requer-se de ambos os lados da relação que qualquer alteração importante seja notificada."

"Mas e se um país, tendo o monopólio de certo produto natural, recusar-se a supri-lo para outros, ou para um deles?"

"Um caso assim nunca aconteceu, e não poderia acontecer sem a parte que se recusa ser muito mais prejudicada do que as demais", respondeu o Dr. Leete. "Em primeiro lugar, por lei não se pode mostrar qualquer favoritismo. A lei requer que cada país lide com os demais, em todos os aspectos, no mesmo patamar. Tal decurso, como o senhor sugere, cindiria o país que o adotasse do restante da Terra para quaisquer propósitos. Trata-se de uma contingência que não deveria nos deixar muito ansiosos".

"Porém", eu disse, "supondo que um país, tendo monopólio natural de algum produto que exporta mais do que consome, aumente seu preço sem cortar o suprimento e, assim, lucre em cima das necessidades de seus vizinhos... É claro que seus próprios cidadãos teriam que pagar o preço mais alto por aquela mercadoria, mas como um todo, ganhariam mais com os estrangeiros do que com a demanda interna."

"Quando o senhor souber como são determinados os preços de todas as mercadorias hoje em dia, notará quão impossível é alterá-las, exceto no que se refere à quantidade ou ao rigor do trabalho necessário para produzi-las, respectivamente", foi a resposta do Dr. Leete. "Este princípio é uma garantia tanto internacional quanto nacional; mas mesmo sem ele o sentido de comunidade de interesses, tanto internacional quanto nacional, e a convicção da loucura do egoísmo, são muito profundos hoje em dia para tornar possível esse tipo de prática afiada como o senhor concebeu. É preciso entender que todos nós esperamos uma eventual unificação do mundo em uma só nação. Essa, sem dúvida, será a forma definitiva de sociedade e terá certas vantagens econômicas sobre o atual sistema federal de nações autônomas. Enquanto isso, entretanto, o sistema atual funciona quase tão perfeitamente que ficamos bastante contentes em deixar para a posteridade a conclusão do esquema. Há, de fato, alguns que

sustentam que ele nunca será concluído, sob o fundamento de que o plano federal não é meramente uma solução provisória para o problema da sociedade humana, mas a melhor solução definitiva."

"Como vocês administram", perguntei, "quando a contabilidade de duas nações não se equilibra? Suponha que importemos mais da França do que exportemos para ela."

"No final de cada ano", respondeu o médico, "os livros de contabilidade de cada nação são examinados. Se a França estiver em dívida, provavelmente estaremos em dívida com alguma nação que deve à França, e assim por diante com todos os demais países. Os saldos remanescentes, depois de as contas serem apuradas pelo conselho internacional, não deveriam ser grandes em nosso sistema. Quaisquer que sejam, o conselho exige que se resolvam dentro de poucos anos, podendo exigir que sejam saldados a qualquer momento caso estiverem se tornando muito grandes; não se espera que uma nação fique em grande dívida com outra, de forma que não se criem sentimentos desfavoráveis à amizade. Para se proteger ainda mais, o conselho internacional inspeciona as mercadorias trocadas pelas nações para ver se estão em qualidade perfeita."

"Mas com que os saldo se acertam, afinal, visto que não há dinheiro?"

"Em produtos básicos nacionais; uma base de acordo sobre quais produtos básicos serão aceitos, e em que proporções para o acerto de contas, constituem um passo preliminar às relações comerciais."

"A emigração é outro ponto que quero perguntar a vocês", disse eu. "Com cada nação organizada como uma parceria industrial estreita, monopolizando todos os meios de produção do país, o emigrante, mesmo que tivesse permissão para desembarcar, morreria de fome. Suponho que não haja emigração hoje em dia."

"Pelo contrário, há emigração constante, com o que suponho que você se refira à mudança para países estrangeiros para residência permanente", respondeu o Dr. Leete. "Trata-se de um simples arranjo internacional de indenizações. Por exemplo, se um homem de vinte e um anos migra da Inglaterra para os EUA, a Inglaterra perde todo o investimento com seu sustento e educação, e os EUA recebe um trabalhador de graça. De acordo com isso, os EUA fazem uma concessão à Inglaterra. O mesmo princípio, variando para encaixar em cada caso, aplica-se de forma geral. Caso um homem esteja próximo ao termo de seu trabalho assim que emigrar, o país que o receberá obterá a concessão. Quanto aos imbecis, julga-se melhor que cada nação seja responsável pelos seus, e a emigração de tal deve ser garantida pelo apoio de sua própria nação. Sujeito a tais regulamentos, o direito de qualquer pessoa de emigrar a qualquer

momento é irrestrito."

"Mas e a respeito de viagens de lazer; passeios de observação? Como poderia um estrangeiro viajar a um país cujo povo não recebe dinheiro, e é ele próprio suprido com os meios de vida em uma base que não é concedida a ele? É claro que seu cartão de crédito não pode ser válido em outros países. Como ele paga por sua viagem?"

"Um cartão de crédito americano", respondeu o Dr. Leete, "é tão válido na Europa quanto o ouro americano costumava ser, e precisamente sob as mesmas condições. A saber, que seja trocado na moeda do país para o qual se está viajando. Um americano em Berlim leva seu cartão de crédito ao escritório local do conselho internacional e recebe em troca da totalidade ou de parte dele um cartão de crédito alemão. Seu valor é debitado dos Estados Unidos em favor da Alemanha na conta internacional."

"Talvez o Sr. West queira jantar no Elephant hoje", disse Edith, quando deixamos a mesa.

"Esse é o nome que damos ao refeitório geral de nossa enfermaria", explicou o pai. "Não só a nossa comida é feita nas cozinhas públicas, como lhe disse ontem à noite, mas o serviço e a qualidade das refeições são muito mais satisfatórios se forem servidos no refeitório. As duas refeições menores do dia costumam ser feitas em casa, pois não vale a pena sair; mas é comum que se saia para jantar. Não o fazemos desde que você está conosco pensando ser melhor esperar até se familiarizar um pouco mais com nossos costumes. O que acha? Podemos jantar no refeitório hoje?"

Eu disse que gostaria muito de fazê-lo.

Não muito depois, Edith veio para mim sorridente, e disse:

"A ideia me ocorreu ontem à noite, enquanto pensava no que poderia fazer para que se sentisse em casa até se acostumar um pouco mais conosco e com os nossos costumes. O que diria se eu o apresentasse a algumas ótimas pessoas de sua época, as quais tenho certeza que você conhecia?"

Respondi, um tanto vagamente, que de certo seria muito agradável, mas não vi como ela lidaria com isso.

"Venha comigo", foi sua resposta sorridente, "e veja se não cumpro minha palavra."

Minha suscetibilidade à surpresa havia se exaurido com os inúmeros choques que recebera, mas foi com certo espanto que a segui até uma sala na qual não havia entrado antes. Tratava-se de um apartamento pequeno e aconchegante, cercado de caixas cheias de livros.

“Aqui estão seus amigos”, disse Edith, indicando uma das caixas cheias de livros, enquanto meus olhos percorriam os nomes nas lombadas dos volumes: Shakespeare, Milton, Wordsworth, Shelley, Tennyson, Defoe, Dickens, Thackeray, Hugo, Hawthorne, Irving e vários outros grandes escritores do meu tempo e de todos os tempos; só então eu entendi o que ela quis dizer. Ela realmente cumpriu sua promessa em um sentido cujo cumprimento literal teria sido uma decepção. Ela me apresentou a um círculo de amigos que envelheceram pouco com o século que se passou desde a última ocasião em que me comuniquei com eles. Eles envelheceram tão pouco quanto eu. Seu espírito continuava tão elevado, sua inteligência tão aguçada, suas risadas e lágrimas tão contagiosas, como se seu discurso tivesse atravessado as horas de um século anterior. Eu não estava e não poderia estar mais a sós com essa boa companhia, por maior que fosse o abismo de anos que se abria entre mim e minha antiga vida.

“Está feliz por eu tê-lo trazido aqui”, exclamou Edith, radiante, enquanto lia em meu rosto o sucesso de seu experimento. “Foi uma boa ideia, não foi, Sr. West? Que estupidez da minha parte não pensar nisso antes! Deixarei você aqui com seus antigos amigos, pois sei que não haverá companhia como a deles agora; mas lembre-se de que não precisa se esquecer dos novos amigos por causa dos velhos!”. Com uma cautela sorridente, ela me deixou ali.

Atraído pelos nomes mais familiares à minha frente, pus minha mão sobre um volume de Dickens e sentei-me para ler. Ele havia sido o meu favorito entre os escritores do século – quero dizer, do século XIX – e raramente se passava uma semana em minha antiga vida sem que eu me ocupasse com algum volume de suas obras para passar uma hora ociosa. Qualquer volume com o qual eu estivesse familiarizado teria produzido uma impressão extraordinária se lido nas minhas atuais circunstâncias, mas minha familiaridade excepcional com Dickens e seu consequente poder de evocar as associações de minha vida anterior deram aos seus escritos um efeito que nenhum outro poderia ter tido – um efeito de intensificação, pela força do contraste, de minha apreciação pela estranheza de meu ambiente atual. Por mais novo e surpreendente que seja o ambiente, a tendência é tornar-se parte dele logo que, quase desde o início, se perde o poder de percebê-lo objetivamente, calculando sua estranheza de forma plena. As páginas de Dickens restauraram esse poder, já embotado no meu caso, levando-me de volta às perspectivas de minha vida anterior por meio de suas associações.

Com uma clareza que outrora não conseguira atingir, vislumbrei então o passado e o presente como imagens contrastantes, lado a lado.

O gênio do grande romancista do século XIX, como o de Homero, é de fato capaz de desafiar o tempo; mas o cenário de seus contos emotivos, a miséria dos pobres, os erros do poder, a crueldade impiedosa do sistema da sociedade haviam passado tão completamente quanto Circe e as sereias, Caríbdis e o ciclope.

Durante a hora ou duas que fiquei ali sentado com Dickens aberto diante de mim, na verdade não li mais do que algumas páginas. Cada parágrafo, cada frase, trazia à tona algum novo aspecto da transformação que ocorrera no mundo, conduzindo meus pensamentos a longas e amplamente ramificadas excursões. Enquanto refletia na biblioteca do Dr. Leete, gradualmente atingi uma ideia mais clara e coerente do espetáculo prodigioso a que havia sido estranhamente apresentado. Fiquei maravilhado com o aparente capricho do destino, que havia dado a alguém que tão pouco merecia, ou parecia de alguma forma destinado a isso – o poder único entre seus contemporâneos na Terra naqueles tempos recentes. Eu não previ o novo mundo nem lutei por ele, como muitos ao meu redor fizeram – independentemente do desprezo dos tolos ou da má interpretação dos bons. Certamente teria sido mais de acordo com a adequação das coisas se uma daquelas almas proféticas e persistentes tivesse sido capaz de ver o trabalho de sua alma e satisfazer-se com ele. Uma delas, por exemplo, mil vezes mais do que eu, avistou em uma visão o mundo que eu então enxergava. Ela cantou a respeito em termos que repetidamente, durante esses últimos dias maravilhosos, ecoaram em minha mente:

> For I dipt into the future, far as human eye could see,
> Saw the vision of the world, and all the wonder that would be
> Till the war-drum throbbed no longer, and the battle-flags were furled.
> In the Parliament of man, the federation of the world.
> Then the common sense of most shall hold a fretful realm in awe,
> And the kindly earth shall slumber, lapt in universal law.
> For I doubt not through the ages one increasing purpose runs,
> And the thoughts of men are widened with the process of the suns.[3]

Em sua velhice, porém, ele perdeu momentaneamente a fé na própria previsão, como os profetas em suas horas de depressão e dúvida geralmente fazem; mas as palavras permaneceram em seu testemunho eterno da vidência do coração de um poeta, a visão que é dada à fé.

Eu ainda estava na biblioteca quando algumas horas mais tarde o Dr. Leete me procurou ali. “Edith me contou sobre a ideia que teve”, disse ele, “e eu a achei excelente. Tive um pouco de curiosidade sobre

qual escritor você procuraria primeiro. Ah, Dickens! Você o admirava, então! É aí que nós, modernos, concordamos com você. Julgado por nossos padrões, ele supera todos os escritores de sua época, não porque seu gênio literário fosse o mais elevado, mas porque seu coração grandioso batia pelos pobres; porque ele tornou sua a causa das vítimas da sociedade, dedicando sua pena a expor suas crueldades e fraudes. Nenhum homem de seu tempo fez tanto quanto ele para desviar as mentes dos homens para o erro e a miséria da velha ordem das coisas, abrindo os olhos para a necessidade da grande mudança que estava por vir, embora ele mesmo não a previsse claramente."

Capítulo 14

Caiu uma forte chuva durante o dia e concluí que o estado das ruas seria tal que os meus anfitriões teriam que desistir de sair para jantar, embora o refeitório estivesse situado bem perto dali, pelo que eu havia entendido. Fiquei muito surpreso quando, na hora do jantar, as senhoras apareceram preparadas para sair, mas sem capas ou guarda-chuvas.

O mistério foi explicado quando fomos para a rua: um manto impermeável contínuo havia descido de modo a fechar a calçada e transformá-la em um corredor bem iluminado e perfeitamente seco, que se enchia de um fluxo de senhoras e senhores vestidos para jantar. Nos cantos, todo o espaço aberto era coberto de forma semelhante. Edith Leete, com quem eu caminhava, parecia muito interessada em aprender o que lhe parecia ser totalmente novo: que no tempo tempestuoso as ruas de Boston dos meus dias ficavam intransitáveis, exceto para pessoas protegidas por guarda-chuvas, botas e roupas pesadas. “Não eram usadas coberturas de calçada?”, ela perguntou. Eram, expliquei, mas de forma dispersa e totalmente assistemática, por empresas privadas. Ela me disse que, no momento, todas as ruas estavam equipadas contra o mau tempo, assim como eu via, e o dispositivo seria retirado do caminho quando fosse desnecessário. Ela insinuou que seria considerado uma imbecilidade extraordinária permitir que o tempo tivesse qualquer efeito sobre os trânsitos sociais do povo.

A Dra. Leete, que caminhava à frente ouvindo algo de nossa conversa, voltou-se para dizer que a diferença entre a era do individualismo e a do concerto dos povos era bem caracterizada pelo fato de que, no século XIX, quando chovia, o povo de Boston colocava trezentos mil guarda-chuvas sobre o mesmo número de cabeças, e no século XX eles colocaram um só guarda-chuva sobre todas as cabeças.

Enquanto caminhávamos, Edith disse: “O guarda-chuva particular é a imagem favorita de meu pai para ilustrar os antigos modos, quando todos viviam para si e para sua família. Há uma pintura do século XIX, na Galeria de Arte, que representa uma multidão de pessoas na chuva, cada uma segurando seu guarda-chuva sobre si e sua esposa, despejando assim gotas sobre os vizinhos. Afirmam que tenha sido feita pelo artista como uma sátira de sua época.”

Agora entramos em um grande edifício no qual um fluxo de pessoas estava transitando. Não consegui avistar a parte da frente por causa do toldo, mas aquilo era magnífico, tomando por base o interior, que era ainda mais bonito do que a loja que visitei na véspera. Meu companheiro disse que a estatuária esculpida sobre a entrada era particularmente venerada. Subindo uma grande escadaria, caminhamos um pouco ao longo de um amplo corredor com muitas portas que se abriam. Entramos por uma delas, que levava o nome do meu anfitrião; encontrava-me em uma elegante sala de jantar com mesa para quatro pessoas. As janelas se abriam para um pátio onde uma fonte tocava em grande altura e a música tornava o ar eletrizado.

"O senhor parece à vontade aqui", eu disse ao sentarmo-nos à mesa, e o Dr. Leete tocou uma campainha.

"Esta é, na verdade, uma extensão de nossa casa, ligeiramente separada do resto", respondeu ele. "Cada família na ala tem um aposento separado neste grande edifício, para seu uso permanente e exclusivo, por um pequeno aluguel anual. Para hóspedes temporários e indivíduos, há acomodações em outro andar. Se temos planos de jantar aqui, fazemos nossos pedidos na noite anterior, selecionando qualquer coisa do mercado, de acordo com os anúncios diários dos jornais. A refeição será tão suntuosa ou simples quanto quisermos, embora, claro, tudo seja muito mais barato e melhor do que seria caso preparado em casa. Na verdade, não há nada em que o nosso povo se interesse mais do que a perfeição do serviço de bufê e da culinária. Admito que somos um pouco vaidosos do sucesso que tem sido alcançado por este ramo do serviço. Ah, meu caro Sr. West, embora outros aspectos de sua civilização fossem mais trágicos, posso imaginar que nenhum poderia ter sido mais deprimente do que os pobres jantares que vocês tinham de comer, isto é, aqueles entre vocês que não tinham grande riqueza."

"O senhor não teria encontrado nenhum de nós disposto a discordar nesse ponto", eu disse.

O garçom, um jovem de boa aparência, vestindo um uniforme ligeiramente distinto, então apareceu. Observei-o de perto, pois era a primeira vez que conseguia estudar em particular a postura de um dos alistados do exército industrial. Este jovem, eu sabia pelo que me haviam dito, devia ser altamente educado e igual, socialmente e em todos os aspectos, àqueles a quem servia. Mas era perfeitamente evidente que para nenhuma das partes a situação era minimamente embaraçosa. O Dr. Leete se dirigiu ao jovem em um tom desprovido de arrogância, é claro, como seria no caso de qualquer cavalheiro. Mas ao mesmo tempo se tratava de um tom não depreciativo, ao passo que o comportamento do jovem era simplesmente o de uma pessoa

decidida a cumprir corretamente a tarefa em que estava empenhada, sem familiaridade ou subserviência. Aquela era, de fato, a maneira de um soldado em serviço, mas sem a rigidez militar. Quando o jovem saiu da sala, eu disse: "Não consigo superar minha surpresa ao ver um jovem como aquele servindo com tanta satisfação em uma posição servil."

"O que é esta palavra, 'servil'? Nunca ouvi isso", disse Edith.

"Está obsoleta agora", comentou o pai. "Se bem sei, aplicava-se a pessoas que realizavam tarefas particularmente desagradáveis para os outros, e traziam consigo uma implicação de desprezo. Não era isso, Sr. West?"

"É isso", eu disse. "O serviço pessoal, como servir à mesa, era considerado tão humilde e desprezado em minha época que pessoas de cultura e refinamento sofreriam privações antes de condescender com ele."

"Que ideia estranhamente artificial", exclamou a sra. Leete com admiração.

"E ainda assim esses serviços tinham que ser prestados", disse Edith.

"Claro", respondi. "Mas nós os impúnhamos aos pobres e àqueles que não tinham alternativa senão passar fome."

"E aumentavam o fardo a eles imposto ao acrescentar seu desprezo", observou o Dr. Leete.

"Eu não acho que entendo claramente", disse Edith. "Você quer dizer que se permitia que as pessoas fizessem por você coisas que você desprezava fazer, ou que aceitava delas serviços que não estaria disposto a prestar? Certamente não pode pensar assim, Sr. West."

Fui obrigado a dizer que o fato era exatamente o que ela havia declarado. Dr. Leete, entretanto, veio em meu auxílio.

"Para entender por que Edith está surpresa", disse ele, "o senhor deve saber que hoje em dia é um axioma da ética aceitar um serviço de outro que não estaríamos dispostos a retribuir, se necessário. É como pedir emprestado com a intenção de não retribuir, ao passo que impor tal serviço tirando vantagem da pobreza ou necessidade de uma pessoa seria um ultraje como um roubo forçoso. Essa é a pior coisa em qualquer sistema que divide os homens, ou permite que eles sejam divididos em classes e castas, que enfraquece o senso de uma humanidade comum. A distribuição desigual da riqueza e, ainda mais eficazmente, as oportunidades desiguais de educação e cultura, dividiam a sociedade em sua época em classes que, em muitos aspectos, se consideravam raças distintas. Afinal, não existe diferença

manifesta entre nossas maneiras de encarar essa questão do serviço. As senhoras e os senhores da classe culta de sua época não teriam permitido que pessoas de sua própria classe lhes prestassem serviços que desprezassem; tanto menos permitiríamos que qualquer pessoa o fizesse. Os pobres e incultos, porém, eram considerados por eles como outra espécie. A riqueza igual e as oportunidades iguais de cultura que todas as pessoas agora desfrutam simplesmente nos tornaram membros de uma só classe, que corresponde à classe mais abastada para vocês. Até que essa igualdade de condições ocorresse, a ideia da solidariedade da humanidade, da fraternidade de todos os homens, nunca poderia ter se tornado a verdadeira convicção e o princípio prático de ação que é hoje. Em sua época, as mesmas frases eram usadas, de fato, mas se tratavam apenas de frases."

"Os garçons também são voluntários?"

"Não", respondeu o Dr. Leete. "Os garçons são jovens no grau não classificado do exército industrial, que podem ser atribuídos a todos os tipos de ocupações diversas que não requerem habilidades especiais. Servir mesas é uma delas, e todo jovem recruta é exposto a uma amostra disso. Eu próprio trabalhei como garçom durante vários meses nesta mesma casa de jantar, há cerca de quarenta anos. Mais uma vez, o senhor deve lembrar que nenhuma espécie de diferença é reconhecida acerca da dignidade dos diferentes tipos de trabalho exigidos pela nação. O indivíduo nunca é considerado, nem se considera o servo daqueles a quem serve, nem é de forma alguma dependente deles. É sempre à nação que ele está servindo. Nenhuma diferença é reconhecida entre as funções de um garçom e as de qualquer outro trabalhador. O fato de ser um serviço pessoal é indiferente do nosso ponto de vista. Da mesma forma ocorre com um médico. Eu deveria esperar tanto que nosso garçom hoje me desprezasse porque eu o servi como médico, quanto pensar em desprezá-lo porque ele me serve como garçom."

Depois do jantar, meus anfitriões conduziram-me por aquele edifício cuja extensão, a magnífica arquitetura e a riqueza do embelezamento me surpreenderam. Parecia não ser apenas um refeitório, mas também uma grande casa de entretenimento e ponto de encontro social da região; nenhum dispositivo de entretenimento ou recreação parecia faltar.

"Encontramos ilustrado aqui", disse o Dr. Leete, quando expressei minha admiração, "o que eu lhe disse em nossa primeira conversa, quando o senhor estava olhando para a cidade: o esplendor de nossa vida pública e comum em comparação com a simplicidade de nossa vida privada e doméstica, e o contraste que, a esse respeito, o século XX apresenta com o século XIX. Para nos poupar de fardos inúteis,

temos tão poucos equipamentos em casa que sejam compatíveis com o conforto, embora o lado social de nossa vida seja ornamentado e luxuoso para além de qualquer coisa que o mundo já conheceu. Todas as guildas industriais e profissionais têm clubes tão extensos quanto este, bem como casas de campo, de montanha e à beira-mar para desporto e descanso nas férias."

Nota. Na última parte do século XIX, tornou-se uma prática dos jovens em necessidade de algumas faculdades do país ganhar um pouco de dinheiro para pagar suas contas a termo servindo como garçons em mesas de hotéis durante as longas férias de verão. Foi alegado – em resposta aos críticos que expressaram os preconceitos da época, afirmando que as pessoas que voluntariamente seguiam tal ocupação não podiam ser cavalheiros – que tinham o direito de receber elogios por defender, por seu exemplo, a dignidade de todo trabalho honesto e necessário. O uso desse argumento ilustra uma confusão comum de pensamento por parte de meus antigos contemporâneos. O trabalho de servir à mesa não precisava de mais defesa do que a maioria das outras maneiras de ganhar a vida naquela época, mas falar de dignidade ligada ao trabalho de qualquer tipo no sistema então vigente seria absurdo. Não há maneira em que vender trabalho pelo preço mais alto que ele possa render seja mais digno do que vender bens pelo preço ao qual possa ser obtido. Ambas eram transações comerciais a serem julgadas pelo padrão comercial. Ao estabelecer um preço em dinheiro por seu serviço, o trabalhador aceitava a medida monetária para isso e renunciava a qualquer reivindicação clara de ser julgada por outrem. A mancha sórdida que essa necessidade transmitia aos mais nobres e mais elevados tipos de serviço era amargamente ressentida por almas generosas, mas não havia como escapar dela. Não havia isenção, por mais transcendente que fosse a qualidade do serviço, da necessidade de pechinchar por seu preço no mercado. O médico deve vender sua cura, e o apóstolo sua pregação, como os demais. O profeta que adivinhou o significado de Deus deve negociar um preço por sua revelação, e o poeta apregoa suas visões na fileira dos impressores. Se me pedissem para nomear a felicidade mais distinta desta época, em comparação com aquela em que vi a luz pela primeira vez, eu diria que para mim parece consistir na dignidade que se dá ao trabalho, recusando-se a estabelecer um preço sobre ele e abolindo o mercado para sempre. Ao exigir de cada homem o seu melhor, você faz de Deus seu mestre de tarefas, e ao fazer da honra a única recompensa pela realização, você transmite a todos os serviços a distinção peculiar, em minha época, era conferida aos soldados.

Capítulo 15

Quando, no decorrer de nossa excursão de inspeção, chegamos à biblioteca, cedemos à tentação das luxuosas poltronas de couro com que era mobiliada; sentamo-nos em uma das alcovas forradas de livros para descansar e conversar um pouco.[4]

"Edith me disse que o senhor passou a manhã inteira na biblioteca", disse a Sra. Leete. "Sabe, me parece, Sr. West, que você é o mais invejável dos mortais."

"Eu gostaria de saber por quê", respondi.

"Porque os livros dos últimos cem anos serão uma novidade para o senhor", respondeu ela. "Terá tanto para ler da literatura mais absorvente que mal terá tempo para as refeições nos próximos cinco anos. Ah, o que eu não daria para ainda não ter lido os romances de Berrian."

"Ou de Nesmyth, mamãe", adicionou Edith.

"Sim, ou os poemas de Oates, ou 'Passado e Presente', ou 'No início', ou... Ah, eu poderia nomear uma dúzia de livros, cada um dignos de um ano de nossas vidas", declarou a Sra. Leete, entusiasticamente.

"Julgo, então, que houve uma literatura notável sendo produzida neste século."

"Sim", disse o Dr. Leete. "Tratou-se de uma época de esplendor intelectual sem igual. Provavelmente a humanidade nunca passou antes por uma evolução moral e material tão repentinamente vasta em escopo, tão breve em seu período de consecução, como quando aconteceu na passagem da antiga ordem para a nova no início deste século. Quando as pessoas perceberam a grandeza da felicidade que lhes sobreviera, e que a mudança pela qual haviam passado não era meramente um aprimoramento nos detalhes de sua condição, mas a ascensão da raça a um novo plano de existência com uma vida ilimitada vista do progresso, suas mentes foram afetadas em todas as suas faculdades por um estímulo que se sugere pela explosão do renascimento na Idade Média, embora de forma tênue, decerto. Seguiu-se uma era de invenção mecânica, descoberta científica, arte, produtividade musical e literária ante a qual nenhuma época anterior do mundo oferece algo comparável."

“A propósito”, disse eu, “falando de literatura: como os livros são publicados agora? Isso também é feito pela nação?”

“Certamente.”

“Mas como se administra isso? O governo publica tudo o que é trazido naturalmente, com despesas públicas, ou exerce uma censura e imprime apenas o que aprova?”

“Nenhum dos dois. O departamento de impressão não tem poderes de censura. É obrigado a imprimir tudo o que é oferecido, mas imprime apenas sob a condição de o autor arcar com o custo inicial de seu crédito. Ele deve pagar pelo privilégio de ser ouvido pelo público, e se tiver alguma mensagem que valha a pena ser ouvida, consideramos que ficará feliz em fazê-lo. É claro que, se as rendas fossem desiguais, como nos velhos tempos, essa regra permitiria que apenas os ricos fossem autores. Porém, os recursos dos cidadãos sendo iguais, ela apenas mede a força da motivação do autor. O custo de uma edição de um livro médio pode ser poupado do crédito de um ano pela prática da economia e certos sacrifícios. O livro, ao ser publicado, é colocado à venda pela nação.”

“O autor recebe royalties sobre as vendas, assim como acontece conosco, suponho”, sugeri.

“Não como com vocês, certamente”, respondeu o Dr. Leete, “mas mesmo assim, de certa maneira. O preço de cada livro é composto pelo custo de sua publicação com royalties para o autor. O autor corrige esse royalty em qualquer valor que desejar. É claro que, se ele colocar um valor excessivamente alto, será para sua própria perda, pois o livro não venderá. O montante deste royalty é fixado em seu crédito e ele é dispensado de outro serviço à nação por um período tão longo quanto esse crédito, com base na taxa de subsídio para o sustento dos cidadãos, seja suficiente para sustentá-lo. Se seu livro for moderadamente bem-sucedido, ele terá, portanto, uma licença de vários meses, um, dois ou três anos, e se nesse meio tempo produzir outro trabalho de sucesso, a remissão do serviço é estendida na medida em que a venda desse se justificar. Um autor de grande aceitação consegue se sustentar com sua pena durante todo o período de serviço, e o grau de habilidade literária de qualquer escritor, conforme determinado pela voz popular, é, portanto, a medida da oportunidade que lhe é dada de devotar seu tempo à literatura. Nesse aspecto, o resultado do nosso sistema não é muito diferente do seu, mas existem duas diferenças notáveis. Em primeiro lugar, o nível de educação universalmente elevado hoje em dia confere ao veredicto popular uma conclusividade sobre o real mérito da obra literária que sua época estava muito longe de ter. Em segundo lugar, não existe mais nenhum tipo de favoritismo para interferir no reconhecimento do

verdadeiro mérito. Todo autor tem exatamente as mesmas oportunidades para levar sua obra ao juízo popular. A julgar pelas reclamações dos escritores de sua época, esta absoluta igualdade de oportunidades teria sido muito valorizada."

"No reconhecimento do mérito em outros campos do gênio original, como música, arte, invenção, projeto", disse eu, "suponho que vocês sigam um princípio semelhante."

"Sim", respondeu ele, "embora os detalhes sejam diferentes. Na arte, por exemplo, como na literatura, o povo é o único juiz. Ele vota pela aceitação de estátuas e quadros para os edifícios públicos, e seu veredicto favorável leva à remissão do artista de outras tarefas, para que se dedique à sua vocação. Sobre cópias de sua obra descartadas, ele também obtém a mesma vantagem que o autor na venda de seus livros. Em todas essas facetas do gênio original, o plano a ser seguido é o mesmo: oferecer um campo livre aos aspirantes, e tão logo seja reconhecido um talento excepcional, libertá-lo de todos os entraves e dar-lhe livre curso. A remissão de outro serviço, nesses casos, não se destina a ser um presente ou recompensa, mas o meio de obter mais e melhores serviços. É claro que existem vários institutos literários, de arte e científicos aos quais os famosos e muito valorizados são membros. A maior de todas as honras na nação, mais elevada do que a presidência, que exige apenas bom senso e devoção ao dever, é a fita vermelha concedida pelo voto do povo aos grandes autores, artistas, engenheiros, médicos e inventores de uma geração. Não mais que um certo número a use em qualquer momento, embora todo jovem brilhante no país perca inúmeras noites de sono sonhando com ela. Eu mesmo perdi algumas."

"Como se mamãe e eu fossemos pensar mais do senhor se a tivesse", exclamou Edith; "não que não seja, é claro, uma coisa muito boa de se ter."

"Você não teve escolha, minha querida, a não ser aceitar seu pai como o encontrou e tirar o melhor dele", respondeu o Dr. Leete; "mas, quanto à sua mãe, ela nunca teria me aceitado se eu não tivesse garantido a ela que seria obrigado a receber a fita vermelha ou, pelo menos, a azul."

No que diz respeito a essa extravagância, o único comentário da Sra. Leete foi um sorriso.

"Que tal periódicos e jornais?", eu disse. "Não vou negar que o seu sistema de publicação de livros fez um avanço considerável em relação ao nosso, tanto no que diz respeito à tendência de encorajar uma verdadeira vocação literária, quanto – e isso é tão importante quanto – em desencorajar reles escribas; mas não vejo como isso pode ser feito ao se aplicar a revistas e jornais. É muito bom fazer um

homem pagar pela publicação de um livro, pois o gasto será apenas ocasional; mas nenhum homem poderia pagar as despesas de publicar um jornal todos os dias do ano. Para tal, custava muito dinheiro para os nossos capitalistas privados e muitas vezes os exauriam antes que houvesse retorno. Se vocês têm jornais, eles devem, imagino, ser publicados pelo governo com despesas públicas – com editores do governo, refletindo as opiniões do governo. Agora, se o seu sistema é tão perfeito que nunca haverá nada a criticar na condução dos negócios, este arranjo será respondido. Caso contrário, eu deveria imaginar que a falta de um meio não oficial independente para a expressão da opinião pública teria os resultados mais infelizes. Confesse, Dr. Leete, que um jornal livre, com tudo o que isso implica, foi um incidente redentor do antigo sistema quando o capital estava em mãos privadas, e que vocês têm que compensar a perda disso contra seus ganhos em outros aspectos."

"Receio não poder dar nem mesmo esse consolo", respondeu o Dr. Leete, rindo. "Em primeiro lugar, senhor West, a imprensa jornalística não é de forma alguma única ou, pelo que vemos, o melhor veículo para críticas sérias dos assuntos públicos. Para nós, os julgamentos de seus jornais sobre esses temas parecem ter sido, em geral, rudes e irreverentes, além de profundamente tingidos de preconceito e amargura. Na medida em que pudessem ser tomados como expressão da opinião pública, davam uma impressão desfavorável da inteligência popular, ao passo que, na medida em que pudessem ter formado a opinião pública, a nação não era agraciada. Hoje em dia, quando um cidadão deseja causar uma impressão séria na mente do público quanto a qualquer aspecto dos assuntos públicos, ele lança um livro ou panfleto, produzido tal qual outros livros. Mas não é porque nos faltem jornais e revistas, ou porque lhe falte a mais absoluta liberdade. A imprensa jornalística é organizada de forma a ser uma expressão mais perfeita da opinião pública do que poderia ser em nossos dias, quando o capital privado a controlava e administrava principalmente como um negócio lucrativo e, secundariamente, apenas como um porta-voz do povo."

"Mas", disse eu, "se o governo imprime os jornais com despesas públicas, como pode deixar de controlar sua política? Quem nomeia os editores, senão o governo?"

"O governo não paga as despesas dos jornais, nem indica seus editores, nem exerce a menor influência em sua política", respondeu o Dr. Leete. "As pessoas que pegam o jornal pagam as despesas de sua publicação, escolhem seu editor e o destituem quando insatisfatório. O senhor dificilmente dirá, eu acho, que tal imprensa jornaleira não é um órgão livre de opinião popular."

“Decididamente não devo”, respondi, “mas como isso é praticável?”

“Nada poderia ser mais simples. Suponha que alguns de meus vizinhos ou eu pensemos que devemos ter um jornal que reflita nossas opiniões, dedicado especialmente à nossa localidade, comércio ou profissão. Consultamos as pessoas até conseguirmos nomes em tal número que suas assinaturas anuais cobrirão o custo do jornal, que é pequeno ou grande de acordo com a amplitude de seu grupo constituinte. O valor das assinaturas marcadas no crédito dos cidadãos garante a nação contra perdas na edição do jornal; o seu comércio, entenda, sendo diretamente de um editor, não tem a opção de ter recusado o dever exigido. Os assinantes do jornal passam a eleger alguém como editor, que, caso aceite o cargo, fica dispensado de outro serviço durante sua gestão. Em vez de pagar um salário a ele, como na sua época, os assinantes pagam à nação uma indenização igual ao custo de seu sustento para retirá-lo do serviço geral. Ele administra o jornal da mesma forma que um de seus editores, com exceção de não ter um departamento de contabilidade a que deva obedecer, ou interesses do capital privado em oposição ao bem público que deva defender. No final do primeiro ano, os assinantes do próximo reelegem o ex-editor ou escolhem qualquer outro para ocupar seu lugar. Um editor competente, é claro, mantém seu lugar por tempo indefinido. Conforme a lista de assinaturas aumenta, os fundos do jornal aumentam, e é melhorado pela obtenção de mais e melhores colaboradores, assim como seus jornais.”

“Como é recompensado o quadro de colaboradores, já que não podem ser pagos em dinheiro?”

“O editor acerta com eles o preço de seus produtos. O montante é transferido para o seu crédito individual a partir do crédito que garantiu o jornal, sendo assim concedida ao contribuinte a dispensa de serviço por um período de tempo correspondente ao valor creditado, tal como acontece com os demais autores. Quanto às revistas, o sistema é o mesmo. Os interessados no prospecto de um novo periódico prometem assinaturas suficientes para mantê-lo por um ano; seleciona-se seu editor, que recompensa os colaboradores assim como no outro caso; o escritório de impressão fornece a força necessária e o material para publicação, naturalmente. Quando os serviços de um editor não são mais desejados, se ele não pode ganhar o direito ao seu tempo por meio de outra obra literária, ele simplesmente reassume seu lugar no exército industrial. Devo acrescentar que, embora normalmente o editor seja eleito apenas no final do ano, e via de regra continue no cargo por um período de anos, em caso de qualquer mudança repentina que ele porventura dê ao tom do jornal, abre-se

uma cláusula aos assinantes para removê-lo a qualquer momento."

"Por mais seriamente que um homem possa desejar o lazer para fins de estudo ou meditação", observei, "ele não pode se livrar do arreio, se o entendi corretamente, exceto das duas maneiras que você mencionou. Ele deve, por produtividade literária, artística ou inventiva, indenizar a nação pela perda de seus serviços, ou deve obter um número suficiente de outras pessoas para contribuir com tal indenização."

"É absolutamente certo", respondeu o Dr. Leete, "que nenhum homem fisicamente apto hoje em dia possa escapar de sua cota de trabalho e viver do trabalho dos outros, quer se chame pelo bom nome de estudante ou confesse ser simplesmente preguiçoso. Ao mesmo tempo, nosso sistema é maleável o suficiente para dar liberdade a todos os instintos da natureza humana que não visem dominar os outros ou viver do fruto do trabalho alheio. Não existe apenas a remissão por indenização, mas a remissão por abnegação. Qualquer homem em seu trigésimo terceiro ano, com o tempo de serviço sendo cumprido pela metade, pode obter uma dispensa honrosa do exército, desde que aceite para o resto de sua vida a metade da taxa de manutenção que outros cidadãos recebem. É perfeitamente possível viver com essa quantia, embora seja necessário renunciar aos luxos e elegâncias da vida – talvez a alguns de seus confortos."

Quando as senhoras se retiraram naquela noite, Edith me trouxe um livro e disse:

"Se você estiver acordado esta noite, Sr. West, pode estar interessado em ler esta história de Berrian. É considerada sua obra-prima e, pelo menos, dará uma ideia de como são as histórias de hoje."

Sentei-me em meu quarto naquela noite lendo "Pentesilia" até ficar cinza no Leste, e não o deitei antes de terminá-lo. No entanto, que nenhum admirador do grande romancista do século XX se ressinta por eu dizer que, na primeira leitura, o que mais me impressionou não foi tanto o que estava no livro, mas o que ficou de fora. Os escritores de histórias da minha época teriam considerado a fabricação de tijolos sem palha uma tarefa leve em comparação com a construção de um romance do qual deveriam ser excluídos todos os efeitos extraídos dos contrastes de riqueza e pobreza, educação e ignorância, grosseria e refinamento, altos e baixos, todos os motivos derivados do orgulho e ambição social, o desejo de ser mais rico ou o medo de ser mais pobre, juntamente com ansiedades sórdidas de qualquer tipo por si mesmo ou pelos outros; um romance em que deveria, de fato, haver amor em abundância, mas um amor que não era incomodado por barreiras artificiais criadas por diferenças de posição ou posses, não possuindo

outra lei senão a do coração. A leitura de “Pentesilia” foi de mais valor do que qualquer explicação teria sido para me dar algo como uma impressão geral do aspecto social do século XX. As informações que o Dr. Leete transmitiu eram certamente extensas em fatos, mas haviam afetado minha mente como muitas impressões separadas, que eu ainda tinha conseguido, mas imperfeitamente, tornar coerentes. Berrian as juntou para mim em um só quadro.

Capítulo 16

Na manhã seguinte acordei um pouco antes da hora do café da manhã. Conforme descia pelas escadas, Edith entrou no saguão vindo do quarto que servira de cena da entrevista matutina entre nós, a mesma descrita há alguns capítulos.

“A-ha”, ela exclamou com uma expressão charmosa, “pensou que escaparia incógnito para outro desses passeios matutinos solitários que têm efeitos tão positivos sobre você. Mas veja, desta vez estou de pé cedo para o acompanhar. Você foi pego, com justiça”.

“Você desacredita na eficácia de sua própria cura”, disse eu, “ao supor que tal perambulação agora traria consequências ruins.”

“Estou muito feliz em ouvir isso”, disse ela. “Estava eu aqui arrumando flores para a mesa do café da manhã quando ouvi você descer, e imaginei ter detectado algo furtivo em seus passos na escada.”

“Está sendo injusta”, respondi. “Eu não tinha a menor intenção de sair.”

Apesar de seu esforço em transmitir a impressão de que minha interceptação foi puramente acidental, tive na época uma vaga suspeita do que depois aprendi ser o fato: ou seja, que esta doce criatura, em busca de sua presumida tutela sobre mim, tinha se levantado nas últimas duas ou três manhãs em uma hora inédita para evitar a possibilidade de eu vagar sozinho, caso fosse afetado como na ocasião anterior. Recebendo permissão para ajudá-la a preparar o buquê do café da manhã, segui-a até a sala de onde ela havia saído.

“Tem certeza”, perguntou ela, “de que as sensações terríveis que teve naquela manhã acabaram?”

“Não posso dizer que tenha deixado de passar por momentos em que me sinto decididamente esquisito”, respondi, “momentos em que minha identidade pessoal parece uma questão em aberto. Depois de minha experiência, seria demais esperar que eu não tivesse tais sensações de vez em quando. Mas quanto a ser levado para fora por minhas pernas, como estava prestes a fazer naquela manhã, acho que o perigo passou.”

“Jamais esquecerei sua aparência naquela manhã”, disse ela.

“Se tivesse apenas salvado minha vida”, continuei, “talvez eu

pudesse encontrar palavras para expressar minha gratidão; mas você salvou também minha sanidade, e não há palavras que mitiguem minha dívida consigo." Falei com emoção e seus olhos ficaram úmidos de repente.

"É difícil crer em tudo", disse ela, "mas é muito bom ouvi-lo dizer isso. O que fiz foi muito pouco. Fiquei muito angustiada por você, eu sei. Papai nunca acha que algo deva nos surpreender enquanto puder ser explicado cientificamente, como suponho que este seu longo sono possa ser; mas mesmo imaginar-me em seu lugar me faz perder a cabeça. Eu sei que eu não conseguiria ter suportado isso de jeito nenhum."

"Isso dependeria", respondi. "Um anjo poderia vir apoiá-la com simpatia na crise de sua condição, como veio a mim." Se, naquele momento, meu rosto, de algum modo, expressou os sentimentos que eu tinha o direito de ter por aquela jovem doce e adorável, que desempenhara um papel tão angelical em relação a mim, deve ter sido uma expressão de extrema adoração. A expressão ou as palavras, ou as duas juntas, fizeram com que ela baixasse os olhos com um rubor encantador.

"Por falar nisso", disse eu, "se sua experiência não foi tão surpreendente quanto a minha, deve ter sido bastante impressionante ver um homem pertencente a um século estranho, e aparentemente morto há cem anos, ressuscitado."

"A princípio pareceu realmente estranho, além de qualquer descrição", disse ela, "mas quando começamos a nos colocar em seu lugar, e percebemos o quão estranho isso lhe deve parecer, imagino que esquecemos muito nossos próprios sentimentos. Eu pelo menos sei que foi esse o meu caso. Aquilo pareceu então menos surpreendente do que interessante e comovente, para além de tudo o que já se ouviu falar até então."

"Mas não é surpreendente para você se sentar à mesa comigo, vendo quem eu sou?"

"Você deve se lembrar que não parece tão estranho para nós como devemos parecer para você", ela respondeu. "Pertencemos a um futuro do qual você não poderia formar qualquer ideia, uma geração da qual você nada sabia até nos ver. Mas você pertence a uma geração da qual nossos antepassados fizeram parte. Nós sabemos tudo a respeito; os nomes de muitos de seus membros são palavras familiares para nós. Fizemos um estudo de suas maneiras de viver e pensar; nada que você diga ou faça nos surpreende, ao passo que nada que dizemos ou fazemos deixa de lhe parecer estranho. Portanto, Sr. West, note que se conseguir, com o tempo, se acostumar conosco, não é surpreendente que, desde o início, mal tenhamos o achado estranho."

“Eu não tinha pensado nisso dessa forma”, respondi. “Há realmente muito de interessante no que você diz. É mais fácil olhar para trás mil anos do que antever cinquenta. Um século não é um retrospecto tão longo. Eu devo ter conhecido seus bisavós. Possivelmente sim. Eles moravam em Boston?”

“Creio que sim”.

“Você não tem certeza, então?”

“É isso”, ela respondeu. “Pois creio que moravam”.

“Eu tinha um vasto círculo de conhecidos na cidade”, eu disse. “Não é improvável que eu saiba algo deles. Talvez os conheci bem. Não seria interessante se eu tivesse a chance de contar-lhe tudo sobre seu bisavô, por exemplo?”

“Muito interessante.”

“Você conhece sua genealogia bem o suficiente para me dizer quem eram seus antepassados na Boston de minha época?”

“Ah, sim.”

“Talvez, então, me dirá algum dia quais eram seus nomes.”

Ela estava concentrada com um arranjo intrincado de plantas e não respondeu de pronto. Os degraus na escada indicavam que os outros membros da família estavam descendo.

“Talvez, algum dia”, disse ela.

Depois do café da manhã, o Dr. Leete sugeriu que me levasse para inspecionar o armazém central e observar em operação o maquinário de distribuição que Edith havia me descrito. Ao nos afastarmos de casa, eu disse: “Há vários dias que vivo em sua casa a custos extraordinários, ou melhor, a custo nenhum. Não falei sobre esse aspecto de minha posição antes porque havia muitos outros ainda mais extraordinários. Mas agora que começo um pouco a ganhar chão e perceber que, independentemente de como cheguei aqui, aqui estou e devo aproveitar ao máximo, devo conversar com o senhor a esse respeito.”

“Quanto a ser um hóspede em minha casa”, respondeu o Dr. Leete, “rogo-lhe que não se inquiete nesse quesito; pretendo sustentá-lo por muito tempo ainda. Com toda a sua modéstia, o senhor pode apenas perceber que ter um convidado assim é uma aquisição da qual não se abre mão.”

“Obrigado, doutor”, eu disse. “Seria absurdo, certamente, fingir qualquer hipersensibilidade por aceitar a hospitalidade temporária de alguém a quem devo tanto por não estar ainda esperando pelo fim do mundo enterrado vivo. Mas se for para eu ser um cidadão permanente deste século, deverei assumir algum posto nele. Pois bem, em minha

época uma pessoa que adentrasse um ambiente, seja lá como o fizesse, não seria notada em meio à massa, e poderia encontrar um espaço para si em qualquer parte caso tivesse força suficiente. Mas hoje em dia todos são parte do sistema, com um posto e uma função distinta. Estou fora do sistema e não vejo como posso entrar; parece não haver modo de ingressar nele que não fosse nascendo nele, ou chegando como migrante de outro sistema."

O Dr. Leete riu vivamente.

"Admito", ele disse, "que nosso sistema é falho por não dar provisões a casos como o seu, mas note que ninguém antecipou adições ao mundo que não fossem pelo processo habitual. No entanto, não precisa ter medo de não podermos fornecer um lugar e uma ocupação para si no devido tempo. O senhor só entrou em contato com membros de minha família por ora, mas não deve supor que guardei seu segredo. Pelo contrário, o seu caso, mesmo antes de sua ressuscitação, e muito mais desde então, despertou o mais profundo interesse da nação. Em vista de seu precário estado de nervos, foi melhor que eu assumisse o comando exclusivo no início, e que o senhor, através de mim e de minha família, recebesse alguma ideia geral do tipo de mundo para o qual regressou antes de começar a tomar conhecimento geral de seus habitantes. No que diz respeito a encontrar uma função na sociedade, não houve hesitação sobre qual seria. Poucos de nós têm em nosso poder a capacidade de prestar um serviço tão grande à nação como o senhor terá quando deixar minha casa, algo que, no entanto, não deve pensar em fazer por um bom tempo ainda."

"O que eu posso fazer?", perguntei. "Talvez o senhor imagine que eu tenha algum ofício, ou arte, ou habilidade especial. Garanto que não tenho nenhum. Nunca ganhei um dólar em minha vida ou trabalhei uma única hora. Sou saudável e poderia ser um trabalhador comum, nada mais."

"Se esse fosse o serviço mais eficiente que você pudesse prestar à nação, consideraria essa vocação tão respeitável quanto qualquer outra", respondeu o Dr. Leete; "mas é possível fazer outra coisa melhor. O senhor é facilmente o mestre de todos os nossos historiadores nas questões relativas à condição social da última parte do século XIX, para nós um dos períodos mais interessantes da história: e sempre que no devido tempo se familiarizar suficientemente com nossas instituições e estar dispostos a nos ensinar algo sobre os de sua época, encontrará um conferencista histórico em uma de nossas faculdades à sua espera."

"Muito bom! Muito bom mesmo", disse eu, bastante aliviado por uma sugestão tão prática sobre um ponto que começava a me

incomodar. “Se o seu povo está realmente tão interessado no século XIX, haverá de fato uma ocupação disponível para mim. Não acho que haja mais nada em que eu pudesse ganhar meu sustento, mas certamente posso alegar sem vaidade que tenho algumas qualificações especiais para o cargo tal qual o senhor descreve.”

Capítulo 17

Achei os processos no depósito tão interessantes quanto Edith os havia descrito, e fiquei até mesmo entusiasmado com o retrato verdadeiramente notável da eficiência prodigiosamente multiplicada que uma organização perfeita pode proporcionar ao trabalho. É como um moinho gigantesco, em cuja tremonha as mercadorias são constantemente despejadas como carga de trem ou navio, para então serem emitidas na outra extremidade em pacotes de libras e onças, jardas e polegadas, litros e galões, correspondendo ao infinito de necessidades pessoais complexas de meio milhão de pessoas. O Dr. Leete, com a ajuda de dados que forneci sobre como as mercadorias eram vendidas em minha época, descobriu alguns resultados surpreendentes na forma de economia efetuada pelo sistema moderno.

Enquanto partíamos para casa, eu disse: “Depois do que vi hoje, junto com o que o senhor me disse, e o que aprendi sob a tutela da Srta. Leete na loja de amostras, tenho uma ideia razoavelmente clara do seu sistema de distribuição; de como ele permite que se abra mão de um meio circulante. Mas eu gostaria muito de saber algo a mais sobre seu sistema de produção. O senhor me disse em geral como seu exército industrial é recolhido e organizado; mas quem dirige seus esforços? Que autoridade suprema determina o que deve ser feito em cada departamento, de modo que o suficiente de tudo seja produzido e ainda assim nenhum trabalho seja desperdiçado? Parece-me que esta deve ser uma função maravilhosamente complexa e difícil, exigindo dotes muito incomuns.”

“É o que realmente lhe parece?”, respondeu o Dr. Leete. “Garanto que não é nada disso, mas, por outro lado, é tão simples e depende de princípios tão óbvios, tão facilmente aplicados, que os funcionários de Washington a quem são confiados não passam de homens de boas habilidades para cumprir a tarefa a fim de garantir a completa satisfação da nação. O maquinário que dirigiam era, de fato, vasto, mas tão lógico em seus princípios, direto e simples em seus mecanismos, que tudo fluía por si só; ninguém senão um tolo seria capaz de desregulá-lo, como acho que o senhor concordará após uma breve explicação. Como o senhor já tem uma boa idéia do funcionamento do sistema distributivo, comecemos por aí. Mesmo na sua época, os estatísticos eram capazes de dizer o número de metros de algodão, veludo, lã, o número de barris de farinha, batatas,

manteiga, o número de pares de sapatos, chapéus e guarda-chuvas consumidos anualmente pela nação. Como a produção estava em mãos privadas e não havia como obter estatísticas da distribuição real, esses números não eram exatos, embora estivessem quase lá. Agora que cada alfinete que sai de um armazém nacional é registrado, é claro que os números de consumo para qualquer semana, mês ou ano, são precisos, uma vez que estarão na posse do departamento de distribuição no final desse período. As estimativas são baseadas nesses números com um ano de antecedência, permitindo tendências de aumento ou diminuição, além de quaisquer causas especiais que possam afetar a demanda. Tais estimativas, com adequada margem de segurança, tendo sido aceitas pela administração geral, fazem cessar a responsabilidade da repartição distributiva até que a mercadoria lhe seja entregue. Falo das estimativas sendo fornecidas para um ano inteiro à frente, embora na realidade elas cubram todo esse período apenas no caso dos grandes produtos básicos para os quais a demanda pode ser calculada como estável. Na grande maioria das indústrias menores, para cujo produto o gosto popular flutua e a novidade é frequentemente exigida, a produção é mantida pouco à frente do consumo, e o departamento de distribuição fornece estimativas frequentes com base no estado da demanda semanal.

Pois bem, todo o campo da indústria produtiva e construtiva está dividido em dez grandes departamentos, cada um representando um grupo de indústrias aliadas, cada indústria em particular sendo, por sua vez, representada por um escritório subordinado, que tem um registro completo da fábrica e da força sob seu controle, do produto presente e dos meios de aumentar seu volume. As estimativas do departamento distributivo, após adoção pela administração, são enviadas como mandatos aos dez grandes departamentos, os quais as distribuem às agências subordinadas que representam as indústrias particulares, e estas põem os homens para trabalhar. Cada escritório é responsável pela tarefa a si atribuída, e essa responsabilidade é reforçada pela supervisão departamental e da administração; tampouco o departamento de distribuição aceita o produto sem sua própria inspeção. Entretanto, mesmo que, já nas mãos do consumidor, um artigo se torne impróprio, o sistema permite que a falha seja atribuída ao trabalhador original. A produção de mercadorias para consumo público real não requer, de forma alguma, toda a força nacional de trabalhadores. Depois de os contingentes necessários serem detalhados para as várias indústrias, a quantidade de trabalho restante para outros fins é gasta na criação de capital fixo, como edifícios, máquinas, obras de engenharia e assim por diante."

"Um aspecto me vem", eu disse, "sobre o qual imagino poder haver insatisfação. Onde não há oportunidade para a iniciativa

privada, como poderá haver garantia de que serão respeitadas as reivindicações de pequenas minorias da população por aqueles artigos produzidos aos quais não há grande demanda? A qualquer momento um decreto oficial pode privá-las dos meios de satisfazer algum gosto especial, simplesmente porque a maioria não compartilha dele."

"Isso seria tirania, de fato", respondeu o Dr. Leete, "e pode ter certeza de que isso não acontece conosco, para quem a liberdade é tão cara quanto a igualdade ou a fraternidade. À medida que conhecer melhor nosso sistema, verá que nossos funcionários são de fato, e não apenas no nome, os agentes e servidores do povo. O governo não tem poder de interromper a produção de qualquer mercadoria pela qual continua havendo demanda. Suponha que a demanda por qualquer artigo diminua a tal ponto que sua produção se torne muito cara. O preço deverá ser aumentado proporcionalmente, é claro, mas enquanto o consumidor não se importar de pagá-lo, a produção continuará. Novamente, suponha que se exija um artigo nunca antes produzido. Se o governo duvidar da realidade da demanda, uma petição popular que garanta certa base de consumo o obriga a produzir o artigo desejado. Um governo, ou uma maioria, que se encarregasse de dizer ao povo, ou a uma minoria, o que comer, beber ou vestir – como creio que os governos americanos faziam em sua época –, seria considerado um anacronismo curioso. Possivelmente vocês tinham motivos para tolerar essas violações de independência pessoal, mas não devemos considerá-las suportáveis. Fico feliz que tenha levantado este ponto, pois me dá a chance de lhe mostrar o quão mais direto e eficiente é o controle atual sobre a produção, exercido pelo cidadão individual, em comparação com que acontecia em sua época, quando a chamada 'iniciativa privada' prevalecia. Porém, ela deveria se chamar 'iniciativa capitalista', pois o cidadão comum tinha pouca participação ali."

"O senhor falou em aumentar o preço de artigos caros", disse eu. "Como os preços podem ser regulados em um país onde não há competição entre compradores ou vendedores?"

"Assim como era entre vocês", respondeu o Dr. Leete. "O senhor acha que precisa de uma explicação aqui", acrescentou ele, ao passo que eu parecia incrédulo, "mas uma explicação longa não é necessária; o custo da mão de obra que a produziu foi reconhecido como a base legítima do preço de um artigo em sua época, e assim é no nosso. Na sua época, a diferença de salários fazia a diferença no custo do trabalho; agora é o número relativo de horas que constituem um dia de trabalho em diferentes ofícios, sendo a manutenção do trabalhador igual em todos os casos. O custo do trabalho de um homem em um ramo tão árduo que, para atrair voluntários, as horas precisam ser

fixadas em quatro horas por dia, é duas vezes mais do que ocorre em um comércio onde os homens trabalham oito horas. O resultado relativo ao custo do trabalho, veja bem, é exatamente idêntico ao do homem que trabalha quatro horas recebesse, de acordo com o seu sistema, o dobro dos salários que os outros recebem. Este cálculo aplicado à mão de obra empregada nos vários processos de um artigo manufaturado dá seu preço em relação a outros artigos. Além do custo de produção e transporte, o fator de escassez afeta os preços de algumas mercadorias. No que diz respeito aos alimentos básicos da vida, dos quais uma abundância pode sempre ser assegurada, a escassez é eliminada como fator. Sempre há um grande excedente mantido à mão, do qual quaisquer flutuações de demanda ou oferta podem ser corrigidas, mesmo na maioria dos casos de safras ruins. Os preços dos alimentos básicos crescem menos ano a ano, mas raramente, ou nunca, aumentam. Existem, no entanto, certas classes de artigos permanentemente, e outras temporariamente, desiguais em termos de demanda. É o caso, por exemplo, de peixe fresco ou laticínios na última categoria, e os produtos cuja produção envolva alta habilidade e materiais raros na outra. Tudo o que pode ser feito aqui é equalizar o inconveniente da escassez. Isso é feito aumentando temporariamente o preço, se a escassez for temporária, ou fixando-o a um patamar alto, se for permanente. Preços altos em sua época significavam restrição dos artigos destinados aos ricos, mas hoje em dia, em que os meios de todos são iguais, isso afeta apenas aqueles para quem os artigos parecem mais desejáveis e que os adquirem. É claro que o país, como deve ocorrer com qualquer outro fornecedor das necessidades do público, frequentemente fica com pequenos lotes de produtos em mãos para casos de mudanças no gosto, clima instável e demais causas. Esses produtos ele precisa descartar com certo sacrifício, exatamente como os comerciantes costumavam fazer em sua época, cobrando o prejuízo nas despesas do negócio. Devido, no entanto, ao vasto número de consumidores aos quais esses lotes podem ser oferecidos simultaneamente, raramente haverá qualquer dificuldade em se livrar deles com uma perda insignificante. Agora lhe provi de uma noção geral de nosso sistema de produção; bem como distribuição. Acha ela tão complexa quanto esperava?”

Admiti que nada poderia ser mais simples.

“Tenho certeza”, disse o Dr. Leete, “que é correto dizer que os cabeças de uma das inúmeras empresas privadas de sua época, que tinham de manter uma vigilância insone contra as flutuações do mercado, as maquinações de seus rivais e o fracasso de seus devedores, tinham uma tarefa muito mais árdua do que o grupo de homens em Washington que hoje dirige as indústrias de toda a nação. Tudo isso apenas mostra, meu caro amigo, como é muito mais fácil

fazer as coisas da maneira certa do que da maneira errada. É mais fácil para um general subir em um balão, obtendo um panorama perfeito do campo e assim manobrar um milhão de homens para a vitória, do que para um sargento dirigir um pelotão em um matagal."

"O general deste exército, além da flor da virilidade da nação, deve ser o homem mais importante do país, realmente maior até do que o presidente dos Estados Unidos", disse eu.

"Ele é o presidente dos Estados Unidos", respondeu o Dr. Leete, "ou melhor, a função mais importante da presidência é a chefia do exército industrial."

"Como ele é escolhido?" , eu perguntei.

"Eu já expliquei ao senhor", respondeu o Dr. Leete, "quando descrevi a força do motivo da emulação entre todos os graus do exército industrial: a linha de promoção para os meritórios reside em três graus até o grau do oficial, e daí passando pelos tenentes até a capitania ou assessor, pela superintendência ou pelo posto de coronel. Em seguida, com um grau intermediário em alguns dos negócios maiores, vem o general da guilda, sob cujo controle imediato são conduzidas todas as operações do comércio. Este oficial está à frente do gabinete nacional que representa a sua profissão e é responsável pelo seu trabalho junto à administração. O general de sua guilda detém uma posição esplêndida, e uma que satisfaz amplamente a ambição da maioria dos homens, mas acima de sua posição, que pode ser comparada – para seguir as analogias militares familiares a você – à de um general de divisão ou major-geral, é o dos chefes dos dez grandes departamentos, ou grupos de ofícios aliados. Os chefes dessas dez grandes divisões do exército industrial podem ser comparados aos comandantes do corpo do exército, ou tenentes-generais, cada um tendo de uma dúzia a vinte generais de diferentes guildas subordinados a si. Acima desses dez grandes oficiais, os quais formam seu conselho, está o general-chefe, que é o presidente dos Estados Unidos.

O general-chefe do exército industrial deve ter passado por todos os níveis abaixo de sua hierarquia, desde o de trabalhador comum. Vejamos como ele sobe. Como já lhe disse, é simplesmente pela excelência de seu histórico de trabalhador que alguém sobe nas notas dos soldados rasos e se torna um candidato a tenente. Pelo cargo de tenente se sobe ao cargo de coronel, ou superintendente, por nomeação de cima, estritamente limitada aos candidatos com os melhores históricos. O general da guilda aponta para as fileiras abaixo dele, embora ele próprio não seja nomeado, mas escolhido por sufrágio."

"Por sufrágio!", exclamei. "Isso não é prejudicial para a disciplina

da guilda? Por oferecer aos candidatos a tentação de tramar em prol do apoio dos trabalhadores abaixo de si?"

"Assim seria, sem dúvida", respondeu o Dr. Leete, "se os trabalhadores tivessem algum sufrágio a exercer, ou algo a dizer sobre a escolha. Mas eles não têm nada. Aqui entra uma peculiaridade de nosso sistema. O general da guilda é escolhido entre os superintendentes pelo voto dos membros honorários da guilda, ou seja, daqueles que cumpriram seu débito para com a guilda e receberam dispensa. Como você sabe, aos quarenta e cinco anos saímos do exército industrial e temos o resto da vida para buscarmos nosso próprio aperfeiçoamento ou recreação. Claro, no entanto, as associações de nossa vida ativa mantêm um domínio poderoso sobre nós. As companhias que formamos permanecem conosco até o fim da vida. Sempre continuamos como membros honorários de nossas antigas guildas e deixamos nas mãos da geração seguinte o interesse mais intenso e possessivo por seu bem-estar e reputação. Nos clubes, mantidos por membros honorários das várias guildas, onde temos encontros sociais, não há tópicos de conversa mais comuns do que aqueles relacionados com esses temas. Jovens aspirantes pela liderança das guildas que possam, ali, transmitir críticas para nós, seus companheiros mais velhos, possivelmente serão aqueles que estarão bem preparados para o cargo. Reconhecendo esse fato, a nação confia aos membros honorários de cada guilda a eleição de seu general. Arrisco afirmar que nenhuma forma anterior de sociedade poderia ter desenvolvido um corpo de eleitores tão idealmente adaptado a seus cargos, no que diz respeito à absoluta imparcialidade, conhecimento das qualificações especiais e histórico de candidatos – à solicitude pelo melhor resultado e total ausência de interesse próprio.

Cada um dos dez tenentes-generais ou chefes de departamento é eleito dentre os generais das guildas, as quais são agrupadas como um departamento, pelo voto dos membros honorários desses agrupamentos. É claro que existe uma tendência por parte de cada guilda de votar em seu próprio general, mas nenhuma guilda de qualquer grupo tem votos suficientes para eleger um homem que não seja apoiado pela maioria. Garanto-lhe que estas eleições são bastante acaloradas."

"O presidente, suponho, é selecionado entre os dez chefes dos grandes departamentos", sugeri.

"Precisamente, mas os chefes de departamentos não são eleitos para a presidência até terem estado alguns anos fora do cargo. Raramente um homem passa de todos os graus até a chefia de um departamento muito antes de completar quarenta anos e, ao final de um mandato de cinco anos, geralmente atinge os quarenta e cinco. Se

passar disso, ele continua a servir durante seu mandato; se não, é dispensado do exército industrial de qualquer forma, antes do término de seu tempo. Não seria bom para ele retornar às fileiras. O intervalo antes de ser candidato à presidência visa dar tempo para que reconheça plenamente que voltou à massa geral da nação e se identifica com ela, e não com o exército industrial. Além disso, espera-se que ele use esse período para estudar a condição geral do exército, em vez de o grupo especial de guildas do qual ele era o chefe. Entre os ex-chefes de departamentos passíveis a ser eleitos na época, o presidente é escolhido pelo voto de todos os homens da nação que não estão ligados ao exército industrial."

"O exército não tem permissão para votar para presidente?"

"Certamente não. Isso seria perigoso para sua disciplina, a qual cabe ao presidente manter como representante da nação em geral. A sua mão direita para este fim é a Inspeção, um departamento muito importante do nosso sistema; à fiscalização chegam todas as reclamações ou informações relativas a defeitos nas mercadorias, insolência ou ineficiência dos funcionários, ou abandono de qualquer tipo no serviço público. Os inspetores, porém, não esperam pelas reclamações. Eles não só estão alertas para captar e peneirar todos os rumores de uma falha no serviço; é sua função, por meio da supervisão, de inspeção sistemática e constante de cada ramo do exército, descobrir o que há de errado antes de qualquer outra pessoa fazê-lo. O presidente geralmente não está longe dos cinquenta anos quando eleito e cumpre cinco anos, constituindo uma honrosa exceção à regra da aposentadoria aos quarenta e cinco. Ao término de seu mandato, um Congresso Nacional é convocado para receber seu relatório e aprová-lo ou condená-lo. Se for aprovado, o Congresso geralmente o elege para representar a nação por mais cinco anos no conselho internacional. O Congresso, devo dizer também, aprova os relatórios dos chefes de departamentos que deixam o cargo, e uma desaprovação torna qualquer um deles inelegível para presidente. Mas é raro, de fato, que a nação tenha motivos para outros sentimentos além dos de gratidão perante seus altos oficiais. Quanto à sua capacidade de ter subido na hierarquia por provas tão variadas e severas – esta é a prova em si de suas qualidades extraordinárias. Quanto à fidelidade, em contrapartida, nosso sistema social os deixa absolutamente sem qualquer outro motivo que não seja o de ganhar a estima de seus concidadãos. A corrupção é impossível em uma sociedade onde não há pobreza para ser subornada nem riqueza para subornar; quanto à demagogia ou intriga para se obter cargos, as condições de promoção tornam tudo isso fora de questão."

"Um ponto eu não entendo muito bem," eu disse. "Os membros

das profissões liberais são elegíveis para a presidência? Em caso afirmativo, como eles se classificam em relação aos que exercem as atividades próprias?"

"Não há classificação entre eles", respondeu o Dr. Leete. "Os membros das profissões técnicas, como engenheiros e arquitetos, têm uma classificação dentro das corporações de construção. Já os membros das profissões liberais, os médicos e professores, além de artistas e homens de letras, os quais obtêm remissões do serviço industrial, não pertencem ao exército industrial. Com base nisso, eles votam no presidente, embora não sejam elegíveis para o cargo. Sendo uma de suas principais funções o controle e disciplina do exército industrial, é fundamental que o presidente tenha passado por todos os seus escalões para entender seu ofício."

"Isso é razoável", disse eu; "mas se os médicos e professores não sabem o suficiente sobre a indústria para serem presidentes, também não creio que o presidente possa saber o suficiente sobre medicina e educação para controlar esses departamentos."

"Ele não sabe mais" foi a resposta. "Salvo de forma geral, na condição de responsável pela aplicação das leis a todas as classes, o presidente nada tem a ver com as faculdades de medicina e educação, que são controladas por conselhos regentes próprios, nos quais o Presidente é presidente *ex-officio* e tem voto de desempate. Esses regentes, que, é claro, são responsáveis perante o Congresso, são escolhidos pelos membros honorários das corporações da educação e da medicina, os professores aposentados e os médicos do país".

"Você sabe", eu disse, "o método de eleger funcionários por votos dos membros aposentados das guildas nada mais é do que a aplicação em escala nacional do plano de governo por ex-alunos, que usávamos ocasionalmente em certa medida na gestão de nossas instituições de ensino superior."

"Usavam, de verdade?", exclamou Dr. Leete, animado. "Isso é muito novo para mim, e imagino que será de muito interesse para a maioria de nós. Tem havido grande discussão quanto ao gérmen desta ideia, e imaginamos que, pela primeira vez, há algo de novo em vista. Pois bem! Em suas instituições de ensino superior! Isso é realmente interessante. O senhor terá que me contar mais sobre isso!

"Na verdade, há muito pouco mais a contar do que já contei", respondi. "Se tivermos o gérmen da ideia, não deixa de ser um começo".

Capítulo 18

Naquela noite, sentei-me por algum tempo após as damas se retirarem. Conversei com o Dr. Leete sobre o efeito do plano de isentar os homens dos serviços à nação após a idade de 45 anos, um ponto levantado por seu relato da participação dos aposentados no governo.

"Aos quarenta e cinco", disse eu, "um homem ainda tem dez anos de bom trabalho manual e duas vezes isso em termos de bom serviço intelectual. Ser aposentado naquela idade e colocado na prateleira deve ser considerado, por homens de disposição enérgica, mais como uma privação do que como um favor."

"Meu caro Sr. West", exclamou o Dr. Leete, sorrindo para mim, "o senhor não pode ter nenhuma ideia de quão estimulantes suas ideias do século XIX são para nós hoje em dia, e a rara estranheza de seu efeito. Saiba, ó filho de outra raça (e, ainda assim, da mesma), que a parcela de trabalho que temos de prestar a fim de garantir à nação os meios de uma existência física confortável não é de forma alguma considerado o mais importante, o mais interessante, ou ainda, o emprego mais digno de nossas competências. Consideramos isso um dever necessário a ser cumprido antes de poder nos devotar totalmente ao exercício superior de nossas faculdades, aos prazeres e atividades intelectuais e espirituais que, por si só, doam significado à vida. Na verdade, tudo o que é possível é feito com a distribuição justa de fardos e com todos os tipos de atrações e incentivos especiais para aliviar nosso trabalho mais enfadonho; exceto em um sentido comparativo, ele geralmente não é enfadonho. Muitas vezes, é inspirador. Porém, não é nosso trabalho, e sim as atividades mais elevadas e amplas aquelas que o desempenho de nossa tarefa nos deixará livres para exercer; este é considerado o principal assunto de nossa existência.

É claro que nem todos, nem a maioria, têm interesses científicos, artísticos, literários ou acadêmicos, os quais tornam o lazer a única coisa valiosa para seus possuidores. Muitos consideram a última metade da vida um período de outros tipos de prazer; para viagens, para relaxamento social na companhia de seus amigos de longa data; um tempo para o cultivo de todos os tipos de idiossincrasias pessoais e gostos especiais, e busca de todas as formas imagináveis de recreação – em suma, um tempo para a apreciação tranquila e imperturbável das

coisas boas do mundo que eles ajudaram a criar. Mas, quaisquer que sejam as diferenças entre nossos gostos individuais quanto ao uso que devemos dar ao nosso lazer, todos nós concordamos em esperar pela data de nossa dispensa como o momento em que entramos, pela primeira vez, no pleno gozo de nosso direito de primogenitura; o período em que alcançarmos, enfim, nossa maioridade e nos tornarmos livres da disciplina e do controle, com o pagamento de nossas vidas investido em nós mesmos. Assim como garotos ansiosos de sua época antecipavam os vinte e um anos, os homens de hoje aguardam ansiosos pelos quarenta e cinco. Aos vinte e um nos tornamos homens, mas aos quarenta e cinco renovamos a juventude. A meia-idade e o que vocês chamariam de velhice são consideradas épocas invejáveis da vida, e não a juventude. Graças às melhores condições de existência nos dias de hoje e, sobretudo, à falta generalizada de privações, a velhice chega muitos anos depois e tem um aspecto muito mais benigno do que tinha no passado. Pessoas de constituição mediana geralmente vivem até oitenta e cinco ou noventa, e aos quarenta e cinco somos física e mentalmente mais jovens, imagino, do que vocês eram aos trinta e cinco. É estranho pensar que aos quarenta e cinco anos, quando entramos no período mais agradável da vida, vocês já começavam a pensar em envelhecer e a olhar para trás. O que para vocês era a aurora, para nós é o período vespertino, a metade mais brilhante da vida."

Em seguida, lembro-me de que nossa conversa se ramificou para o assunto de esportes populares e recreação na atualidade, em comparação com os do século XIX.

"Em um aspecto", disse o Dr. Leete, "há uma diferença marcante. Aos desportistas profissionais, que foram uma característica tão curiosa da sua época, não temos nada equivalente. Tampouco os prêmios pelos quais nossos atletas disputam são prêmios em dinheiro, como no seu caso. Nossas competições são unicamente em prol da glória. A rivalidade generosa existente entre as várias guildas, e a lealdade de cada trabalhador para com a sua proporciona um estímulo constante a todos os tipos de jogos e partidas por mar e terra. A eles, os jovens têm pouco mais interesse do que os homens das guildas honorários, os que já cumpriram seu termo. As corridas de iates da guilda em Marblehead acontecerão na próxima semana, e o senhor poderá julgar por si mesmo o entusiasmo popular que tais eventos evocam hoje em dia, em comparação com sua época. A demanda por 'pão e circo' preferida pela população romana é reconhecida hoje em dia como totalmente razoável. Se o pão é a primeira necessidade da vida, a recreação vem logo em segundo lugar, e a nação atende a ambas. Os americanos do século XIX tiveram a mesma infelicidade de não possuírem uma provisão adequada para um tipo de necessidade,

assim como para o outro. Mesmo se as pessoas daquele período tivessem desfrutado de mais lazer, elas, imagino, muitas vezes não sabiam como desfrutá-lo de forma agradável. Nunca nos encontramos em tal situação."

Capítulo 19

No decurso de um passeio matinal, visitei Charlestown. Entre as mudanças que marcam o decurso de um século naquele bairro (numerosas demais para tentarmos indicar), foi-me notável o desaparecimento total do antigo presídio estadual.

"Isso foi antes da minha época, mas lembro-me de ter ouvido falar a respeito", disse o Dr. Leete, quando aludi ao fato à mesa do café da manhã. "Hoje em dia não temos prisões. Todos os casos de atavismo são tratados nos hospitais."

"De atavismo!", exclamei, mirando-o.

"Ora, sim", respondeu o Dr. Leete. "A ideia de lidar punitivamente com esses infelizes foi abandonada há pelo menos cinquenta anos. Acho que até mais."

"Não entendo muito bem", eu disse. "Atavismo em minha época era uma palavra aplicada aos casos de pessoas nas quais algum traço de um ancestral remoto vinha à tona, de maneira perceptível. Devo entender que o crime é hoje considerado a recorrência de um traço ancestral?"

"Perdão", disse o Dr. Leete com um sorriso meio humorístico, meio depreciativo, "mas como o senhor fez a pergunta de forma tão explícita, sou forçado a dizer que o fato é exatamente esse."

Depois do que já havia aprendido sobre os contrastes morais entre os séculos XIX e XX, era sem dúvida um absurdo para mim começar a desenvolver sensibilidade sobre o assunto. Provavelmente, se o Dr. Leete não tivesse falado com aquele ar apologético, e a Sra. Leete e Edith não demonstrassem um embaraço correspondente, eu não teria ficado ruborizado, como sabia estar.

"Eu não corria muito perigo de ser vaidoso com minha geração anteriormente", disse eu; "mas francamente..."

"Esta é a sua geração, Sr. West", interpôs Edith. "É aquela em que está vivendo, sabe, e é só porque estamos vivos agora que a chamamos de nossa."

"Obrigado. Vou tentar pensar assim", eu disse, e quando meus olhos encontraram os dela, sua expressão curou minha sensitividade disparatada. "Afinal", disse eu, rindo, "fui criado como calvinista e não deveria me surpreender ao ouvir falar de crime como um traço

ancestral.”

“Na verdade”, disse o Dr. Leete, “nosso uso da palavra não reflete em nada a sua geração. Se, com o perdão de Edith, podemos chamá-la de sua, na medida em que parece implicar que nos achamos, para além de nossas circunstâncias, superiores a vocês. Em sua época, dezenove vigésimos dos crimes – usando a palavra em um sentido amplo, para incluir todos os tipos de contravenções – resultaram da desigualdade nas posses dos indivíduos; o desejo dos pobres era alvoroçado, o desejo de maiores ganhos ou o desejo de preservar os ganhos anteriores, além do desejo dos ricos. Direta ou indiretamente, o desejo por dinheiro, que então significava todas as coisas boas, era o motivo de todo esse crime – a raiz mestra de um vasto crescimento do veneno que a máquina da lei, dos tribunais e da polícia mal conseguiam impedir de sufocar completamente sua civilização. Quando tornamos a nação a única depositária das riquezas do povo, e garantimos a todos farto sustento – por um lado abolindo a carência e, de outro, impedindo o acúmulo de riquezas –, cortamos esta raiz e a planta venenosa que ofuscava sua sociedade um dia, como no caso da mamoneira e Jonas.[5] Quanto à classe comparativamente pequena de crimes violentos contra pessoas, sem relação com qualquer ideia de ganho, eles eram quase totalmente confinados, mesmo em sua época, aos ignorantes e bestiais; e hoje em dia, quando a educação e as boas maneiras não são monopólio de poucos, mas universais, raramente se ouve falar de tais atrocidades. Agora o senhor vê por que a palavra ‘atavismo’ é usada no lugar de ‘crime’. É porque não há motivos de existir, agora, quase todas as formas de crime reconhecidas por vocês; quando surgem, só se pode explicá-las a partir do surgimento de características ancestrais. Vocês costumavam chamar as pessoas que roubavam sem motivo racional de ‘cleptomaníacas’ e, quando o caso fosse claro, julgava absurdo puni-las como ladrões. Sua atitude para com o cleptomaníaco genuíno é precisamente como a nossa perante a vítima do atavismo: uma atitude de compaixão e contenção firme, mas gentil.”

“Seus tribunais devem ter uma vida fácil”, observei. “Sem propriedade privada, sem disputas entre os cidadãos sobre relações comerciais, sem bens imóveis para dividir ou dívidas para cobrar, não deve haver absolutamente nenhum negócio de caráter civil para eles; e sem ofensas contra a propriedade, e muito poucos de qualquer tipo para fornecer casos criminais, eu acho que dá até para dispensar juízes e advogados.”

“Dispensamos os advogados, com certeza”, foi a resposta do dr. Leete. “Não nos pareceria razoável, em um caso onde o único interesse da nação é a busca pela verdade, que pessoas com um motivo

reconhecido para colori-la participassem do processo.”

“Mas quem defende o acusado?”

“Se ele é um criminoso, não precisa de defesa, pois se declara culpado na maioria dos casos”, respondeu o Dr. Leete. “O pedido do arguido não é mera formalidade conosco, como foi no seu caso. Geralmente ele se dá por encerrado.”

“O senhor não quer dizer que o homem que se declara inocente é então dispensado?””

“Não, não é o que quero dizer. Ele não é acusado por motivos leves e, se negar sua culpa, ainda assim deverá ser julgado. Mas os julgamentos são poucos, pois na maioria dos casos o culpado se declara como tal. Quando ele faz uma alegação falsa e é claramente provado como culpado, sua pena é dobrada. A falsidade é, no entanto, tão desprezada entre nós que poucos criminosos mentiriam para salvar a própria pele.”

“Essa é a coisa mais surpreendente que me contou até então”, exclamei. “Se a mentira saiu de moda, este é realmente o ‘novo céu e a nova terra em que habita a justiça’, que o profeta predisse.”

“Essa é, de fato, a crença de algumas pessoas hoje em dia”, foi a resposta do médico. “Eles sustentam que entramos no milênio,[6] e do ponto de vista deles tal teoria não carece de plausibilidade. Mas quanto ao espanto de descobrir que o mundo superou a mentira, realmente não há razão para tal. A falsidade, mesmo em sua época, não era comum entre cavalheiros e damas socialmente iguais. A mentira advinda do medo era o refúgio da covardia, e a mentira ligada à fraude, o artifício da trapaça. Na época, as desigualdades das pessoas e o desejo pela aquisição ofereciam um incentivo constante à mentira. Mas mesmo então, a pessoa que nem temia outra, nem queria defraudá-la, desprezava a falsidade. Pois agora somos todos socialmente iguais, e nenhuma pessoa tem qualquer coisa a temer de outra, tampouco pode ganhar algo enganando-a; assim, o desprezo pela falsidade é tão universal que raramente, como lhe disse, mesmo um criminoso em outros aspectos será encontrado disposto a mentir. Quando, no entanto, delibera-se uma declaração de não culpabilidade, o juiz nomeia dois colegas para expor os dois lados de dado caso. O quão longe esses homens estão de ser como seus advogados e promotores contratados, determinados a absolver ou condenar, revela-se a partir do fato de que, a menos que ambos concordem que o veredicto encontrado seja justo, o caso é julgado – qualquer coisa como a parcialidade no tom de qualquer um dos juízes julgando o caso seria um escândalo comovente.”

“Entendo”, eu disse, “que se trate de um juiz que indique cada

lado do caso, assim como um juiz que ouve?"

"Certamente. Eles se revezam no serviço como juízes e como advogados, e espera-se que mantenham o temperamento judicial igualitariamente, seja ao apresentar ou decidir um caso. O sistema é, de fato, um sistema de julgamento composto por três juízes com pontos de vista diferentes sobre o caso. Quando eles concordam com um veredicto, acreditamos que é o mais próximo da verdade absoluta que os homens podem chegar."

"Vocês abriram mão do sistema de júri, então?"

"Ele foi suficientemente bom como um corretivo na época dos advogados contratados – era um posto por vezes venal, muitas vezes com um mandato que o tornava subordinado –, mas agora é desnecessário. Nenhum motivo concebível que não seja a justiça poderia inspirar nossos juízes."

"Como esses magistrados são selecionados?"

"Eles constituem uma honrosa exceção à regra que dispensa todos os homens do serviço aos quarenta e cinco anos. O presidente da nação nomeia os juízes necessários, ano a ano, da classe que atinge essa faixa etária. O número indicado é, naturalmente, bastante restrito, e a honra é tão alta que é considerada uma compensação pelo termo de serviço adicional que se segue. Embora a nomeação de um juiz possa ser recusada, raramente é. O prazo é de cinco anos, sem possibilidade de renomeação. Os membros do Supremo Tribunal, o guardião da constituição, são escolhidos entre os juízes inferiores. Havendo uma vaga nesse tribunal, os dos juízes inferiores – cujos mandatos expiram no ano em questão –, o colega remanescente na tribuna que for considerado mais apto para o ocupar o posto é eleito; este conta como o último ato oficial de tais juízes."

"Não havendo profissão jurídica para servir de escola para juízes", disse eu, "eles devem, é claro, ir diretamente da faculdade de direito para o tribunal."

"Não temos faculdades de direito", respondeu o médico sorrindo. "A jurisprudência como ciência especial está obsoleta. Ela consistia em um sistema de casuística, exigido pela elaborada artificialidade da velha ordem social para fins de interpretação. Porém, apenas algumas das máximas jurídicas mais claras e simples têm qualquer aplicação ao estado existente do mundo. Tudo o que diz respeito às relações entre os homens é agora mais simples do que em sua época, para além de qualquer comparação. Não deveríamos ter nenhuma utilidade para os especialistas em divisões que presidiram e argumentaram em seus tribunais. Não se deve imaginar, entretanto, que temos qualquer desrespeito por aquelas antigas preocupações por não termos uso para

elas. Pelo contrário, nutrimos um sincero respeito, que chega quase ao ponto da admiração, pelos homens que só compreenderam e foram capazes de expor a complexidade interminável dos direitos de propriedade, além das relações de dependência comercial e pessoal envolvidas no seu sistema. O que, de fato, poderia dar uma impressão mais poderosa da complexidade e artificialidade desse sistema do que o fato de ser necessário separar a nata intelectual de cada geração de certas atividades, a fim de fornecer um corpo de especialistas capazes para torná-lo ainda vagamente inteligível para aqueles cujos destinos determinavam? Os tratados de seus grandes juristas, as obras de Blackstone e Chitty, de Story e Parsons, permanecem em nossos museus, lado a lado com os tomos de Duns Scotus e seus colegas escolásticos, como curiosos monumentos de sutileza intelectual dedicada a assuntos igualmente distantes dos interesses dos homens modernos. Nossos juízes são simplesmente homens de idade avançada bem informados, criteriosos e discretos.

Não devo deixar de falar de uma função importante dos juízes menores", acrescentou o Dr. Leete. "É para julgar todos os casos em que um soldado do exército industrial faz uma reclamação de injustiça contra um oficial. Todas essas questões são ouvidas e resolvidas sem recurso por um único juiz, sendo necessários três juízes apenas em casos mais graves. A eficiência da indústria requer a mais estrita disciplina no exército de trabalho, mas a reivindicação do trabalhador a um tratamento justo e atencioso é respaldada por todo o poder da nação. O oficial comanda e o soldado obedece, mas nenhum oficial é tão elevado a ponto de ousar exibir maneiras autoritárias para com um operário da classe mais baixa. Em casos de grosseria ou rudez de um funcionário de qualquer espécie em seu trato com o público, nenhuma ofensa menor tem reservada uma pena mais imediata do que esta. Não apenas a justiça, mas também a civilidade são aplicadas por nossos juízes em todos os tipos de relações. O valor de nenhum serviço é aceito como compensação por maneiras grosseiras ou ofensivas."

Ocorreu-me, enquanto o Dr. Leete falava, que em toda a sua exposição eu tinha ouvido muito sobre a nação e nada sobre os governos estaduais. A organização da nação como uma unidade industrial acabou com os estados?, eu perguntei.

"Necessariamente", respondeu ele. "Os governos estaduais teriam interferido no controle e disciplina do exército industrial, que, é claro, precisava ser central e uniforme. Mesmo que os governos estaduais não tenham se tornado inconvenientes por outros motivos, tornaram-se supérfluos desde sua época pela prodigiosa simplificação da tarefa de governo. Praticamente a única função atual da administração é dirigir as indústrias do país. A maioria dos propósitos para os quais os

governos existiam anteriormente não continua a ser observada. Não temos exército, nem marinha, nem organização militar. Não temos departamentos de Estado ou do tesouro, nem serviços fiscais ou de receita, tampouco impostos ou coletores de impostos. A única função devida ao governo, como o senhor sabe, que subsiste é a do judiciário e do sistema policial. Já expliquei como o nosso sistema judicial é simples em comparação com a sua enorme e complexa máquina. É claro que a mesma ausência de crime e tentação que torna os deveres dos juízes tão leves reduz o número e os deveres da polícia ao mínimo."

"Mas, sem legislaturas estaduais e com o congresso se reunindo apenas uma vez a cada cinco anos, como vocês estabelecem sua legislação?"

"Não temos legislação", respondeu o Dr. Leete, "ou melhor, quase nenhuma. Raramente o Congresso, mesmo quando se reúne, considera quaisquer novas leis de consequência e, então, só tem o poder de recomendá-las ao congresso seguinte, para que nada seja feito apressadamente. Se ponderar por um momento, Sr. West, verá que não temos nada sobre o que instaurar leis. Os princípios fundamentais sobre os quais está fundada nossa sociedade resolvem para sempre as lutas e mal-entendidos que em sua época exigiam legislação.

Noventa e nove por cento das leis da época diziam respeito à definição e proteção da propriedade privada e às relações entre compradores e vendedores. Não há propriedade privada ou pertences pessoais agora, nem compra e venda – portanto, a ocasião de quase toda a legislação antes necessária já é passado. Antigamente, a sociedade era uma pirâmide posicionada em seu topo. Todas as gravitações da natureza humana tendiam constantemente a tombá-la, ela poderia ser mantida em pé, ou melhor, de ponta cabeça (se o senhor perdoar minha tirada sem graça), por um sistema elaborado de suportes e contrapesos constantemente renovados, além de cordas de sustentação no formato de leis. Um congresso central e quarenta legislaturas estaduais, produzindo cerca de 20 mil leis por ano, não podiam fazer novos adereços com rapidez suficiente para tomar o lugar daqueles que estavam constantemente quebrando ou se tornando ineficazes devido a alguma mudança de tensão. Agora a sociedade repousa sobre sua base e precisa tão pouco de suportes artificiais quanto as colinas eternas."

"Mas o senhor tem pelo menos governos municipais além de uma autoridade central?"

"Certamente, e eles têm funções importantes e abrangentes na busca pelo conforto e recreação do público, e pela melhoria e embelezamento das aldeias e cidades."

“Mas não tendo controle sobre o trabalho de seu povo, ou meios de contratá-lo, como eles podem fazer alguma coisa?”

“Cada vila ou cidade tem o direito de reter, para suas próprias obras públicas, uma certa proporção da cota de trabalho com que seus cidadãos contribuem para a nação. Essa proporção, sendo-lhe atribuída como crédito, pode ser aplicada como bem lhe aprouver.”

Capítulo 20

Naquela tarde, Edith casualmente perguntou se eu já tinha revisitado a câmara subterrânea no jardim em que me encontraram.

"Ainda não", respondi. "Para ser franco, evitei fazê-lo até agora para a visita não reviver antigas associações, fortes demais para meu equilíbrio mental."

"Ah sim!", ela disse: "Posso imaginar que você fez bem em ficar longe. Eu deveria ter pensado nisso."

"Não", eu disse, "fico feliz que tenha falado a respeito. Tal perigo, se é que houve algum, estava apenas durante o primeiro ou segundo dia. Graças a você, principalmente e sempre, sinto-me tão firmado neste novo mundo que se for comigo até lá para manter os fantasmas longe, eu realmente gostaria de visitar o lugar hoje à tarde."

Edith hesitou a princípio, mas, descobrindo que eu estava falando sério, consentiu em me acompanhar. A muralha de terra erguida da escavação era visível entre as árvores da casa. Alguns passos nos levaram ao local. Tudo permanecera como estava no momento em que as obras foram interrompidas pela descoberta do inquilino da câmara, exceto pela porta, que havia sido aberta, e a laje do telhado, que havia sido recolocada. Descendo pelos lados íngremes da escavação, entramos pela porta e ficamos de pé, do lado de dentro da sala mal iluminada.

Tudo estava exatamente como eu vira na noite anterior, cento e treze anos atrás, pouco antes de fechar os olhos para aquele longo sono. Fiquei algum tempo em silêncio olhando ao meu redor. Percebi que minha companheira me olhava furtivamente com uma expressão de admiração e curiosidade solidária. Estendi minha mão e ela a tomou na dela; os dedos macios responderam a meu aperto com uma pressão reconfortante. Por fim, ela sussurrou: "Não seria melhor sairmos agora? Você não deve tentar ir muito longe. Oh, como deve ser estranho para você!"

"Pelo contrário", respondi, "não parece estranho; essa é a parte mais singular de tudo."

"Não é estranho?", ela repetiu.

"Isso mesmo", respondi. "As emoções com que evidentemente me credita, e que eu mesmo antecipava me acometerem nesta visita,

simplesmente não as sinto. Noto tudo o que este ambiente sugere, mas sem a agitação que esperava sentir. Você não pode estar tão surpresa com isso quanto eu estou. Desde aquela manhã terrível em que veio ao meu socorro, tenho procurado evitar pensar na minha vida anterior, assim como evitei vir aqui por medo dos efeitos agitadores. Sou como um homem que permitiu que um membro ferido ficasse imóvel sob a impressão de que é extremamente sensível e, ao tentar movê-lo, descobre que está paralisado."

"Quer dizer que sua memória se foi?"

"Não mesmo. Lembro-me de tudo relacionado com minha vida anterior, mas com uma total falta de sensibilidade. Lembro-me com clareza, como se tivesse passado apenas um dia, mas meus sentimentos sobre o que lembro são tão fracos como se para minha consciência, bem como na realidade, cem anos tivessem se passado. Talvez seja possível explicar isso também. O efeito da mudança no ambiente é como o de um lapso de tempo, o qual faz o passado parecer remoto. Quando acordei desse transe, minha vida anterior parecia como ontem. Mas agora, desde que aprendi a conhecer meu novo ambiente e perceber as mudanças prodigiosas que transformaram o mundo, não acho mais difícil, mas muito fácil, perceber que dormi por um século. Consegue imaginar algo como viver cem anos em quatro dias? Realmente me parece que fiz exatamente isso, e essa experiência que deu uma aparência tão remota e irreal à minha vida anterior. Vê como uma coisa dessas pode se dar?"

"Posso conceber", respondeu Edith, pensativa, "e acho que todos devemos ser gratos, pois isso vai poupar muito sofrimento para você, tenho certeza."

"Imagine", eu disse, em um esforço para explicar, tanto para mim quanto para ela, a estranheza de minha condição mental, "que um homem ouviu pela primeira vez sobre um luto muitos, muitos anos, talvez meia vida depois de o evento ocorrer. Imagino que seu sentimento talvez seja algo como o meu. Quando penso em meus amigos no mundo daqueles dias anteriores, e na tristeza que eles devem ter sentido por mim, é com uma pena reflexiva, em vez de uma angústia aguda; como de uma tristeza que findou há muito, muito tempo."

"Ainda não nos disse nada sobre seus amigos", disse Edith. "Teve muitos para chorar por você?"

"Graças a Deus, eu tinha poucos parentes, nenhum mais próximo do que primos", respondi. "Mas havia uma pessoa, não uma parente, mais querida para mim do que qualquer parente de sangue. Ela tinha seu nome. Ela seria minha esposa em breve. Ai de mim!"

“Ai de mim!”, suspirou a Edith ao meu lado. “Pense na aflição que ela deve ter sentido.”

Algo no sentimento profundo dessa garota gentil tocou uma corda em meu coração entorpecido. Meus olhos, antes tão secos, foram inundados com as lágrimas que até agora se recusaram a vir. Quando recuperei a compostura, vi que ela também chorava muito.

“Deus abençoe seu terno coração”, disse eu. “Gostaria de ver a foto dela?”

Um pequeno medalhão com a foto de Edith Bartlett, preso ao pescoço por uma corrente de ouro, tinha ficado sobre meu peito durante todo aquele longo sono. Retirando-a, abri e entreguei a minha companheira. Ela o pegou com ansiedade e, depois de examinar longamente o rosto doce, tocou a foto com os lábios.

“Eu sei que ela era boa e adorável o suficiente para merecer suas lágrimas”, disse ela; “mas lembre-se de que sua aflição já passou há muito tempo, e que ela está no céu há quase um século.”

De fato, esse era o caso. Qualquer que tenha sido sua tristeza, há quase um século ela parou de chorar e, minha súbita paixão se esgotou; minhas próprias lágrimas secaram. Eu a amei muito ternamente em minha outra vida, mas isso foi há cem anos! Não sei, mas alguns podem encontrar nesta confissão evidências de falta de sentimento, mas acho, talvez, que ninguém pode ter tido uma experiência suficientemente semelhante à minha para permitir que me julguem. Quando estávamos prestes a deixar a câmara, meus olhos pousaram no grande cofre de ferro que estava em um canto. Chamando a atenção da minha companheira para isso, eu disse:

“Este era o meu quarto de cofre e também o meu quarto de dormir. No cofre ali estão vários milhares de dólares em ouro e qualquer quantia de títulos. Se eu soubesse, quando fui dormir naquela noite, quanto tempo duraria meu cochilo, ainda assim teria pensado que o ouro seria uma provisão segura para minhas necessidades em qualquer país ou século, por mais distante que fosse. Que chegaria um dia em que perderia seu poder de compra, eu deveria ter considerado a mais louca das fantasias. No entanto, aqui eu acordo e me encontro entre um povo para o qual uma carriola cheia de ouro não compra um só pão.”

Como era de se esperar, não consegui impressionar Edith de que havia algo de notável nesse fato. “Por que diabos deveria?”, ela perguntou, simplesmente.

Capítulo 21

O Dr. Leete sugeriu que dedicássemos a manhã seguinte a uma inspeção das escolas e faculdades da cidade, com alguma tentativa de sua parte em uma explicação do sistema educacional do século XX.

"O senhor verá", disse ele, quando partimos após o café da manhã, "várias diferenças deveras importantes entre os nossos métodos de educação e os seus. Mas a principal diferença é que hoje em dia todas as pessoas têm igualmente aquelas oportunidades de ensino superior que em seu tempo apenas uma porção infinitesimal da população desfrutava. Devemos pensar que não ganhamos nada que valha a pena falar, ao igualar o conforto físico dos homens, sem essa igualdade educacional."

"O custo deve ser muito alto", disse eu.

"Se custasse metade da receita da nação, ninguém ficaria ressentido", respondeu o Dr. Leete, "nem mesmo se custasse praticamente tudo. Mas, na verdade, a despesa de educar dez mil jovens não é dez nem cinco vezes maior que a de educar mil. O princípio que torna todas as operações em grande escala proporcionalmente mais baratas do que em pequena escala vale também para a educação."

"A educação universitária era terrivelmente cara na minha época", disse eu.

"Se não fui mal informado por nossos historiadores", respondeu o Dr. Leete, "não foi a educação universitária, mas a dissipação e extravagância da faculdade que custaram tanto. A despesa real de suas faculdades parece ter sido muito baixa e teria sido muito menor se o patrocínio delas fosse maior. O ensino superior hoje é tão barato quanto o médio, pois todas as séries dos professores, como todos os demais trabalhadores, recebem o mesmo subsídio. Simplesmente adicionamos ao sistema escolar comum de educação obrigatória, em voga em Massachusetts cem anos atrás, meia dúzia de séries superiores, amparando o jovem até os 21 anos e dando-lhe o que você costumava chamar de educação de um cavalheiro, em vez de soltá-lo aos quatorze ou quinze anos sem nenhum equipamento mental além de ler, escrever e saber a tabuada."

"Deixando de lado o custo real desses anos extra de educação", respondi, "não deveríamos pensar que poderíamos perder tempo com

atividades industriais. Os meninos das classes mais pobres geralmente começavam a trabalhar com dezesseis anos ou menos e conheciam seu ofício aos vinte."

"Não devemos conceder qualquer ganho a vocês, mesmo em produto material por esse quesito", respondeu o Dr. Leete. "A maior eficiência que a educação dá a todos os tipos de trabalho, exceto os mais rudes, se compensa no curto período o tempo perdido que se leva para adquiri-lo."

"Além disso, tínhamos que temer", disse eu, "que uma educação superior, embora adaptasse os homens às profissões, os colocava contra o trabalho manual de todos os tipos."

"Esse foi o efeito da educação superior em sua época, eu li", respondeu o médico; "e não era de admirar, pois o trabalho manual significava associação com uma classe de pessoas rudes, grosseiras e ignorantes. Não existe tal classe agora. Era inevitável que tal sentimento existisse então, pela razão adicional de que todos os homens que recebem uma educação superior eram considerados destinados às profissões ou ao lazer dos ricos; tal educação, em alguém que nem fosse rico nem profissional, era uma prova de aspirações frustradas, uma evidência de fracasso, um emblema de inferioridade em vez de superioridade. Hoje em dia, é claro, quando a mais alta educação é considerada necessária para capacitar um homem apenas para viver, sem qualquer referência ao tipo de trabalho que ele pode fazer, sua posse não transmite tal implicação."

"Afinal", observei, "nenhuma educação pode curar o embotamento natural ou compensar as deficiências mentais originais. A menos que a capacidade mental natural média dos homens esteja muito acima de seu nível em minha época, uma educação superior deve ser praticamente jogada fora em uma grande parte da população. Costumávamos sustentar que certa quantidade de suscetibilidade às influências educacionais é necessária para fazer uma mente valer a pena cultivar, assim como uma certa fertilidade natural do solo é necessária para compensar o cultivo."

"Ah", disse o Dr. Leete, "fico feliz que tenha usado essa ilustração, pois é exatamente a que eu teria escolhido para apresentar a visão moderna da educação. O senhor fala de uma terra tão pobre que seu produto não vai pagar o trabalho de arar caso for cultivada. No entanto, muita terra que, no início, não compensou o lavrar, foi cultivada em seus dias para vingar nos nossos. Refiro-me a jardins, parques, gramados e, em geral, a pedaços de terra situados de modo que, se fossem deixados para crescer e se transformarem em ervas daninhas e sarças, seriam desagradáveis e inconvenientes para todos. Por isso são lavrados e, embora seu produto seja pequeno, ainda não

há terra que, em um sentido mais amplo, recompense melhor o cultivo. Assim é com os homens e mulheres com quem nos misturamos nas relações da sociedade, cujas vozes estão sempre em nossos ouvidos, cujo comportamento de inúmeras maneiras afeta nossa diversão – que são, na verdade, tantas condições de nossas vidas quanto o ar que respiramos, ou qualquer um dos elementos físicos dos quais dependemos. Se, de fato, não pudéssemos educar a todos, deveríamos escolher os mais grosseiros e enfadonhos por natureza, em vez dos mais brilhantes, para receber a educação que pudéssemos dar. O naturalmente refinado e intelectual pode dispensar mais incentivos à cultura do que os menos afortunados em dotes naturais.

Tomando emprestada uma frase frequentemente usada em sua época, não deveríamos considerar a vida digna de ser vivida se tivéssemos que estar rodeados por uma população de homens e mulheres ignorantes, grosseiros, vulgares e totalmente incultos, como era a situação dos poucos educados em seu tempo. Será que um homem está satisfeito simplesmente por ele mesmo estar perfumado ao misturar-se com uma multidão fedorenta? Ele poderia ter mais do que uma satisfação muito limitada, mesmo em um quarto palaciano, se as janelas dos quatro lados se abrissem para pátios de estábulos? E, no entanto, essa era a situação daqueles considerados mais afortunados em termos de cultura e requinte em sua época. Eu sei que os pobres e ignorantes invejavam os ricos e cultos de então; mas para nós, os últimos, vivendo como viviam, rodeados de miséria e brutalidade, parecem um pouco melhores do que os primeiros. O homem culto de sua época era como alguém que estava até o pescoço afundado em um pântano nauseante, se consolando com uma garrafa de perfume. O senhor nota, talvez, agora, como olhamos para esta questão do ensino superior universal. Nenhuma coisa é tão importante para cada homem como ter por vizinhos pessoas inteligentes e companheiras. Não há nada, portanto, que a nação possa fazer por ele que aumente tanto sua própria felicidade quanto educar seus próximos. Quando isso não acontece, o valor de sua própria educação é reduzido pela metade, e muitos dos gostos que ele cultivou tornam-se fontes positivas de dor.

Educar alguns ao mais alto grau, e deixar a massa totalmente inculta, como vocês faziam, tornou a lacuna entre os dois polos quase tão ampla quanto aquela entre diferentes espécies naturais, que não têm meios de comunicação. O que poderia ser mais desumano do que esta consequência de um gozo parcial da educação! Seu gozo universal e igualitário deixa, de fato, as diferenças entre os homens quanto aos dotes naturais tão marcantes como em um estado de natureza – embora o nível do mais baixo seja amplamente elevado. A brutalidade é eliminada. Todos têm alguma noção das humanidades, alguma

apreciação das coisas da mente e uma admiração pela cultura ainda mais elevada da qual ficaram aquém. Eles se tornaram capazes de receber e transmitir, em vários graus e todos em alguma medida, os prazeres e inspirações de uma vida social refinada. A sociedade culta do século XIX – em que consistia, senão em alguns oásis microscópicos aqui e ali, num vasto deserto sem fim? A proporção de indivíduos capazes de simpatias intelectuais ou relações refinadas, em relação à massa de seus contemporâneos, costumava ser tão infinitesimal que, em qualquer visão ampla da humanidade, dificilmente valeria a pena mencionar. Uma geração do mundo hoje representa um volume maior de vida intelectual do que a soma de cinco séculos atrás.

Há ainda outro aspecto que devo mencionar ao declarar os fundamentos sobre os quais nada menos do que a universalidade da melhor educação agora poderia ser tolerada", continuou o Dr. Leete, "e isto é, o interesse da próxima geração em ter pais educados. Para resumir a questão, há três fundamentos principais nos quais nosso sistema educacional se baseia: primeiro, o direito de todo homem à educação mais completa que a nação pode conferir por conta própria, conforme necessário para seu usufruto; em segundo lugar, o direito de seus concidadãos de que sejam educados, conforme necessário para o desfrute de sua sociedade; terceiro, o direito dos que ainda não nasceram de terem garantida uma linhagem inteligente e refinada."

Não vou descrever em detalhes o que vi nas escolas naquele dia. Tendo apenas um leve interesse por questões educacionais em minha vida anterior, eu poderia oferecer poucas comparações interessantes. Ao lado do fato da universalidade da educação superior e inferior, me impressionou o destaque dado à cultura física; a proficiência em jogos e feitos atléticos, assim como os estudos, tem um lugar no ranqueamento da juventude.

"A faculdade de educação", explicou o Dr. Leete, "tem a mesma responsabilidade pelos corpos e pelas mentes de seus encarregados. O desenvolvimento físico e mental mais elevado possível de cada um é o duplo objetivo de um currículo que vai dos seis anos aos vinte e um."

A magnífica saúde dos jovens nas escolas me impressionou bastante. Minhas observações anteriores, não apenas sobre os notáveis dotes pessoais da família de meu anfitrião, mas também sobre as pessoas que eu tinha visto em minhas caminhadas no exterior, já sugeriam a ideia de que deve ter havido algo como uma melhora geral no padrão físico da raça desde a minha época. Agora, ao comparar esses jovens robustos e donzelas vigorosas com os jovens que eu via nas escolas do século XIX, tive vontade de transmitir minha ideia ao Dr. Leete. Ele ouviu com grande interesse o que eu disse.

"Seu testemunho sobre este ponto", declarou ele, "é inestimável.

Acreditamos que houve uma melhoria muito grande, como o senhor diz, mas é claro que isso só poderia ser uma questão de teoria para nós. É um incidente de sua posição singular que só o senhor, no mundo de hoje, pode falar com autoridade sobre este ponto. A sua opinião, quando for declarada publicamente, causará uma sensação profunda – isso lhe asseguro. De resto, seria estranho, com certeza, se nossa espécie não mostrasse melhorias. Em sua época, as riquezas devoravam uma classe com ociosidade de mente e corpo, enquanto a pobreza minava a vitalidade das massas com excesso de trabalho, comida ruim e lares pestilentos. O trabalho exigido dos filhos e os encargos impostos às mulheres enfraqueciam as próprias fontes da vida. Em vez dessas circunstâncias maléficas, todos agora desfrutam das condições mais favoráveis da vida física; os jovens são cuidadosamente nutridos e refletidamente tratados; o trabalho exigido de todos é limitado ao período de maior vigor corporal e nunca é excessivo. O cuidado de si e com a família, a ansiedade relativa ao sustento, a tensão de uma batalha incessante pela vida – todas essas influências, que outrora tanto fizeram para destruir a mente e o corpo de homens e mulheres, não são mais conhecidas. Certamente, um aperfeiçoamento da espécie deve seguir tal mudança. Em certos aspectos específicos, sabemos que de fato uma melhoria ocorreu. A loucura, por exemplo, que no século XIX era um produto tão terrivelmente comum do seu modo de vida insano, quase desapareceu, junto com um de seus desdobramentos, o suicídio.”

Capítulo 22

Tínhamos marcado um encontro com as senhoras no refeitório para jantar; assim que terminou, elas nos deixaram sentados à mesa para irem a um compromisso. Discutimos com nosso vinho e charutos sobre uma infinidade de outros assuntos.

"Doutor", eu disse no decorrer de nossa conversa, "moralmente falando, seu sistema social é um que eu não deveria admirar em comparação com qualquer outro anteriormente em voga no mundo, e especialmente com o de meu século tão infeliz. Se esta noite eu caísse em um sono hipnótico tão duradouro quanto aquele outro e, entrementes, o curso do tempo voltasse para trás em vez de para a frente, de forma que eu acordasse novamente no século XIX, quando dissesse aos meus amigos o que tinha visto, todos iriam admitir que seu mundo era um paraíso de ordem, equidade e felicidade. Mas aquela gente era uma gente muito prática – meus contemporâneos –, e depois de expressar sua admiração pela beleza moral e esplendor material do sistema, começariam a fazer seus cálculos e perguntar como vocês conseguiram o dinheiro para fazer todo mundo tão feliz; pois certamente, sustentar toda a nação com conforto e até mesmo luxo, como vejo ao meu redor, deve envolver uma riqueza muito maior do que o país era capaz de produzir em minha época. Agora, embora eu pudesse explicar a eles quase todo o resto das características principais do seu sistema, eu deixaria de responder a esta pergunta. Fracassando nisso, diriam-me, por serem calculistas e muito estritos, que eu estava sonhando; tampouco acreditariam em qualquer outra coisa. Sei que na minha época o produto bruto anual da nação, embora pudesse ter sido dividido com absoluta igualdade, não teria chegado a mais de trezentos ou quatrocentos dólares por cabeça – não muito mais do que o suficiente para suprir as necessidades da vida com pouco ou nenhum de seus confortos. Como é que vocês possuem tanto mais?"

"Essa é uma questão muito pertinente, Sr. West", respondeu o Dr. Leete, "e não devo culpar seus amigos, no exemplo que ilustrou, caso eles declarassem sua história como uma ilusão, falhando em dar uma resposta satisfatória a ela. É uma questão que não posso responder exaustivamente em qualquer sessão. Quanto às estatísticas exatas para sustentar minhas declarações gerais, terei de encaminhá-lo para os livros em minha biblioteca, mas certamente seria uma pena deixar ser

confundido por seus velhos conhecidos por falta de algumas sugestões, no caso da contingência de que fala.

Comecemos com uma série de pequenos itens em que economizamos bens em comparação com vocês. Não temos dívidas nacionais, estaduais, de comarca ou município, tampouco pagamentos relativos a elas. Não temos despesas, militares ou navais, com homens ou materiais, nem exército, marinha ou milícia. Não temos serviços de receita, nem o enxame de assessores de impostos e cobradores. No que diz respeito ao nosso judiciário, polícia, xerifes e carcereiros, a força que apenas Massachusetts manteve em pé em sua época é muito mais do que suficiente para a nação agora. Não temos uma classe criminosa que se aproveita da riqueza da sociedade como no caso de vocês. O número de pessoas quase completamente perdidas para a força de trabalho em função de deficiência física (os coxos, enfermos e debilitados), que constituía tamanha carga para os sãos em seus dias, encolheu a proporções quase imperceptíveis hoje, quando todos vivem em condições de saúde e conforto. A cada geração, estão chegando mais perto de serem completamente erradicadas.

Outro item em que economizamos é o mal uso do fundos e as mil ocupações ligadas a operações financeiras de todos os tipos, por meio das quais um exército de homens era anteriormente retirado de empregos úteis. Considere também que cessou o desperdício dos muito ricos em seu dia com luxo pessoal exagerado, embora, de fato, este item possa ser facilmente superestimado. Mais uma vez, considere que não há ociosos agora, ricos ou pobres – nem parasitas.

Uma causa muito importante da antiga pobreza era o grande desperdício de mão de obra e materiais que resultavam da limpeza e da cozinha doméstica, e do desempenho separado de inúmeras outras tarefas às quais aplicamos o plano cooperativo.

Uma economia maior do que qualquer uma dessas – sim, de todas juntas – é efetuada pela organização de nosso sistema de distribuição, pelo qual o trabalho feito uma vez pelos mercadores, comerciantes, lojistas, com seus vários graus de intermediários; atacadistas, varejistas, agentes, viajantes comerciais e intermediários de todos os tipos, com um desperdício excessivo de energia em transportes desnecessários e manejos intermináveis, é executado por um décimo do número de funcionários, e sem que se gire uma só engrenagem desnecessariamente. O senhor conhece algo do nosso sistema de distribuição. Nossos estatísticos calculam que uma oitava parte de nossos trabalhadores é suficiente para todos os processos de distribuição que em sua época exigiam um oitavo da população, tanto sendo retirado da força engajada no trabalho produtivo.”

“Começo a ver”, disse eu, “de onde vocês obtêm sua maior

riqueza."

"Perdão", respondeu o Dr. Leete, "mas ainda não sabe. Como um agregado, as economias que mencionei até agora – considerando o trabalho que poupariam direta e indiretamente mediante a economia de material – possivelmente equivalem à adição à produção anual de riqueza da metade do total anterior. Esses itens, no entanto, mal merecem ser mencionados em comparação com outros resíduos prodigiosos então economizados – estes resultaram inevitavelmente da transferência das indústrias da nação para a iniciativa privada. Por maiores que sejam as economias que seus contemporâneos possam ter criado no consumo de produtos, e por mais maravilhoso que seja o progresso da invenção mecânica, eles nunca poderiam ter saído do lamaçal da pobreza enquanto estivessem agarrados a tal sistema.

Não se poderia conceber qualquer modo mais dispendioso de utilizar a energia humana, e para o crédito do intelecto humano, deve-se lembrar que tal sistema nunca foi concebido; era mero resquício sobrevivente de eras rudes, em que a falta de organização social tornava qualquer tipo de cooperação impossível."

"Admito prontamente", disse eu, "que nosso sistema industrial era eticamente muito ruim, mas como uma mera máquina de fazer riqueza, sem contar seus aspectos morais, parecia-nos admirável."

"Como eu disse", respondeu o médico, "o assunto é muito extenso para ser discutido em detalhe agora, mas se você estiver realmente interessado em saber as principais críticas que nós, modernos, fazemos ao seu sistema industrial em comparação com o nosso, posso abordar brevemente alguns deles.

Os desperdícios resultantes da transferência da conduta da indústria para indivíduos irresponsáveis, totalmente sem entendimento mútuo ou acordo, eram principalmente quatro: em primeiro lugar, os resíduos de transações equivocadas; em segundo lugar, os resíduos da concorrência e hostilidade mútua dos que se dedicavam à indústria; terceiro, o desperdício por superações e crises periódicas, com as consequentes interrupções da indústria; quarto, o desperdício de capital e mão de obra ociosos, em todos os momentos. Qualquer um desses quatro grandes vazamentos, se todos os outros fossem interrompidos, seria suficiente para fazer a diferença entre riqueza e pobreza por parte de uma nação.

Para começar, leve em conta o desperdício de transações equivocadas. Em sua época, como a produção e distribuição de mercadorias não existiam, não havia como saber exatamente qual era a demanda por qualquer classe de produtos ou qual era a taxa de oferta. Assim, qualquer empreendimento de um capitalista privado sempre era um experimento duvidoso. O responsável pelos projetos,

não tendo uma visão geral do campo da indústria e do consumo como nosso governo tem, jamais poderia se assegurar do que o povo queria, ou que arranjos outros capitalistas estavam fazendo para supri-lo. Em vista disso, não nos surpreendemos ao saber que as chances do fracasso de qualquer empresa comercial eram consideradas amplas. Era comum que as pessoas que finalmente conseguissem acertar uma vez tivessem fracassado antes, repetidamente. Se um sapateiro, para cada par de sapatos que conseguiu finalizar, estragasse o couro de quatro ou cinco pares, além de perder o tempo gasto com eles, teria quase a mesma chance de enriquecer que seus contemporâneos com seu sistema de empresa privada, com sua média de quatro ou cinco fracassos para um sucesso.

A próxima grande perda advinha da competição. O campo da indústria era um campo de batalha tão vasto quanto o mundo, no qual os trabalhadores, atacando-se uns aos outros, desperdiçavam energias que, se despendidas em esforço concertado, como hoje, teriam enriquecido a todos. Quanto à misericórdia ou clemência nesta guerra, não havia absolutamente qualquer sugestão. Um feito que nunca deixou de despertar a admiração popular era o ato de entrar deliberadamente em um ramo de negócios e destruir as empresas que ali ocupavam anteriormente, para plantar sobre as suas ruínas o próprio empreendimento. Tampouco há qualquer fantasia em comparar este tipo de luta com uma guerra real, sobretudo no que diz respeito à agonia mental e sofrimento físico que acompanhavam a luta, além da miséria que oprimia os derrotados e aqueles que deles dependiam. Pois bem: à primeira vista, nada sobre sua época é mais surpreendente para alguém dos tempos modernos do que o fato de que pessoas engajadas na mesma indústria, em vez de confraternizarem como camaradas e colaboradoras em prol de um fim comum, tivessem que se considerar rivais e inimigas a serem estranguladas e derrubadas. Isso certamente parece pura loucura, uma cena de confusão. Porém, considerado mais de perto, parece que não é o caso. Seus contemporâneos, com sua puxação de tapete mútua, sabiam muito bem o que faziam. Os produtores do século XIX não estavam, como os nossos, trabalhando juntos para a manutenção da comunidade, mas cada um exclusivamente para sua própria manutenção às custas da comunidade. Se, ao trabalharem para esse fim, eles simultaneamente aumentassem a riqueza agregada, tratava-se de algo meramente acidental. Era igualmente viável e comum aumentar o tesouro privado de alguém por meio de práticas prejudiciais ao bem-estar geral. Os piores inimigos de uma pessoa eram necessariamente aqueles de seu próprio ramo, pois, de acordo com seu plano de tornar o lucro privado o motivo da produção, a escassez do artigo que ela produzia era o que cada produtor em

particular desejava para si. Era de interesse seu que não produzissem mais do que ele próprio conseguiria produzir. Seu esforço constante era o de garantir essa consumação, tanto quanto as circunstâncias permitiam, matando e desencorajando aqueles que se ocupavam de seu ramo de atividade. Depois de aniquilar todos que podia, a medida adotada era unir-se àqueles que não podia aniquilar, convertendo sua guerra mútua em uma guerra contra o público em geral, encurralando o mercado, como acredito que vocês costumavam dizer, e fazendo subir os preços até o ponto mais alto que as pessoas aceitariam antes de ficarem sem os produtos. O devaneio do produtor do século XIX era obter o controle absoluto do suprimento de alguma necessidade da vida, de modo que pudesse manter o público à beira do estado de fome e sempre citar os preços de fome pelo que fornecia. Isso, Sr. West, é o que se chamava de sistema de produção no século XIX. Deixo o senhor me dizer se não se parece, em alguns dos seus aspectos, muito mais com um sistema de prevenção da produção. Em alguma ocasião, quando tivermos bastante lazer, vou pedir-lhe que se sente comigo e tente me fazer compreender, de forma que nunca consegui ainda (embora tenha estudado muito o assunto) como companheiros tão astutos quanto seus contemporâneos chegaram a confiar o sustento da comunidade a uma classe cujo interesse era matá-la de fome, em grande medida. Asseguro-lhe que, para nosso espanto, não é que o mundo não tenha enriquecido com tal sistema, mas que não tenha sucumbido por necessidades. Esse espanto aumenta à medida que consideramos alguns dos outros prodigiosos desperdícios que o caracterizaram.

Além do desperdício de trabalho e capital pela indústria mal direcionada, e do constante derramamento de sangue de sua guerra industrial, seu sistema estava sujeito a convulsões periódicas, oprimindo tanto os sábios quanto os não sábios, o puxa-tapetes bem-sucedido e também sua vítima. Refiro-me às crises empresariais em intervalos de cinco a dez anos, que destruíram as indústrias da nação, prostrando todas as empresas fracas e paralisando as mais fortes, e seguidas de longos períodos, muitas vezes de muitos anos, dos chamados ‘tempos monótonos’, durante o qual os capitalistas lentamente recuperavam suas forças dissipadas enquanto as classes trabalhadoras morriam de fome e se revoltavam. Então se seguiria mais uma breve temporada de prosperidade, acompanhada por outra crise e os anos de exaustão adiante. À medida que o comércio se desenvolvia, tornando as nações mutuamente dependentes, essas crises tornaram-se mundiais. À medida que a obstinação do estado de colapso que se seguia aumentava, aumentava a área afetada pelas convulsões e a consequente falta de centros de resistência. À medida que as indústrias do mundo se multiplicavam, tornavam-se complexas

e o volume de capital envolvido aumentava, esses cataclismos de negócios se tornavam mais frequentes. Até que, na última parte do século XIX, passou a haver dois anos de tempos ruins para um dos bons, e o sistema da indústria, nunca antes tão extenso ou tão imponente, parecia em perigo de desmoronar por seu próprio peso. Depois de intermináveis discussões, seus economistas parecem ter se acomodado à conclusão desesperadora de que não havia mais possibilidade de prevenir ou controlar crises do que se podiam prevenir secas ou furacões. Faltava apenas suportá-las como males necessários; foi quando passaram para reconstruir a estrutura destruída da indústria, como os moradores de um país de terremotos continuam reconstruindo suas cidades no mesmo local.

No que diz respeito às causas dos problemas inerentes ao sistema industrial, seus contemporâneos certamente estavam corretos. Eles estavam na base, e as necessidades devem se tornar cada vez mais maléficas à medida que o tecido empresarial crescia em tamanho e complexidade. Uma dessas causas era a falta de controle comum das diferentes indústrias, além da consequente impossibilidade de seu desenvolvimento ordenado e coordenado. O resultado inevitável dessa falta era o contínuo descompasso e desatualização relativos à demanda.

Sobre o último desses fatores, não havia critério de como a distribuição organizada se daria, e o primeiro alerta de que ela havia sido ultrapassada em algum grupo de indústrias era a queda de preços, falência de produtores, paralisação da produção, redução de salários ou demissão de operários. Esse processo ocorria constantemente em muitos setores, mesmo nos chamados tempos bons, embora a crise só ocorresse quando os setores afetados eram extensos. Os mercados então estavam saturados de mercadorias que ninguém queria, a qualquer preço que fosse. Os salários e lucros daqueles que constituem as classes saturadas de bens foram reduzidos ou totalmente interrompidos; subtraído também foi seu poder de compra como consumidores de outras classes de bens, das quais não havia superabundância natural. Consequentemente, bens dos quais não havia saturação natural se tornaram artificialmente saturados, até que seus preços também foram desestabilizados e seus fabricantes despedidos do trabalho, sendo assim privados de renda. A essa altura, a crise já estava em curso – nada poderia contê-la até que o poder de resgate do país tivesse se esgotado.

Uma causa, também inerente ao seu sistema, que muitas vezes produzia crises cada vez mais terrivelmente agravadas, era a máquina do dinheiro e do crédito. O dinheiro era essencial quando a produção estava em muitas mãos privadas, e a compra e venda era necessária

para garantir o que se desejava. Ficava, entretanto, aberto à objeção a substituição de alimentos, roupas e outras coisas por um representante meramente convencional desses produtos. A confusão mental a que isso favorecia, entre bens e seus representantes, abriu o caminho para o sistema de crédito e suas prodigiosas ilusões. Já acostumado a aceitar dinheiro em troca de mercadorias, o povo então aceitou promessas de dinheiro e deixou de olhar para além do representante, em busca da coisa representada. O dinheiro era um sinal de mercadorias reais, mas o crédito era apenas o sinal de um sinal. Havia um limite natural para o ouro e a prata, ou seja, dinheiro propriamente dito. Mas não havia limite nenhum para o crédito. O resultado foi que o volume de crédito (isto é, as promessas monetárias) deixou de ter qualquer proporção verificável com o dinheiro, ainda menos para as mercadorias realmente existentes. Sob tal sistema, crises frequentes e periódicas eram necessidades de uma lei tão absoluta quanto aquela, que traz ao solo uma estrutura pendendo sobre seu centro de gravidade. Era uma de suas ficções que apenas o governo e os bancos por ele autorizados podiam emitir dinheiro; porém, todos os que davam crédito ao dólar emitiam dinheiro nessa medida, o que era um meio tão eficaz quanto qualquer outro para aumentar a circulação até que viessem as crises seguintes. A grande extensão do sistema de crédito foi uma característica da última parte do século XIX, e explica em grande medida as crises financeiras quase incessantes que marcaram aquele período. Por mais perigoso que fosse o crédito, não se podia prescindir do seu uso, pois, na falta de qualquer organismo nacional ou outro órgão público da capital do país, era o único meio de que dispunha para o concentrar e dirigir nas empresas industriais. Esse era, assim, o meio mais potente de exagerar o principal perigo do sistema empresarial privado da indústria, permitindo que determinadas indústrias absorvessem quantias desproporcionais do capital disponível do país e, assim, se preparassem para o desastre. As empresas que sempre estivessem muito endividadas por adiantamentos de crédito, tanto entre si quanto com os bancos e capitalistas, e a imediata retirada desse crédito – ao primeiro sinal de crise – era geralmente a causa precipitante da crise.

Era a desgraça de seus contemporâneos terem de cimentar o tecido empresarial com um material que qualquer acidente, a qualquer momento, podia transformar em um explosivo. Eles estavam na situação difícil de um homem que constrói uma casa usando dinamite como argamassa, pois o crédito não pode ser comparado a nada além disso.

Se o senhor ver quão desnecessárias eram essas convulsões de negócios mencionadas, e como elas resultaram inteiramente do fato que se deixava a indústria nas mãos da administração privada e

desorganizada, basta considerar o funcionamento de nosso sistema. A superprodução em linhas especiais – o grande hobgoblin de sua época – é impossível agora, uma vez que pela conexão entre distribuição e produção a oferta é voltada para a demanda, tal qual um motor se volta para o controlador ativo que regula sua velocidade. Suponha um erro de julgamento e a ocorrência de uma produção excessiva de alguma mercadoria. O consequente abrandamento ou cessação da produção nessa linha não tira ninguém de seu emprego. Os trabalhadores suspensos são imediatamente ocupados em algum outro departamento da vasta oficina, e perderão apenas o tempo gasto na mudança. Quanto ao excesso, o negócio da nação é grande o suficiente para transportar qualquer quantidade de produto fabricado acima da demanda até que esta a supere. Em tal caso de superprodução, como supus, não há no nosso caso, como no seu, qualquer maquinário complexo para sair da ordem e aumentar mil vezes o erro original. É claro: não tendo nem dinheiro, também não temos crédito. Todas as estimativas lidam diretamente com as coisas reais: a farinha, o ferro, a madeira, a lã e o trabalho, dos quais dinheiro e crédito eram para você representantes muito enganosos. Em nosso cálculo de custo não pode haver erros. Do produto anual é retirada a quantia necessária para o sustento do povo; é fornecida a mão-de-obra necessária para produzir o consumo do ano seguinte. O resíduo de material e mão de obra representa o que pode ser gasto com segurança em melhorias. Se as safras forem ruins, o excedente daquele ano será menor do que o normal; isso é tudo. Exceto por leves efeitos ocasionais de tais causas naturais, não há flutuações de negócios; a prosperidade material da nação flui ininterruptamente de geração em geração, como um rio cada vez mais largo e profundo.

Suas crises financeiras, Sr. West", continuou o médico, "como qualquer um dos grandes desperdícios que mencionei antes, eram suficientes, por si só, para mantê-los ocupados para sempre. Mas ainda tenho que falar de uma outra grande causa de sua pobreza, e ela era a ociosidade de uma grande parte de seu capital e força de trabalho. Conosco, é função da administração manter em emprego constante cada medida mínima de capital e trabalho disponíveis no país. Em sua época, não havia controle geral do capital ou do trabalho, e grande parte deles não conseguiu encontrar uso. 'O capital', vocês costumavam dizer, 'é naturalmente tímido'. Certamente teria sido imprudente se não fosse tímido em uma época de enorme preponderância de que, provavelmente, qualquer empreendimento comercial em particular terminaria em falência. Nunca houve uma época em que, se a segurança pudesse ser garantida, o montante de capital dedicado à indústria produtiva não era amplamente incrementado. A proporção de capital assim empregado sofria

constantes flutuações extraordinárias, de acordo com o maior ou menor sentimento de incerteza quanto à estabilidade da situação industrial, de modo que a produção das indústrias nacionais variava muito em diversos anos. Mas, pela mesma razão que a quantidade de capital empregado em momentos de particular insegurança era muito menor do que em momentos de maior segurança, uma enorme proporção nunca era empregada, já que o risco dos negócios sempre era muito alto na maioria dos casos.

Deve-se notar também que a grande quantidade de capital em busca constante de emprego, ali onde uma segurança tolerável pudesse ser assegurada, tornava a competição entre os capitalistas terrivelmente amarga sempre que uma abertura promissora se apresentava. A ociosidade do capital, resultado de sua timidez, evidentemente significava a ociosidade do trabalho em grau correspondente. Além disso, cada mudança nos ajustes de negócios, cada alteração mínima nas condições de comércio ou manufatura, para não falar das inúmeras falências de negócios que ocorriam anualmente, mesmo nas melhores épocas, constantemente expulsavam uma multidão de homens de seus empregos por períodos de semanas até meses, ou mesmo anos. Um grande número desses homens em busca de emprego constantemente cruzava o país, tornando-se, com o tempo, vagabundos profissionais e depois criminosos. 'Dê-nos trabalho!' era o grito de um exército de desempregados em quase todas as estações – em épocas de monotonia nos negócios, esse exército cresceu a ponto de formar um contingente tão vasto e desesperado que passou a ameaçar a estabilidade do governo. Será que poderia haver uma demonstração mais conclusiva da imbecilidade do sistema de empresas privadas como um método para enriquecer uma nação do que o fato de que, em uma época de pobreza e escassez generalizadas, os capitalistas tinham que estrangular uns aos outros para encontrar uma chance segura de investir seu capital? Que os trabalhadores se revoltavam e iniciavam incêndios por não conseguirem encontrar trabalho?

Pois bem, Sr. West", continuou o Dr. Leete, "quero que tenha em mente que esses tópicos de que estou tratando só indicam, por via negativa, as vantagens da organização nacional da indústria, mostrando certos defeitos fatais e imbecilidades prodigiosas dos sistemas da empresa privada que não se encontram nela. Só isso, o senhor deve admitir, já explicaria muito bem o porquê de o país ser tão mais rico do que em sua época. Mas a metade maior de nossa vantagem sobre vocês, o lado positivo disso, eu mal falei. Supondo que o sistema de iniciativa privada na indústria não tivesse nenhum dos grandes vazamentos que mencionei; que não houvesse desperdício por conta de esforço mal direcionado decorrente de equívocos de

demanda e incapacidade de comandar uma visão geral do campo industrial... Supondo, também, que não houvesse neutralização e duplicação do esforço da competição. Supondo, além disso, que não houvesse desperdício pelo pânico financeiro e crises decorrentes de falências e longas interrupções da indústria, tampouco algum desperdício em termos de ociosidade de capital e trabalho. Em suma, supondo que esses males, essenciais para a condução da indústria pelo capital em mãos privadas, pudessem ser todos milagrosamente evitados e o sistema ainda ficasse retido; mesmo assim, a superioridade dos resultados alcançados pelo moderno sistema industrial de controle nacional permaneceria avassaladora.

Vocês costumavam ter alguns estabelecimentos de manufatura têxtil bem grandes, mesmo na sua época, embora não comparáveis aos nossos. Sem dúvida, o senhor já visitou esses grandes moinhos: cobriam hectares de terreno, empregando milhares de mãos e combinando sob o mesmo teto, sob um só controle, cem processos distintos entre, digamos, o fardo de algodão e o fardo de chita lustrosa. O senhor sem dúvida já admirou a vasta economia de trabalho relativa à força mecânica resultante da perfeita interação com o resto de cada engrenagem e cada mão. Sem dúvida, refletiu quão menos seria realizado por parte dos contingentes de trabalhadores empregados naquelas fábricas caso estivessem espalhados – cada homem trabalhando de forma independente. Assim, o senhor acharia exagerado dizer que o produto máximo daqueles trabalhadores, trabalhando assim separados, por mais amigáveis que fossem suas relações, foi aumentado não apenas em uma porcentagem, mas muitas vezes, quando seus esforços eram organizados sob um só domínio? Pois bem, Sr. West, a organização da indústria da nação sob um único domínio, de forma que todos os seus processos se interligassem, multiplicou o produto total sobre o máximo que poderia ser feito sob o sistema anterior, mesmo deixando de fora o quatro grandes desperdícios mencionados, na mesma proporção que o produto daqueles operários foi aumentado pela cooperação. A eficácia da força de trabalho de uma nação sob a liderança de miríades de lideranças do capital privado, em comparação com o que ela alcança sob um único chefe, pode ser comparada à eficiência militar de um multidão, mesmo que os líderes não fossem inimigos mútuos; ou pode então ser comparada a uma horda de bárbaros com mil chefes insignificantes frente a um exército disciplinado sob o comando de um general – uma máquina de combate, por exemplo, como o exército alemão na época de von Moltke."

"Depois do que o senhor me disse", argumentei, "não me admira tanto que a nação esteja mais rica agora do que então, mas que nem todos vocês sejam como Creso."[7]

“Bem”, respondeu o Dr. Leete, “estamos muito bem de vida. O ritmo em que vivemos é tão luxuoso quanto poderíamos desejar. A rivalidade da ostentação, que em sua época conduzia à extravagância de forma alguma conducente ao conforto, não encontra lugar, é claro, em uma sociedade de pessoas absolutamente iguais em recursos, e nossa ambição estaca nas paragens que ministram o gozo da vida. Poderíamos, de fato, ter rendas muito maiores, individualmente, se assim decidirmos usar o excedente de nosso produto. Mas preferimos gastá-lo em obras públicas e prazeres de que todos compartilham, em salões e edifícios públicos, galerias de arte, pontes, estatuária, meios de trânsito e as conveniências de nossas cidades, grandes exposições musicais e teatrais, e no fornecimento em grande escala para as recreações do povo. O senhor ainda não começou a ver como vivemos, Sr. West. Em casa temos conforto, mas o esplendor da nossa vida é, em seu aspecto social, aquele que partilhamos com os nossos semelhantes. Quando souber mais a respeito, verá ‘para onde vai o dinheiro’, como vocês costumavam dizer, e acho que concordará que faremos bem em gastá-lo.”

“Suponho”, observou o Dr. Leete, enquanto caminhávamos de volta do refeitório para casa, “que nenhuma reflexão teria ferido mais agudamente os homens de seu século, os adoradores de riquezas, do que a sugestão de que eles não sabiam como ganhar dinheiro. No entanto, esse é apenas o veredicto que a história transmite. Seu sistema de indústrias desorganizadas e antagônicas era tão absurdo economicamente quanto moralmente abominável. O egoísmo era sua única ciência e, na produção industrial, o egoísmo é suicídio. Competição, que é o instinto de egoísmo, é outra palavra para dissipação de energia, enquanto combinação é o segredo da produção eficiente. Só quando a ideia de incremento do estoque individual der lugar à ideia do aumento de estoques comuns é que a combinação industrial poderá se realizar e a aquisição de riqueza realmente começar. Mesmo se o princípio de compartilhar igualmente, entre todas as pessoas, não fosse a única base humana e racional para uma sociedade, ainda devemos aplicá-lo como algo economicamente vantajoso, visto que até que a influência desintegradora da busca pessoal seja suprimida, nenhum verdadeiro concerto da indústria é possível.”

Capítulo 23

Naquela noite, enquanto me sentava com Edith na sala de música, ouvindo algumas peças da programação do dia que haviam me chamado a atenção, aproveitei um intervalo na música para dizer: "Tenho uma pergunta para lhe fazer... temo que seja um tanto indiscreto."

"Tenho certeza de que não é", respondeu ela, encorajando-me.

"Estou na posição de um bisbilhoteiro", continuei, "que, tendo ouvido um pouco de um assunto não destinado a si (embora pareça lhe dizer respeito), tem o atrevimento de pedir o resto ao orador."

"Um bisbilhoteiro!", ela repetiu, parecendo confusa.

"Sim", eu disse, "mas um que é desculpável, como acho que você admitirá."

"Isso é muito misterioso", respondeu ela.

"Sim", disse eu, "tão misterioso que muitas vezes duvidei se realmente ouvi por acaso o que vou perguntar ou apenas sonhei. Eu quero que você me diga. A questão é esta: Quando eu estava saindo daquele sono de um século, a primeira impressão de que tive consciência foi de vozes falando ao meu redor – vozes que depois reconheci como a de seu pai, a de sua mãe e a sua. Primeiro, lembro-me da voz do seu pai dizendo: "Ele vai abrir os olhos. É melhor que veja apenas uma pessoa no início." Caso eu não tenha sonhado tudo, você então disse: "Prometa-me que não vai contar a ele." Seu pai pareceu hesitar na promessa, mas você insistiu, e sua mãe, interpondo-se, fê-lo finalmente prometer. Quando abri os olhos, só enxerguei ele."

Falei muito sério quando disse que não tinha certeza de não ter sonhado a conversa que imaginei ter ouvido, tão incompreensível que era para mim que aquela gente soubesse alguma coisa a meu respeito, um contemporâneo de seus bisavós – pessoas que eu mesmo não conheci. Mas quando vi o efeito de minhas palavras sobre Edith, soube que não era um sonho, só outro mistério, – um mistério mais intrigante do que qualquer outro que eu havia encontrado outrora. A partir do momento em que o teor de minha pergunta se tornou aparente, ela mostrou indícios do mais agudo embaraço. Seus olhos, sempre tão francos e diretos na expressão, entraram em pânico diante dos meus, enquanto seu rosto ficou vermelho do pescoço à testa.

“Perdoe-me”, disse eu, assim que me recuperei da perplexidade com o efeito extraordinário de minhas palavras. “Parece, então, que eu não estava sonhando. Há algum segredo, algo sobre mim, que está escondendo. Realmente, não parece um pouco difícil que uma pessoa na minha posição não receba todas as informações possíveis sobre si mesma?”

“Isso não diz respeito a você – ou melhor, não diretamente. Não é exatamente sobre você”, ela respondeu, quase inaudível.

“Mas me concerne de alguma forma”, persisti. “Deve ser algo que me interessaria.”

“Nem disso sei”, respondeu ela, arriscando um olhar momentâneo para o meu rosto e corando intensamente, mas ainda com um sorriso curioso em seus lábios. Isso foi algo que traiu uma certa percepção de humor na situação, apesar de seu constrangimento. “Não tenho certeza de se isso interessaria mesmo a você.”

“Seu pai teria me contado”, insisti, com um tom de reprovação. “Foi você quem o proibiu. Ele achou que eu deveria saber.”

Ela não respondeu. Estava tão encantada em sua confusão que agora fui instigado, tanto pelo desejo de prolongar a situação quanto por minha curiosidade original, a importuná-la ainda mais.

“Eu nunca vou saber? Você nunca vai me dizer?”, eu disse.

“Depende”, ela respondeu, após uma longa pausa.

“De quê?”, insisti.

“Ai, você faz muitas perguntas”, ela respondeu. Então, erguendo para mim um rosto que olhos inescrutáveis, maçãs coradas e lábios sorridentes combinavam-se, tornando-o ainda mais perfeitamente fascinante, ela acrescentou: “O que pensaria se eu dissesse que depende... de você?”

“De mim mesmo?”, ecoei. “Como pode isso ser possível?”

“Sr. West, estamos perdendo algumas músicas encantadoras”, foi sua única resposta, e virando-se para o telefone. Com um toque de seu dedo ela fez o ar balançar ao ritmo de um adágio. Depois disso, ela se assegurou de que a música não deixasse oportunidade para conversas. Mantendo o rosto afastado de mim, fingiu estar absorta na atmosfera. Mas aquilo era uma mera simulação que a maré carmesim inundando seu rosto traía suficientemente.

Quando, por fim, sugeriu que eu poderia ter ouvido tudo o que me importava naquele momento, e nos levantamos para sair da sala, veio direto para mim e disse, sem levantar os olhos: “Sr. West, você diz que eu tenho sido boa para si. Não tenho sido particularmente boa, mas se você acha que sim, quero que me prometa que não tentará de novo

me fazer dizer o que pediu esta noite; que não vai tentar descobrir de qualquer outra pessoa – de meu pai ou minha mãe, por exemplo."

A tal apelo havia apenas uma resposta possível. "Perdoe por incomodá-la. Claro que vou prometer", eu disse. "Eu nunca teria perguntado se tivesse imaginado que isso poderia causar incômodo. Mas me culpa por estar curioso?"

"Não o culpo de forma alguma."

"E algum dia", acrescentei, "se eu não a provocar, pode me contar por sua própria iniciativa. Não posso esperar isso?"

"Talvez", ela murmurou.

"Talvez?"

Olhando para cima, ela leu meu rosto com um olhar fugaz e profundo. "Sim", disse ela, "acho que posso lhe dizer – algum dia": e assim nossa conversa terminou, pois ela não me deu chance de dizer mais nada.

Naquela noite, acho que nem mesmo o Dr. Pillsbury poderia ter me colocado para dormir, pelo menos até o amanhecer. Mistérios tinham sido meu alimento costumeiro há dias, mas nenhum antes me confrontou ao mesmo tempo como algo tão sigiloso e fascinante quanto este, cuja solução Edith Leete me proibiu até mesmo de averiguar. Era um duplo mistério. Como, em primeiro lugar, era concebível que ela soubesse algum segredo sobre mim, um estranho de uma época estranha? Em segundo lugar, mesmo que ela conhecesse tal segredo, como explicar o efeito agitador que a consciência de tal segredo parecia exercer sobre si? Existem quebra-cabeças tão difíceis que não se pode sequer chegar a uma conjectura quanto à solução, e este parecia ser um deles. Normalmente sou muito prático para perder tempo com tais enigmas; mas a dificuldade de um enigma personificado em uma bela jovem não diminui seu fascínio. Em geral, sem dúvida, o rubor das donzelas pode ser assumido com segurança para contar a mesma história para homens jovens em todas as idades e raças, mas dar essa interpretação ao rosto corado de Edith, considerando minha posição e há quanto tempo eu a conhecia, e ainda mais o fato de que esse mistério datado de antes de eu tê-la conhecido, é uma peça de total fatuidade. E, no entanto, ela era um anjo, e eu teria que ser algo diferente de um jovem se a razão e o bom senso tivessem sido capazes de banir o tom rosado de meus sonhos naquela noite.

Capítulo 24

Pela manhã, fui cedo escada abaixo na esperança de encontrar Edith sozinha. Nisso, porém, saí frustrado. Não a encontrando em casa, busquei-a no jardim, mas ela não estava ali. No decorrer de minhas caminhadas, visitei a câmara subterrânea e sentei-me ali para descansar. Sobre a mesa de leitura no aposento havia vários periódicos e jornais, e achando que o Dr. Leete pudesse se interessar em dar uma olhada em um diário de Boston de 1887, trouxe um deles comigo para casa ao regressar.

Encontrei Edith no café da manhã. Ela corou ao me cumprimentar, mas mostrou um perfeito autocontrole. Conforme me sentei à mesa, o Dr. Leete se entreteve analisando o jornal que eu trouxera. Havia ali, como em todos os jornais da época, um bocado sobre problemas trabalhistas, greves, locautes, boicotes, os programas dos partidos trabalhistas, além de ameaças selvagens dos anarquistas.

"Aliás", eu disse, conforme o médico lia em voz alta alguns desses itens, "que parte os seguidores da bandeira vermelha[8] tinham na criação da nova ordem das coisas? Eles estavam fazendo um barulho considerável até onde eu sei."

"Eles não tiveram nada a ver com isso, exceto em atrapalhar tudo, é claro", respondeu o Dr. Leete. "Eles fizeram-no muito efetivamente enquanto duraram, pois seu discurso repelia as pessoas a ponto de as privar de escutar projetos de reforma social. O subsídio daqueles camaradas foi uma das manobras mais astutas dos oponentes da reforma."

"Subsídio deles!", exclamei de espanto.

"Certamente", respondeu o Dr. Leete. "Nenhuma autoridade histórica hoje em dia duvida de que eram pagos por grandes monopólios para tremular a bandeira vermelha e falarem sobre queimar, saquear e explodir gente, a fim de alarmar os modestos e inviabilizar quaisquer reformas reais. O que me espanta é que vocês caíssem na armadilha sem suspeitar de nada."[9]

"Quais são suas bases para crer que o partido da bandeira vermelha era comprado?", questionei.

"Simplesmente porque eles devem ter percebido que tal procedimento fazia mil inimigos de sua causa professada para cada

amigo. Não supor que foram contratados para o trabalho é creditar-lhes uma loucura inconcebível.[10] Nos Estados Unidos, entre todos os países, nenhum partido poderia esperar, de maneira inteligente, atingir suas perspectivas sem primeiro conquistar para suas ideias a maioria da nação, como o partido nacional acabou conseguindo."

"O partido nacional!", exclamei. "Este deve ter surgido depois de minha época. Suponho que tenha sido um dos partidos trabalhistas."

"Ah, não!", respondeu o doutor. "Os partidos trabalhistas, como tais, nunca conseguiriam atingir qualquer coisa em uma escala ampla ou permanente. Para propósitos de escopo nacional, sua base de organizações de classe, apenas, era estreita demais. Não foi até que um rearranjo do sistema industrial e social em uma base ética mais elevada, e para a produção mais eficiente de riqueza, tenha sido reconhecido como o interesse não de uma classe, mas de todas as classes igualmente – de ricos e pobres, cultos e ignorantes, velhos e jovens, fracos e fortes, homens e mulheres –, que qualquer perspectiva de seu sucesso pudesse se atingir. Aí surgiu o partido nacional, para realizá-lo por meios políticos. Provavelmente ele recebeu tal nome porque seu objetivo era nacionalizar as funções de produção e distribuição. De fato, não poderia ter tido outro nome, pois seu propósito era realizar a ideia de nação com uma grandeza e plenitude nunca antes concebida – não como uma associação de homens imbuídos de certas funções meramente políticas, as quais afetam sua felicidade apenas remota e superficialmente, mas como uma família, uma união vital, uma vida comum, uma árvore poderosa que toca o céu; cujas folhas são seu povo, alimentado por suas veias e alimentando-o em troca. Sendo o mais patriótico de todos os partidos possíveis, procurou justificar o patriotismo e elevá-lo de um instinto a uma devoção racional, tornando o país de fato em uma nação, em um patriarca que mantinha o povo vivo e não era apenas um ídolo em prol de quem se esperava que ele morresse."

Capítulo 25

A personalidade de Edith Leete naturalmente me impressionou fortemente desde que cheguei, de uma maneira tão estranha, como um interno da casa de seu pai, e era de se esperar que depois do que havia acontecido na noite anterior, eu ficasse mais do que nunca preocupado com pensamentos sobre ela. Desde o início, fui impactado por um ar de franqueza serena e objetividade ingênua que a caracterizava – mais me assemelhava a um menino nobre e inocente do que o fiz frente a qualquer garota que já havia conhecido. Eu estava curioso para saber até que ponto essa qualidade encantadora poderia ser peculiar a ela, e até que ponto era um possível resultado de alterações na posição social das mulheres, supostamente ocorrido desde a minha época. Encontrando uma oportunidade naquele dia, quando estava a sós com o Dr. Leete, guinei a conversa a essa direção.

"Suponho", disse eu, "que as mulheres hoje em dia, tendo sido aliviadas do fardo do trabalho doméstico, não tenham nenhum emprego a não ser o cultivo de seus encantos e graças."

"No que diz respeito a nós, homens", respondeu o Dr. Leete, "devemos considerar que elas contribuem bastante, para usar uma de suas formas de expressão, para se limitarem a essa ocupação. E você pode ter certeza de que elas são espirituosas demais para consentirem em ser meras beneficiárias da sociedade, mesmo com a recompensa de poder ornamentá-la. De fato, elas saudaram sua libertação do trabalho doméstico, pois ele não era excepcionalmente desgastante por si só, como também um desperdício de energia em comparação com o trabalho do plano cooperativo. Contudo, elas aceitaram o alívio desse tipo de trabalho apenas para que pudessem contribuir de outras formas mais eficazes, bem como mais agradáveis, em prol do bem-estar comum. Nossas mulheres, assim como nossos homens, são membros do exército industrial e só o deixam quando os deveres maternos assim exigem. O resultado é que a maioria das mulheres, em um momento ou outro de suas vidas, serve industrialmente cerca de cinco, dez ou quinze anos, enquanto aquelas que não têm filhos preenchem todo o período."

"Uma mulher, então, não tem de deixar necessariamente o serviço industrial ao se casar?", eu inquiri.

"Não mais do que um homem", respondeu o médico. "Por que

diabos ela deveria? Mulheres casadas não têm responsabilidades de dona de casa agora, o senhor sabe, e um marido não é um bebê que deva ser assistido".

"Exigir tanto trabalho das mulheres era considerado uma das características mais penosas de nossa civilização", eu disse; "mas me parece que vocês tiram mais delas do que nós."

O Dr. Leete riu. "Sim, nós tiramos, assim como fazemos com nossos homens. No entanto, as mulheres desta época são muito felizes, e as do século XIX, a menos que as referências contemporâneas nos enganem, eram muito infelizes. A razão pela qual as mulheres hoje em dia são colaboradoras tão mais eficientes dos homens, e ao mesmo tempo tão felizes, é que, tanto no que diz respeito ao seu trabalho quanto ao dos homens, seguimos o princípio de proporcionar a cada um o tipo de ocupação que um ou outro está mais bem adaptado. Sendo as mulheres inferiores aos homens em robustez, e posteriormente desqualificadas industrialmente de maneiras específicas, os tipos de ocupação a si reservados, além das condições em que as exercem, fazem referência a esses fatos. Os tipos de trabalho mais pesados estão em toda parte reservados para os homens, as ocupações mais leves, para as mulheres. Sob nenhuma circunstância é permitido à mulher perseguir qualquer ofício que não esteja perfeitamente adaptado, tanto quanto ao tipo e grau do trabalho, ao seu sexo. Além disso, as horas de trabalho das mulheres são consideravelmente mais curtas do que as dos homens, as férias são concedidas com mais frequência, e as providências mais cuidadosas são tomadas para descanso quando necessário. Os homens de hoje reconhecem bem que devem à beleza e graça das mulheres o maior entusiasmo de suas vidas; o principal incentivo ao esforço, que permitem a elas trabalhar, deriva totalmente da compreensão que um certo requisito regular de trabalho, de uma espécie adaptada às suas faculdades, é bom para o corpo e para a mente durante o período de máximo vigor físico. Acreditamos que a saúde magnífica que distingue nossas mulheres das de sua época, que pareciam estar geralmente tão enfermas, se deve em grande parte ao fato de que todas possuem ocupações saudáveis e inspiradoras."

"Entendi", disse eu, "que as trabalhadoras pertencem ao exército da indústria. Mas como podem estar sob o mesmo sistema de classificação e disciplina que os homens, quando as condições de seu trabalho são tão diferentes?"

"Elas são regidas por uma disciplina totalmente diferente", respondeu o Dr. Leete, "e constituem mais uma força aliada do que uma parte integrante do exército de homens. Eles têm uma general-chefe mulher e trabalham sob um regime exclusivamente feminino.

Esta general, como também os oficiais superiores, é escolhida pelo contingente de mulheres que passaram o tempo de serviço, em correspondência com a forma como são eleitos os chefes do exército masculino e o presidente da nação. A general do exército feminino tem um assento no gabinete do presidente e tem direito de veto sobre medidas a respeito do trabalho feminino, sendo dependentes dela os recursos ao congresso. Eu deveria ter dito, ao falar do Judiciário, que além de homens temos mulheres na bancada, nomeadas pela general feminina. As causas nas quais ambas as partes são mulheres se determinam por juízas, e quando um homem e uma mulher são partes em um caso, um juiz de cada sexo deve consentir com o veredito."

"A feminilidade parece ser organizada como uma espécie de *imperium in imperio* em seu sistema", disse eu.

"Até certo ponto", respondeu o Dr. Leete; "mas o império interno é um que o senhor admitirá não oferecer muito perigo para a nação. A falta de reconhecimento da individualidade distinta dos sexos foi um dos inúmeros defeitos de sua sociedade. A atração passional entre homens e mulheres muitas vezes impedia a percepção das profundas diferenças que tornam os membros de cada sexo em muitos aspectos estranhos ao outro, capazes de simpatia apenas com seus pares. É dando plena importância às diferenças entre os sexos, em vez de tentar apagá-las (como aparentemente tentaram alguns reformadores de sua época), que o prazer de cada um por si e a rejeição de cada um pelo outro são semelhantes e igualmente aprimorados. Em sua época, não havia carreiras para mulheres, exceto em uma rivalidade antinatural com os homens. Demos a elas um mundo próprio para seus planos, ambições e carreiras, e garanto que elas são muito felizes ali. Parece-nos que as mulheres foram mais do que qualquer outra classe as vítimas de sua civilização. Há algo que, mesmo nesta distância de tempo, penetra como um *pathos* no espetáculo de suas vidas deprimidas, subdesenvolvidas, atrofiadas no casamento, seu horizonte estreito, tantas vezes limitado fisicamente pelas quatro paredes de casa, e moralmente por um círculo mesquinho de interesses pessoais. Falo agora, não das classes mais pobres, que geralmente trabalhavam até a morte, mas também das classes abastadas e ricas. Das grandes tristezas, bem como das mesquinhas preocupações da vida, elas não tinham refúgio no mundo descontraído dos negócios humanos, nem quaisquer interesses, exceto os da família. Tal existência ou teria amolecido os cérebros dos homens, ou os teria enlouquecido. Tudo isso mudou hoje. Não se ouve hoje sobre nenhuma mulher que deseje ser um homem, nem pais desejando meninos em vez de meninas. Nossas meninas têm tanta ambição por suas carreiras quanto nossos meninos. O casamento, quando acontece, não significa encarceramento para elas, nem as separa de forma alguma dos

interesses mais amplos da sociedade, da vida agitada do mundo. Somente quando a maternidade preenche a mente da mulher com novos interesses, ela se afasta do mundo por um tempo. Depois, e a qualquer momento, ela pode retornar ao seu lugar entre suas camaradas; tampouco precisa perder o contato com elas. As mulheres são uma raça muito feliz hoje em dia, em comparação com o que já foram antes na história do mundo, e seu poder de prover felicidade aos homens foi naturalmente aumentado em proporção."

"Imagino que seja possível", disse eu, "que o interesse que as meninas têm por suas carreiras como membros do exército industrial, como candidatas por distinções, possa ter um efeito dissuasor do casamento."

O Dr. Leete sorriu. "Não se preocupe com isso, Sr. West", respondeu ele. "O Criador tomou muito cuidado para que quaisquer que fossem as modificações que as disposições de homens e mulheres pudessem assumir com o tempo, sua atração mútua deveria permanecer constante. Deve ser prova conclusiva deste ponto o simples fato de que em uma época como a sua, quando a luta pela sobrevivência devia dar pouco tempo às pessoas para outros pensamentos – quando o futuro era tão incerto que assumir responsabilidades parentais devia parecer muitas vezes um risco criminal –, ainda assim havia casamento. Quanto ao amor nos dias de hoje, um de nossos autores diz que o vazio deixado nas mentes de homens e mulheres pela falta de cuidado com o próprio sustento foi inteiramente preenchido pela terna paixão. Porém, peço que você acredite, isso é um exagero. Quanto ao resto, o casamento está tão longe de ser uma interferência na carreira de uma mulher que as posições mais elevadas no exército feminino da indústria são confiadas apenas àquelas que foram esposas e mães, já que somente elas representam plenamente seu sexo."

"Os cartões de crédito são emitidos tanto para mulheres quanto para homens?"

"Certamente."

"Os créditos das mulheres, suponho, são de quantias menores, devido à frequente suspensão do trabalho por conta de responsabilidades familiares."

"Menor!", exclamou o Dr. Leete, "oh, não! O sustento de toda a nossa gente é o mesmo. Não há exceções a essa regra, mas se alguma diferença fosse feita por conta das interrupções de que o senhor fala, seria tornando o crédito da mulher maior, não menor. Consegue pensar em algum serviço que represente uma reivindicação mais forte da gratidão da nação do que gerar e cuidar de seus filhos? De acordo com nossa opinião, ninguém merece tanto bem do mundo como bons

pais. Não há tarefa tão altruísta, tão necessariamente desinteressada – embora tão recompensadora para o coração – quanto a criação dos filhos, que formarão o mundo uns para os outros quando nós partirmos."

"Parece resultar daí, pelo que o senhor disse, que as esposas não dependem de nenhum modo de seus maridos para o sustento."

"Claro que não", respondeu o Dr. Leete, "nem os filhos dos pais, isto é, como meio de sustento, embora, é claro, o sejam para os cargos afetivos. O trabalho da criança, quando crescer, aumentará o estoque comum – não o de seus pais, que estarão mortos. Assim, ela deve ser devidamente alimentada a partir desse estoque comum. O senhor deve entender que a conta de cada pessoa, homem, mulher e criança, é sempre relativa à nação diretamente, e nunca por meio de qualquer intermediário. Exceto, é claro, que os pais, até certo ponto, ajam como seus tutores dos filhos. Veja que é em virtude da relação dos indivíduos com a nação, de sua participação nela, que têm o direito de ser sustentados; e este título não está de forma alguma conectado ou é afetado por suas relações com outros indivíduos, com outros membros da nação ao seu lado. O fato de qualquer pessoa depender de outra para obter meios de sustento seria chocante para o senso moral, além de indefensável em qualquer teoria social racional. O que seria da liberdade e da dignidade pessoal sob tal arranjo? Estou ciente de que vocês se declaravam livres no século XIX. No entanto, o significado da palavra não poderia então ter sido o que é atualmente. Caso contrário, vocês certamente não o teriam aplicado a uma sociedade em que quase todos os membros estavam em uma posição de desconcertante dependência pessoal a outros no que diz respeito ao próprios meios de vida: os pobres aos ricos, ou empregados aos empregadores, as mulheres aos homens, os filhos aos pais. Em vez de distribuir o produto da nação diretamente aos seus membros – o que pareceria o método mais natural e óbvio –, de fato, pareceria que vocês haviam se dedicado a traçar um plano de distribuição de mão em mão, envolvendo o máximo de humilhação pessoal para todas as classes de destinatários.

No que diz respeito à dependência das mulheres aos homens para o sustento, que então era comum, é claro, a atração natural em casos de casamentos de amor pode muitas vezes torná-la suportável, embora para mulheres espirituosas eu deva imaginar que sempre deve ter sido humilhante. O que deve ter acontecido, então, nos inúmeros casos em que as mulheres, com ou sem o formato do casamento, tinham de se vender aos homens para ganhar a vida? Mesmo seus contemporâneos, por mais insensíveis que fossem perante a maioria dos aspectos revoltantes de sua sociedade, parecem ter tido a ideia de que isso não

era exatamente como deveria ser; porém, ainda era por mera pena que deploravam a sorte das mulheres. Não lhes ocorria que se tratava de roubo, assim como crueldade, quando os homens se apoderavam de todo o produto do mundo e deixavam as mulheres implorando e bajulando por sua fatia. Por que – Deus me livre, Sr. West! – estou realmente avançando em um ritmo notável, como se o roubo, a tristeza e a vergonha que aquelas pobres mulheres suportaram não tivessem passado mais de um século, ou como se o senhor fosse o responsável pelo que sem dúvida deplorou tanto quanto eu."

"Devo assumir minha parcela de responsabilidade pelo mundo de outrora", respondi. "Tudo o que posso dizer para atenuar é que até que a nação estivesse madura para o atual sistema de produção e distribuição organizada, nenhuma melhoria radical na posição da mulher seria possível. A raiz de sua deficiência, como o senhor diz, era sua dependência pessoal do homem para seu sustento, e não posso imaginar nenhum outro modo de organização social além do que vocês adotaram que teria libertado a mulher do homem, ao mesmo tempo em que libertou os homens uns dos outros. Suponho, aliás, que uma mudança tão completa na posição das mulheres não pode ter ocorrido sem afetar de forma marcante as relações sociais dos sexos. Esse será um estudo muito interessante para mim."

"A mudança que observará", disse o Dr. Leete, "será principalmente, creio eu, toda a franqueza e irrestrição que agora caracteriza essas relações, em comparação com a artificialidade que parece as ter caracterizado em sua época. Os sexos agora se encontram em posição de perfeita igualdade, como pretendentes um do outro apenas em função do amor. Em sua época, o fato de as mulheres dependerem de homens para se sustentarem tornava-nas, na realidade, as mais beneficiadas pelo casamento. Este fato, tanto quanto podemos julgar pelos registros contemporâneos, parecia ser grosseiramente reconhecido entre as classes mais baixas, enquanto entre as mais polidas era encoberto por um sistema de convencionalidades elaboradas que visavam carregar o significado precisamente oposto – a saber, que o homem era a parte mais beneficiada. Para manter essa convenção, era essencial que ele sempre aparecesse como o pretendente. Nada era, portanto, considerado mais chocante para os costumes do que uma mulher trair um carinho por um homem antes que ele tivesse indicado o desejo de desposá-la. Na verdade, temos em nossas bibliotecas livros de autores de sua época escritos com o único propósito de discutir a questão de se, sob quaisquer circunstâncias concebíveis, uma mulher poderia, sem descrédito para seu sexo, revelar um amor não solicitado. Tudo isso nos parece extraordinariamente absurdo, mas sabemos que, dadas as suas circunstâncias, o problema pode ter um lado sério. Quando, para uma

mulher, oferecer seu amor a um homem era, na verdade, convidá-lo a assumir o fardo de seu sustento, é fácil ver que o orgulho e a delicadeza bem poderiam ter impedido os sussurros do coração. Quando o senhor entrar em nossa sociedade, Sr. West, deve estar preparado para ser frequentemente questionado sobre este ponto por nossos jovens, que são naturalmente muito interessados no tópico dos costumes antiquados."[11]

"Então as garotas do século XX declaram seu amor."

"Se quiserem", respondeu o Dr. Leete. "Não há mais tentativa de ocultar sentimentos por parte delas, não mais do que por parte de seus amantes. A coqueteria seria tão desprezada em uma garota quanto em um homem. Frieza fingida, que em sua época raramente enganava um namorado, o enganaria completamente hoje em dia, pois ninguém cogita praticá-la."

"Posso imaginar por mim mesmo um resultado que deverá seguir da libertação das mulheres", eu disse. "Não pode haver casamentos agora senão aqueles por predisposição."

"Naturalmente", respondeu o Dr. Leete.

"Pense em um mundo onde não há nada além de pares puramente apaixonados! Ah, doutor Leete, como o senhor está longe de ser capaz de compreender que fenômeno surpreendente este mundo parece para um homem do século XIX!"

"Posso, no entanto, até certo ponto, imaginar", respondeu o médico. "Mas o fato de o senhor comemorar o fato de que não há nada além de jogos de amor significa ainda mais, talvez, do que provavelmente nota à primeira vista. Isso significa que, pela primeira vez na história da humanidade, o princípio da seleção sexual, com sua tendência a preservar e transmitir os melhores tipos da raça, deixando os tipos inferiores caírem, pôde operar desimpedidamente. As necessidades da pobreza, a necessidade de ter um lar, não tentam mais as mulheres a aceitar como pais de seus filhos homens a quem não possam amar nem respeitar. Riqueza e posição não desviam mais a atenção das qualidades pessoais. O ouro não mais 'doura a testa enrugada do tolo'. Os dons de pessoa, mente e disposição; a beleza, a inteligência, a eloquência, a bondade, a generosidade, a genialidade, a coragem, são transmitidas à posteridade. Cada geração passa por uma malha um pouco mais fina que a anterior. Os atributos que a natureza humana admira são preservados, aqueles que a repelem são deixados para trás. Existem, é claro, muitas mulheres que devem misturar admiração ao amor, procurando casar-se em grandiosidade. Essas, porém, não obedecem menos à mesma lei, pois casar-se bem agora não é casar-se com homens de fortuna ou título, mas com aqueles que se elevaram acima de seus semelhantes pela solidez ou brilho de seus

serviços à humanidade. Estes formam hoje a única aristocracia cuja aliança é marca de distinção.

"O senhor dizia, há um ou dois dias, algo sobre a superioridade física de nossa gente em relação aos seus contemporâneos. Talvez mais importante do que qualquer uma das causas que mencionei então, como tendência à purificação racial, foi o efeito da seleção sexual desenfreada com base na qualidade por parte de duas ou três gerações sucessivas. Acredito que quando tiver feito um estudo mais completo de nosso povo, encontrará nele não apenas um aprimoramento físico, mas também mental e moral. Seria estranho se não fosse assim, pois não apenas uma das grandes leis da natureza está agora operando livremente a salvação da raça, mas um profundo sentimento moral veio em seu apoio. O individualismo, que em sua época era a ideia animadora de sociedade, não só era fatal para qualquer sentimento vital de fraternidade e interesse comum entre os homens vivos, mas igualmente para qualquer compreensão da responsabilidade dos vivos pela geração seguinte. Hoje esse senso de responsabilidade, praticamente ignorado em todas as épocas anteriores, tornou-se uma das grandes ideias éticas da raça, reforçando, com uma intensa convicção de dever, o impulso natural de buscar no casamento o melhor e o mais nobre do sexo oposto. O resultado é que nem todos os encorajamentos e incentivos de todo tipo – os que fornecemos para desenvolver a indústria, talento, gênio, excelência de qualquer tipo – são comparáveis em seus efeitos sobre nossos jovens com o fato de que nossas mulheres se sentem como juízas da espécie, reservando-se para recompensar os vencedores. De todos os chicotes, esporas, iscas e prêmios, não há nenhum como a ideia dos rostos radiantes que os retardatários verão desviar de si.

Hoje em dia, os celibatários são quase invariavelmente homens que não conseguiram se portar com valor no trabalho da vida. A mulher deve ser uma mulher corajosa, com uma espécie de coragem muito perversa também, para que a piedade por um desses infelizes a leve a desafiar a opinião de sua geração – por, em todo caso, ela é livre – a ponto de aceitá-lo como marido. Devo acrescentar que ela achará o sentimento de seu próprio sexo mais exigente e difícil de resistir do que qualquer outro elemento dessa opinião. Nossas mulheres alcançaram o máximo de sua responsabilidade como guardiãs do mundo vindouro, a quem as chaves do futuro estão confiadas. Seu sentimento de dever a esse respeito equivale a um senso de consagração religiosa. É um culto em que se educa as filhas desde a infância."

Depois de ir para o meu quarto naquela noite, sentei-me tarde da noite para ler um romance de Berrian, entregue a mim pelo Dr. Leete,

cujo enredo girava em torno de uma situação sugerida por suas últimas palavras, a respeito da visão moderna da responsabilidade parental. Uma situação semelhante, quase certamente, teria sido tratada por um romancista do século XIX de modo a despertar a simpatia mórbida do leitor com o egoísmo sentimental dos amantes e seu ressentimento para com a lei não escrita a qual eles ultrajavam. Não preciso descrever – pois quem não leu “Ruth Elton”? – quão diferente é o curso que Berrian toma, e com que efeito tremendo ele reforça o princípio que afirma: “Nosso poder é de um Deus sobre os que ainda não nasceram, e nossa responsabilidade é igual à Dele para conosco. Que Ele nos trate da mesma forma que nos comportamos em relação a eles.”

Capítulo 26

Acho que se, em alguma ocasião, uma pessoa pudesse ser desculpada de perder a noção dos dias da semana, as circunstâncias teriam me desculpado. Na verdade, se eu tivesse sido informado de que o método de cálculo do tempo estava totalmente mudado e os dias agora eram contados em lotes de cinco, dez ou quinze em vez de sete, eu não deveria ter ficado surpreso com o que eu já tinha ouvido e visto do século XX. A primeira vez que me ocorreu alguma dúvida quanto aos dias da semana foi na manhã seguinte à conversa relatada no capítulo anterior. Na mesa do desjejum, o Dr. Leete perguntou-me se eu gostaria de ouvir um sermão.

"É domingo, então?", exclamei.

"Sim", ele respondeu. "Foi uma sexta-feira, sabe, quando fizemos a feliz descoberta da câmara soterrada; a ela devemos sua companhia esta manhã. Foi no sábado de manhã, logo depois da meia-noite, que o senhor acordou pela primeira vez, e na tarde de domingo quando acordou pela segunda vez com as faculdades totalmente recuperadas."

"Então vocês ainda têm domingos e sermões," eu disse. "Tivemos profetas que predisseram que muito antes desta época o mundo teria dispensado ambos. Estou muito curioso para saber como os sistemas eclesiásticos se encaixam no restante de seus arranjos sociais. Suponho que você tenha uma espécie de igreja nacional com clérigos oficiais."

O Dr. Leete riu, e a Sra. Leete e Edith pareciam muito animadas.

"Ora, Sr. West", disse Edith, "que pessoas estranhas o senhor deve nos achar. Vocês já tinham acabado com os estabelecimentos religiosos nacionais no século XIX e imaginou que voltamos para eles?"

"Mas como as igrejas voluntárias e uma profissão clerical não oficial podem ser reconciliadas com a propriedade nacional de todos os edifícios e o serviço industrial exigido de todos os homens?", eu contrapus.

"As práticas religiosas do povo mudaram consideravelmente, é claro, em um século", respondeu o Dr. Leete; "mas supondo que tenham permanecido inalteradas, nosso sistema social as acomodaria perfeitamente. A nação fornece a qualquer pessoa ou número de pessoas edifícios como garantia do aluguel, e elas permanecem ali

como inquilinos enquanto pagam por tal. Quanto aos clérigos, se várias pessoas desejam os serviços de um indivíduo para qualquer fim particular próprio, além do serviço geral da nação, eles podem sempre assegurá-lo – com o consentimento desse indivíduo, é claro – da mesma forma que asseguramos o serviço de nossos editores: contribuindo a partir de seus cartões de crédito com uma indenização à nação pela perda de seus serviços na indústria em geral. Essa indenização é paga à nação pelas doações individuais que, em sua época, equivaliam ao salário pago ao próprio indivíduo; e as várias aplicações desse princípio deixam à iniciativa privada plena atividade em todos os detalhes aos quais o controle nacional não é aplicável. Agora, quanto a ouvir um sermão hoje, se quiser, pode ir a uma igreja ou ficar em casa."

"Como vou ouvi-lo se ficar em casa?"

"Simplesmente nos acompanhando até a sala de música na hora certa e escolhendo uma poltrona confortável. Alguns ainda preferem ouvir sermões na igreja, mas a maior parte de nossa pregação, assim como nossas apresentações musicais, não se dá em público, sendo provida em câmaras acusticamente preparadas, conectadas por fio às casas dos assinantes. Se preferir ir a uma igreja, ficarei feliz em acompanhá-lo, mas realmente não acredito que ouvirá um discurso melhor do que em casa. Vejo pelo jornal que o Sr. Barton deve pregar esta manhã, e ele prega apenas por telefone, e para audiências que frequentemente assomam 150.000 pessoas."

"A novidade da experiência de ouvir um sermão sob tais circunstâncias me inclinaria a ser um dos ouvintes do Sr. Barton, se não por outro motivo", disse eu.

Uma ou duas horas depois, enquanto eu estava sentado lendo na biblioteca, Edith veio me buscar e eu a segui até a sala de música onde o Dr. e a Sra. Leete esperavam. Não tínhamos feito mais do que sentar confortavelmente quando se ouviu o tilintar de um sino. Alguns momentos depois, a voz de um homem, no tom de uma conversa comum, se dirigiu a nós, com o efeito de proceder de uma pessoa invisível na sala. Eis o que disse a voz:

O Sermão do Sr. Barton

"Tivemos entre nós, na última semana, um crítico do século XIX, representante vivo da época dos nossos bisavós. Seria estranho se um fato tão extraordinário não tivesse afetado fortemente nossa imaginação. Talvez a maioria de nós tenha sido estimulada a ter algum esforço para analisar a sociedade de um século atrás, para imaginar como deve ter sido viver naquela época. Ao convidá-los

agora a considerar certas reflexões sobre este assunto, tais quais me ocorreram, presumo que devo seguir em vez de desviar o curso de seus próprios pensamentos."

Edith sussurrou algo para o pai neste momento, ao que ele assentiu com a cabeça e se virou para mim.

"Sr. West", disse ele, "Edith sugere que o senhor possa achar um pouco embaraçoso ouvir um discurso nas linhas que o Sr. Barton está fazendo e, se for assim, não precisa se sentir coagido. Ela vai nos conectar com a sala de palestra do Sr. Sweetser, se você quiser, e eu ainda posso lhe prometer que será um discurso muito bom."

"Não, não", eu disse. "Acredite em mim, eu prefiro ouvir o que o Sr. Barton tem a dizer."

"Como quiser", respondeu meu anfitrião.

Quando o pai de Edith falou comigo, ela tocou em um botão e a voz do Sr. Barton cessou abruptamente. Agora, com outro toque, a sala voltava a ser preenchida pelos tons sinceros de simpatia que já me haviam impressionado da forma mais favorável.

"Atrevo-me a supor que foi comum entre nós um efeito resultante deste esforço de retrospecção, e que nos deixou mais do que nunca espantados com a estupenda mudança que um breve século fez nas condições materiais e morais da humanidade.

Ainda assim, no que diz respeito ao contraste entre a pobreza da nação e do mundo no século XIX e sua riqueza agora, não é maior, possivelmente, do que foi visto antes na história da humanidade – talvez não maior, por exemplo, do que houve entre a pobreza deste país durante o primeiro período colonial do século XVII, da riqueza relativamente ampla que alcançou no final do século XIX, ou entre a Inglaterra de Guilherme, o Conquistador, e a de Vitória. Embora as riquezas agregadas de uma nação não oferecessem então, como agora, qualquer critério preciso das massas de seu povo, ainda assim instâncias como essas fornecem paralelos parciais para o lado meramente material do contraste entre os séculos XIX e XX. É quando contemplamos o aspecto moral desse contraste que nos encontramos na presença de um fenômeno para o qual a história não oferece precedentes, por mais longe que possamos olhar para trás. Quase se poderia desculpar quem exclamasse: 'Aqui, certamente, há algo como um milagre!' No entanto, quando desistimos da admiração ociosa e começamos a examinar criticamente o aparente prodígio, deixamos de considerá-lo um prodígio, muito menos um milagre. Para explicarmos o fato diante de nós, não é necessário supormos que houve um novo nascimento moral da humanidade, ou ainda uma destruição implacável dos ímpios e sobrevivência dos bons. A explicação simples

e óbvia para ele se encontra na reação de um ambiente alterado sobre a natureza humana. Significa apenas que uma forma de sociedade fundada no falso interesse próprio do egoísmo, que apelava apenas para o lado antissocial e brutal da natureza humana, foi substituída por instituições baseadas no verdadeiro interesse próprio, advindo de um altruísmo racional, que apela para os instintos sociais e generosos dos homens.

Meus amigos: se quiserem ver os homens novamente como os animais predadores que pareciam ser no século XIX, tudo o que precisam fazer é restaurar o antigo sistema social e industrial, que os ensinava a ver em seus semelhantes suas presas naturais, e encontrar seu ganho na perda de outros. Sem dúvida, parece que nenhuma necessidade, por mais terrível que seja, os tentaria a subsistir com a habilidade ou força superior que porventura os permitisse sobrepujar os mais necessitados. Mas suponham que vocês não sejam apenas responsáveis por suas próprias vidas. Sei bem que deve ter havido muitos homens entre nossos ancestrais que, fosse apenas uma questão de manterem a própria vida, teriam desistido dela antes de se alimentarem com pão arrancado de outros. Mas não foram autorizados a fazer isso. Havia vidas preciosas que dependiam deles. Os homens amavam as mulheres naquela época, como agora. Deus sabe como eles ousaram ao ser pais, mas tiveram bebês tão doces, sem dúvida, para si quanto os nossos são para nós, a quem deviam alimentar, vestir, educar. As criaturas mais gentis são ferozes quando têm filhotes para sustentar e, naquela sociedade lupina, a luta pelo pão tomava emprestado um desespero peculiar dos sentimentos mais ternos. Por causa de seus dependentes, não havia escolha a um homem senão mergulhar na luta infame – trapacear, passar por cima, suplantar, fraudar, comprar abaixo do valor e vender acima, fazer quebrar o negócio com o qual o vizinho alimentava seus filhos, tentar os homens a comprar o que não precisam e a vender o que não se deve; além de oprimir seus trabalhadores, fazer suar seus devedores, enganar seus credores. Embora um homem o procurasse cuidadosamente com lágrimas, era difícil encontrar uma maneira de ganhar a vida e sustentar sua família, a não ser pressionando um rival mais fraco e tirando o alimento de sua boca. Mesmo os líderes religiosos não estavam isentos dessa necessidade cruel. Embora advertissem seus rebanhos contra o amor ao dinheiro, o respeito por suas famílias os compelia a manter uma visão geral dos prêmios pecuniários de sua vocação. Pobres companheiros; seus negócios eram realmente difíceis. Pregavam aos homens uma generosidade e altruísmo os quais, eles e todos sabiam, reduziriam à pobreza aqueles que os praticassem no estado atual do mundo; estabeleciam leis de conduta que a regra da autopreservação obrigava os homens a quebrar. Olhando para o

espetáculo desumano da sociedade, esses homens dignos lamentavam amargamente a depravação da natureza humana; como se a natureza angelical não houvesse sido depravada naquela escola diabólica! Ah, meus amigos, acreditem em mim: não é agora, nesta época afortunada, que a humanidade está dando mostras da divindade que carrega em si. Foi anteriormente, naqueles dias ruins, quando nem mesmo a luta pela vida de uns com os outros – a luta pela mera existência, na qual a misericórdia era loucura – foi capaz de banir totalmente a generosidade e a bondade da Terra.

Não é difícil entender o desespero de homens e mulheres que em outras condições teriam sido cheios de gentileza e verdade, mas lutavam e dilaceravam uns aos outros na corrida pelo ouro – não é difícil entendê-los quando percebemos o que significava perder essa corrida. Não quando percebemos o que era a pobreza naqueles dias. Para o corpo ela era a fome e a sede, o tormento do calor e da geada; para a doença era a negligência; para a saúde, a labuta incessante. Para a natureza moral, significava opressão, desprezo e a resistência paciente à indignidade, associações brutais desde a infância, a perda de toda a inocência da infância, a graça da feminilidade, a dignidade da masculinidade; para a mente, significava a morte da ignorância, o torpor de todas as faculdades que nos distinguem dos brutos, a redução da vida a um ciclo de funções corporais.

Ah, meus amigos, se um destino como este fosse oferecido a vocês e seus filhos como a única alternativa de sucesso no acúmulo de riqueza, quanto tempo vocês imaginam até afundarem ao nível moral de seus ancestrais?

Cerca de dois ou três séculos atrás, um ato de barbárie foi cometido na Índia. Embora o número de vidas destruídas tenha sido apenas uma vintena, foi acompanhado por horrores tão peculiares que sua lembrança provavelmente será perpétua. Vários prisioneiros ingleses foram fechados em uma sala que não continha ar suficiente para fornecer um décimo de seu número. Os infelizes eram homens valentes, camaradas devotados ao serviço; mas à medida que as agonias da sufocação começaram a se apoderar deles, esqueceram-se de tudo e encetaram uma luta horrível, cada um por si e contra todos os outros, para forçar um caminho para uma das pequenas aberturas da prisão onde seria possível respirar. Tratou-se de uma luta em que os homens se tornaram bestas, e a narrativa de seus horrores pelos poucos sobreviventes chocou tanto nossos antepassados que, um século depois, a consideramos uma referência em sua literatura como uma ilustração típica das possibilidades extremas da miséria humana, tão chocante em sua moral quanto em seu aspecto físico. Eles dificilmente poderiam ter previsto que para nós o Buraco Negro de

Calcutá, com sua multidão de homens enlouquecidos se dilacerando e pisoteando uns aos outros na luta para ganhar um lugar nos buracos para respirar, pareceria um tipo impressionante da sociedade de sua época. No entanto, faltava algo ali para se tornar completo, pois no Buraco Negro de Calcutá não havia mulheres carinhosas, nem crianças pequenas e velhos, tampouco aleijados. Eles eram, pelo menos, todos homens, fortes para suportar o que sofreram.

Quando refletimos que a antiga ordem de que falei prevaleceu até o final do século XIX, enquanto para nós a nova ordem que a sucedeu já parece antiga – ou seja, mesmo nossos pais não conheceram outra –, não podemos deixar de nos surpreender com a rapidez com que uma transição tão profunda, para além de todas as experiências anteriores da raça, deve ter ocorrido. Alguma observação do estado de espírito dos homens durante o último quarto do século XIX dissipará esse espanto, contudo, em grande medida. Embora não se pudesse dizer que a inteligência geral, no sentido moderno, existisse em qualquer uma das comunidades daquela época, ainda assim, em comparação com as gerações a si prévias, aquela que estava em cena era inteligente. A consequência inevitável até mesmo desse grau comparativo de inteligência foi uma percepção generalizada dos males da sociedade, como nunca antes. É bem verdade que esses males foram ainda piores, muito piores, em épocas anteriores. Foi o aumento da inteligência das massas que fez a diferença, à medida que o amanhecer revela a miséria dos arredores que, na escuridão, pode ter parecido tolerável. A tônica da literatura do período era a compaixão pelos pobres e desafortunados, e o clamor indignado contra o fracasso da máquina social em amenizar as misérias dos homens. É patente que foi a partir dessas eclosões que a hediondez moral do espetáculo ao redor deles foi, pelo menos por lampejos, plenamente percebida pelos melhores dos homens da época. A vida de alguns dos mais sensíveis e generosos deles foi tornada quase insuportável pela intensidade de seus sentimentos de empatia.

Embora a ideia da unidade vital da família que é a humanidade – a realidade da fraternidade humana – estivesse muito longe de ser apreendida por eles como o axioma moral tal qual parece a nós, ainda assim é um erro supor que não havia qualquer sentimento do tipo correspondente. Eu poderia ler para vocês passagens de grande beleza de alguns de seus escritores que mostram como tal concepção foi claramente alcançada por alguns, e, sem dúvida, vagamente alcançada por tantos outros. Além disso, não se deve esquecer que o século XIX foi nominalmente um século cristão, e o fato de que toda a estrutura comercial e industrial da sociedade era a personificação do espírito do anticristo deve ter tido certo peso entre os seguidores nominais de Jesus Cristo – embora eu admita: ele foi curiosamente restrito.

Quando perguntamos por que não havia mais – por que, em geral, muito depois de uma vasta maioria dos homens concordar com os abusos gritantes do arranjo social existente, ainda o tolerava, ou ainda se contentava em falar de pequenas reformas –, chegamos a um fato extraordinário. Até mesmo o melhor dos homens daquela época acreditava sinceramente que os únicos elementos estáveis da natureza humana, sobre os quais um sistema social poderia ser fundado com segurança, eram suas piores tendências. Eles haviam sido ensinados e acreditavam que a ganância e o egoísmo eram tudo o que mantinha a humanidade unida, e que todas as associações humanas desmoronariam se algo fosse feito para embotar o limite desses motivos, ou refrear sua operação. Em resumo, mesmo aqueles que desejavam acreditar nisso acreditavam no exato oposto do que nos parece evidente. Acreditavam que as qualidades antissociais dos homens, e não suas qualidades sociais, eram o que fornecia a força coesiva da sociedade. Parecia-lhes razoável que os homens vivessem juntos apenas com o propósito de se sobreporem e oprimirem uns aos outros, de serem dominados e oprimidos, e que embora uma sociedade que desse total escopo a essas propensões pudesse subsistir, haveria pouca chance para uma sociedade na ideia de cooperação em benefício de todos. Parece absurdo esperar que alguém acredite que convicções como essas jamais foram seriamente acolhidas por homens; mas eles não foram apenas entretidos por nossos bisavós. Antes, foram responsáveis pelo longo atraso em acabar com a antiga ordem depois que uma convicção de seus abusos intoleráveis se tornou geral. Isso é hoje tão bem estabelecido quanto qualquer fato na história poderia ser. Exatamente aqui você encontrará a explicação do profundo pessimismo da literatura do último quartel do século XIX, a nota de melancolia em sua poesia e o cinismo de seu humor.

Sentindo que a condição da espécie era insuportável, não havia esperança de algo melhor. Acreditavam que a evolução da humanidade resultou em um beco sem saída e que não havia como seguir em frente. O estado de espírito dos homens neste momento é notavelmente ilustrado por tratados que chegaram até nós, e podem mesmo agora ser consultados em nossas bibliotecas pelos curiosos. Neles, argumentos laboriosos são desenvolvidos para provar que, apesar da situação maligna dos homens, ainda assim valia mais a pena viver a vida, por alguma ligeira preponderância de considerações, do que a deixar partir. Desprezando a si mesmos, eles desprezavam seu Criador. Houve uma decadência geral da crença religiosa. Brilhos pálidos e aquosos, vindos de céus densamente velados pela dúvida e pelo medo, por si só iluminavam o caos da terra. Que os homens duvidem d'Aquele cujo sopro mora em suas narinas, ou temam as mãos que os moldaram, parece-nos de fato uma insanidade

lamentável. Mas devemos lembrar que as crianças que são corajosas durante o dia às vezes têm medos tolos à noite. O amanhecer instalou-se desde então. No século XX é muito fácil acreditar na paternidade divina.

Resumidamente, como deve caber a um discurso deste caráter, alertei algumas das causas que prepararam as mentes dos homens para a transição da antiga à nova ordem, bem como algumas causas do conservadorismo do desespero que, por um tempo, o reteve depois de a hora ser oportuna. Ficar maravilhado com a rapidez com que a mudança foi concluída depois de sua possibilidade ser considerada pela primeira vez é esquecer o efeito intoxicante da esperança sobre as mentes há muito acostumadas ao desespero. O resplandecer do sol, depois de uma noite tão longa e escura, deve ter tido um efeito deslumbrante. A partir do momento em que os homens se permitiram acreditar que a humanidade, afinal, não havia sido criada para ser como um anão – que sua estatura atarracada não era a medida de seu possível crescimento, mas que estava à beira de um avatar de desenvolvimento ilimitado –, a reação teve de ser esmagadora. É evidente que nada era capaz de resistir ao entusiasmo que a nova fé inspirou.

Ali, finalmente, os homens devem ter sentido, estava frente a uma causa histórica a qual as mais grandiosas teriam sido triviais. Sem dúvida porque, podendo exigir milhões de mártires, não foi necessário nenhum. A mudança de uma dinastia em um reino mesquinho do velho mundo muitas vezes custava mais vidas do que a revolução que finalmente colocou os pés da raça humana no caminho certo.

Sem dúvida, desejar outro destino ao próximo não parece algo ruim para alguém a quem a bênção da vida em nossa era resplandecente foi concedida. Ainda assim, muitas vezes pensei que gostaria de trocar minha participação neste dia sereno e dourado por um lugar naquele tempestuoso período de transição, quando os heróis irromperam pelos portões trancados do futuro e revelaram ao olhar aceso de uma raça sem esperança, no lugar da parede em branco que barrava seu caminho, uma visão de progresso – uma visão cujo fim, pelo excesso de luz, ainda nos deslumbra. Ah, meus amigos! Quem dirá que a vida daquela época, quando a influência mais fraca era uma alavanca a cujo toque os séculos estremeciam, não valeu nem uma parte nesta era de fartura?

Vocês conhecem a história daquela última, a maior e mais exangue das revoluções. No decurso de uma geração, os homens deixaram de lado as tradições e práticas sociais dos bárbaros e assumiram uma ordem social digna de seres humanos racionais. Deixando seus hábitos de predadores, tornaram-se cooperadores e

encontraram na fraternidade, ao mesmo tempo, a ciência da riqueza e da felicidade. ‘O que devo comer e beber, e com que devo me vestir?’, coisas declaradas como um problema que começa e termina em si mesmo, eram um problema causador de ansiedade, algo interminável. Mas uma vez que foi concebido não do ponto de vista individual mas do ponto de vista fraternal, o dito: ‘O que devemos comer e beber, e com que devemos nos vestir?’, junto com suas adversidades, desapareceu.

Para a maioria da humanidade, pobreza e servidão resultavam da tentativa de resolver o problema da manutenção do ponto de vista individual. Porém, assim que a nação se tornou a única capitalista e empregadora, não só a fartura substituiu a pobreza, como também o último vestígio da servidão de homem para homem desapareceu da Terra. A escravidão humana, tantas vezes eliminada de forma vã, foi aniquilada de uma vez por todas. Os meios de subsistência deixaram de ser repartidos pelos homens às mulheres, pelos patrões aos empregados, pelos ricos aos pobres, passando a ser distribuídos a partir de um estoque comum, como ocorre aos filhos à mesa do pai. Deixou de ser possível para um homem usar seus semelhantes como ferramentas para seu próprio benefício. A estima era o único tipo de ganho que, daí em diante, foi possível tirar deles. Não havia mais arrogância ou servilismo nas relações entre seres humanos. Pela primeira vez desde a criação, todo homem se pôs de cabeça erguida diante de Deus. O medo de passar necessidade e o desejo pelos ganhos tornaram-se motivos extintos assim que a abundância passou a ser assegurada a todos – que as posses imoderadas tornaram-se algo impossível de ser alcançado. Não havia mais pedintes ou esmoleres. A igualdade deixou a caridade inativa. Os dez mandamentos se tornaram praticamente obsoletos em um mundo onde não havia tentação de roubar; nenhuma ocasião para mentir por medo ou favoritismo; nenhum espaço para a inveja onde todos eram iguais; além de pouca inclinação à violência já que os homens se encontravam desarmados do poder de ferir um ao outro. O antigo sonho da humanidade por liberdade, igualdade, fraternidade, ridicularizado por tantos anos, finalmente se realizou.

Como na velha sociedade, os generosos, os justos e os de coração terno foram colocados em desvantagem pela posse dessas qualidades; assim, na nova sociedade, os de coração frio, gananciosos e egoístas descobriram estar em descompasso com o mundo. Agora que as condições de vida pela primeira vez deixaram de operar como um processo forçoso para desenvolver as qualidades brutais da natureza humana, e o prêmio que até então encorajava o egoísmo não só foi removido, como também substituído pelo altruísmo – tornou-se possível, pela primeira vez, vislumbrar de fato uma natureza humana

não pervertida. As tendências depravadas, que antes haviam crescido demais e obscurecido os melhores, agora murchavam como fungos de um porão ao ar livre. As qualidades mais nobres mostraram uma exuberância repentina que transformou os cínicos em panegiristas e, pela primeira vez na História humana, inclinou a humanidade a se apaixonar por si mesma. Logo foi plenamente revelado aquilo a que os teólogos e filósofos do velho mundo nunca teriam dado crédito: que a natureza humana, em suas qualidades essenciais, é benevolente, não má; que os homens, por sua intenção e estrutura naturais, são generosos, não egoístas – lamentáveis, não cruéis, simpáticos, não arrogantes, divinos em aspirações, munidos de impulsos divinos de ternura e auto-sacrifício –; que são imagem e semelhança do Divino, de fato, e não caricaturas d'Ele, como pareciam ser. A pressão constante, por inúmeras gerações, de condições de vida que poderiam ter pervertido os anjos, não tinha sido capaz de alterar essencialmente a nobreza natural da espécie. Uma vez que essas condições foram removidas, como uma árvore curvada, ela voltou a sua retidão habitual.

Para resumir toda a questão em uma parábola, deixe-me comparar a humanidade dos tempos antigos a uma roseira plantada em um pântano, regada com sua água negra, respirando nevoeiros miasmáticos durante o dia e resfriada pelo orvalho venenoso pela noite. Inúmeras gerações de jardineiros haviam feito o possível para fazê-la florescer, mas para além de um botão meio aberto ocasional, com um verme no centro, seus esforços foram malsucedidos. Muitos, de fato, afirmavam que não se tratava de uma roseira, mas de um arbusto daninho, digno apenas de ser arrancado e queimado. Os jardineiros, em sua maioria, porém, sustentavam que o arbusto pertencia à família das rosas, embora possuísse alguma mancha indelével; isso impedia seus botões de brotarem, além de explicar sua condição geralmente doentia. Na verdade, havia alguns que sustentavam que a espécie era boa o suficiente, que o problema estava no pântano; que, em condições mais favoráveis, era de se esperar que a planta demonstrasse um desempenho melhor. Mas essas pessoas não eram jardineiros regulares; sendo condenadas de fato como meras teóricas e sonhadoras, eram, em geral, assim tratadas pelo povo. Além disso, alguns eminentes filósofos morais exortavam, mesmo admitindo para fins de argumento que o arbusto possivelmente se sairia melhor em outro lugar, que era uma disciplina mais valiosa para os botões tentar florescer em um pântano do que em condições mais favoráveis. Os botões que conseguissem brotar podiam de fato ser muito raros, e as flores pálidas e sem cheiro representavam muito mais esforço moral do que se tivessem florescido espontaneamente em um jardim.

Os jardineiros regulares e os filósofos morais conseguiram o que

queriam. O arbusto permaneceu enraizado no pântano e o antigo tratamento persistiu. Continuamente, novas variedades de compostos de fortalecimento eram aplicadas às raízes, e mais receitas do que se pode contar, cada uma declarada por seus defensores como a melhor e única preparação adequada, eram usadas para matar os vermes e remover o mofo. Nisso foi-se muito tempo. Ocasionalmente, alguém afirmava ter observado uma ligeira melhora na aparência do arbusto, embora houvesse muitos outros que declararam que ele não parecia tão bem como antes. De modo geral, não se pode dizer que houve uma mudança marcante. Finalmente, durante um período de desânimo geral quanto às perspectivas do arbusto no local onde se encontrava, a ideia de transplantá-lo foi novamente discutida e, desta vez, acatada. 'Tentemos', foi o que todos disseram. ‘Talvez possamos prosperar melhor em outro lugar; é certamente duvidoso se valha a pena continuar cultivando aqui.’ Então aconteceu: a roseira da humanidade foi transplantada e colocada em um terreno agradável, quente e seco, onde o sol a banhava, as estrelas a cortejavam e o vento do sul a acariciava. Aí ela pareceu ser mesmo uma roseira. Os vermes e o mofo desapareceram, e o arbusto ficou coberto das mais belas rosas vermelhas cuja fragrância preencheu o mundo.

É uma promessa do destino a nós designado que o Criador tenha colocado em nossos corações um padrão infinito de realização, pelo qual nossas realizações passadas parecem sempre insignificantes, e a meta nunca parece se aproximar. Se nossos antepassados tivessem concebido um estado de sociedade em que os homens deveriam viver juntos como irmãos em unidade, sem contendas ou inveja, violência ou exagero – onde, ao preço de um grau de trabalho não maior do que a saúde, em suas ocupações escolhidas, eles deveriam estar totalmente livres de cuidados com o dia seguinte, despreocupados com seu sustento assim como as árvores que são irrigadas por riachos infalíveis – se eles tivessem concebido tal condição, eu digo, aquilo lhes teria parecido como nada menos que o paraíso. Eles o teriam confundido com sua ideia de céu, e jamais sonhariam que pudesse haver algo a mais a se desejar ou lutar.

Mas o que ocorre conosco, que nos encontramos nas alturas para a qual eles miravam? Quase esquecemos já que nem sempre as coisas foram com é para a humanidade, exceto quando isso volta à nossa mente de forma especial por alguma ocasião como a presente. É difícil a nossa imaginação conceber os arranjos sociais de nossos ancestrais imediatos. Nós os consideramos grotescos. A solução do problema da manutenção física para banir a insegurança e o crime, longe de nos parecer uma realização última, aparece apenas como uma preliminar para qualquer coisa que lembre o verdadeiro progresso humano. Livramo-nos de um assédio impertinente e desnecessário que impediu

nosso ancestral de empreender os verdadeiros fins da existência. Estávamos apenas despreparados para a corrida; não mais. Somos como uma criança que acabou de aprender a ficar em pé e a andar. É um grande acontecimento, do ponto de vista da criança, quando ela caminha pela primeira vez. Talvez imagine que pode haver pouco além dessa conquista, mas um ano depois ela já se esqueceu de que nem sempre foi capaz de caminhar. Seu horizonte se alargou conforme se ergueu, aumentando conforme ela se movia. O primeiro passo foi certamente um grande evento, em certo sentido, mas apenas como um começo, não como o fim. Ele só adentrou sua verdadeira carreira. A emancipação da humanidade no século passado – desde a absorção mental e física no trabalho até o cálculo das meras necessidades corporais – pode ser considerada como uma espécie de segundo nascimento da espécie, sem o qual seu primeiro nascimento teria sido um mero fardo: sem ele, a existência teria permanecido algo para sempre injustificado, embora seja agora abundantemente compensado. Desde então, a humanidade entrou em uma nova fase de desenvolvimento espiritual, uma evolução das faculdades superiores de cuja existência na natureza humana nossos ancestrais mal suspeitavam. No lugar da desesperança sombria do século XIX – de seu profundo pessimismo perante o futuro da humanidade –, a ideia animadora da época atual nos leva a uma concepção entusiástica das oportunidades de nossa existência terrena e das possibilidades ilimitadas da natureza humana. O aperfeiçoamento da humanidade de geração em geração, físico, mental e moral, é reconhecido como o único grande objeto supremamente digno de esforço e sacrifício. Acreditamos que a raça humana, pela primeira vez, adentrou o plano de realização do ideal Divino, e cada geração deve agora dar um passo à frente.

Vocês me perguntam o que esperamos depois de inúmeras gerações terem passado? Eu respondo: o caminho se estende muito à nossa frente, mas o fim se perde na luz. Pois o retorno do homem a Deus (que é nosso lar) ocorre duas vezes: no retorno do indivíduo pelo caminho da morte e no retorno da raça pelo cumprimento da evolução, quando o segredo divino escondido em seu gérmen será perfeitamente revelado. Com uma lágrima pelo passado sombrio, voltamo-nos então para o futuro deslumbrante e, velando nossos olhos, seguimos em frente. O longo e exaustivo inverno da espécie humana terminou. Seu verão começou. A humanidade rompeu a crisálida. Os céus se põem diante dela.”

Capítulo 27

Nunca pude dizer o porquê disto, mas as tardes de domingo durante minha antiga vida eram momentos em que eu ficava particularmente sujeito à melancolia; inexplicavelmente a cor desaparecia de todos os aspectos da vida e tudo parecia emocionalmente desinteressante. As horas, que, em geral, costumavam me carregar facilmente em suas asas, perdiam o poder de alçar vôo e, no final do dia, caindo completamente por terra, tinham de se arrastar por força. Isso talvez se deu em partes à associação de ideias estabelecida que, apesar da mudança total em minhas circunstâncias, caí em um estado de profunda depressão na tarde deste meu primeiro domingo do século XX.

Na ocasião presente não se tratava, porém, de uma depressão sem causa específica, a mera melancolia vaga de que falei, mas um sentimento sugerido e, certamente, bastante justificado em vistas à minha posição. O sermão do Sr. Barton, com sua implicação constante da vasta lacuna moral entre o século a que pertencia e aquele em que me encontrava, teve um efeito forte para acentuar meu sentimento de solidão ali. Com base na forma considerada e filosófica que havia falado, suas palavras dificilmente poderiam ter evitado deixar em minha mente uma forte impressão mista de pena, curiosidade e aversão, a qual eu, como representante de uma época abominável, tive de suscitar em tudo ao meu redor.

A extraordinária gentileza com que fui tratado pelo Dr. Leete e sua família, e especialmente a bondade de Edith, até então me impedira de perceber que o sentimento real deles para comigo deveria corresponder, necessariamente, ao sentimento de toda a geração a que pertenciam. O reconhecimento disso, em relação ao Dr. Leete e sua amável esposa, por mais doloroso que fosse, eu poderia ter suportado – mas a convicção de que Edith devia compartilhar seus sentimentos era mais do que eu podia suportar.

O efeito esmagador com que essa percepção tardia de um fato tão óbvio veio a mim abriu-me os olhos por completo para algo que talvez o leitor já suspeitasse: eu amava Edith.

É de se estranhar que eu amasse? A comovente ocasião em que nossa intimidade se deu, quando suas mãos me tiraram do redemoinho da loucura; o fato de sua simpatia ter sido o sopro vital

que me instalou nesta nova vida e me permitiu suportá-la; meu hábito de considerá-la a mediadora entre mim e o mundo circundante, de modo que nem mesmo seu pai era – essas foram as circunstâncias que adiantaram um resultado que a notável formosura de sua pessoa e disposição, por si só, já teriam dado conta de ocasionar. Era quase inevitável que ela parecesse para mim, em certo sentido, a única mulher neste mundo, e isso de forma bastante distinta da experiência habitual dos apaixonados. Naquele momento em que de repente me tornei consciente da fatuidade das esperanças que começava a nutrir, sofri não apenas o que outro amante poderia sofrer. Muito além disso, senti uma solidão desoladora, um desespero total, como nenhum outro amante, por mais infeliz que fosse, poderia ter sentido.

Meus anfitriões evidentemente perceberam que eu estava deprimido e fizeram o possível para me distrair. Edith especialmente, pude notar, estava angustiada por mim. Mas de acordo com a perversidade usual dos amantes, tendo sido outrora tão desvairado a ponto de sonhar em receber algo a mais dela, não havia maior virtude para mim do que uma bondade que eu reconhecia como mera simpatia.

Ao cair da noite, depois de me isolar em meu quarto a maior parte da tarde, fui passear no jardim. O dia estava nublado, com um sabor outonal naquela atmosfera quente e calma. Encontrando-me perto da escavação, entrei na câmara subterrânea e sentei-me ali. “Esta”, murmurei para mim mesmo, “é a única casa que tenho. Ficarei aqui e não sairei mais.” Buscando ajuda nos arredores, que me eram familiares, esforcei-me para encontrar uma espécie de consolo pesaroso e reviver o passado, convocando as silhuetas e rostos que me circundavam em minha vida anterior. Em vão. Não havia mais vida nelas. Há quase cem anos as estrelas contemplavam o túmulo de Edith Bartlett e os túmulos de toda a minha geração.

O passado estava morto, esmagado sob o peso de um século, e eu estava excluído do presente. Não havia lugar para mim em parte alguma. Nem estava morto, nem propriamente vivo.

“Perdoe-me por segui-lo.”

Olhei. Edith parou na porta da câmara subterrânea, olhando-me com um sorriso, mas com os olhos cheios de aflição empática.

“Mande-me embora caso eu esteja me intrometendo”, disse ela. “Vimos que estava desanimado, e sabe que prometeu me avisar se isso ocorresse. Você não cumpriu sua palavra.”

Levantei-me e fui até a porta, tentando sorrir, embora, imagino, tenha feito um trabalho bastante lamentável. A visão daquela beleza me trouxe de forma mais pungente a causa de minha miséria.

“Eu estava me sentindo um pouco solitário, só isso”, disse eu. “Nunca lhe ocorreu que minha posição é tão mais solitária do que a de qualquer ser humano, a ponto de uma nova palavra ser necessária para descrevê-la?”

“Ah, você não deve falar assim – não deveria se permitir sentir assim – não deve!”, ela exclamou, com os olhos umedecidos. “Não somos seus amigos? É sua própria culpa se você não nos deixar ser. Não precisa ficar sozinho.”

“Você é boa para mim além de meu poder de compreensão”, disse eu, “mas não considera que eu sei que se trata só de pena? De uma doce pena, mas ainda assim, só disso. Eu seria um tolo se não soubesse que é impossível que lhe pareça como os outros homens de sua própria geração, mas antes como algum ser estranho e misterioso, uma criatura encalhada de um mar desconhecido, cujo desamparo toca sua compaixão apesar de seu aspecto grotesco. Eu fui tão tolo, você foi tão gentil, a ponto de esquecer que as coisas devem ser assim; imagino que com o tempo eu poderia me aclimatizar, como costumávamos dizer, a esta época, de forma a me sentir como um de vocês e parecer com os outros homens à sua volta. Mas o sermão do Sr. Barton me ensinou como essa fantasia é vã – quão grande lhe deve parecer o abismo entre nós.”

“Ah, que sermão miserável!”, ela exclamou, chorando bastante agora, por empatia. “Eu preferiria que você não o tivesse ouvido. O que ele sabe de você? Ele leu livros velhos e bolorentos sobre sua época, só isso. Por que se importar com ele, se deixar aborrecer por qualquer coisa que disse? Não significa nada para você que nós, seus conhecidos, sintamos algo diferente? Não se importa mais com o que pensamos a seu respeito, não mais do que com o que ele, que nunca o viu? Ah, Sr. West! Você não sabe, não conseguiria imaginar, como me sinto ao vê-lo tão desamparado. Não posso aceitar isso. O que posso lhe dizer? Como posso o convencer de como nossos sentimentos por si são diferentes do que pensa?”

Como anteriormente, quando aquela outra crise do destino veio até mim, Edith estendeu as mãos em minha direção num gesto de ajuda; como naquela ocasião, eu as aceitei e segurei nas minhas; seu peito arfava de forte emoção, e pequenos tremores nos dedos que eu apertava enfatizavam a profundidade de seus sentimentos. Em seu rosto a piedade combatia uma espécie de rancor divino contra os obstáculos que a reduziam à impotência. Certamente a compaixão feminina nunca teve uma aparência mais adorável.

Tanta beleza e tanta bondade me fizeram derreter, e parecia que a única resposta adequada que eu poderia dar era contar a ela a verdade. É claro que eu não tinha esperança, mas, por outro lado, não

temi que ela ficasse com raiva. Ela era muito caridosa para isso. Assim, eu disse logo: “É muito ingrato da minha parte não estar satisfeito com a bondade que você tem me mostrado e está mostrando agora. Mas será que é tão cega que não percebe por que isso não basta para me fazer feliz? Não vê que isso ocorre é porque eu fui louco o suficiente para a amar?”

Com as minhas últimas palavras, ela corou profundamente e seus olhos desviaram dos meus; contudo, ela não fez nenhum esforço para subtrair as mãos do meu aperto. Por alguns momentos ficou assim, ofegando um pouco. Em seguida, corando mais do que nunca, mas com um sorriso deslumbrante, olhou para cima.

“Tem certeza de que não é você que é cego?”, ela disse.

Aquilo era tudo, mas era o suficiente – pois me dizia que, inexplicável, incrível como era, esta filha radiante de uma época de ouro tinha concedido a mim não só sua piedade, mas seu amor. Ainda assim, eu meio que acreditei que devia estar sob alguma alucinação feliz, mesmo enquanto a apertava em meus braços. “Se estou fora de mim”, clamei, “deixe-me ficar assim.”

“Sou eu quem você deve pensar estar fora de si”, ela ofegou, escapando de meus braços quando eu mal tinha provado a doçura de seus lábios. “Ah! Ah! O que você deve achar de mim, que me jogo nos braços de alguém que conheço há apenas uma semana? Não quis dizer que você deveria descobrir isso tão cedo, mas fiquei tão triste com sua situação que esqueci o que estava dizendo. Não, não; você não deve me tocar novamente até que saiba quem sou. Depois disso, senhor, deve se desculpar muito humildemente por pensar, como eu sei que pensa, que acabei logo me apaixonando por você. Depois de saber quem eu sou, será obrigado a confessar que era nada menos do que meu dever me apaixonar por você à primeira vista, e que nenhuma garota de sentimento adequado em meu lugar poderia fazer de outra forma.”

Como se pode supor, eu teria ficado muito contente em dispensar explicações, mas Edith estava decidida a não ter mais beijos até que fosse justificada de toda suspeita de precipitação na concessão de seus afetos – já eu estava disposto a seguir o adorável enigma para dentro de casa. Tendo chegado onde sua mãe estava, ela sussurrou algo em seu ouvido, corada, e saiu correndo, deixando-nos juntos.

Pareceu então que, por mais estranha que tenha sido minha experiência, eu era o primeiro a saber qual era talvez seu traço mais singular. Da Sra. Leete descobri que Edith era bisneta de ninguém menos que meu amor perdido, Edith Bartlett. Depois de me lamentar por quatorze anos, esta fez um casamento de estima e deixou um filho, o pai da Sra. Leete. Ela nunca tinha visto a avó, mas tinha ouvido falar

muito dela. Quando a filha nasceu, deu-lhe o nome de Edith. Este fato deve ter influenciado no aumento do interesse que a garota manifestou, à medida que crescia, em tudo o que dizia respeito a seus ancestrais e, especialmente, na trágica história da suposta morte do noivo que ela esperava no incêndio de sua casa. Tratava-se de uma história bem calculada para tocar a simpatia de uma garota romântica, e o fato de o sangue da infeliz heroína estar em suas veias naturalmente aumentou o interesse de Edith por aquilo. Um retrato de Edith Bartlett e alguns de seus papéis, incluindo um pacote com minhas próprias cartas, encontravam-se entre as relíquias de família. A foto representava uma jovem muito bonita sobre quem era fácil imaginar todos os tipos de coisas ternas e românticas. Minhas cartas deram a Edith algum material para formar uma ideia distinta de minha personalidade, e aquilo, em conjunto, bastou para tornar a velha e triste história em algo muito real para a garota. Ela costumava dizer aos pais, meio de brincadeira, que nunca se casaria até que encontrasse um amante como Julian West, e que não havia nenhum assim hoje em dia.

Pois bem, tudo isso, é claro, era apenas o devaneio de uma garota cuja mente nunca foi tomada por um caso próprio de paixão, e não teria tido consequências graves não fosse pela descoberta, naquela manhã, da câmara soterrada no jardim de seu pai, além da revelação da identidade de seu interno. Quando aquela forma aparentemente sem vida foi carregada para a casa, o rosto no medalhão encontrado sobre seu peito foi imediatamente reconhecido como o de Edith Bartlett. Por esse fato, tomado em conexão com as outras circunstâncias, eles sabiam que eu não era ninguém menos que Julian West. Mesmo que não houvessem pensado, como de início, na minha ressuscitação, a sra. Leete disse crer que esse acontecimento teria afetado sua filha de maneira crítica, por toda a vida. A presunção de alguma ordem sutil do destino, envolvendo seu destino com o meu, teria, em todas as circunstâncias, um fascínio irresistível para quase todas as mulheres.

Quando voltei à vida algumas horas depois – e desde o início pareci recorrer a ela com uma dependência peculiar, encontrando um consolo especial em sua companhia –, ela foi muito rápida em retribuir amor ao meu primeiro sinal. “Pude então”, sua mãe disse, “julgar por mim mesma. Se pensei daquele jeito, devo lembrar que este, afinal, é o século XX e não o século XIX, e o amor é agora, sem dúvida, mais rápido em volume, bem como mais franco em expressão do que no passado.”

Da Sra. Leete fui de encontro com Edith. Ao encontrá-la, antes de tudo segurei-a com as duas mãos e fiquei muito tempo contemplando

seu rosto extasiado. Enquanto a mirava, a memória daquela outra Edith, afetada por um choque entorpecente em função da experiência extrema que nos separou, foi reavivada; meu coração foi dissolvido por emoções ternas e lamentáveis, mas também muito deleitosas. Isso porque aquela que evocou, de forma tão pungente, o sentimento de minha perda transformaria tal perda em algo bom. Foi como se, de seus olhos, Edith Bartlett perscrutasse os meus e sorrisse para me consolar. Meu destino não foi só o mais estranho, mas o mais feliz que já acometeu um homem. Um duplo milagre ocorreu-me. Eu não tinha sido relegado às praias deste mundo estranho para ficar sozinho e sem companhia. Para minha consolação, o amor que sonhei perder foi reencarnado. Quando, por fim, em êxtase de gratidão e ternura, envolvi a linda moça em meus braços, as duas Ediths se fundiram em meu pensamento e, desde então, nunca mais se distinguiram claramente. Não demorou muito para descobrir que, da parte de Edith, havia uma confusão de identidades equivalente. Com certeza, nunca houve entre amantes recém-unidos uma conversa mais estranha do que a nossa naquela tarde. Ela parecia mais ávida para que eu falasse sobre Edith Bartlett do que sobre ela mesma; de como eu amava a outra, e não ela mesma – recompensando minhas palavras afetuosas a respeito de outra mulher com lágrimas, sorrisos ternos e apertos na mão.

"Você não deve me amar muito por meus próprios méritos", disse ela. "Terei muito ciúme dela. Não vou deixar você esquecê-la. Deixe-me contar algo que você pode achar estranho. Não acredita que os espíritos às vezes voltam ao mundo para realizar alguma obra que traziam junto de seus corações? E se eu lhe dissesse que às vezes pensei que o espírito dela vive em mim – que Edith Bartlett, e não Edith Leete, é meu nome verdadeiro... Isso não sou capaz de saber; é claro que nenhum de nós pode saber quem realmente somos; mas eu posso sentir. Você pode se perguntar como eu nutro tal sentimento vendo como minha vida, mesmo antes de você chegar, foi afetada por ela e por você. Então verá que não precisa se preocupar em me amar; apenas seja verdadeiro a ela. Não terei ciúme."

O Dr. Leete tinha saído naquela tarde e só tive uma conversa com ele mais tarde. Ele não estava, aparentemente, totalmente despreparado para as informações que transmiti, apertando minha mão com entusiasmo.

"Sob quaisquer circunstâncias habituais, Sr. West, devo dizer que este passo foi dado por um convívio muito breve; mas decididamente estas não são circunstâncias habituais. Para ser justo, talvez eu deva dizer-lhe", acrescentou ele, sorrindo, "que embora eu concorde alegremente com o arranjo proposto, você não deve se sentir muito

grato a mim, pois julgo que meu consentimento seja uma mera formalidade. A partir do momento em que o segredo do medalhão foi revelado, imagino que assim tinha que ser. Ora, Deus me abençoe, se Edith não estivesse lá para resgatar o juramento de sua bisavó, realmente acho que a lealdade da Sra. Leete a mim teria sido seriamente abalada."

Naquela noite, o jardim estava banhado pelo luar e, até a meia-noite, Edith e eu vagamos para lá e para cá, tentando nos acostumar com a nossa felicidade.

"O que eu faria se você não tivesse se importado comigo?", ela questionou. "Eu tinha medo de que isso não acontecesse. O que faria então, quando me senti consagrada a você! Tive tanta certeza como se ela tivesse me contado que, assim que você voltou à vida, eu deveria ser para você o que ela não pode ser. Isso só poderia acontecer com seu aval. Oh, como eu quis dizer quem eu era naquela manhã quando você se sentiu um estranho entre nós; contudo, não ousei abrir a boca, ou deixar meu pai ou mãe..."

"Deve ter sido isso que você não deixou seu pai me dizer!", exclamei, referindo-me à conversa que ouvi quando saí do meu transe.

"Claro que foi", Edith riu. "Você acabou de adivinhar isso? Papai, sendo apenas um homem, pensou que faria você se sentir entre amigos ao lhe dizer quem éramos. Ele nem pensou em mim. Mas mamãe entendeu o que eu quis dizer, então fiz o que queria. Eu nunca poderia ter olhado em sua cara se você soubesse quem eu era. Seria como ir para cima de você de forma muito ousada. Receio que pense que foi o que fiz hoje, digamos. Tenho certeza de que não era essa a intenção, pois sei que se esperava que as moças escondessem seus sentimentos na sua época, e tive um medo terrível de contrangê-lo. Ai, como deve ter sido difícil para elas terem sempre que esconder seu amor como se fosse uma falha. Por que elas achavam vergonhoso amar alguém antes de receberem permissão? É tão estranho pensar em esperar pela permissão para se apaixonar. Os homens daquela época ficavam zangados quando as moças os amavam? Não é assim que as mulheres se sentiriam, tenho certeza, tampouco os homens, acho eu, hoje em dia. Eu não entendo isso, mesmo. Essa será uma das coisas curiosas sobre as mulheres daquela época que você terá que me explicar. Não creio que Edith Bartlett fosse tão tola quanto as outras."

Depois de várias tentativas infrutíferas de nos separarmos, ela finalmente insistiu que devíamos dizer boa noite. Eu estava prestes a imprimir em seus lábios o último beijo, quando ela disse, com uma malícia indescritível:

"Uma coisa me preocupa. Tem certeza de que perdoa Edith Bartlett por se casar com outra pessoa? Os livros que chegaram até nós

revelam os apaixonados de seu tempo como uma gente mais ciumenta do que afetuosa, e é isso que me faz perguntar. Seria um grande alívio para mim se pudesse ter certeza de que você não tinha o menor ciúme de meu bisavô por ter se casado com sua namorada. Posso dizer ao quadro da minha bisavó quando eu for para o meu quarto que você a perdoa por quebrar sua promessa?"

Será que o leitor acreditará que essa tirada, quer a própria oradora tivesse alguma ideia disso ou não, realmente me tocou – que com seu toque curou uma dor ridícula de algo parecido com ciúme, da qual eu tinha vagamente consciente desde que a Sra. Leete havia contado do casamento de Edith Bartlett? Mesmo enquanto segurava a bisneta de Edith Bartlett nos braços, não havia notado distintamente, até aquele momento, quão ilógicos são alguns de nossos sentimentos. Não fosse por aquele casamento, eu não teria notado até agora. O absurdo desse estado de espírito só poderia ser igualado pela brusquidão com que se dissolveu quando a pergunta perspicaz de Edith limpou a névoa de minhas percepções. Eu ri enquanto a beijava.

"Você pode assegurar a ela meu completo perdão", disse eu, "embora se ela tivesse se casado com qualquer homem que não fosse seu bisavô, a coisa seria muito diferente."

Ao chegar ao meu quarto naquela noite, não abri o telefone musical para ser embalado no sono com melodias suaves, como tornou-se meu hábito. Pela primeira vez, meus pensamentos produziram música melhor do que até mesmo o discurso das orquestras do século XX, e isso me deixou encantado até bem perto da manhã, quando adormeci.

Capítulo 28

“Passa pouco da hora que me pediu para despertá-lo, senhor. O senhor não despertou rápido como de habitual.”

Era a voz de meu criado, Sawyer. Saltei da cama como um raio e olhei ao redor. Eu me encontrava em minha câmara subterrânea. A luz suave da lamparina, sempre acesa no aposento enquanto eu estivesse ali, iluminava paredes e mobílias familiares. Ao lado da cama estava Sawyer com uma taça de sherry às mãos, a mesma prescrita pelo Dr. Pillsbury no primeiro despertar de meu sono mesmérico, de forma a reavivar minhas funções físicas entorpecidas.

“Melhor tomar isto de uma vez, senhor”, ele disse, conforme eu o mirava vagamente. “Parece ruborizado, senhor, e vai precisar disso.”

Virei a bebida e comecei a perceber o que havia acontecido comigo. É claro, era bastante evidente. Tudo aquilo sobre o século XX tinha sido um sonho. Eu só tinha sonhado com uma raça de homens esclarecidos e despreocupados, com suas instituições engenhosamente simples; com a gloriosa Nova Boston e seus domos e pináculos, seus jardins e fontes, seu reino universal de conforto. A adorável família que aprendi a conhecer tão bem, meu anfitrião e mentor genial, Dr. Leete, além de sua esposa e sua filha (a segunda e mais bela Edith, minha prometida) – estes, também, foram apenas produtos de uma visão.

Por um tempo considerável permaneci no estado em que essa convicção me acometeu, sentado na cama olhando para o nada, absorto ao relembrar as cenas e incidentes de minha fantástica experiência. Sawyer, assustado com a minha aparência, perguntava aflitamente qual era o problema. Por fim, desperto por suas importunações a um reconhecimento do que me rodeava, recompus-me com esforço e assegurei aquele fiel companheiro que estava tudo bem. “Tive um sonho extraordinário, só isso, Sawyer,” eu disse, “o mais extraordinário dos sonhos.”

Vesti-me mecanicamente, sentindo-me tonto e estranhamente inseguro de mim mesmo. Então sentei-me para tomar o café e comer os pães que Sawyer costumava trazer para meu desjejum, antes de eu sair de casa. O jornal da manhã estava ao lado do prato. Eu o peguei e meus olhos focaram-se na data: 31 de maio de 1887. Eu sabia, é claro, desde o momento em que abri os olhos, que minha longa e detalhada experiência em outro século fora um sonho, e ainda assim foi

surpreendente constatar tão conclusivamente que o mundo estava apenas algumas horas mais velho do que quando eu me deitara para dormir.

Olhando para o índice no topo do jornal, que resumia as notícias da manhã, li o seguinte resumo:

Assuntos internacionais

Guerra iminente entre a França e a Alemanha. As câmaras francesas pediram novos créditos militares para fazer frente ao aumento do exército alemão. Probabilidade de que toda a Europa se envolva em uma guerra. – Grande sofrimento entre os desempregados em Londres. Há exigência por empregos. Protesto massivo será realizado. As autoridades se inquietam. – Grandes greves na Bélgica. O governo se prepara para reprimir surtos. Fatos chocantes acerca do emprego de garotas nas minas de carvão da Bélgica. – Despejos generalizados na Irlanda.

Assuntos internos

A epidemia de fraude perde o controle. Desfalque de meio milhão em Nova York. – Apropriação ilegal de um fundo fiduciário por parte de executores. Órfãos são deixados sem um tostão. – Sistema inteligente de roubos por um caixa de banco; US$ 50.000 se foram. – Os barões do carvão decidem aumentar o preço do carvão e reduzir a produção. – Especuladores planejam uma grande controle de preços do trigo em Chicago. – Uma camarilha força o preço do café a subir. – Enorme apropriação de terras por sindicatos do Oeste. – Chocantes revelações de corrupção por parte de oficiais de Chicago. Suborno sistemático. – Os julgamentos dos vereadores do Boodle prosseguirá em Nova York. – Grandes falências de casas comerciais. Temores por uma crise financeira. – Grande quantidade de roubos e furtos. – Em New Haven, mulher assassinada a sangue frio por dinheiro. – Chefe de família baleado por um ladrão nesta cidade na noite passada. – Homem se mata com um tiro em Worcester por não conseguir trabalho. Grande família relegada à miséria. – Casal idoso em Nova Jersey comete suicídio em vez de ir para a casa dos pobres. – Lamentável miséria entre as trabalhadoras assalariadas nas grandes cidades. – Crescimento surpreendente do analfabetismo em Massachusetts. – Mais asilos de insanos em demanda. – Discurso para o Dia da Condecoração. O discurso do professor Brown sobre a grandeza moral da civilização do século XIX.”

* * *

De fato, foi para o século XIX que despertei; não poderia haver nenhuma dúvida a respeito. Este resumo das notícias diárias apresentara seu microcosmo completo, até o último toque inconfundível de autocomplacência estúpida. Ir de encontro a tal acusação condenatória da época – por meio daquela crônica de um só dia da chacina global, da ganância e tirania – foi um episódio de cinismo digno de Mefistófeles. Ainda assim, de todos os olhos que encontrei naquela manhã, os meus eram os únicos, talvez, a notarem-no, e ontem mesmo eu não teria percebido mais do que os outros. Aquele estranho sonho tinha feito toda a diferença. Eu não sei por quanto tempo esqueci-me de meus arredores depois disso, e voltei a me mover em minha imaginação pelo vivo mundo dos sonhos, naquela cidade gloriosa, com suas casas de conforto singelo e seus belos palácios públicos. À minha volta estavam novamente rostos imaculados pela arrogância ou servilismo, pela inveja ou ganância, pela preocupação aflita ou ambição febril. Formas imponentes de homens e mulheres que nunca conheceram o medo de seu próximo ou dependeram de seu favor, mas sempre, nas palavras daquele sermão que ainda ecoavam em meus ouvidos, "se punham de cabeça erguida diante de Deus".

Com um suspiro profundo e uma sensação de perda irreparável – não menos pungente que foi uma perda do que nunca ocorrera –, finalmente despertei de meu devaneio e logo depois saí de casa.

Uma dúzia de vezes eu havia estacado entre minha porta e a Washington Street para me recompor, tal foi o poder daquela visão da Boston do futuro para tornar a Boston real algo estranho. A miséria e fedor da cidade me impactaram já no momento em que pus os pés na rua, como se fossem fatos que eu nunca havia observado outrora. Ontem mesmo, aliás, parecera uma obviedade que alguns de meus concidadãos devessem trajar sedas e outros, trapos; que alguns devessem parecer bem alimentados e outros famintos. Agora, pelo contrário, as disparidades gritantes em vestimenta e condições de homens e mulheres que se acotovelavam na calçada me chocavam, a cada passo. Ainda mais chocante era a completa indiferença que os prósperos demostravam ante a situação dos desafortunados. Será que eram seres humanos aqueles que conseguiam contemplar a desgraça de seus companheiros sem mudar de atitude? Ainda assim, durante todo o tempo, eu sabia que era eu que havia mudado, não meus contemporâneos. Eu sonhara com uma cidade cuja população vivia de forma semelhante, como filhos de uma só família, e mantinham uns as coisas dos outros.

Outra característica da Boston real que assumia um efeito

extraordinário de estranheza (que chama atenção a coisas familiares, vistas então num novo ângulo) foi a prevalência de publicidade. No século XX não havia publicidade pessoal em Boston pois não havia necessidade para tal; aqui, porém, as paredes dos prédios, as vitrines, as páginas dos jornais em todas as mãos, as próprias calçadas – tudo, de fato, que estivesse à vista, menos o céu – estava coberto por apelos de indivíduos que buscavam, sob inúmeros pretextos, atrair a contribuição de outrem para o bem próprio. Embora o palavrório pudesse variar, o tom de todos esses apelos era o mesmo:

"Ajude John Jones. Tanto faz o resto. Eles são uma fraude. Eu, John Jones, sou quem está certo. Compre de mim. Empregue-me. Visite-me. Ouça a mim, John Jones. Olha para mim. Não se equivoque: John Jones é o cara, e mais ninguém. Deixe que o resto passe fome, mas pelo amor de Deus: lembre-se de John Jones!"

Não sei se foi a catástrofe ou a repulsa moral do espetáculo que mais me impressionaram, ou se de repente me tornei um estranho em minha própria cidade. Homens desgraçados! Estava comovido a ponto de chorar, pois era uma gente que não aprendeu a se ajudar, condenada a ser pedinte uma da outra, da menor à maior! Essa horrível Babel de auto-afirmação desavergonhada e depreciação mútua, esse clamor estonteante de jactâncias, apelos e adulações conflitantes, esse sistema estupendo de mendicância descarada – era tudo menos a necessidade de uma sociedade onde a oportunidade de servir ao mundo de acordo com seus dons, em vez assegurar a cada homem o primeiro objeto da organização social. Era por isso que devíamos lutar!

Cheguei à Washington Street em seu ponto mais movimentado e lá fiquei rindo alto, para escândalo dos transeuntes. Por minha vida! Não pude evitar; fui movido por um humor tão louco ao ver as filas intermináveis de lojas em ambos os lados, subindo e descendo a rua até onde eu podia enxergar – dezenas delas, para fazer o espetáculo mais totalmente absurdo, a uma distância mínima, dedicadas a vender o mesmo tipo de mercadorias. Lojas! lojas! lojas! Milhas de lojas! Dez mil lojas para distribuir os bens necessários a esta cidade, que em meu sonho tinha tudo abastecido por um único armazém, encomendado por meio de uma grande loja em cada região, onde o comprador, sem perda de tempo ou energia, encontrava sob o mesmo teto, numa variedade e qualquer linha que desejasse. Lá, o trabalho de distribuição era tão mínimo que só acrescentava uma fração quase imperceptível ao custo das mercadorias para o usuário. O custo de produção foi praticamente tudo pelo que se pagava. Mas aqui a mera distribuição das mercadorias, apenas o manuseio, adicionava um quarto, um terço, metade ou ainda mais ao custo. Todas essas dez mil

fábricas devem ser pagas, seu aluguel, suas equipes de superintendência, seus pelotões de vendedores, seus dez mil conjuntos de contadores, trabalhadores e dependentes de negócios, com tudo o que gastaram para se anunciar e lutar entre si – e os consumidores devem pagar por isso. Que processo célebre para empobrecer um país!

Seriam esses homens que eu via ao meu redor gente séria ou crianças, para trabalharem com base em tal plano? Seriam seres racionais que não enxergavam aquela loucura em que, quando o produto é feito e preparado para uso, tanto se desperdiça para levá-lo ao usuário? Se as pessoas comerem com uma colher que vaza metade do conteúdo entre a tigela e a boca, não é possível que passem fome?

Eu já havia passado pela Washington Street milhares de vezes; havia visto os costumes dos que vendiam mercadorias, mas minha curiosidade era tal que parecia que nunca tinha passado por ali antes. Observei com admiração as vitrines das lojas, cheias de mercadorias dispostas com uma riqueza de esforços e recursos artísticos para atrair a atenção. Vi uma multidão de senhoras olhando lá dentro, e os proprietários observando ansiosamente o efeito da isca. Entrei e observei o atendente observando os negócios com olhos de falcão, ignorando os balconistas, mantendo-os em sua tarefa de induzir os clientes a comprar, comprar, comprar – com dinheiro se o tivessem, com crédito se não o tivessem; a comprar o que não queriam, mais do que queriam, o que não podiam pagar. Às vezes eu perdia o fio da meada momentaneamente e ficava confuso com a visão. Por que esse esforço para induzir as pessoas a comprar? Certamente isso não tinha nada a ver com o negócio legítimo de distribuição de produtos àqueles que precisassem deles. Certamente era um puro desperdício impor às pessoas o que elas não queriam, mas o que poderia ser útil para outrem. O país estava tão empobrecido em função de cada uma dessas conquistas. No que esses funcionários estavam pensando? Então, lembrei-me de que eles não estavam agindo tais quais distribuidores, como os funcionários da loja que visitei na Boston dos sonhos. Não estavam servindo ao interesse público, mas ao seu interesse pessoal imediato. Não importava nada para eles qual seria o efeito final de seu curso sobre a prosperidade geral – contanto que aquilo aumentasse seu próprio tesouro, já que os bens em questão eram seus, e quanto mais vendiam e, quanto mais recebiam por eles, maior era o seu ganho. Quanto mais as pessoas desperdiçassem, e mais fossem induzidas a adquirir artigos que não queriam, melhor para os vendedores. Incentivar a prodigalidade era o objetivo expresso das dez mil lojas de Boston.

Tampouco eram esses lojistas e balconistas pessoas piores do que quaisquer outras em Boston. Eles deviam ganhar a vida e sustentar

suas famílias – como é que iriam, portanto, encontrar um ofício que não precisasse colocar seus interesses individuais antes dos interesses dos outros e de todos? Não se podia exigir deles que morressem de fome enquanto esperavam por uma ordem de coisas como a que eu vi em meu sonho, na qual os interesses de cada um e de todos eram idênticos. Mas, Deus do céu! Que surpresa, sob um sistema como este ao meu redor – que surpresa que a cidade fosse tão pobre, e as pessoas vestidas de forma tão mesquinha, e tantas delas esfarrapadas e famintas!

Algum tempo depois disso, fui para South Boston e me vi entre as fábricas. Eu já havia estado neste bairro da cidade uma centena de vezes antes, assim como na Washington Street. Mas tanto aqui quanto ali percebi, pela primeira vez, o verdadeiro significado do que testemunhei. Anteriormente me orgulhava do fato de que, pela contagem real, Boston tinha cerca de quatro mil estabelecimentos manufatureiros independentes; mas nessa mesma multiplicidade e independência reconheci agora o segredo do insignificante produto total de sua indústria.

Se Washington Street fosse como um beco em Bedlam,[12] esse seria um espetáculo muito mais melancólico, já que a produção é uma função mais vital que a distribuição. Isso porque não só esses quatro mil estabelecimentos falhavam em funcionar como um só conjunto, como também, por esta razão, operavam em prodigiosa desvantagem; igualmente, como se isso não envolvesse uma perda de poder suficientemente desastrosa, eles estavam usando sua habilidade máxima para frustrar os esforços uns dos outros, rezando pela noite e trabalhando durante o dia pela destruição dos empreendimentos mútuos.

O ruído de engrenagens e martelos ressoando de todos os lados não era o zumbido de uma indústria pacífica, mas o clangor de espadas empunhadas por inimigos. Esses moinhos e lojas eram como fortes, cada qual com sua própria divisa e seus canhões apontados para os moinhos e lojas ao redor; com soldados lá embaixo ocupados minando-os.

Dentro de cada um desses fortes, insistia-se na mais estrita organização da indústria; os grupos separados trabalhavam sob uma única autoridade central. Nenhuma interferência e nenhum repasse de trabalho eram permitidos. Cada um tinha uma tarefa a si atribuída e ninguém ficava ocioso. Por qual hiato nas faculdades lógicas, por qual vínculo perdido de raciocínio, explica-se, então, o não reconhecimento da necessidade de que era preciso aplicar o mesmo princípio à organização das indústrias nacionais como um todo? Se a falta de organização poderia prejudicar a eficiência de uma loja, então teria

efeitos tanto mais desastrosos em desabilitar as indústrias da nação em geral, já que estas últimas são mais vastas em volume e mais complexas no relacionamento de suas partes.

As pessoas estariam prontas o suficiente para ridicularizar um exército em que não houvesse nem companhias, batalhões, regimentos, brigadas, divisões ou corpo de exército – nenhuma unidade de organização, na verdade, maior do que o esquadrão do cabo, sem nenhum oficial superior a um cabo, e todos os cabos iguais em autoridade. No entanto, esse exército eram as indústrias manufatureiras de Boston do século XIX: um exército de quatro mil esquadrões independentes liderados por quatro mil cabos independentes, cada qual com um plano de campanha distinto.

Havia grupos de homens desocupados aqui e ali, em toda a parte; alguns desocupados porque não conseguiam encontrar trabalho de jeito nenhum, outros, pois não conseguiam obter o que consideravam um preço justo. Abordei alguns dos últimos, e eles expressaram suas queixas. Havia muito pouco conforto que podia lhes conferir. “Lamento por você”, eu disse. “Você ganha menos do que é suficiente, certamente, e ainda assim o que me surpreende é que não que as indústrias conduzidas como essas não paguem salários dignos, mas que sejam capazes de pagar qualquer salário.”

Em seguida, voltando para a parte peninsular da cidade, por volta das três horas eu estava na State Street, mirando, como se nunca os tivesse visto antes, os bancos, corretoras e outras instituições financeiras, dos quais não tinham nenhum vestígio na State Street da minha visão. Homens de negócios, funcionários de confiança e garotos de serviço entravam e saíam dos bancos, pois faltavam apenas alguns minutos para o fechamento. Em frente a mim estava o banco onde eu era correntista, e logo atravessei a rua e, entrando com a multidão, fiquei em uma reentrância da parede olhando para o exército de escriturários que manuseavam dinheiro e as pistas dos depositantes nos guichês dos caixas. Um cavalheiro idoso que eu conhecia, diretor do banco, passou por mim e observou minha atitude contemplativa, estacando por um momento.

“Uma visão interessante, não é, Sr. West?”, ele disse. “Belo mecanismo; é o que acho. Às vezes gosto de parar e contemplar isso assim como o senhor está fazendo. É um poema, meu senhor, um poema; é como o chamo. Já pensou, Sr. West, que o banco é o coração do sistema financeiro? O sangue vital jorra dele e para ele, num fluxo e refluxo infinito. Agora mesmo ele está fluindo. Ele fluirá novamente pela manhã”; e satisfeito com sua breve presunção, o velho foi adiante, sorridente.

Ontem eu teria considerado a símile bastante adequada, mas já

que visitei um mundo incomparavelmente mais rico do que este, no qual o dinheiro era desconhecido e não possuía um uso concebível, eu tinha aprendido que ele teve uma utilidade no mundo ao meu redor só porque o trabalho de produzir o sustento da nação, em vez de ser considerado a mais estritamente pública e comum de todas as preocupações (e, como tal, era conduzido pela nação), havia sido abandonado aos esforços aleatório dos indivíduos. Esse erro original exigia intermináveis trocas para realizar qualquer tipo de distribuição geral de produtos. As trocas de dinheiro efetuadas – quão equitativamente, podemos ver em uma caminhada dos distritos dos cortiços até Back Bay – a custo de um exército de homens retirados do trabalho produtivo para a administração, com constantes avarias ruinosas de suas máquinas, e uma influência geralmente depravada sobre a humanidade que justificava sua descrição, desde os tempos antigos: eis a "raiz de todo o mal".

Pobre do diretor de banco com seu poema! Ele havia confundido o latejar de um abcesso com a batida do coração. O que ele chamou de "uma peça maravilhosa de mecanismo" foi um dispositivo imperfeito para remediar um defeito desnecessário, a muleta desajeitada e improvisada por um aleijado.

Depois de os bancos fecharem, vaguei sem rumo pelo bairro comercial por uma ou duas horas e, mais tarde, sentei-me um pouco em um dos bancos da Common, encontrando interesse apenas em observar as multidões que passavam – como o de alguém que estuda a população de uma cidade estrangeira, tão estranhos que se tornaram para mim, desde ontem, meus concidadãos e seus costumes. Por trinta anos eu vivera entre eles, e ainda assim parecia nunca ter notado antes quão abatidos e ansiosos eram seus rostos, tanto dos ricos quanto dos pobres; tanto os rostos refinados e agudos dos educados, quanto as máscaras opacas dos ignorantes. E era bem possível, como notei então e nunca notara tão claramente, que cada um, enquanto caminhava, constantemente se virava para captar os sussurros de um espectro em seu ouvido, o espectro da Incerteza. "Faça seu trabalho cada vez melhor", sussurrava o espectro – "levante-se cedo e trabalhe até tarde, roube com astúcia ou sirva fielmente, pois nunca conhecerá a segurança. Você pode ser rico agora, e ainda empobrecer por fim. Nunca deixe muitas riquezas para seus filhos; você não pode comprar a garantia de que seu filho pode não ser o servo de seu servo, ou que sua filha não terá que se vender por pão."

Um homem que passava mostrou-me um cartão de publicidade que indicava os méritos de um novo plano de seguro de vida. O incidente me fez lembrar do único dispositivo, patético em sua admissão da necessidade universal que tão mal supria, que oferecia a

esses homens e mulheres cansados e perseguidos uma proteção parcial frente à incerteza. Dessa forma, lembrei que aqueles que já estão bem de vida poderiam adquirir uma confiança precária de que, depois de sua morte, seus entes queridos não seriam pisoteados por outros homens, pelo menos por algum tempo. Mas aquilo era tudo, e somente para quem pudesse pagar bem por isso. Que ideia poderia ter esses miseráveis habitantes da terra de Ishmael, onde cada homem estava contra o outro, de um verdadeiro seguro de vida como eu tinha visto em meio àquela gente da terra de sonhos – cada uma das quais, em virtude de ser parte da família nacional, tinha garantia contra qualquer necessidade, em função de uma regra subscrita por cem milhões de compatriotas.

Algum tempo depois disso, lembro-me de avistar a mim mesmo de relance, parado nos degraus de um prédio na Tremont Street, assistindo a um desfile militar. Um regimento passava. Era a primeira vez naquele dia sombrio em que fui inspirado em outras emoções além de piedade e espanto. Finalmente havia ordem e razão, uma exibição do que a cooperação inteligente pode realizar. As pessoas que olhavam com rostos afogueados – será que a cena não tinha para elas mais do que um interesse espetacular? Será que não percebiam que era a perfeita coordenação de ação, a organização sob um único regimento, que fazia daqueles homens o tremendo motor que eram, capazes de derrotar uma multidão dez vezes mais numerosa? Vendo isso tão claramente, poderiam deixar de comparar a maneira científica pela qual o país ia à guerra com a maneira anticientífica com que iam trabalhar? Não se perguntariam desde quando matar homens era uma tarefa mais importante do que alimentá-los e vesti-los; por que um exército treinado deveria ser considerado o único meio adequado à primeira tarefa, enquanto a última era deixado para as massas?

Já estava escurecendo e as ruas estavam apinhadas de trabalhadores dos armazéns, lojas e fábricas. Levado com a parte mais forte da corrente, encontrei-me, conforme começava a escurecer, no meio de uma cena de miséria e degradação humana que apenas o distrito de cortiços de South Cove poderia apresentar. Eu tinha contemplado o desperdício insano de trabalho humano; aqui vi a configuração mais miserável que o desperdício havia gerado.

Rajadas de ar fétido vinham das portas e janelas escurecidas dos cortiços, por todos os lados. As ruas e becos fediam como os vapores do entre-convés de um navio de escravos. Quando passei, tive vislumbres de bebês pálidos ofegando em meio a fedores sufocantes, de mulheres com o rosto desesperado e deformadas pelo sofrimento, não retendo nenhum traço de feminilidade senão a fraqueza, ao passo que, das janelas, olhavam as meninas com testas sujas de ferrugem.

Como os bandos famintos de cães vira-latas que infestam as ruas das cidades muçulmanas, enxames de crianças brutalizadas semi-vestidas preenchiam o ar com gritos e xingamentos, enquanto lutavam e caíam por entre o lixo espalhado pelos pátios.

Não havia nada novo para mim em toda aquela cena. Muitas vezes eu havia passado por esta parte da cidade e testemunhado seus pontos turísticos com sentimentos de repulsa mesclados a uma certa admiração filosófica pelos extremos que os mortais suportam e, ainda assim, se agarram à vida. Mas não só no que diz respeito às loucuras econômicas desta época, mas igualmente no tocante às suas abominações morais, o véu caiu de meus olhos desde que tive a visão de outro século. Deixei de olhar para os habitantes desafortunados deste Inferno com uma curiosidade insensível, como se dificilmente se tratassem de criaturas humanas. Eu enxerguei neles meus irmãos e irmãs, meus pais, filhos, carne de minha carne, sangue de meu sangue. A massa pestilenta de miséria humana ao meu redor não ofendia agora apenas meus sentidos, mas perfurava meu coração como uma faca, de modo que não pude reprimir suspiros e gemidos. Não só vi; também senti em todo meu corpo o que enxerguei.

Igualmente, ao observar mais de perto os seres miseráveis ao meu redor, percebi que todos eles estavam mortos. Seus corpos eram incontáveis sepulcros viventes. Em cada fronte brutal estava claramente escrito o 'aqui jaz uma alma morta'.

Enquanto eu passava os olhos, aterrorizado, de uma fronte da morte para a outra, fui afetado por uma alucinação singular. Tal qual uma face translúcida e oscilante de fantasma, sobreposta a cada uma dessas máscaras brutais, vi o ideal: o rosto que teria sido o real caso aquela mente e alma estivesse viva. Foi só quando eu estava ciente daqueles rostos fantasmagóricos e da reprovação em seus olhos – uma que não podia ser ignorada – que toda a tristeza da ruína percebida se revelou a mim. Fiquei comovido de remorso, como se fosse uma forte agonia, pois fui um dos que contribuíam para que essas coisas acontecessem. Eu tinha sido um daqueles que, sabendo muito bem do que se tratava, não tinha desejado ouvir ou ser compelido a pensar muito, mas tinha continuado como se não existissem, buscando meu próprio prazer e proveito. Assim, agora eu encontrava, em minhas vestes, o sangue desta grande multidão de almas estranguladas de meus irmãos. A voz de seu sangue clamou contra mim, de minhas bases. Cada bloco daquela calçada fedorenta, cada tijolo das colônias pestilentas, encontrava sua língua e chamava por mim enquanto eu fugia: "O que fizeste com teu irmão Abel?"

Não tenho qualquer lembrança clara depois disso – até que me vi de pé nos degraus de pedra esculpida da magnífica casa de minha

noiva na Avenida Commonwealth. Em meio ao tumulto de meus pensamentos naquele dia, eu mal havia pensado nela. Agora, porém, obedecendo a algum impulso inconsciente, meus pés encontraram o caminho familiar rumo à sua porta. Disseram que a família estava jantando, mas foi enviada a notícia de que eu deveria me juntar à mesa deles. Além da família, encontrei vários convidados presentes, todos conhecidos meus. A mesa brilhava com pratos e porcelanas caras. As damas estavam suntuosamente vestidas e usavam joias de rainhas. O cenário era de uma elegância abastada, de luxo extravagante. A companhia estava de excelente humor; havia muitas risadas e uma fogueira de zombarias.

Para mim, foi como se, vagando por uma zona de perdição, meu sangue se transformasse em lágrimas com a visão; era como se meu espírito estivesse sintonizado com a tristeza, a piedade e o desespero, e eu tivesse saído de alguma clareira de encontro a um alegre grupo de fanfarrões. Fiquei sentado em silêncio até que Edith começou a inquirir sobre minha aparência sombria. O que me afligia? Os outros logo se juntaram ao ataque lúdico, e eu me tornei alvo de piadas e gracejos. Onde eu tinha estado, e o que vi para me tornar uma pessoa tão estúpida?

“Estive em Gólgota”, finalmente respondi. “Eu vi a humanidade pendurada em uma cruz! Nenhum de vocês sabe o que o Sol e as estrelas contemplam nesta cidade? Como podem pensar e falar sobre qualquer outra coisa? Vocês não sabem que perto de suas portas uma grande multidão de homens e mulheres, carne de sua carne, vivem vidas de agonia, do nascimento até a morte? Ouçam! Suas moradias estão tão próximas que, se você calarem este riso, ouvirão suas vozes dolorosas, o choro lamentável dos pequeninos que mamam na miséria, as maldições roucas de homens encharcados na pobreza, semi-transformados em brutos, a barganha de um exército de mulheres se vendendo por pão. Com o que vocês taparam seus ouvidos para não ouvir esses sons lamentáveis? Quanto a mim, não consigo ouvir mais nada.”

Um silêncio seguiu-se às minhas palavras. O ardor da piedade me acometeu enquanto eu falava; ao olhar em volta para o grupo, vi que, longe de estarem comovidos como eu estava, seus rostos expressavam um espanto frio e duro, misturado. No de Edith havia uma extrema mortificação; no de seu pai, raiva. As senhoras trocavam olhares escandalizados, enquanto um dos senhores colocava os óculos e me estudava com ar de curiosidade científica. Quando notei que coisas que eram para mim tão intoleráveis não os comoveram nem um pouco; que palavras que derreteram meu coração para que eu falasse apenas os deixaram ofendidos com o orador, fiquei inicialmente

atordoado. Então fui dominado por uma ânsia desesperadora e fraqueza no coração. Que esperança havia para os miseráveis, para o mundo, se homens atenciosos e mulheres ternas não fossem movidos por coisas como essas! Então pensei que devia ser porque não falei direito. Sem dúvida, eu havia exposto mal o caso. Eles ficaram com raiva porque pensaram que eu os estava repreendendo, quando Deus sabia que eu estava apenas pensando no horror do fato, sem qualquer tentativa de atribuir a responsabilidade por ele.

Contive minha paixão e tentei falar com calma e lógica para corrigir essa impressão. Disse-lhes que não pretendia os acusar, como se eles, ou os ricos em geral, fossem os responsáveis pela miséria do mundo. De fato, era verdade que o supérfluo que eles desperdiçaram, de outra forma despendido, aliviaria muito do amargo sofrimento. Aquelas caras iguarias, aqueles vinhos ricos, aqueles tecidos lindos e joias brilhantes representavam o resgate de muitas vidas. Eles realmente não estavam isentos da culpa dos que devastam uma terra assolada pela fome. No entanto, todo o desperdício de todos os ricos, se fosse poupado, serviria bem pouco para curar a pobreza do mundo. Havia tão pouco a se dividir que, mesmo que os ricos repartissem com os pobres, não haveria senão uma porção comum de migalhas, ainda que muito doces em função do amor fraternal.

A loucura dos homens, e não sua dureza de coração, era a grande causa da pobreza do mundo. Não era o crime do homem, nem de qualquer classe de homens, que tornava a raça tão miserável, mas um erro horrível, horrível – um erro colossal que escurecia o mundo. Então mostrei-lhes como quatro quintos do trabalho dos homens eram totalmente desperdiçados pela guerra mútua, pela falta de organização e de concerto entre os trabalhadores. Procurando esclarecer bem o assunto, citei o caso de terras áridas onde o solo produzia os meios de vida apenas pelo uso cuidadoso dos cursos de água para irrigação. Mostrei como nesses países era considerada a função mais importante do governo fazer com que a água não fosse desperdiçada pelo egoísmo ou pela ignorância dos indivíduos, pois do contrário haveria fome. Para este fim, seu uso era estritamente regulamentado e sistematizado, e indivíduos, por seu mero capricho, não tinham permissão de represá-lo ou desviá-lo, ou de qualquer forma adulterá-lo.

O trabalho dos homens, expliquei, era o riacho fertilizante que tornava a terra habitável. Tratava-se apenas de um riacho escasso na melhor das hipóteses, e seu uso precisava ser regulado por um sistema que usava cada gota da melhor maneira possível – isso se fosse para o mundo ser sustentado com abundância. Mas quão longe de qualquer sistema estava a prática real! Cada homem desperdiçava o precioso fluído como desejava, animado apenas pelos mesmos motivos de

economizar sua própria colheita e estragar a de seu vizinho, para que pudesse vender mais. Com ganância e com despeito, alguns campos eram inundados, ao passo que outros ficavam secos, e metade da água era totalmente desperdiçada. Nessa terra, embora alguns pudessem conquistar luxos pela força ou astúcia, o destino da grande massa devia ser a pobreza; os fracos e ignorantes estavam relegados à necessidade amarga e à fome perene.

Deixemos apenas que a nação atingida pela fome assuma a função que havia negligenciado, regulando para o bem comum o curso do riacho que fornece a vida; que a terra floresça como um jardim, e nenhum de seus filhos seja poupado de qualquer coisa boa. Descrevi a bem-aventurança física, a iluminação mental e a elevação moral que então acompanhariam a vida de todos os homens. Falei com fervor daquele novo mundo, abençoado pela abundância, purificado pela justiça e adoçado pela bondade fraterna; o mundo com que eu sonhara, na verdade, mas que poderia facilmente se tornar real. Porém, enquanto esperava que os rostos ao meu redor se iluminassem com emoções semelhantes às minhas, eles se tornavam cada vez mais sombrios, raivosos e desdenhosos. Em vez de entusiasmo, as senhoras demonstraram apenas aversão e pavor, enquanto os homens me interromperam com gritos de reprovação e desprezo. “Louco!” “Sujeito pestilento!” “Fanático!” “Inimigo da sociedade!” – estes foram alguns de seus gritos, e aquele que antes havia erguido os óculos para mim exclamou: “Ele diz que não devemos mais ter pobres. Ha! ha!”

“Coloque o sujeito para fora!”, exclamou o pai de minha prometida; ao seu sinal, os homens saltaram de suas cadeiras e avançaram para cima de mim.

Pareceu que meu coração iria explodir de angústia ao descobrir que aquilo – que era tão claro e tão importante – para eles não tinha sentido; que eu era impotente para transformá-los. Meu coração estava tão aflito que teria considerado derreter um iceberg com seu brilho, apenas para sentir, por fim, o frio insuportável tomando conta de meus órgãos vitais. Não era inimizade o que sentia por eles enquanto me aglomeravam, mas apenas pena, por eles e pelo mundo.

Embora desesperado, não pude desistir. Ainda assim, lutei contra eles. Lágrimas escorreram de meus olhos. Em minha veemência, tornei-me inarticulado. Ofeguei, solucei, gemi e logo em seguida me vi sentado na cama em meu quarto, na casa do Dr. Leete. O sol da manhã brilhava através da janela aberta contra meus olhos. Eu estava ofegante. As lágrimas escorriam pelo meu rosto e estremeci em todos os meus nervos.

Como acontece com um condenado fugitivo que sonha ser recapturado e trazido de volta para sua masmorra escura e fedorenta –

mas que abre os olhos para ver a abóbada celeste espalhada acima dele –, assim também aconteceu comigo. Pensei que meu retorno ao século XIX tinha sido o sonho, e minha presença no século XX era a realidade.

As cenas cruéis que presenciei em minha visão, e poderia muito bem confirmar a experiência de minha vida anterior, foram relegadas, Deus seja louvado, para sempre ao passado. Há muito tempo, opressor e oprimido, profeta e escarnecedor eram pó. Por gerações, 'rico' e 'pobre' foram palavras esquecidas.

Mas naquele momento, enquanto eu ainda meditava com indescritível gratidão sobre a grandeza da salvação do mundo e meu privilégio em contemplá-la, de repente me atravessou como uma pontada de vergonha, remorso e autorreprovação reflexiva, os quais me fizeram curvar a cabeça no peito e desejar que o túmulo escondesse do sol a mim e meus contemporâneos. Isso porque eu tinha sido um homem daquela época. O que eu fiz para ajudar na libertação com a qual agora presumia me vangloriar? Eu, que vivi aqueles dias cruéis e insensatos, o que fiz para acabar com eles? Eu tinha sido tão indiferente à miséria de meus irmãos, tão cinicamente incrédulo de coisas melhores, tão fanático na condição de um adorador do Caos e da Velha Noite, quanto qualquer um dos meus companheiros. No que diz respeito à minha influência pessoal, ela foi exercida mais para impedir do que para ajudar a promover a emancipação da raça que já vinha sendo preparada. Que direito tinha eu de saudar uma salvação que me censurava, de me alegrar num dia de cujo alvorecer eu havia zombado?

"Melhor para você, melhor para você", uma voz dentro de mim soou, "se este sonho mau tivesse sido a realidade, e esta bela realidade fosse o sonho; melhor foi sua atuação implorando pela humanidade crucificada ante uma geração escarnecedora, do que aqui, bebendo de poços que você não cavou, e comendo de árvores cujos lavradores você apedrejou"; e meu espírito respondeu: "Tanto melhor, de verdade."

Quando finalmente levantei minha cabeça e olhei pela janela, Edith, fresca como a manhã, tinha entrado no jardim e colhia flores. Apressei-me e desci até onde ela estava. Ajoelhando-me diante dela, com o rosto empoeirado, confessei com lágrimas quão pouco digno eu era de respirar o ar deste século de ouro, e como infinitamente menos digno era de levar no peito sua flor consumada. Feliz é aquele que, em um caso tão desesperador como o meu, encontra uma juíza tão misericordiosa.

Apêndices

Os usos da utopia na ficção socialista

Sobre os apêndices à edição brasileira de *Olhando para trás*

Por Felipe Vale da Silva

> *No caso de textos utópicos, o teste político mais confiável não consiste em qualquer juízo sobre a obra individual em questão, mas em sua capacidade de gerar novas obras – visões utópicas que incluam perspectivas passadas, modificando ou corrigindo-as.*
>
> – Fredric Jameson. *Archaeologies of the Future: A Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. London: Verso, 2005, p. xv)

Entre os *bestsellers* dos Estados Unidos do século XIX, *Olhando para trás* alcançou o terceiro lugar em número de exemplares vendidos – dificilmente um interessado por literatura contemporânea na época saiu ileso das ideias expressas no livro. Reações suscitadas por sua leitura variaram da crítica furiosa à devoção: a mídia burguesa condenou a imoralidade e anticapitalismo do autor, mas o público trabalhador, de modo geral, aclamou Bellamy como o profeta de uma nova era.

Há registros de fãs declarados do autor terem formado seus próprios 'clubes bellamitas', onde estudavam as teorias do socialismo (então recém-chegadas no país), trocavam traduções de teóricos estrangeiros mais relevantes e, mais importante, pensavam em como concretizar a Nova Boston desbravada pelo protagonista Julian West. Não foram dois ou três clubes, mas 165, espalhados por toda federação.[13] No texto 1 de nosso apêndice, Eugene Debs presta homenagem a Bellamy na ocasião de sua morte em 1898, ressaltando o pioneirismo daquele homem na divulgação de ideias socialistas no país, até então restritas a falantes de alemão ou francês. Mais tarde Debs seria candidato à presidência dos Estados Unidos nas eleições de 1909 pelo extinto Partido Socialista, e poupou Bellamy de quaisquer críticas a seus deslizes teóricos, sua inocência ao imaginar os EUA da *Gilded Age* como o país mais preparado para a transição ao socialismo. Aquele foi um primeiro passo para a difusão de ideias anticapitalistas – é justificável que seja tingido por certa inocência. A mensagem, porém, foi transmitida de modo efetivo, atingindo mais trabalhadores

estadunidenses que os textos teóricos do socialismo científico. Debs confirma:

> *Dificilmente um livro causa uma impressão tão marcante na mente do povo. Há anos já havia certa efervescência da questão social em demais países, sobretudo na Alemanha e na França, onde um movimento socialista internacional poderoso estava se desenvolvendo a tal velocidade que chegou a causar apreensão entre as classes dominantes. Olhando para trás foi a primeira exposição popular do socialismo neste país [EUA]. Milhares o leram com um deleite entusiasmado, sem se darem conta de que ele abalava a ordem social existente e abria caminho para a socialização do bem-estar comum.*

Como Fredric Jameson lembra, nosso interesse em ler uma utopia deveria ser o de compreender os anseios coletivos da época que a produziu. Antes de nos entretermos com as possibilidades dos Estados Unidos do "exército industrial", do Partido Nacionalista bellamita (nome, aliás, que envelheceu muito mal), lembremos: em um nível social, nossas imaginações são reféns de nosso próprio modo de produção de conteúdos, do imaginário e debates em curso em nossas épocas. A sugestão de Jameson é que, "no melhor dos casos, utopias podem servir ao propósito negativo de nos tornar mais conscientes de nosso confinamento mental e ideológico [...], e que, por isso, as melhores utopias são aquelas que fracassam terminantemente".[14]

A colocação traz um contrassenso, mas ilustra bem o caso de *Olhando para trás*. Nenhuma obra de ficção científica foi tão bem-sucedida nos EUA em divulgar ideias socialistas, e nenhuma foi tão satirizada por seus inimigos ou mesmo por socialistas rivais. Este fato em si favoreceu sua divulgação. Entre 1888 e 1900, cento e noventa utopias foram publicadas só naquele país, muitas das quais simulavam ou distorciam o título de livro de Bellamy, propondo pequenas correções às suas visões de futuro ou uma completa reformulação dos rumos nacionais de acordo com a preferência de seus respectivos autores.[15]

William Morris, autor de nosso texto 2, foi um dos continuadores ambivalentes à influência de seu predecessor. Sua resenha a *Olhando para Trás* pode ser lida como uma crítica conteudística e uma preparação para o próprio romance utópico de Morris, *News from Nowhere* (1890). A resenha foi precedida por uma aula pública em que apresentava Bellamy, não sem certo entusiasmo, para o público inglês.[16] A principal objeção de sua resenha posterior vai contra a solução fácil para a barbárie capitalista por meio de meras reformas na gestão

de produção e distribuição de serviços. Bellamy teria pecado por não pensar no problema trabalhista de modo a fazer jus a diferentes tradições dentro do mundo profissional: para ele, todas as profissões constituem o exército nacional e o dever de servi-lo é a única satisfação que o trabalhador deve retirar de seu ofício.[17] Na Boston do futuro, por exemplo, artistas são meros ornamentos a serem usados para entreter uma sociedade saturada por bens de consumo – para Morris esta é a prova da profunda ignorância de Bellamy em relação ao papel da estética para a formação dinâmica do imaginário popular que, antes de tudo, sempre foi antessala de ideias revolucionárias. *News from Nowhere,* um romance que merece uma tradução para o português, propõe a substituição do proletário pelo artífice; do consumismo pela estética; do labor compulsório pela estetização de cada atividade profissional a ponto de que todas as áreas – da culinária à arquitetura – se aperfeiçoem a níveis jamais vistos. A níveis que, antes de tudo, não podem ser atingidos por força da banalização completa que pauta a rotina de trabalho no regime capitalista. A esfera da reprodução social, assim, passa a ser um espaço de desdobramento da individualidade e criatividade humanas. Por não contar com tal transfiguração, a sociedade de Bellamy seria uma versão higienizada do capitalismo americano.[18]

A falta de imaginação, o temperamento pouco artístico, a ideia obtusa de uma "revolução pacífica" – todos esses são juízos de um participante da Segunda Internacional Socialista, homem que viveu uma época de crescente violência do Estado britânico contra a Federação Social-Democrata inglesa (a tal SDF). Morris não explicita em que medida seu ceticismo ante a utopia bellamita é fruto das dificuldades vividas na pele por socialistas europeus – isso é algo melhor pontuado por Clara Zetkin, tradutora da obra de Bellamy para o alemão e autora de nosso texto 3. Embora tenha traduzido o livro já em 1890, Zetkin optou por escrever o prefácio para a edição de 1914, justificando a febre bellamita durante os anos iniciais da Segunda Internacional. Os socialistas saíam então de um período de violenta repressão: Marx e Engels estavam exilados, o Partido Social-democrata Alemão (SPD) fora atirado à ilegalidade por interferência direta do chanceler paranoico Otto von Bismarck, por força do que ficou conhecido como Leis Antissocialistas.[19] Por puro acaso, o livro de Bellamy é publicado em alemão assim que as ditas leis são revogadas e o SPD ganha representação no Parlamento pelo voto popular: aquele clima de entusiasmo generalizado cria um terreno fértil, digamos, para ideias otimistas acerca do futuro da esquerda. Na verdade, para praticamente qualquer coisa que mencione o socialismo sem vilipendiá-lo.

Zetkin, com sua habitual elegância, corrige Bellamy em certos

aspectos e nos lembra: este é um livro de ficção e, assim sendo, não devemos esperar nele o rigor científico dos teóricos. A função da literatura não é substituir a filosofia do socialismo científico, mas complementá-la – fornecer quadros de futuro e configurações sociais inexistentes que tornam esse livro uma "fonte de ideias, de pensamentos críticos e férteis a respeito do presente e futuro da sociedade".

Como é de se esperar, a tradução e prefácio de Zetkin foram proibidos durante o regime nazista, e posteriormente ganharam reimpressão somente na Alemanha Oriental: os alemães ocidentais preferiram usar traduções de um não-comunista, Georg von Giźcki (Reclam Verlag, 1890), talvez em função do prestígio de Clara Zetkin junto a Lênin e Stálin. O texto volta a aparecer em edições da Alemanha pós-reunificada somente em 2013. Por motivos desconhecidos, o prefácio que trazemos aqui em português vem sendo omitido desde então, e tampouco consta nas obras reunidas de Clara Zetkin.[20]

Por fim, Karl Kautsky foi menos comedido que a colega e deixou uma crítica feroz no artigo "Die jüngste Zukunftsroman", o texto 4 de nosso apêndice. A resposta de Kautsky consiste em um documento privilegiado para entendermos o debate do socialismo utópico *versus* socialismo científico no contexto da Segunda Internacional. Bellamy seria problemático, sobretudo, por estar ganhando mais proeminência que Marx em certos países. O caso italiano merece destaque: a publicação de uma tradução de *Olhando para Trás* ocasionou a retomada da interpretação humanista do marxismo por Antonio Labriola, o que ocasionou um interesse massivo em certa vertente do socialismo. O crítico literário Benedetto Croce mais tarde lembrou que a utopia bellamita "deu forma aos sonhos de toda uma nova geração de socialistas [italianos]".[21] O mesmo ocorreu depois na Hungria, Índia, Indonésia, Uruguai[22] – a rede de influências do livro de Bellamy foi bem documentada, e serve como motivo do descontentamento de Kautsky na época em que, com a morte de Marx e Engels, fica a seu encargo divulgar uma teoria cientificamente embasada do socialismo, apta a ser transformada em práxis revolucionária e política partidária.

Este era o exato oposto do que Bellamy estaria fazendo. Kautsky identifica como, no livro, a passagem de um sistema social para outro se determina mais por motivos éticos do que materiais.[23] Isso representaria um retrocesso ao debate dos anos 1840 entre o jovem Marx e os utopistas franceses. Ademais, Bellamy haveria mostrado certa impossibilidade de compreender a luta de classes, o papel revolucionário do proletariado naquele contexto. Sua solução para as

hostilidades entre classes sociais é, no fundo, afim à dos liberais americanos da época (de William James a John Dewey): uma educação ampla supostamente resolveria todas as mazelas sociais. A solução bellamita nos leva à formação de uma estrutura educacional meritocrática que, na experiência capitalista recente, só serviu para aumentar o abismo entre as 'classes profissionais' e proletariado – para complicar a luta de classes.[24]

Outra forma de interpretarmos tal resposta ao autor estadunidense é pensá-la como fruto da competição entre duas vertentes socialistas – o Kautsky da época divulgava, ao lado de Eleanor Marx, a utopia de seu colega de partido August Bebel, *Die Frau und der Sozialismus* (1879). Esse livro imaginava a liberação feminina em uma sociedade pós-capitalista, e que serviu de estopim para a teorização do feminismo marxista.[25] O surgimento de Bellamy no campo dos debates, portanto, obliterava de certa forma a importante inovação de Bebel.

Kautsky está certo em expor certos perigos em Bellamy para leitores que eventualmente busquem teorias rigorosas em um texto de ficção – mas não é nada polêmico dizer que Bellamy era um socialista não-marxista. Até embarcar em estudos teóricos que precederam o livro *Equality* (a continuação de *Olhando para Trás),* o próprio admite nunca "ter sido, em qualquer sentido, um estudioso da literatura socialista, ou ter conhecimento dos planos socialistas mais do que qualquer leitor de jornais".[26] As críticas de Kautsky em si valeram como um dos fatores que fizeram Bellamy pausar suas atividades profissionais e se inteirar das últimas teorias do socialismo científico – *Equality* (1897), de fato, traz reflexões mais complexas sobre a transição revolucionária, deixando transparecer leituras de Marx e Engels.[27] Contudo, o livro não goza do mesmo sucesso de seu predecessor: trata-se de uma obra de roteiro mínimo, uma exposição de elucubrações teóricas que fracassou em despertar a atenção do público leitor estadunidense. Daí podemos derivar uma conclusão sobre o poder da ficção utópica – de seu papel complementar na criação de nossa agência política: "Bellamy conservou o formato da fantasia não só, como disse, por esperar ganhar leitores e leitoras com um argumento água-com-açúcar, mas porque proporcionou a estrutura [adequada] para um drama psicológico de conversão" – da mentalidade liberal-burguesa para a solidariedade entre classes – "que constitui a técnica de sua utopia".[28]

Obras da tradição de Bellamy e Nikolai Tchernishevski, até de autores recentes como Ursula Le Guin e China Miéville, provaram ser particularmente influentes sobre os rumos da política desde o século XIX. Jameson nos lembra que "não se pode imaginar qualquer

mudança fundamental em nossa existência social que não tenha, inicialmente, expelido visões utópicas assim como as inúmeras faíscas que saem de um cometa" (*Archaelogies of the Future,* p. xii) – isso é um alerta particularmente importante para nossa era neoliberal, de profundo desencantamento com o futuro. O senso comum liberal é por excelência um desestimulador do impulso utópico: ele é aquele que apela para um pragmatismo inócuo, que condena os sonhadores e artistas, que justifica desigualdade e exploração com base em juízos prontos sobre a tal 'natureza humana' e o 'pecado original'. Nesse sentido, tecer utopias é o gesto subversivo primordial em nosso contexto.

Assim, se este livro puder cumprir uma tarefa além de prover entretenimento saudável a seus leitores e leitoras, que seja o de despertar uma sensibilidade por utopias que sirvam de antessala para a práxis: é preciso resgatar o futuro que foi sequestrado de nós. Já os apêndices que seguem visam pôr o público lusófono em contato com uma tradição esquecida dos EUA, com a oportunidade de se inteirar de debates sobre problemas no socialismo na altura da Segunda Internacional que ainda são nossos problemas.

Apêndice 1

Eugene Debs. Edward Bellamy era um amigo meu. *Terre Haute Daily Express,* jornal do condado de Vigo, Indiana. Edição de 29/05/1898.

Foi com o mais sincero pesar que fui informado do falecimento de Edward Bellamy.[29] Ele foi um amigo muito caro a mim.

Quando, em 1888, surgiu a primeira edição de *Olhando para trás*, o nome de Edward Bellamy repercutiu pelo mundo. Estima-se que foram vendidas 200.000 cópias desse livro – o livro que marcou uma nova era –, e ele foi traduzido para o alemão, francês, italiano, russo e muitos outros idiomas.

Dificilmente um livro causa uma impressão tão marcante na mente do povo. Há anos já havia certa efervescência da questão social em demais países, sobretudo na Alemanha e na França, onde um movimento socialista internacional poderoso estava se desenvolvendo a tal velocidade que chegou a causar apreensão entre as classes dominantes. *Olhando para trás* foi a primeira exposição popular do socialismo neste país [EUA]. Milhares o leram com um deleite entusiasmado, sem se darem conta de que ele abalava a ordem social existente e abria caminho para a socialização do bem-estar comum.

Desde então houve um interesse global por Edward Bellamy, e ele foi posto ao lado de grandes homens deste país. Há aqueles também que, enquanto admiravam as conquistas brilhantes desse homem,

consideram-no completamente irrealista, colocando-o na categoria dos visionários e sonhadores. Eles estão sendo menos do que justos consigo. Um estudo criterioso das obras tardias do Sr. Bellamy, sobretudo *Equality,*[30] convencerá qualquer pessoa razoável de que o autor era eminentemente prático em suas perspectivas e teorias. Via de regra, ele era um idealista, mas isso só desenvolveu o lado prático do homem, tornando-lhe possível apresentar suas teorias tão admirável e efetivamente a ponto de cativar uma multidão de pessoas em todos os países civilizados.

A fama do distinto autor, reformista e humanitarista, repousa em *Equality*, o livro que, podemos dizer, consumiu suas forças vitais e precipitou-o prematuramente para seu túmulo.

Ele previu a morte do atual sistema de competição com uma visão profética – e quão claramente indicou os processos revolucionários pelos quais o mundo econômico está sendo transformado! Quão claramente indicou que a nova ordem social estabelecida será concretizada somente muito tempo após seus trabalhos mundanos terminarem!

Edward Bellamy faleceu no primor de sua maturidade. Ele tinha apenas 48 anos quando foi chamado. Pessoalmente, era um dos indivíduos mais gentis e amáveis para mim. Ele era, no sentido mais verdadeiro, um amigo da humanidade padecente. Tocado e chocado diariamente pela exposição diária das injustiças com que se defrontava, dedicou toda sua alma e mente na tarefa de encontrar um meio de apaziguar os males de *les miserables*, não distribuindo caridade, mas mediante o desenvolvimento de um sistema social cuja base seria a igualdade econômica, e cuja indústria seria organizada e levada adiante de forma cooperativa – não pelo lucro, mas pelo bem comum e igualitário de todos e todas.

Ainda é cedo demais para o mundo dar mostras de uma estima pela obra e valor desse homem grandioso e capaz. Gerações futuras o conhecerão melhor, e quando a história for escrita de forma justa e imparcial, seu nome aparecerá entre os mais ilustres de nossa era.

Apêndice 2

William Morris. “Olhando para trás”. Resenha para o jornal *The Commonweal*, edição de 22/06/1889 (Vol. 5, No. 180, p. 194-195).

Frequentemente ouvimos dizer que os sinais do alastramento do socialismo entre povos de fala inglesa são igualmente vastos e impactantes. Isso é verdade; há seis ou sete anos o termo socialismo já era conhecido neste país, mas poucos entre as classes ‘educadas’ sabia mais sobre seu significado do que o Sr. Bradlaugh, o Sr. Gladstone ou o almirante Maxse sabem agora — isto é, nada.[31] Em contrapartida, no presente, é moda mesmo em banquetes em West-end[32] fingir algum interesse no socialismo ou conhecimento dele, algo que indica um interesse público amplo e profundo. Talvez esse interesse seja mais evidente na literatura do que em qualquer outra coisa, muito para além dos tratados propagandísticos publicados por sociedades assumidamente socialistas. Uma certa tintura de socialismo, por exemplo – em geral, bem aguada – é um ingrediente praticamente obrigatório em um romance que vise ser sério e verossímil hoje em dia, ao passo que um tratamento mais detido do tema por parte de não-socialistas seja bastante habitual. Em suma, a névoa dourada de autossatisfação e correspondência com a melhor de todas as

sociedades possíveis emana diante do calor do Sol, e surge a partir da miséria e aspiração – todas as pessoas com nível de inteligência acima do mais ínfimo (que considero ser o nível dos viciados em jogos de azar e dos estadistas) estão em busca de um novo desenvolvimento. Alguns têm medo, outros, ansiedade; ainda outros, esperança.

Parece-me evidente que, pela recepção conferida a *Olhando para trás* do Sr. Bellamy, uma imensidão de pessoas nutra esperanças em relação ao socialismo. Tenho certeza que há dez anos teria sido [um livro] bem pouco notado, se é que seria; ao passo que agora diversas edições se esgotaram nos EUA, e está atraindo atenção generalizada na Inglaterra – além disso, para alguém que não esteja profundamente interessado na questão social, ele não poderia ser um livro minimamente atrativo. De fato, ele foi forjado no formato de uma narrativa romanesca,[33] embora o autor declare muito francamente em seu prefácio que só se valeu desse formato como forma de dourar a pílula. Mas o dispositivo de retratar um homem que acorda em um novo mundo tornou-se agora tão comum – ele vem sendo empregado com um cuidado e arte tão maiores do que o Sr. Bellamy o empregou – que por si só isso teria contribuído pouco para a obra: ali, as pessoas se interessam pela parte ensaística séria, e não pelo seu envoltório suave e romanesco.

Visto, portanto, que tanto os socialistas quanto os não-socialistas ficaram muito impressionados com o livro, parece-me necessário que o [jornal] *Commonweal* lhe dispendesse uma nota. Pois se trata de uma 'utopia'. Ele finge ter sido escrito no ano 2000 e descreve o estado da sociedade naquele período, depois de uma revolução gradual e pacífica ter concretizado o socialismo – o mesmo que, para nós, está apenas no início de seu período militante. Isso requer atenção ainda maior pois há um certo perigo em livros como este: um perigo duplo. Haverá alguns temperamentos para os quais a resposta à questão *"Como viveremos então?"* será agradável e satisfatória; para outros ela será desagradável e insatisfatória. O perigo para os primeiros é que eles irão aceitá-la apesar de todos os seus erros e falácias (algo que, em tal livro, deve abundar), como se fossem declarações conclusivas de fatos e regras de ação, e que distorcerão seus esforços em direções infrutíferas. O perigo para os segundos, sejam eles meros questionadores ou socialistas muito recentes, é que estes também aceitarão tais especulações como fatos, inclinando-se a dizer: *"Se isso é socialismo, não ajudaremos com seu advento, pois ele não sustenta qualquer esperança para nós"*.

O único modo seguro de ler uma utopia é considerando-a como a expressão do temperamento de seu autor. De tal forma encarada, ainda assim a utopia do Sr. Bellamy deve ser considerada bastante

interessante, já que é construída com devido conhecimento econômico e com muita competência. É claro, seu temperamento é o mesmo de muitos milhares de pessoas. Tal temperamento pode ser chamado de puramente moderno, ahistórico e pouco artístico; ele deixará seu dono (caso seja um socialista) perfeitamente satisfeito com a civilização moderna caso a injustiça, a miséria e o desperdício da sociedade de classes puderem ser extirpados; para ele, uma meia mudança parece algo possível.

O único ideal de vida que tal homem consegue enxergar é aquele dos homens da classe média *profissional* e industriosa de hoje, purificada de sua cumplicidade criminosa com a classe monopolista – de se tornar independente em vez de ser, tal qual é hoje, parasitária. Não se deve negar que se tal ideal pudesse ser concretizado, seria de grande melhoria para a sociedade do presente. Mas pode ele ser concretizado? Isso significa, de fato, a alteração do maquinário da vida de tal forma que todas as pessoas seriam permitidas a compartilhar da plenitude daquela vida, em prol da produção e preservação para a qual o maquinário foi instituído. Há sinais evidentes que nos mostram que aquele grupo cuja vida é apresentada como um ideal para o futuro está condenando-a no presente, e que também ele necessita de uma revolução. A revolta pessimista da última parte deste século, liderada por John Ruskin contra o filisteísmo do burguês triunfante – embora hesitante e cambaleante como é para ser –, mostra que a mudança na vida da civilização já havia começado antes que se acreditasse seriamente na possibilidade da alteração de seu mecanismo.[34]

Decorre naturalmente da satisfação do autor com boa parte da vida moderna que ele conceba a passagem para o socialismo como um evento que não causará qualquer forma de colapso dessa vida, ou mesmo perturbação nela; antes, ele se dará por meio do desenvolvimento pleno dos grandes monopólios privados que caracterizam tão notavelmente os dias atuais. Ele supõe que tais monopólios necessariamente serão absorvidos por um só grande monopólio, o qual incluirá todo o povo, funcionando em benefício de todo o povo. Há de se notar de passagem que, ao empregar o termo monopólio, Bellamy mostra inconscientemente ter sua mente fixada no *maquinário* ordinário da vida: isso porque, claramente, a única parte de seu sistema que o povo iria ou poderia tirar das mãos dos monopolistas é o maquinário de organização, o qual o monopólio é forçado a usar, embora não seja constituinte essencial dele. O essencial do monopólio é: *"Eu me aqueço com o fogo que vocês acenderam, e vocês ficam do lado de fora, no frio"*.

Continuando. Tal esperança no desenvolvimento dos trustes e

círculos para os quais a competição por privilégios tem impulsionado o comércio, especialmente na América, é a parte distintiva do livro do Sr. Bellamy; parece-me uma esperança um tanto perigosa para se apoiar, muito incerta para ser usada como âncora. Ela pode ser de fato o resultado lógico do lado mais moderno do comercialismo – isto é, o resultado do que ele *deveria* ser. Mas então temos que tratar de seu resultado histórico – isto é, o que *será* de fato. Não posso deixar de pensar que, afinal, no que diz respeito a este desenvolvimento comercial, virá uma recorrência de rupturas e reformulações neste tipo de monopólio, sob a influência da competição por privilégios, ou então uma guerra pela divisão do que foi pilhado, até um dilúvio vir e destrui-lo por completo. Uma esperança muito mais confiável é aquela segundo a qual as pessoas, tendo de vez entendido que a vida verdadeira significa uma vida livre e igualitária, e que agora é possível alcançá-la, esforçar-se-ão conscientemente para alcançá-la a qualquer custo. O semifatalismo econômico de alguns socialistas é uma visão deprimente e desanimadora, e pode facilmente se tornar ainda mais deprimente caso os eventos agora imprevistos trouxerem de volta a maré da "prosperidade comercial"; isso não é improvável de acontecer.

Uma vez que a grandiosa mudança se deu de maneira pacífica e infalível, o autor tem de apresentar seu esquema de organização da vida; ele é organizado em espírito de vingança. Seu esquema pode ser descrito como Comunismo de Estado, operado pela extrema centralização nacional. O erro subjacente aí é que o autor não pode conceber, como foi dito, outra coisa senão o *maquinário* da sociedade, o qual, sem dúvida naturalmente, ele enxerga no futuro da sociedade – trata-se de um maquinário que ele diz ser conduzido sem dispêndio, sem o terror da fome que acompanha, necessariamente, uma sociedade onde dois terços ou mais de sua força de trabalho é desperdiçada: o resultado é que, embora ele nos diga que todo homem seja livre para escolher sua ocupação e que o trabalho não é um fardo para ninguém, a *impressão* que dá é a de um enorme exército permanente, firmemente treinado, compelido por algum destino misterioso a uma ansiedade incessante pela produção de mercadorias que satisfaçam todos os caprichos, por mais perdulários e absurdos que sejam, passíveis de surgir entre ele.

Para fins de ilustração, pode-se mencionar que todos devem começar no trabalho sério de produção aos vinte e um anos, trabalhando três anos como simples funcionários, para então escolherem sua ocupação qualificada, exercendo-a até os quarenta e cinco anos, quando então terão que cessar seu trabalho e se divertir (aperfeiçoando sua mente, caso ainda houver uma). Céus! Pense em um homem de quarenta e cinco anos mudando todos os seus hábitos

repentinamente, sendo compelido a isso! É um assunto menor que as pessoas que superaram o trabalho devam formar uma espécie de aristocracia *(quão curiosamente nos apegamos às antigas ideias!)* a fim de desempenhar de certas funções judiciais e políticas.

As ideias do Sr. Bellamy acerca da vida são curiosamente limitadas; ele não tem ideia de existência para além de uma grande cidade; a morada do homem no futuro é uma Boston (nos EUA) embelezada. Em uma passagem, de fato, há menções de vilarejos, mas com simplicidade inconsciente o autor mostra que eles não entram em seu planejamento de igualdade econômica; tratam-se de meros acessórios dos grandes centros civilizatórios. Isso parece estranho para alguns de nós, que não podem deixar de pensar como a experiência deveria ter nos ensinado que tais agregações de população proporcionam a pior forma possível de moradia, independentemente de qual seja a segunda pior.

Em suma, uma vida mecanizada *[machine-life]* é a melhor que o Sr. Bellamy pode imaginar para nós, de qualquer ponto de vista; não é de se admirar, portanto, que sua única ideia para tornar o trabalho tolerável é diminuir sua quantidade mediante novos e cada vez mais novos desenvolvimentos das máquinas. Sei que ele compartilhará tal visão com muitos socialistas com quem, de outra forma, eu poderia concordar em outros tópicos, mais do que concordo com ele; mas acho que uma ou duas palavras devam abordar esse aspecto importante do tema. Ora, certamente este ideal de grande redução das horas de trabalho por meio de maquinário é uma futilidade. A raça humana sempre despendeu tanta energia quanto conseguiria sob determinadas condições climáticas parecidas, embora essa energia tenha tido de combater a preguiça intrínseca da humanidade: ademais, o desenvolvimento dos recursos do homem, que lhe conferiu maior poder sobre a natureza, levou-o também a novos desejos e novas demandas sobre a natureza, e assim tornou seu dispêndio de energia muito maior do que antes.

Creio que sempre será assim. A multiplicação de máquinas só multiplicará as máquinas; creio que o ideal do futuro não aponta para a diminuição da energia humana pela redução do *trabalho* ao mínimo, mas sim para a redução da *penosidade do trabalho* ao mínimo – a um nível tão baixo que deixará de ser uma dor. Um ganho para a humanidade que só pode ser sonhado quando os homens forem ainda mais completamente iguais do que a utopia do Sr. Bellamy os permite ser, o que mais seguramente acontecerá quando os homens forem realmente iguais em suas condições – mesmo sendo provável que muito do nosso chamado “refinamento”, nosso luxo (em suma, nossa civilização) tenha de ser sacrificado em prol disso. Nesta parte de seu

plano, portanto, o Sr. Bellamy se preocupa desnecessariamente em buscar (com óbvio fracasso) algum incentivo para o trabalho a fim de substituir o temor da fome, que atualmente é o nosso único temor, embora não se possa repetir muitas vezes que o verdadeiro o incentivo ao trabalho útil e alegre contenha e deva conter o prazer do trabalho em si.

Acho necessário fazer essas objeções à utopia do Sr. Bellamy, não porque haja qualquer necessidade de contestar a visão de um homem acerca do futuro da sociedade – a qual, como dito acima, sempre será um tema mais ou menos pessoal para ele –, mas porque este livro, tendo produzido uma grande impressão sobre as pessoas que realmente investigam o socialismo, certamente será citado como uma autoridade sobre aquilo que os socialistas creem. Assim, é necessário apontar: há alguns socialistas que não pensam que o problema da organização da vida e do trabalho necessário possa ser resolvido por uma grande centralização nacional, operando por uma espécie de mágica pela qual ninguém se sente responsável. Ao contrário, será necessário que a unidade de administração seja pequena o suficiente para que cada cidadão se sinta responsável por seus detalhes e se interesse por eles; que os homens individuais não possam transferir os negócios da vida para os ombros de uma abstração chamada Estado, mas lidem em associação consciente uns com os outros. Essa variedade de vida é tanto um objetivo do verdadeiro comunismo quanto é a igualdade de condições; nada além de uma união dos dois trará liberdade real. As nacionalidades modernas são meros dispositivos artificiais da guerra comercial que buscamos extinguir, e desaparecerão com ela. E, finalmente, a arte, usando essa palavra em seu significado mais amplo e devido, não é um mero complemento da vida de que os homens livres e felizes podem prescindir, mas a expressão necessária e o instrumento indispensável da felicidade humana.

Por outro lado, deve-se dizer que o Sr. Bellamy enfrentou com coragem a dificuldade da reconstrução econômica, embora ele não veja outras facetas do problema, como, por exemplo, o futuro da família. De qualquer modo, ele vê a necessidade da igualdade na recompensa do trabalho, que é uma pedra de tropeço para os socialistas incompletos; ademais, sua crítica ao sistema monopolista atual é enérgica e fervorosa. Também em suas páginas, encontrar-se-ão respostas satisfatórias para muitas objeções comuns. O livro deve ser lido e considerado seriamente, mas não deve ser tomado como a bíblia socialista da reconstrução. Há um perigo do qual talvez não escape totalmente, já que sistemas incompletos são impossíveis de serem executados. Mesmo que plausíveis na superfície, são sempre atraentes para pessoas ávidas pela mudança, mesmo que não saibam

claramente qual é seu objetivo.

Apêndice 3

Clara Zetkin. Prefácio (*Vorwort*). *Ein Rückblick aus dem Jahre 2000 auf das Jahr 1887*. Traduzido por Clara Zetkin. Stuttgart: Dietz Verlag, 1914, p. 3-4.

Olhando para trás de Bellamy gozou de um breve período de popularidade e rapidamente concedeu a seu autor, até então bastante desconhecido, fama internacional. O romance foi publicado nos Estados Unidos em 1887, sendo traduzido para diversos idiomas nos anos subsequentes. Seria um empreendimento fútil averiguar os motivos por trás de tal popularidade se olharmos para o teor artístico do livro. Antes, tais motivos residem no contexto contemporâneo e na atmosfera que inevitavelmente teria simpatizado com as ideias sociais demonstradas em *Olhando para trás*. Epidemias de crises e recessões, anos repletos de greves, protestos dos desempregados e conflitos sangrentos entre exploradores e explorados – tudo isso despertou a consciência de muitos nos Estados Unidos de que "algo" naquele sistema social, no mundo do trabalho, tinha de ser aperfeiçoado. Tal conscientização é expressa pelo romance de Bellamy.

Alguns argumentam que, no início, a intenção não era esta – mas foi o que o autor fez instintivamente. Alegam que seu objetivo teria

sido apenas o de criar uma estória recreativa de alegria e harmonia coletivas. Ainda assim, conforme a obra progredia, mais ela parecia tomar controle de seu autor. O narrador bem-humorado, que especulava situações paradisíacas, teve que confraternizar com o crítico social incisivo e implacável, e também com o profeta entusiasta de um novo sistema social e moral baseado na razão e na conveniência. Foi assim que surgiu uma obra sobre a qual seu autor, mais tarde, disse: "*Olhando para trás*, apesar de ser, em sua forma, uma narrativa romanesca fantasiosa, visa com toda seriedade servir de previsão [...] do próximo estágio do desenvolvimento industrial e social da humanidade, sobretudo neste país".[35]

O romance de Bellamy se caracteriza pela ideia de que as bases econômicas da sociedade precisam ser reformadas por meio da organização de todos os tipos de trabalho num só exército industrial composto por todos os cidadãos, os quais seriam obrigados a executar seus deveres econômicos. A tal exército cuidadosamente estruturado é dada a tarefa de manter o país vivo assim como hoje em dia [o ano de 1914] as divisões militares devem protegem o Estado de ameaças externas.

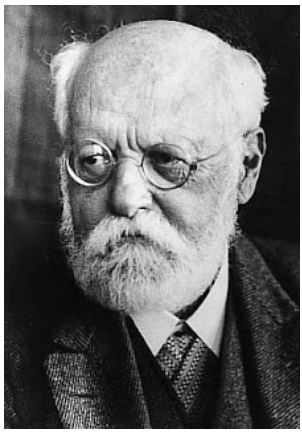
Bellamy desenvolve um sistema no qual esse exército industrial deve se estabelecer e funcionar. Ao fazê-lo, prova ser um pensador utópico, um inovador social e um desbravador que visa antecipar o novo sistema social. Assim, ele não é um socialista científico que, por meio de reflexão, tenta desvelar e compreender as forças e leis que inevitavelmente levarão a configurações sociais mais desenvolvidas. Decididamente, ele enxerga tendências vigentes que pavimentarão o caminho para a abolição da propriedade privada nos meios de produção, rumo à socialização da produção e distribuição de bens de consumo. O que não percebe, contudo, é o poderio humano que, conscientemente e intencionalmente, fará tais tendências vingarem. De acordo com ele, a transformação da sociedade será obra de um "Partido Nacional", consistindo em intelectuais e gente bem-intencionada de todas as camadas sociais; não será a criação de um proletariado revolucionário. Não é só a falta de educação histórica de Bellamy que se reflete nessa opinião: é também a fragmentação e a fraqueza, o atraso político do proletariado americano daquela época; os inícios de seu despertar e de sua unidade socialista.

Embora *Olhando para trás* careça da profundidade e aspereza do socialismo científico, o livro é uma fonte de ideias; de reflexões críticas e férteis a respeito do presente e futuro da sociedade. A audácia com que Bellamy discute os defeitos na ordem atual das coisas e, em particular, suas implicações morais, é um atrativo – assim como a grandeza moral e seriedade serena com que ele descreve a

reorganização superior da sociedade. O romance sana, com acerto, muitos aspectos a respeito do “estado socialista do futuro”, os quais são tão frequentemente questionados por filisteus miolo-mole, céticos perante o progresso.

Quando *Olhando para trás* de Bellamy ganhou fama na Alemanha, a vida intelectual e política da classe trabalhadora padecia das pressões derradeiras da Lei Antissocialista.[36] Era com entusiasmo e sem crítica artística muito feroz que a população recebia então qualquer publicação onde qualquer parcela do espírito do socialismo vivia e respirava. Sob a influência dessa atmosfera, o texto utópico de Bellamy só foi julgado de acordo com o conteúdo de suas ideias, e realizei a primeira tradução do romance publicado pela [editora] J. H. W. Dietz em Stuttgart, em 1890. O fato de agora ter decidido que essa tradução apareça em uma nova edição, após tanto tempo, deve-se à convicção de que *Olhando para trás* ainda tem muito a dizer para as massas trabalhadoras. Talvez hoje, mais do que nunca – uma vez que a guerra mundial rompeu os últimos véus que cobriam a perspectiva que a instituição de uma sociedade socialista deve ser obra de um proletariado combativo.

Apêndice 4



Karl Kautsky. O mais recente romance sobre o futuro. *Die neue Zeit,* Ed. 7, caderno 6, 1889, p. 268-276. Cortesia do arquivo da Friedrich Ebert Stiftung Bibliothek (library.fes.de/nz).

As fontes que outrora fertilizaram tão ricamente aquela propensão a formar retratos utópicos do Estado socialista do futuro estão, em grande medida, secas hoje em dia. Tornou-se de conhecimento geral, ao menos nos círculos exclusivamente políticos, que os rumos do movimento socialista dos trabalhadores são providos através do direcionamento de desdobramentos econômicos independentes da vontade dos indivíduos. Assim, tais rumos não são deliberados por uma pessoa ou um sistema, podendo apenas ser inferidos e reconhecidos mediante pesquisa científica do movimento hodierno da sociedade e da trajetória que até então percorreu.

Apesar dessa progressão do socialismo – da utopia para a sociedade –, os utopistas professam certa tendência de retratar o futuro que ainda ocupa as cabeças de muitos socialistas, e nunca as abandonaram por completo. É bastante elementar que as pessoas que põem todas as suas forças em um só objetivo grandioso – as que não esperam nada do presente e tudo do futuro – não se contentarão com um vislumbre do que é distante, exigindo uma ciência cuidadosa. Antes, elas têm a necessidade de evocar magicamente e pintar em cores exuberantes aquilo que mora no futuro; aquilo que ao observador sóbrio, com seu olhar mais perspicaz, é reconhecível em traços gerais.

Encontramos um impulso semelhante de enxergar o futuro em

meio a escravos e proletários do mundo romano, cuja existência foi tornada tão insuportável que só conseguiam juntar forças na esperança pelo advento de um reino novo – não no Além, mas aqui na Terra – para que suas vidas fossem suportáveis. Dizia-se então que olho algum viu, que ouvido algum ouviu o que Deus havia preparado àqueles a quem amava; apesar disso, vinha sempre uma descrição da "Nova Jerusalém" vindoura – uma mais reluzente e extensiva que a outra. E tudo isso preparou terreno para a inclinação ao apocalipse, da primeira utopia cristã. Só quando o cristianismo deixou de ser uma religião revolucionária dos oprimidos, a tão ansiada Nova Jerusalém migrou da Terra para os céus, onde nenhuma calamidade é capaz de chegar.

Não é de se espantar que hoje em dia domine um impulso semelhante pelo vislumbre do futuro. Esse utopismo é bastante inofensivo e de forma alguma reprovável, contanto que não pretenda querer ter efeito nas lutas políticas e econômicas da classe trabalhadora de forma decisiva; contanto que não queira ser algo além de um ramo da poesia socialista. Cremos até mesmo que o utopismo possa prover alicerces para uma obra de arte significativa caso encontre um poeta que, cheio de entusiasmo e imaginação, seja também um profundo conhecedor da alma humana, estando a par das tendências do desenvolvimento social atual – e assim tente lançar um olhar para o futuro. *Poeta vates!* O poeta tem um direito de aspirar ser um visionário.

Todavia, ao lado de tal impulso poético da classe trabalhadora de vascular pelos mistérios do futuro almejado, há outra fonte viva do utopismo: a necessidade por parte de socialistas dos círculos mais elevados de fazer propaganda de suas ideias.

Há uma série de burgueses filantrópicos que são socialistas direitos e convencidos de sua postura. Eles, porém, se equivocam ante a possibilidade de concretização daquilo que almejam por meio da luta de classes do proletariado; ou então eles rechaçam esta e qualquer luta pelos mesmos motivos que os tornaram socialistas: a consciência de que as pessoas sofrem – ou melhor, que eles próprios ocasionam sofrimento nas pessoas – lhes é insuportável. A maior parte de tais filantropos sente-se, por fim, ligada aos círculos sociais mais distintos de forma estreita demais para se dispor a romper com eles – para enfim reunir forças e interceder em prol das tendências socialistas que vão contra tais camadas sociais. Todos têm o dever de ganhar para a causa do socialismo a camada social a qual pertencem – de provar para ela que "nós, os selvagens, somos, na verdade, homens ainda melhores" do que se crê; que os alvos do socialismo são práticos e racionais; que os ricos não poderão nada com a realização deles, e só

ganhariam em permitir, por fim, uma transformação completa se consumar de forma gentil, entusiasmando-se, eles próprios, burgueses, por ela. Caso contrário, na ocorrência de reação, um incêndio terrível necessariamente se alastrará, consumindo toda a civilização e precipitando a humanidade de volta a um estado das mais rasteira barbárie.

Para seduzir o filisteu[37] vale até mesmo ser 'positivo'. A crítica da sociedade tal qual existe fica, assim, restrita; ela deve conter os ataques contra a classe dos possuidores e, principalmente, se consagrar à prova do quão incomodado o burguês de hoje se sente em relação a greves e distúrbios políticos, às pestes nos bairros proletários, à especulação errática e demais coisas que tornam a vida amarga. Após preenchermos o burguês de profunda empatia, mostraremos então como ele se inserirá no "Estado do futuro". Ele deverá ser delineado nos traços mais nítidos de forma que nenhuma objeção fique eventualmente sem respostas, e que todas as dúvidas importunadoras a respeito se desfaçam – como, por exemplo, de quem limpará as botas do filisteu e de quem encherá seu cachimbo. Isso porque aceita-se de modo evidente que, quando tudo mudar, se o filisteu persistir sendo um filisteu, o Estado socialista deverá cindi-lo de seu corpo.

Ao passo que a imaginação do futuro do proletariado é, em sua maior parte, ousada e exaltada, as utopias do tipo mencionado acima são via de regra inocentes e superficiais. Elas deveriam demonstrar a razoabilidade e a 'condutibilidade' do socialismo, sua concordância com a natureza 'humana' – isto é, deveriam contar com fatos com que os filisteus já estão habituados e inteirados.

A mais recente dessas utopias vem dos Estados Unidos da América. Trata-se do romance *Olhando para trás: 2000-1887* de Edward Bellamy *(Looking Backward: 2000-1887),* lançado em Boston no ano passado. Uma seleção, um resumo dos trechos mais relevantes para os socialistas alemães foi publicado no *Berliner Arbeiterbibliothek* (artigo "Ein sozialistischer Roman" no caderno 1).

O herói e simultaneamente narrador do romance é um jovem rapaz de nome Julian West, um bostoniano rico. Há mais de um ano ele é noivo de Edith Bartlett, embora só queira se casar após a entrega de uma casa que está construindo. A construção da casa é adiada constantemente em decorrência de greves massivas dos trabalhadores da construção civil. Já em 1886 ele começara a construir – então veio o Ano Novo de 1887 e ainda não havia prospectos de quando a casa ficaria pronta, de quando Julian desposaria sua Edith. No dia 30 de maio de 1887, o desafortunado toma conhecimento da necessidade de adiar seu casório – uma nova greve é desencadeada. Ele fica furioso e

seu humor não melhora ao ouvir a observação por parte da futura sogra de que os trabalhadores da Europa se comportam ainda mais severamente; de que logo não haveria mais para onde os ricos poderiam migrar e se proteger dos socialistas – não fosse para a Groenlândia, Patagônia ou China.

Desconsolado, nosso Julian se ausenta de sua noiva. Por sofrer de insônia, ele mandou construir uma câmara subterrânea onde passa as noites sem ser perturbado pelos ruídos das ruas. Ele é posto para dormir por intermédio de um mesmerizador[38] e logo se vê imerso em um sono profundo.

Ele desperta em um quarto desconhecido, na presença de um estranho que se apresenta como o Dr. Leete. Após muita discussão, descobre, para seu horror, ter dormido 113 anos. A casa onde morava pegou fogo na noite de 30 de maio; creu-se que Julian havia sido engolido pelas chamas e, assim, não se fez uma busca. Assim permaneceu, cindido do mundo exterior, imperturbado em seu sono mesmérico – até que no ano 2000 sua câmara foi descoberta em função de uma escavação. Se dormiu como membro da inconsolável sociedade capitalista, ele despertou em meio ao modo de produção socialista, na casa onde o médico vive com sua esposa e filha.

Eles o acolhem da forma mais cordial e o põem à parte da grandiosidade da nova sociedade, ao passo que ele narra, de sua parte, os horrores e absurdos da antiga sociedade que deixou para trás. Para tornar o contraste entre formas sociais ainda mais visível, uma nova aventura deve ser vivenciada pelo herói em seus sonhos: após ter sido apresentado a todo o maquinário da sociedade socialista, ele sonha ainda viver no ano de 1887 – todas aquelas vivências no ano 2000 teriam sido um mero devaneio. Mais uma vez ele se vê na antiga Boston e nota, ao olhar de relance para o jornal, que a antiga e desconsoladora condição reinava! Guerra entre Alemanha e França, protestos dos desempregados em Londres, greves na Bélgica, demissão de meio milhão em Nova York, aumento de preços por intermédio de cartéis, falências, latrocínios etc. Ao sair às ruas, ele as encontra tão fétidas quanto antes, preenchidas por multidões de pessoas apressadas, que se acotovelam e se empurram só para arrancar pedaços uma da outra. Por sorte, nosso herói sonolento desperta na hora certa, antes de enlouquecer frente a esta visão, e agradece a Deus pela descoberta de que sua presença no século XX não tinha sido apenas um sonho – quanto à perda de sua antiga amada, que ele deixou esperando por 113 anos, ele agora poderia se consolar nos braços da mais jovem senhorita Leete.

Este é o romance. Não se trata de uma obra de arte. Falta ao seu autor certa capacidade de figuração. Ao invés de nos guiar pela nova

sociedade, pela vida e ação de Julian, o autor nos prende quase exclusivamente à casa do Dr. Leete, onde este e a filha narram como aparenta a nova Boston. Não conhecemos absolutamente nenhum membro da sociedade do século XX para além da família do médico.

Não encontramos qualquer vestígio em Bellamy da perspicácia psicológica que distingue os grandes utopistas. A história de amor que ele se vê obrigado a partilhar é simplesmente tonta. A filha do médico, Edith Leete, é bisneta da antiga amada de Julian, Edith Bartlett, a qual se casou com outro depois de seu primeiro noivo ter desaparecido em meio à fumaça. A senhorita Leete leu as cartas de amor da bisavó e enfiou na cabeça que gostaria de se casar com um homem igual a Julian; uma vez que este é desenterrado, ela se vê ligada a si pelo destino, por força das misteriosas circunstâncias! Ela crê que a alma de Edith Bartlett entrou dentro de si (páginas 424, 427). Espiritismo e misticismo parecem continuar sendo uma moda também em meio às filhas do século XX.

Assim como perspicácia psicológica e poder de figuração, falta ao autor imaginação. A reviravolta socialista não altera minimamente, a seu ver, a técnica de produção e de condução, tampouco as exterioridades da vida. O que nos é apresentado ali não é a coletividade socialista e como ela será dentro de 100 anos, mas como ela se mostraria hoje caso a endireitássemos momentaneamente.

O nosso Jules Verne do socialismo teria conseguido substituir a falta de imaginação mediante leitura detida da literatura socialista, das teorias socialistas. Isso, porém, ele fez de forma insatisfatória. *O Capital* de Karl Marx permanece absolutamente desconhecido para esse intérprete do socialista,[39] assim como as diversas perspectivas sobre o futuro que essa obra abarca, segundo as quais são indicadas certas consequências acarretadas pela nacionalização dos meios de produção por agência do proletariado.

Uma das principais consequências é a suspensão *[Aufhebung]* do antagonismo entre cidade e campo. O senhor Bellamy não tem qualquer noção disso; o progresso do século XX consiste, a seu ver, no fato de as cidades terem se tornado maiores do que as de hoje. As vielas proletárias [de seu livro] meramente se transformaram em avenidas cintilantes (p. 52).

Igualmente, a contraposição entre trabalhadores manuais e trabalhadores mentais continua existindo (p. 97 et seq); as vantagens pedagógicas, higiênicas e econômicas do trabalho infantil coordenado (não do atual!) foram deixadas inteiramente de lado. Como os filhinhos de papai atuais das famílias ricas, as crianças da ‘nova Boston’ são poupadas do trabalho até os 21 anos de idade. A posição da mulher mais uma vez nos remete à imagem da *lady* americana, a

dama – ela é considerada pelos homens mais como um ornamento do que como arrimo da sociedade (p. 357), sendo favorecida no seu trabalho de todas as formas. Permite-se que ela trabalhe somente porque o trabalho a mantém saudável e alegre (p. 360).

Mais notável é a falta de sociabilidade na 'nova Boston'. Enquanto todos os utopistas eminentes aspiram por um grande aumento da sociabilidade em seu Estado do futuro, o Sr. Bellamy a restringe ainda mais do que é o caso atual. Cada família tem sua casinha e se isola das demais. Não se frequenta qualquer reunião pública, concerto ou teatro, e isso graças ao telefone, que foi levado a todos os lares, possibilitando a cada um escutar ao pregador ou à peça musical que se deseja (p. 156, 382). O fato de que uma sociedade não funciona sem um pregador – de que uma garota imagine ser sua bisavó e nutra a necessidade de desposar seu bisavô latente – tudo isso é bastante natural. Por menos incrível que seja que padrecos sermoneiam tediosamente na nova Jerusalém (ou nova Boston) assim como na antiga, isso dá provas de que o Sr. Bellamy se comunica conosco por intermédio da reprodução do discurso do Sr. Barton.

Igualmente, as refeições conjuntas não existem no Estado do futuro do Sr. Bellamy. No restaurante comunitário, cada família tem sua própria sala de jantar.

Tampouco há hospitais nos quais os enfermos são admitidos gratuitamente, sendo tratados com todos os recursos da ciência. O enfermo depende de cuidados em sua casa e deve pagar ao Estado por um médico, que é então enviado. Nesta e em diversas outras caracterizações, a utopia do senhor Bellamy fica para trás do mais antigo romance sobre os Estados da modernidade, *A Utopia* de Thomas Moore.

Ela não tem nada da magnificência e excesso, da ousadia e ímpeto fantástico da poesia do futuro socialista do proletariado, por meio da qual é possível se entusiasmar e se erguer sobre a limitação e mistério de sua existência atual. Ela traz, antes, todos os traços distintivos da pintura de futuro da propaganda calculada do filistério.[40]

Um de seus argumentos principais é a tristeza e insegurança da posição dos ricos da sociedade atual em comparação com a do cidadão do Estado do futuro. "Eu sei", diz o Dr. Leete, "que os pobres e ignorantes invejavam os ricos e cultos de então; mas para nós, os últimos, vivendo como viviam, rodeados de miséria e brutalidade, parecem um pouco melhores do que os primeiros. O homem culto de sua época era como alguém que estava até o pescoço afundado em um pântano nauseante, se consolando com uma garrafa de perfume. " (p. 306).

A introdução do romance consiste na indicação dos sofrimentos

que o movimento dos trabalhadores proporciona aos ricos.

Se a ênfase exagerada ao fato (mais ou menos, até certo grau, correto) caracteriza o romance como pertencente ao segundo tipo de utopia, como delineamos ao tratar de sua introdução, mais ainda o faz a completa ignorância que o autor revela acerca do movimento dos trabalhadores.

A seguinte conversa entre Julian West e o Dr. Leete (p. 352-254) expressa isso de forma mais característica.

> *"Aliás", eu disse, conforme o médico lia em voz alta alguns desses itens, "que parte os seguidores da bandeira vermelha tinham na criação da nova ordem das coisas? Eles estavam fazendo um barulho considerável até onde eu sei."*
>
> "Eles não tiveram nada a ver com isso, exceto em atrapalhar tudo, é claro", respondeu o Dr. Leete. "Eles fizeram-no muito efetivamente enquanto duraram, pois seu discurso repelia as pessoas a ponto de as privar de escutar projetos de reforma social. O subsídio daqueles camaradas foi uma das manobras mais astutas dos oponentes da reforma."
>
> "Subsídio deles!", exclamei de espanto.
>
> "Certamente", respondeu o Dr. Leete. "Nenhuma autoridade histórica hoje em dia duvida de que era paga por grandes monopólios para tremular a bandeira vermelha e falar sobre queimar, saquear e explodir gente, a fim de alarmar os modestos e inviabilizar quaisquer reformas reais. O que me espanta é que vocês caíssem na armadilha sem suspeitar de nada."
>
> "Quais são suas bases para crer que o partido da bandeira vermelha era comprado?", questionei.
>
> *"Simplesmente porque eles devem ter percebido que tal procedimento fazia mil inimigos de sua causa professada para cada amigo. Não supor que foram contratados para o trabalho é creditar-lhes uma loucura inconcebível. Nos Estados Unidos, entre todos os países, nenhum partido poderia esperar, de maneira inteligente, atingir suas perspectivas sem primeiro conquistar para suas ideias a maioria da nação, como o partido nacional acabou conseguindo."*
>
> *"O partido nacional!", exclamei. "Este deve ter surgido depois de minha época. Suponho que tenha sido um dos partidos trabalhistas."*
>
> "Ah, não!", respondeu o doutor. "Os partidos trabalhistas, como tais,

> nunca poderiam ter atingido qualquer coisa em uma escala ampla ou permanente. Para propósitos de escopo nacional, sua base de organizações de classe, apenas, era estreita demais. Não foi até que um rearranjo do sistema industrial e social em uma base ética mais elevada, e para a produção mais eficiente de riqueza, tenha sido reconhecido como o interesse não de uma classe, mas de todas as classes igualmente – de ricos e pobres, cultos e ignorantes, velhos e jovens, fracos e fortes, homens e mulheres –, que qualquer perspectiva de seu sucesso pudesse se atingir. Aí surgiu o partido nacional, para realizá-lo por meios políticos.

Em outro trecho (p. 66) diz o Dr. Leete: "pode-se dizer que ele [o problema social] se resolveu por si só. A solução veio como consequência de um processo de evolução industrial que não poderia ter acabado de outra forma. Tudo o que a sociedade tinha que fazer era reconhecer e cooperar com aquela evolução, quando sua tendência se tornara inconfundível."

O senhor Bellamy preenche um posto intermediário entre os antigos utopistas e o socialismo científico moderno. Ele não aceita o princípio do socialismo como "uma verdade eterna", que poderia ter sido descoberta em qualquer época e que, uma vez descoberta, tampouco seria automaticamente realizável e, uma vez realizada, valerá para sempre. Antes, o socialismo é para si o resultado das tendências de um desenvolvimento econômico determinado, o qual reconhecemos, mas não podemos estabelecer voluntariamente. E para levar a cabo o que tal tendência exige, ele reconhece o poder político não nos moldes de falanstérios individuais, de grupos ou colônias – mas somente com a transformação de toda a sociedade isso lhe parece realizável. Ainda assim, ele é um utopista na medida em que aceita que o desenvolvimento econômico causará a transformação social por si só – como se o poder político fosse ser concedido ao partido popular e social-reformista sem luta, como consequência de uma inspiração repentina que poria de lado todas as contradições sociais a passo de mágica, antes mesmo de elas serem superadas. O desaparecimento dos antagonismos de classe é, para ele, não a consequência, mas a pré-condição para a revolução social.

Bellamy vai além dos antigos utopistas quando, como americano moderno, é obrigado a receder para não fechar os olhos intencionalmente para os fatos. Contudo, ele fica preso à superfície das coisas – em partes, talvez, por resistir a penetrar mais a fundo, por motivos pessoais ou sociais, mas também por não conhecer com segurança a literatura do socialismo científico moderno e movimento trabalhista que mais é influenciado por ela, o alemão. Sua ignorância do socialismo moderno esclarece o porquê de ele não ter nenhuma noção da profundidade dos antagonismos de classe presentes;

nenhuma noção do papel histórico da luta de classes e de seu significado como alavanca do progresso social.

Ele só conhece o movimento dos trabalhadores na superfície; só o conhece nos EUA, onde ainda fermenta em estágio selvático, e não almeja por uma organização rígida que goze da confiança das massas; onde ainda não se tornou óbvio para as massas, como no caso da Europa (mais especificamente da Alemanha), que todas as tentativas recentes de uma reforma social, de fato, só se executaram por pressão do movimento dos trabalhadores conscientes de seus objetivos. Que este, longe de querer evitar reformas sociais que assustam os ricos, deve impulsioná-las.

Trata-se, portanto, de um socialismo ingênuo e imperfeito, aquele com que lidamos no livro do Sr. Bellamy; tratemos, apesar disso, da imperfeição de seu significado.

Até então, o socialismo era considerado um rebento exótico nas Américas; quando não é composto apenas por alemães, permanece na órbita do socialismo alemão. A tarefa de compor um autêntico partido dos trabalhadores socialistas da América nos moldes do socialismo científico internacional – com literatura, programa e tática próprios –, só está no início de sua execução.

Em face dessa situação, o livro de Bellamy parece ser de grande significado. Ele dá mostras da potência do movimento trabalhista americano; mostra que ele também é mobilizado à reflexão acerca dos problemas sociais em tais círculos burgueses que se encontram sob influência do socialismo europeu, tanto teórica quanto praticamente.

Nem por isso sua eficácia propagandística deveria ser menos criticada. Apesar de tudo, o efeito que o autor almeja ter não será alcançado. Nem ele levará o movimento trabalhista a rumos “mais tranquilos” e a classe dos proprietários a rumos menos “repugnantes”, nem atiçará entusiasmo *en masse* da burguesia pelo Estado do futuro. Mesmo que isso fosse tão sedutor assim, ou as condições atuais fossem menos desagradáveis, mais vale um pássaro magro na mão do que dois belos a voar. Somente aqueles burgueses que adquirirem interesse pela transformação social – não para melhorar a própria situação, mas para que aqueles que não têm nada a perder tudo tenham – poderiam ingressar energicamente [no movimento]. Quanto aos demais burgueses, que precisam de fato ser poupados segundo a mente de Bellamy, um processo de ‘conversão’ do altamente platônico socialismo deverá ser conduzido. O filisteu filantrópico do tipo pensa: “sou socialista, mas o socialismo só será realizável quando o povo estiver maduro – quando todos forem tão incomensuravelmente inteligentes e nobres quanto eu. Isso levará pelo menos umas centenas de anos”.

Muito mais importante do que ganhar esse tipo de estroina para o socialismo após 500 anos é a propaganda na classe trabalhadora, e na relação que deve se provar altamente efetiva no “olhar para trás”. O juízo correspondente a respeito do movimento proletário entrará em um ouvido do trabalhador e sairá pelo outro. Algo do tipo permanecerá sem consequência para ele, como uma pintura do futuro socialista por parte da burguesia. O que não deve permanecer sem consequência ao trabalhador, por sua vez, é a crítica da sociedade atual, além da representação das linhas gerais da sociedade do futuro dadas no “olhar para trás”.

O trabalhador americano não possui o senso teórico do alemão. Ele dificilmente chega perto em termos de literatura econômica – isto é, quando ela trata de relações internacionais. Não lhe é habitual estudar o socialismo, derivar suas pretensões a partir da crítica histórica e econômica da sociedade. E eis que surge um romance autenticamente americano, que o apresenta ao socialismo de forma mais divertida, sem o mínimo rigor – o socialismo sobre o qual ele tanto ouviu e que gostaria de conhecer. Não é de se espantar que, como ouvimos, o livro de Bellamy já tenha achado espaço rapidamente em círculos de trabalhadores sindicalizados.

Os social-democratas podem se contentar com isso. Uma vez que se desperte o interesse pelo socialismo, que se obtenha contato com suas linhas de pensamento de algum modo, não mais será possível continuar se fiando a Bellamy – antes, voltar-se-á a fontes melhores a fim de conhecer o socialismo. O livro não é capaz de causar dano de forma alguma. Ele conta como uma “quintessência do socialismo”, que provê o cerne do atual empenho socialista de forma não menos superficial e incerta que a quintessência de Schäffle[41] – embora tenha sobre a última a vantagem de ser decisivamente mais divertido e bem escrito.

Bellamy escreve em um inglês expressivo e penetrante; saber prover, mesmo às afirmação mais corriqueiras, uma locução espirituosa, provocando interesse mesmo quanto repete para nós algo há muito conhecido. Essas vantagens no formato devem se subscrever, em partes, a sua ignorância da literatura socialista moderna. Mesmo quando o conteúdo antigo que se traz é novo só para si, ele o descobre autonomamente, expressando-o com todo o interesse – com aquele entusiasmo que as crianças demonstram em relação a suas próprias mentes. Sendo completamente ingênuo de um ponto de vista teórico, por isso mesmo atua sobre temperamentos ingênuos de forma particularmente incisiva – também ele conseguirá ter certo valor propagandístico entre trabalhadores americanos cujo entendimento teórico, como dito, ainda permanece inculto.

Uma das imagens mais bem sucedidas de *Olhando para trás* parece ser a comparação da sociedade moderna a uma carruagem. Gostaríamos de finalizar nosso debate sobre o livro com uma reprodução do trecho correspondente (p. 11-17). A passagem não constitui o resumo publicado na *Berliner Arbeiterbibliothek;* assim, porventura será do interesse de alguns de nossos leitores que conste nestes cadernos,

Julian West deseja dar uma ideia ao leitor do século XX de como as pessoas no século XIX conviviam – sobretudo, de como era a relação entre ricos e pobres.

> *Para dar ao leitor uma impressão geral do modo como as pessoas coexistiam naquele tempo [em 1887], e especialmente das relações entre ricos e pobres, é melhor que façamos uma comparação. A sociedade de então era como uma carruagem prodigiosa apinhada de massas de gente, se arrastando a muito custo por uma estrada extremamente íngreme e empoeirada. O condutor estava faminto e não permitiria qualquer parada, ainda que fosse necessário que a marcha tivesse de seguir muito lentamente. Apesar da dificuldade que havia até mesmo para puxar a carruagem por uma estrada tão penosa, seu teto estava coberto por passageiros que nunca desembarcavam, por mais acentuados que fossem alguns aclives. Os assentos no telhado eram bem arejados e confortáveis. Lá de cima, livres da poeira, seus ocupantes podiam aproveitar a paisagem como quisessem, ou discutir criticamente os méritos da equipe que gerava a força motriz. Naturalmente havia grande demanda para tais lugares, e a competição era intensa; todos buscavam, como objetivo primário de sua vida, assegurar um assento para si no coche, deixando-o mais tarde para seu filho. Como regra da carruagem, um homem podia deixar seu assento para quem bem entendesse, embora, ocasionalmente, houvesse muitos acidentes por meios dos quais tal assento podia ser perdido por completo. Assim, esses lugares eram tão instáveis quanto eram agradáveis. A cada solavanco repentino da carruagem, pessoas escorregavam e caíam no chão, onde eram compelidas a agarrar a corda para ajudar a arrastar a carruagem sobre a qual, antes, viajavam agradavelmente. É claro que perder o assento era visto como uma desventura terrível para um indivíduo, e o receio de que tal coisa pudesse ocorrer a ele ou seus amigos era uma nuvem indissipável pairando sobre a felicidade dos viajantes.*
>
> *Mas eles só pensavam em si mesmos?, você me pergunta. Seu*

próprio luxo não se tornava, por acaso, insuportável quando eles o comparavam com a sina de seus irmãos e irmãs na labuta? Quando viam que, ainda por cima, seu próprio peso só lhes intensificavam o trabalho? Não teriam compaixão por seus semelhantes, dos quais se distinguiam apenas pela fortuna? Ah, sim; frequentemente aqueles que eram levados pelos que empurravam o carro expressavam de comiseração, sobretudo quando o veículo empacava em um trecho ruim da estrada — algo que ocorria constantemente — ou em uma subida particularmente íngreme. Nessa época, o esforço desesperado do grupo, seu sacolejo agonizante sob o açoite impiedoso da fome, os muitos que desmaiavam na corda, tudo isso constituía um espetáculo bastante perturbador, e que geralmente suscitava louváveis demonstrações sentimentais do topo da carruagem. Nessa época, alguns passageiros de cima gritavam em tom encorajador para os que se esforçavam nas cordas abaixo, exortando que fossem pacientes, que haveria compensações possíveis noutro mundo para a dureza de seu fardo. Já outros contribuíam comprando pomadas e linimentos para os aleijados e feridos. Todos concordavam que era uma lástima o fato de a carruagem ser tão dura de carregar, e havia um senso de alívio generalizado sempre que um trecho de estrada particularmente ruim fosse transposto. Na verdade, o alívio não vinha inteiramente do time de carregadores, pois sempre havia certo risco de capotar em trechos ruins, um evento no qual todos os de cima perderiam seus assentos.

Deve-se admitir, verdadeiramente, que o principal efeito da desgraça dos que se esfalfavam na corda era o de intensificar o apego que os passageiros nutriam por seus assentos sobre o coche, levando-os a se agarrar ainda mais desesperadamente do que antes. Se os passageiros pudessem se assegurar de que nem eles, nem seus amigos cairiam do topo, é provável que, além de contribuir com fundos para as pomadas e linimentos, eles se dariam muito pouco ao trabalho de fazer algo pelos que arrastavam a carruagem.

Tenho consciência de que isso parecerá incrivelmente desumano para homens e mulheres do século XX, mas há dois fatos, ambos muito curiosos, que explicam a situação parcialmente. Em primeiro lugar, acreditava-se firme e sinceramente que não era possível à sociedade seguir qualquer outro caminho que não fosse arrastar, com uma corda, a carruagem sobre a qual poucos se sentavam. Não só isso: não

se cria que uma melhoria radical fosse possível, seja na cavalgadura, no coche, na rodovia ou na distribuição dos esforços. As coisas sempre foram daquele modo, e sempre seriam assim. Era uma pena, mas não havia nada a se fazer; a filosofia proibia esbanjar piedade sobre aquilo para o qual não havia remédio.

O outro fato é ainda mais curioso, e que consiste em uma alucinação singular compartilhada em geral por aquele no topo da carruagem: eles criam não ser semelhantes exatos de seus irmãos e irmãs que puxavam a corda, mas gente feita de um material mais refinado, que de certa forma pertencia a uma ordem superior de seres que, com justiça, tinham o direito de ser carregados. Parece um disparate, mas eu, que já estive no meio dos passageiros dessa mesma carruagem e compartilhei de tal alucinação, peço que acreditem no que digo. A coisa mais estranha acerca de tal alucinação era: aqueles que tinham acabado de escalar do chão para o topo da carruagem, antes que as marcas das cordas sumissem de suas mãos, acabavam caindo sob sua influência. Aqueles cujos pais e avós tiveram a sorte de garantir-lhes assentos no topo tinham convicção absoluta que havia uma diferença essencial entre seu tipo de humanidade e o da gente comum. É evidente o efeito de tal ilusão sobre uma transformação da compaixão pelos sofrimentos das massas humanas em uma compaixão filosófica e distanciada. Refiro-me a tal transformação como a única atenuante que sou capaz de oferecer para explicar a indiferença que, no período sobre o qual escrevo, definiu minha própria atitude perante a desgraça de meus irmãos.

O homem do século XIX fez essa observação. O homem do século XX, por sua vez, Dr. Leete, quer que creiamos que o coche será retirado do pântano por esforços conjuntos dos condutores e passageiros. Talvez o Sr. Bellamy ainda se dê conta dessa contradição assim que se dedicar mais aos estudos do século XIX do que se dedica aos do século XX.

Índice

[1] Acerca desse estado mental, deve-se lembrar que, com exceção do tópico de nossas conversas, não havia quase nada em meus arredores que sugerisse o que me acometeu. A uma distância de um quarteirão de minha casa na antiga Boston eu poderia ter encontrado círculos sociais muito mais estranhos para mim. O modo de falar dos bostonianos do século XX difere ainda menos daquele de seus ancestrais de alta cultura do século XIX do que diferia da língua destes para com a de Washington e Franklin. Simultaneamente, as diferenças entre o estilo de vestir e mobília das duas épocas não são mais marcadas do que ocorria entre duas modas no espaço de uma geração. *(Nota do autor)*

[2] Trata-se de uma linhagem norte-africana que governou Granada durante a época dos Nasridas, século XV, antes da conquista deste reino pelos reis católicos na Guerra de Granada. Na literatura dos EUA, a história do breve Reino de Granada e seus governantes ficou famosa com os "Tales of the Alhambra" de Washington Irving (1832). *(Nota do tradutor)*

[3] O poema é "Locksley Hall", de Tennyson (1835, publicado apenas em 1842). *(Nota do tradutor)*

[4] Não posso celebrar suficientemente a gloriosa liberdade que reina nas bibliotecas públicas do século XX, em comparação com a gestão intolerável das do século XIX, em que os livros eram zelosamente afastados do povo e obtidos apenas em um gasto de tempo e burocracia calculados para desencorajar qualquer gosto geral pela literatura. *(Nota do autor)*

[5] Referência ao episódio bíblico de Jonas 4:6-11. *(Nota do tradutor)*

[6] Aqui, trata-se do milênio da teologia cristã: segundo o livro das Revelações, antes de julgar o mundo, o Deus cristão fará a humanidade passar por uma provação de 1000 anos de paz e harmonia plenas; só então viria o Juízo Final. *(Nota do tradutor)*

[7] Na Antiguidade, Creso foi um homem extremamente rico e o último rei da Lídia entre 560 e 546 AEC. *(Nota do tradutor)*

[8] Aqui a bandeira vermelha se referia, na época, ao anarquismo e vertentes socialistas europeias como movimento mais amplo; a uma proposta de transfiguração social, sexual e religiosa. Em carta, Bellamy assume para William Dean Howells evitar mesmo o emprego de termos polêmicos como "socialismo" para desviar quaisquer associações à ruptura com a moral vitoriana. "A bandeira vermelha" sugere "um tom abusivo em relação a Deus e a religião", além de "toda a sorte de novidades sexuais". Ver carta de Bellamy a William Dean Howells datada a 17 de junho de 1888 (Howells MSS, Harvard University Library, 1-2, citada em Sylvia E. Bowman. Bellamy's Missing Chapter. *The New England Quarterly*, Vol. 31, No. 1, Mar. 1958, p. 47). *(Nota do tradutor)*

[9] Admito por completo a dificuldade de explicar o curso dos anarquistas em qualquer outra teoria que não a de que eles foram subsidiados pelos capitalistas,

mas ao mesmo tempo, não há dúvida de que a teoria é totalmente equivocada. Certamente ela não era mantida por ninguém na época, embora possa parecer tão óbvio em retrospecto. *(Nota do autor)*

[10] Fui informado desde então que esse tipo de imperfeição nos serviços de distribuição pode ser remediado em certos distritos do interior, e que em breve todo vilarejo terá seu próprio conjunto de tubos. *(Nota do autor)*.

[11] Posso dizer que a advertência do Dr. Leete foi totalmente justificada por minha experiência. A quantidade e a intensidade da diversão que os jovens de hoje, e especialmente as moças, são capazes de extrair daquilo que gostavam de chamar de 'excentricidades do namoro' no século XIX, parecem ilimitadas. *(Nota do autor)*

[12] Referência ao Bethlem Royal Hospital of London, hospital psiquiátrico mais antigo de que se tem notícia. Durante o século XVIII, abriu as portas para visitas do público geral interessado para ver como agiam os pacientes; os chamados "lunáticos" eram expostos em jaulas e tratados com crueldade particular. A partir de 1814 surgem campanhas contra o tratamento prescrito aos internos; na época de Bellamy o termo inglês 'bedlam' já havia sido dicionarizado como sinônimo de caos e confusão. *(Nota do tradutor)*

[13] Ver documentação em Richard Saage. Planwirtschaft und Konsumgesellschaft. Edward Bellamys utopischer 'Rückblick aus dem Jahre 2000 auf 1887'. *UTOPIE kreativ,* Heft 111, Januar 2000, p. 71.

[14] Jameson, *Archaeologies of the Future…,* p. viii.

[15] Ver documentação em Kenneth M. Roemer. "Looking Backward: Popularität, Einfluß und vertraute Entfremdung". In: Klaus L. Berghahn; Hans Ulrich Seeber (Hrsg.) *Literarische Utopien von Morus bis zur Gegenwart*. Königstein/Ts., 1986, p. 146-162.

[16] Ver aula de 12 de maio de 1889, publicada em *The Unpublished Lectures of William Morris*. Detroit, 1969, p. 278 em diante.

[17] A ideia retoma formulações anteriores de Morris presentes, sobretudo, em "The Socialist Ideal" (*The Works of William Morris*, ed. por M. Morris, volume XXIII. London, 1910-15, p. 255).

[18] Ver também Larry D. Lutchmansingh. Morris' review of Bellamy's Looking Backward. *Utopian Studies*, No. 4, 1991, p. 1-5.

[19] O nome oficial é *Gesetze gegen die gemeingefährlichen Bestrebungen der Sozialdemokratie*, de 1878 em diante.

[20] Clara Zetkin. *Ausgewählte Reden und Schriften*, 3 volumes. Stuttgart: Dietz Verlag, 1960. Devo as informações relativas às edições da obra de Zetkin à Prof. Dr. Bea Klüsener e a John S. Partington (ver seus comentários ao prefácio no artigo da *Utopian Studies*, Vol. 27, No. 1, 2016, p. 16-27).

[21] Benedetto Croce. *A History of Italy, 1871-1915*. Oxford: Oxford UP, 1929, p. 156.

[22] Ver o estudo de Sylvia E. Browman. *Edward Bellamy Abroad: an American Prophet's Influence*. New York: Twayne Publishers, 1962.

[23] Saage, *Planwirtschaft und Konsumgesellschaft…*, p. 82.

[24] Como observa Peter Fitting, na resenha a "Imaginary Communities: Utopia, the Nation, and the Spatial Histories of Modernity" de Phillip E. Wegner. *Science Fiction Studies*, Vol. 30, No. 1 (Mar, 2003), 94. De fato, a falta de críticas ao delírio da meritocracia nos anos 1890 se explica pela falta de teorias sobre a classe média profissional, além de um desenvolvimento incompleto de uma cultura de classe média no interior de Massachusetts, onde Bellamy vivia. Até onde sabemos, o astrônomo e filósofo holandês Anton Pannekoek foi o primeiro a teorizar rigorosamente o racha dentro da classe trabalhadora entre profissionais de colarinho branco e o operariado, considerando suas implicações problemáticas para a luta de classes, no artigo de 1909 "A nova classe média" (edição consultada: "The New Middle Class", traduzido do neerlandês por William E. Bohn. *International Socialist Review*, Vol. 10, No. 4, October 1909, p. 316-326).

[25] Ver nosso volume *Obra Completa* de Eleanor Marx (SP/Londrina, 2021, p. 146-156), onde esmiuçamos a gênese do feminismo marxista entre os anos 1885-1888 a partir de contribuições de Bebel e Engels.

[26] Bellamy citado em Arthur E. Morgan *(Edward Bellamy*. New York: Columbia UP, 1944, p. 372). Registros dos estudos posteriores a 1889 de teoria marxista são documentados no livro de Krishan Kumar *(Utopia and Anti-Utopia in Modern Times*. Oxford: Basil Blackwell, 1987, p. 144).

[27] Kautsky ficou sabendo dessa 'conversão tardia', digamos, de Bellamy para o marxismo, já que foi identificada em um artigo publicado no jornal onde trabalhava por Julie Romm ("Bellamys 'Gleichheit'". *Die Neue Zeit*, 16, Heft 19, 1. Bd., 1898, p. 589-596).

[28] John L. Thomas citado em Vincent Geoghegan (The Utopian Past: Memory and History in Edward Bellamy's Looking Backward and William Morris' News from Nowhere. *Utopian Studies*, Vol. 3, No. 2, 1992, p. 80).

[29] Bellamy morreu de tuberculose em 22 de maio de 1898, em Chicopee Falls, Massachusetts.

[30] Referência à última obra de Bellamy (*Equality*. Nova York: D. Appleton & Co., 1897).

[31] Charles Bradlaugh (1833-1891) foi um político liberal e membro do parlamento britânico a partir de 1880. William Ewart Gladstone (1809-1898) foi líder do partido liberal, primeiro-ministro da Grã-Bretanha em quatro ocasiões.

Frederick Augustus Maxse foi oficial da Marinha Real Britânica e entusiasta de um ultraliberalismo econômico *(esta e todas as notas subsequentes são de autoria do tradutor)*.

[32] Região abastada de Londres.

[33] Na cultura anglo-saxã, faz-se uma diferenciação do gênero da *novel* (o que para nós é o romance moderno) e *romance* (uma narrativa romanesca, mais fantasiosa e afeita ao melodrama). Morris se vale do segundo termo no trecho em questão.

[34] John Ruskin foi um artista plástico e teórico de arte. Exerceu grande influência sobre socialistas cristãos como Tolstói, ou mesmo ativistas posteriores como Mahatma Gandhi. O autor provavelmente se refere ao ensaio *Unto the last* ou ao livro *The Political Economy of Art*, onde encontramos objeções à forma de empregabilidade e instabilidade de artistas na sociedade moderna. Trazer Ruskin neste momento da resenha antecipa a crítica central de Morris à posição marginal de artistas, jornalistas e escritores na sociedade almejada por Bellamy.

[35] Zetkin cita um prefácio tardio de Bellamy a sua obra (traduzida aqui a partir da edição *Looking Backward: 2000-1887*. New York: Dover, 1996, p. 163).

[36] A autora se refere ao pacote de leis de título *Gesetz gegen die gemeingefährlichen Bestrebungen der Sozialdemokratie*, proposto por Otto von Bismarck. Vigorou de 1878 a 1888, ano de lançamento do livro de Bellamy nos EUA.

[37] Kautsky usa o termo fora de seu significado bíblico (segundo o qual filisteu é sinônimo de herege); seu uso remonta aos poetas do *Sturm und Drang*. Na altura de 1770, Lenz e Goethe chamavam de filisteu qualquer um incapaz de entender o poder transfigurador da arte, rendido à banalidade do *status quo* e imperativos do trabalho. Na geração de Marx e Kautsky, o termo se verteu em ofensa contra o pequeno burguês ignorante dos últimos avanços socialistas.

[38] No original, *Magnetiseur*. O criador do mesmerismo, Franz Anton Mesmer (1734-1815), foi um místico alemão cujo renome foi reavivado pelo alastramento do espiritismo kardecista na época. Sua pseudociência, também chamada de “magnetismo animal”, partia de considerações sobre uma força natural invisível e presente em todos os seres animados. Com a devida manipulação do “magnetizador”, tal força poderia mitigar males do corpo e da mente. Bellamy não é o único escritor a escrever sobre o mesmerismo em tom respeitoso; também Hawthorne, Brockden Brown, Hoffmann, Sand, Balzac e demais autores oitocentistas criaram retratos da pseudociência como a nova descoberta revolucionária da época.

[39] A primeira edição em inglês do livro foi lançada em 1887 na Inglaterra, e dificilmente teria sido acessível para Bellamy. Somente em 1906 a edição estadunidense, traduzida por Samuel Moore e Edward Aveling, foi publicada. Embora Bellamy tenha visitado a Alemanha em sua juventude, ele falava alemão insatisfatoriamente.

[40] Kautsky faz um jogo de palavras com o termo “falanstério”(as comunidades intencionais idealizadas pelo filósofo Charles Fourier) e “filisteísmo”, conceito comentado acima.

[41] Albert Schäffle foi um sociólogo alemão hoje esquecido e desafeto de Kautsky. Em 1874 lançou um volume chamado *Die Quintessenz des Sozialismus* e, mais tarde, *Die Aussichtslosigkeit der Sozialdemokratie* (algo como “A impossível realização da social-democracia”, de 1885).

"Todo momento traz em si uma eternidade a ser penetrada — e ainda assim nos perdemos em visões assimiladas através dos olhos de cadáveres, ou na nostalgia por perfeições não-nascidas.".

— Hakim Bey, “Comunicado #7: Paleolitismo Psíquico & Alta Tecnologia” em T.A.Z.: The Temporary Autonomous Zone (1991